



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>





276 or 20.

FWCH H-70.

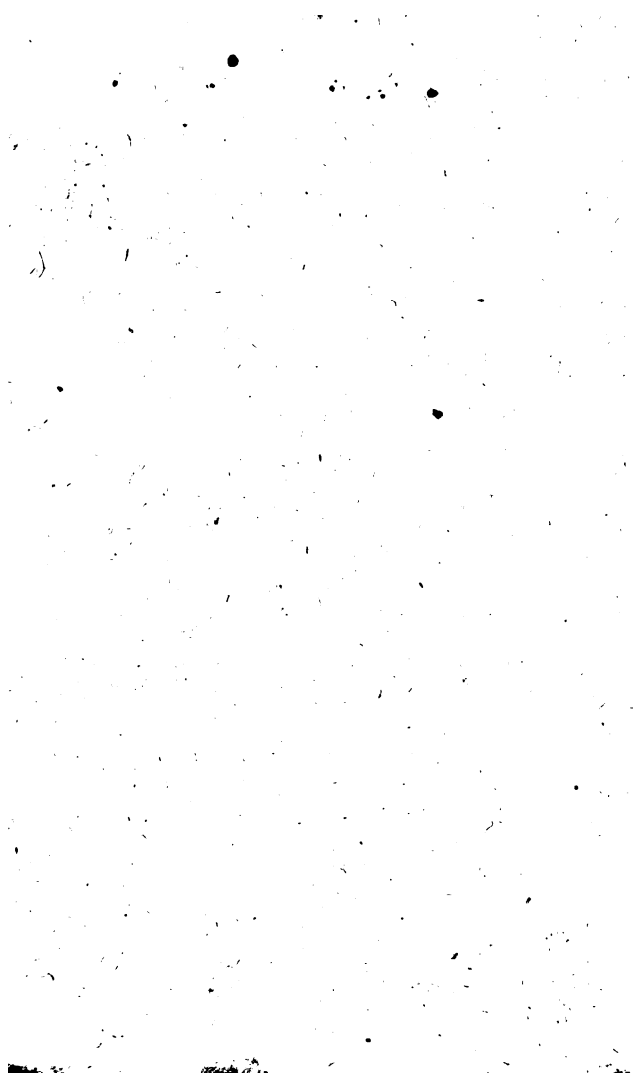


W. A. Martin

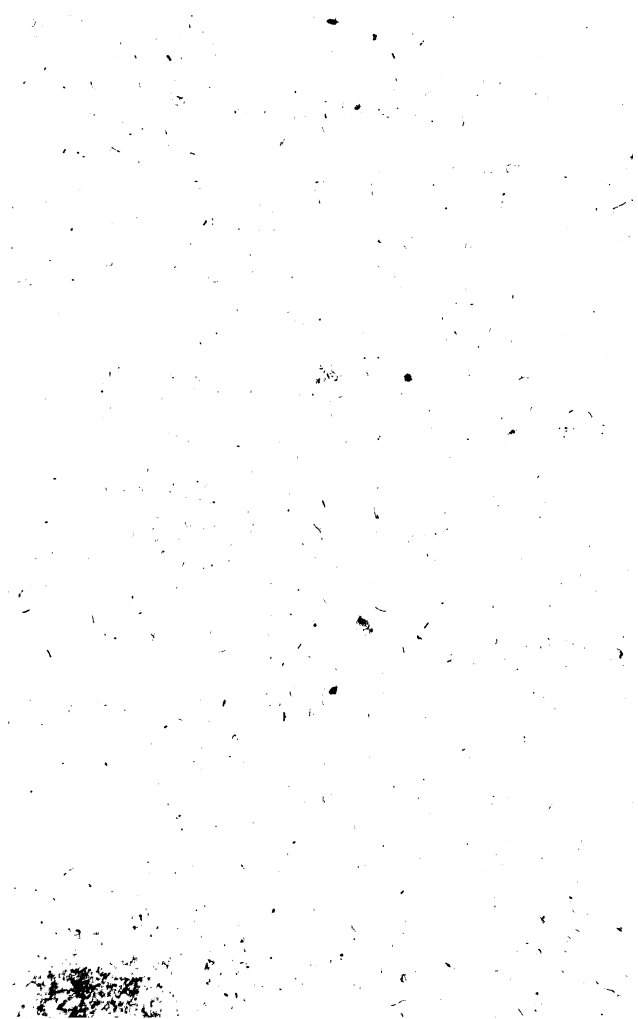
Handwritten text at the top of the page, possibly a date or header.

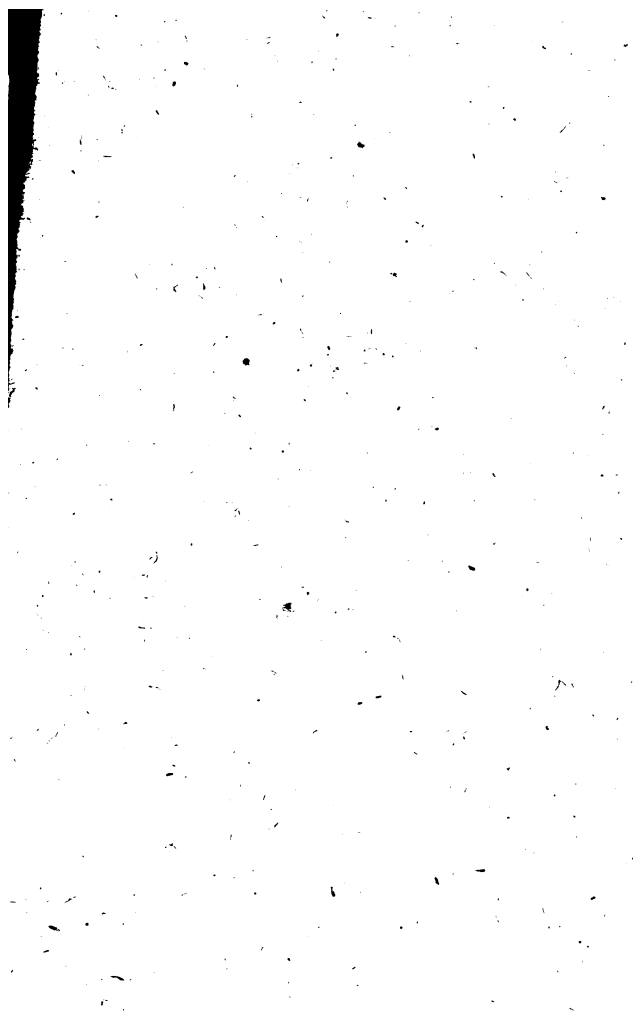
Handwritten signature or name in the center of the page.











A M O R T E  
S U A V E , E S A N T A .

THE  
MIDDLE  
CLASS

A M O R T E  
SUAVE, E SANTA,

O U

PREPARAÇÃO PARA A MORTE,  
OBRA RECOPIADA DOS SANTOS PADRES  
E DE GRAVISSIMOS AUTHORES  
EM PIEDADE, E LETRAS.

I. E II. PARTE.

DEDICADA

A O

GLORIOSO PATRIARCA

S. J O S E'

POR HUM SEU INDIGNO SERVO.



L I S B O A ,

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. 1781.

*Com licença da Real Meza Censoria.*

---

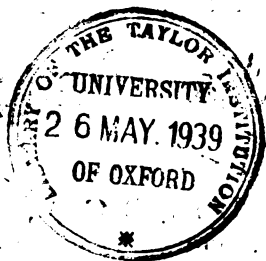
*Vende-se na loja de João Baptista Reycond e Companhia, mercadores de livros, ao Catharico.*

*Ut tibi mors felix contingat, vivere disce;*

*Ut felix possis vivere, disce mori.*

*Christe, mori nolo, sed vivere: vivere quaerit,*

*Christe, tuo quisquis quaerit amore mori.*



AO GLORIOSO PATRIARCA  
S. JOSE,  
ESPOSO DE MARIA  
SEMPRE VIRGEM,  
E  
PAI PUTATIVO  
DE  
N. S. JESUS CHRISTO.

**S**ERIA em o mais injusto, e ingrato  
de todos os homens, se conhecendo o lu-  
gar que occupais na Familia de Deos,  
e a obrigação que toda a Igreja confes-  
sa

Se dever-vos, não Vos deſſe nesta Obra  
algum ſinal de agradecimento, e de reſ-  
peito, e não fizeffe ſervir a minha pen-  
na ao voffo louvor.

Quando conſidero os honroſos em-  
pregos que exercitastes na terra, de  
Pai, Padrinho, Tutor, e Salvador de  
Jeſus Chriſto: quando me lembro das  
eſtremas qualidades que poſſuiſtes de  
Eſpoſo da mais pura de todas as Vir-  
gens; de Anjo Tutelar da Rainha do  
Ceo, e Defenſor da vida, da honra, e  
da pureza da Mãi de Deos: quando  
Vos vejo no Templo reſgatar o Redem-  
ptor do mundo com o dinheiro ganhado  
com o trabalho das voffas mãos, e ad-  
quirir com aquella eſpecie de redempção  
hum dominio legitimo ſobre hum Meni-  
no, que já era voffo por direito de edu-  
cação; pelo jus do ſagrado vinculo ma-  
trimonial; pela authoridade que tiveſ-  
tes ſobre voffa Eſpoſa, e pelos ſerviços  
que lhe fizestes: quando, digo, pondo  
diante dos olhos o retrato das voffas  
virtudes, que Vos fizerão digno de ſer  
Pai, e o Mestre de hum Deos; o Eſpo-  
ſo, e o exemplar mais perfeito da mais  
san-



*Santa*, e mais nobre de todas as creaturas; entrou em hum extase, que me impede a fallar, e só me deixa liberdade para dizer-vos o que Santa Ambrosia disse da Santissima Virgem Maria. Esposa vossa: que só Deos pôde conhecer-vos, e louvar-vos, conforme a vossa merecimento.

Mas se a vossa vida he a admiração de todos os entendimentos, a vossa morte he o desejo de todos os corações: ella foi a mais suave, a mais santa de todas as mortes, porque tivestes a consolação de morrer nos braços de Jesus, e de Maria; e se pôde dizer de Vós, o que se diz do Legislador Moysés: que morrestes no seio da graça, e no osculo da paz.

Oh morra a minha alma com a morte do justo, e o meu fim seja semelhante ao seu! Vós que sois o justo por excellencia, pois Deos Vos honrou com esta qualidade no santo Evangelho, e satisfizestes todas as obrigações della com a santidade da vossa vida, alcançai-me, ó grande Santo, a graça de morrer como Vós entre os braços de Jesus, e Ma-



A' M O R T E  
S U A V E , E S A N T A .

**H**E opinião de todos os sábios, que se devem ponderar com muita reflexão os negócios de grande importancia, cujo successo he duvidoso, cujas consequencias podem ser funestas, e nos quaes são irremediaveis os erros.

Ha homens, que se entregão todos a todas as cousas a que se applicão; e outros que a nada attendem: ambos estes extremos são para se temer. He fraqueza do juizo por nos toda a diligencia, e todo o estudo em cousas insignificantes; mas he a maior imprudencia desprezar o principal, e o mais importante nei-

gocio que temos neste mundo, que he o da salvação. Não se deve fazer caso algum dos frivolos interesses, e cuidados desta vida mortal; mas devemos cuidar com toda a applicação do espirito nos meios de segurarmos a eternidade feliz: *Magna negotia magnis negotiationibus eget.*

Porém isto he no que menos se cuida. He a morte a que fecha o tempo, e abre a eternidade; a maior parte dos homens se desvião quanto podem da lembrança da morte: huns, porque a temem demaziadamente; e outros, porque não a temem quanto devem, persuadidos de que lhes não faltará tempo para cuidarem nella.

Esta he a causa, por que se condemna a maior parte dos fiéis. A Fé nos ensina que morrerá de repente quem não cuida na morte; e a morte repentina dos peccadores sempre

foi

foi reputada por final terrivel de re-  
provação.

Isto he o que me moveo a dar  
ao público estas instrucções, que pro-  
duzirão, como espero, dous effectos:  
o primeiro, será fazer a morte sua-  
ve, e amavel áquelles que a temem  
demaziadamente ; o outro, ensinar  
aos que não a temem, quanto he de-  
vido, como a podem ter santa, e fe-  
liz. Para mostrar o como ella he sua-  
ve, e amavel, exponho todas as ra-  
zões que a podem fazer o objecto  
do nosso amor. Para fazella santa, e  
ditosa, proponho todos os argumen-  
tos que nos obrigão a preparar-nos  
para ella ; e mostro tambem o que se  
deve praticar no principio da doen-  
ça, no seu progresso, e no seu fim.

INDICE  
DAS PRINCIPAES COUSAS  
de que consta esta Obra.

---

PRIMEIRA PARTE.

<b>C</b> APITULO I. <i>Não se deve temer a morte com excessõ.</i> - - - - -	Pag. 1.
<b>SECCÃO</b> I. <i>A morte não he hum mal, antes hum grande bem.</i> - - - - -	2.
<b>SECCÃO</b> II. <i>As consequencias da morte não devem fazer que a temamos com excessõ.</i> - - - - -	13.
<b>SECCÃO</b> III. <i>Exemplos de algumas pessoas, que não temerão a morte.</i> - - - - -	31.
<b>CAP.</b> II. <i>A morte deve ser desejada.</i> - - - - -	38.
<b>SECCÃO</b> I. <i>A morte procura gloria a Deos.</i> - - - - -	39.
<b>SECCÃO</b> II. <i>A morte dá satisfação á justiça de Deos.</i> - - - - -	43.
<b>SECCÃO</b> III. <i>A morte he hum sinal de amor, e de agradecimento.</i> - - - - -	50.
<b>SECCÃO</b> IV. <i>A morte dá fim a nossos trabalhos.</i> - - - - -	54.
<b>SECCÃO</b> V. <i>A morte livra ao Christão do perigo de se condemnar.</i> - - - - -	62.
<b>SECCÃO</b> VI. <i>A morte nos faz passar para huma melhor vida.</i> - - - - -	72.
-41	SEC-

SECCÃO VII. *Exemplos dos Santos , que  
desejão a morte.* ----- 81.

---

## SEGUNDA PARTE.

CAP. I. *He preciso preparar-se para a  
morte quem a deseja ter santa.* - 102.

SECCÃO I. *Importancia desta preparação.*  
108.

SECCÃO II. *Utilidade desta preparação.* 114.

SECCÃO III. *Necessidade desta preparação.*  
126.

CAP. II. *Como hum Christão se ha de prepara-  
rar para a morte.* ----- 133.

CAP. III. *Práticas de devoção para o tempo  
da enfermidade.* ----- 140.

ART. I. *Do que he preciso fazer no princí-  
pio da doença.* ----- Ibid.

SECCÃO I. *Da Confissão.* ----- Ibid.

SECCÃO II. *Do Testamento.* ----- 145.

*Fórma de hum Testamento Christão.* - - 151.

*Com que intenção se deve hum Christão dispôr  
para a morte.* ----- 160.

I. *Intenção. Morrer para reconhecer, e hon-  
rar a summa grandeza, e immortalidade de  
Deos pela destruição do nosso proprio ser,  
e da nossa mesma vida.* ----- 162.

II. *Intenção. Morrer para satisfazer á Di-  
vina justiça.* ----- 165.

III.

III. Intenção. <i>Morrer para gratificar a bondade de Deos.</i> - - - - -	169.
IV. Intenção. <i>Morrer para ver a Deos.</i>	173.
V. Intenção. <i>Morrer para imitar a Jesus Christo.</i> - - - - -	177.
ART. II. <i>Do que se deve fazer no progresso da enfermidade.</i> - - - - -	179.
I. <i>Communhão.</i> - - - - -	180.
II. <i>Extrema-Unção.</i> - - - - -	186.
III. <i>Das tentações ordinarias, que padecem os moribundos.</i> - - - - -	193.
<i>Tentações de presumpção, e desesperação.</i>	198.
IV. <i>Motivos de esperança contra a desesperação.</i> - - - - -	200.
ART. III. <i>Do que se deve praticar no fim da enfermidade.</i> - - - - -	215.
ART. IV. <i>Das palavras, que Jesus Christo disse na Cruz.</i> - - - - -	216.
ART. V. <i>Advertencias para quem assiste aos enfermos.</i> - - - - -	237.
ART. VI. <i>Do modo, com que o Sacerdote se ha de haver com toda a qualidade de enfermos.</i> - - - - -	239.
ART. VII. <i>Do modo de assistir aos ímpios.</i>	247.
ART. VIII. <i>Como se deve assistir aos Fieis, que são peccadores.</i> - - - - -	250.
ART. IX. <i>Como se deve assistir ds pessoas virtuosas.</i> - - - - -	252.
ART. X. <i>Preces, e Orações, de que o enfermo</i>	



- mo deve usar , estando proximo d morte , ou em seu nome os que lhe assistem. - - - 256.
- ART. XI. Oração da Salve Rainha para se alcançar a assistencia da Santissima Virgem. 263.
- ART. XII. Do que se deve dizer ao enfermo , quando se lhe mostra a Imagem de Jesus Christo crucificado. - - - - - 267.
- ART. XIII. O que se deve fazer , quando o enfermo entra na agonia da morte. - - 284.
- Ladainha da Paixão de Jesus Christo. 283.
- ART. XIV. Do que se deve dizer ds pessoas de virtude , quando se achão no artigo da morte. - - - - - 284.
- ART. XV. Actos das virtudes , que o enfermo deve fazer em todo o tempo da sua enfermidade. - - - - - 291.
- ART. XVI. Exercicio de devoção sobre a Paixão de Jesus Christo , util tanto para os sãos , como para os enfermos. - - - - 323.
- Actos de Fé. - - - - - Ibid.
- Actos , e motivos de Esperança. - - - - 293.
- Actos , e motivos de caridade. - - - - 300.
- Actos , e motivos de contrição. - - - - 305.
- Actos , e motivos de desejo. - - - - - 311.
- Actos , e motivos de conformidade com a vontade de Deos. - - - - - 320.
- ART. XVII. Orações da Santa Igreja para os agonizantes , as quaes poderão dizer com muita utilidade os que tem perfeita saude. 340.

No. of copies on hand

31. 1934

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000



# A MORTE SUAVE, E SANTA.

---

## PARTE I.

### A suavidade da Morte.

Para fazer doce , e amado o calis da morte , he preciso dulcificar-lhe o amargor , e fazer entrar nelle algumas considerações , que o enchão de delicias até para aquellas mesmas almas , que mais apegadas estão ao amor da vida. Isto vou fazer nos seguintes discursos.

## CAPITULO I.

*Não se deve temer a morte com excessõ.*



NÃO pertendo passar por Estoico , nem fallar como Sofista. Sei que o mal he o objecto do temor , e que he tão natural ao homem temer a morte , como amar a vida. Tambem sei que muitos , e grandes Santos  
A fo-

forão accommertidos de grande temor nas visinhanças da morte ; e que o Filho de Deos , que a respeito da sua alma não tinha que temer , considerando na sua morte , e nos tormentos que lhe estavam destinados , suou sangue.

Por isto não reprovó o temor prudente , e moderado ; mas só aquelle , que he excessivo , e imprudente. O que quero he fortalecer hum animo timido contra o excessivo temor da morte , mostrando-lhe que ella não he tão formidavel como elle imagina ; e para o conseguir , a considero por dous modos , ou como mal natural , ou como mal moral ; quero dizer , ou pelo que he em si , ou pelo que he nas suas consequencias. De qualquer modo que se considere , digo que não he tão terrivel como a fazem. Esta proposição parece paradoxo , e offende na apparencia todos os principios da razão , e bom juizo ; mas quem quizer ter o trabalho de examinar as suas provas , achará que he verdadeira.

## S E C Ç Ã O I.

*A morte não he hum mal , antes hum grande bem.*

**S**anto Ambrosio compoz hum livro excellente , ao qual deo o titulo : *Do bem da Morte*. Neste livro faz triumphar o seu en-  
ge-

genho, e a sua eloquencia. Primeiramente propõe a si mesmo todas as razões, que persuadem ser a morte hum mal. As principaes são duas: a primeira he, que sendo a vida hum bem, a morte que lhe he contraria, necessariamente deve ser hum mal. O viver he gozar dos bens da natureza, o morrer he ficar privado delles: *Hoc est vita frui bonis; mors contra bonis exui.* Como se poderá pois chamar bem o que nos despoja de todos os bens? Deos (continúa o Santo) chamou á vida hum bem, e á morte hum mal, dizendo ao seu povo: Aqui vos proponho a vida, e a morte; o bem, e o mal: *Vitam bonum appellans, mortem malum.* Não ha pois razão (conclue elle) com que se possa provar que a morte seja hum bem.

Depois disto, não foi o peccado o que fez entrar a morte no mundo? Póde acaso o bem ser o castigo do mal? *Malum igitur mors, quia pretio damnationis infertur.* Pois como a morte he o castigo do peccado, não se póde dizer com razão que a morte he hum bem? Esta he a segunda razão deste Santo Doutor sustentada por seu Discipulo Santo Agostinho em muitos lugares da sua Obra, e exposta principalmente no discurso que fez sobre as palavras do Apostolo, onde diz, entre outras cousas, que a morte do corpo foi effeito da morte da alma; e que o homem por ter deixado voluntaria-

4      *A Morte suave, e santa.*

mente o seu Deos, he condemnado a deixar necessariamente o seu corpo; como se fosse este o theor da sentença: *Recessisti ab eo, quod diligere debuisti, recede ab eo quod dilexisti*: Pois te aparraste daquelle, que devias amar, aparta-te desse corpo que amaste.

Conclue o Santo Doutor, que o temor da morte he para nós natural; porque (diz elle) o horror que della sentimos não he effeito da opinião, mas da natureza: *Mortem quippe horres, non opinio, sed natura*. O que confirma com a comparação dos animaes irracionaes que a temem, ainda que só nascerão para morrer: logo com maior razão a deve temer o homem, que nasceo para viver eternamente, e pela morte he despojado da vida, e de todos os seus bens. A pobreza só nos tira as riquezas; a murmuração só a honra; o desterro só a patria; a doença só a faude: mas a morte tira-nos quanto possuimos. He mal universal, e privação de todos os bens da natureza. Depois de tudo isto, como he possível persuadir a hum homem dotado da razão, que a morte não he hum mal, que se deva temer, mas hum bem, que deve ser desejado?

Depois que Santo Ambrosio propoz a si mesmo huma parte destas difficuldades, entra a provar o seu discurso; e primeiro distingue tres especies de morte: a primeira, a morte do peccado, que mata a alma;

a segunda , a morte das paixões , á qual chama myſtica ; que nos faz morrer para o peccado , e viver para Deos ; a terceira he a que põe termo ao curso da nossa vida , e divide a alma do corpo. A primeira destas mortes (diz elle) he pessima , a segunda optima , e a terceira he em parte boa , e em parte má : he boa para os justos , e he má para os peccadores.

Verdade he (continúa o Santo Doutor) que a morte faz horror a muita gente ; mas isso procede da nossa enfermidade , e do muito apeço que temos á vida , e não da condição da morte , que para as pessoas de virtude he infinitamente agradavel ; porque para estas não ha cousa mais doce do que verem-se em liberdade , e isentas de todos os males. Isto he o que faz a morte , ella tira a alma da sua prizão , que he o corpo , e o reduz em pó , e por este modo faz a alma livre , e o corpo impassivel. Procura ao espirito o maior de todos os bens , e livra a carne de todo o genero de males. Não he logo hum mal como se imagina : *Quæ absolvitur , gaudet ; quod resolvitur in terram , nihil sentit.*

Além disto , não estão todos os homens por huma fatal neccessidade , como diz São Paulo , sujeitos á morte : *Statutum est hominibus semel mori* ? Affim está decretado. He preciso pois sabirmos , ao encontro á morte , e  
não

6 *A Morte suave, e santa.*

não esperar que nos levem arrasto; devemos fazer da necessidade virtude, e de huma vida rigorosa, huma offerta voluntaria.

Este he o conselho, que nos dá S. João Chrysofostomo nestas palavras. A morte he hum tributo, que a natureza deve pagar depois de contaminada com o peccado. Façamos pois voluntario o que he absolutamente preciso. Offereçamos a Deos como dadiwa, o que somos obrigados a pagar-lhe como divida: *Mors munus necessarium natura jam corrupta: fiat voluntarium, quod futurum est necessarium. Offeramus Deo pro munere, quod pro debito tenemur reddere.* (Chryf. Homil, in Matth.)

Na verdade he grande loucura temer em toda a vida, o que só ha de succeder no fim della; e com tudo, nisto cahe a maior parte dos homens. Fazem-se infelices só porque imaginão que o poderão ser algum dia; e apressão a sua morte com o excessivo temor da sua vinda. De que serve affligirem-se antes de tempo? Na verdade, diz Seneca, se afflige mais do que he necessario, quem se afflige antes de ser preciso: *Ille plus dolet, quàm necesse est; qui ante dolet, quàm necesse sit.*

Muito melhor do que este Filosofo o disse Santo Agostinho. (In Psalm. 10.) He necessario morrer, e ninguem quer que o morrer seja necessario; he preciso pagar es-



te tributo, e todos querem ser isentos delle. Disputamos, differimos, confessamos a divida; mas pedimos que se demore a satisfação della. Não posso resolver-me a morrer, disse huma senhora estando doente: *Dura necessitas, nolle quod non potes vitare!* Oh dura, e enfadonha necessidade, não querer o que não posso evitar!

Exhortando Seneca hum seu amigo a desprezar a vida, lhe disse: Não he cousa grande o viver; pois vivem os teus criados, assim como tu vives, e tambem as moscas, as formigas, e todos os outros animaes; mas he grande cousa morrer como homem de honra, de talento, e de valor: *Magnum est honestè mori, prudenter, fortiter.* E eu digo da morte quanto este Filosofo disse da vida. Não he cousa maravilhosa o morrer, porque todos morrem; morrem os Reis, morrem os vassallos, morrem os velhos, morrem os moços, e morrem como os homens tambem os animaes. Como pois não podeis fazer o que faz huma formiga, e huma mosca? O que faz o mais vil de todos os homens, a mais timida de todas as mulheres? *Quis est homo qui vivet, & non videbit mortem?* Qual he o homem que vive, que se possa isentar da morte, depois que Deos não dispensou della nem ao seu proprio Filho, nem a sua Santissima Mãe? Desta consideração se serve o Ecclesiastico (cap.

41. 5.) para livrar-nos deste excessivo temor da morte. Não temais (diz elle) a sentença de morte, lembrai-vos dos que forão antes de vós, e dos que hão de ser depois: *Hoc judicium à Domino omni carni.* Deos determinou que morresse todo o vivente.

Bem o sabemos, me dirão alguns; mas isto não embarça a afflicção que causa o morrer, nem faz que a morte deixe de ser justo motivo de temer; porque na opinião de Aristoteles he o mais terrivel de todos os males. Oh quanto medo me causão as horriveis convulsões de hum moribundo! Quem poderá sem horror pôr os olhos em hum agonizante! Dai á morte a figura que mais vos agradar, na minha opinião não ha cousa nem mais terrivel, nem mais espantosa.

Confesso que o semblante da morte não he agradável para aquelles, que amão demasiadamente a vida; e que, naturalmente fallando, he para nós penoso o morrer. Mas esta pena não he consideravel, pois por outra parte nos isenta de todas as penas desta vida. Não he a morte a que nos causa as grandes dores, ellas são effeito da enfermidade. A morte não tem de si sentimento algum; a vida he o nosso castigo, em morrendo achamos o fim dos nossos males. Quantos não ha que assentão que o viver he mais penoso do que o morrer, e que procurão na morte o remedio de todas as suas afflicções?

San-

Santo Agostinho no seu admiravel livro *da Cidade de Deos* (L. 1. c. 2.) respondendo ás instancias que lhe fazião os Infiéis com o numero immenso dos Christãos, que tinham sido mortos pelos barbaros, lhes diz em ultimo lugar: « Se he infelicidade, co-  
 » mo vós affirmais, morrerem esses Chri-  
 » stãos, esta infelicidade he commua a todos  
 » os viventes; e eu estou certo que nenhum  
 » desses Christãos morreo, que algum dia  
 » não devesse morrer. O fim da vida igua-  
 » la a mais dilatada á mais curta, e aquel-  
 » las cousas que já não existem, nem são  
 » melhores, nem peiores. Importa pouco  
 » (diz elle) morrer deste, ou daquelle mo-  
 » do, quando o que morre já não fica obri-  
 » gado a viver, nem a morrer outra vez.  
 » Demais, não havendo homem algum, que  
 » por occasião dos males, e accidentes des-  
 » ta vida não seja a todo o instante amea-  
 » çado de innumeraveis mortes, sem saber  
 » qual dellas o tirará deste mundo, pergun-  
 » to: Não será melhor soffrer huma só mor-  
 » rendo, do que temer tantas vivendo? *Que-  
 » ro utrum satius sit unam perpeti moriendo,  
 » quam omnes timere vivendo.* Isto he o  
 » mesmo que dizia Julio Cesar: Antes que-  
 » ro morrer huma vez, do que temer tan-  
 » tas o morrer.

» Conclue o Santo Doutor no cap. 23. 8.  
 » que he menor pena morrer huma vez, do  
 » que

» que viver , temendo tantas mortes ; e que  
 » foi acção vil para Catão tirar a si mesmo  
 » a vida , porque tinha por menor pena o  
 » morrer do que o viver. O conselho que  
 » elle deo a seu filho de ficar no mundo , e  
 » de sujeitar-se ao Cesar , assim o mostra ;  
 » porque se era cousa indigna de hum homem  
 » de honra (diz o Santo) viver debaixo do  
 » dominio do Cesar , porque não exhorta seu  
 » filho a que se mate ? Porque ordena que  
 » viva , e espere alcançar a graça do Ce-  
 » sar ? Logo não julgou ser cousa deshonrosa  
 » viver , sendo Cesar vencedor ; de outro  
 » modo mataria seu filho , primeiro de se  
 » matar a si mesmo : por consequencia ; a  
 » sua morte , ainda no parecer dos doutos ,  
 » e dos seus amigos , foi effeito de fraque-  
 » za , e não de animo : *Amici ejus , etiam*  
 » *docti quidam viri , qui hoc fieri prudentiùs*  
 » *dissuadebant , imbecilioris , quam fortioris*  
 » *animi facinus esse censerunt.* Este sábio so-  
 » berbo (acrescenta Santo Agostinho), que  
 » fez esperar a seu filho o perdão de Cesar ,  
 » invejou a Cesar a gloria de perdoar-lhe ,  
 » como o mesmo Cesar disse , quando teve  
 » a noticia da sua morte ; ou para o dizer  
 » com palavras mais suaves para Catão , teve  
 » vergonha de receber d'elle essa graça : *Glo-*  
 » *ria ipsius Cesaris , ne ab illo etiam sibi parce-*  
 » *retur , ut ipse Cesar dixisse fertur , invidit :*  
 » *Aut , ut aliquid mitiùs dicamus , erubuit.* »

Se he pois mais suave a hum infeliz o morrer que o viver, que razão temos para temer o mal que se padece morrendo, padecendo nós outros infinitamente maiores em quanto vivemos? Para que tememos tanto, diz Terrulliano (Lib. de Testim. Anima c. 4.) o que nos livra de todo o temor: *Non est timendum, quod nos liberat ab omni timore?* Para que he temer por tão dilatado tempo, o que nos ha de affligir só hum instante?

Seneca representava algumas vezes a si mesmo a morte com a funesta pompa dos seus verdugos, e tormentos que tão formidavel a fazem; e depois fazendo ludibrio da sua vã ostentação, dizia-lhe: Em vão me mostras esses fôgos, essas espadas, e a multidão de verdugos que te cercão: deixa essa funesta pompa, debaixo da qual te escondes, e a tantos loucos atemorizas. Conheço-te muito bem, tu és a morte, que ha poucos dias foste desprezada por hum servo, e huma serva minha: *Quid mihi gladios, & ignes ostendis, & turbam carnificum? Tolle istam pompam, sub qua latas, & stultos territas; mors es, quam nuper servus meus, quam ancilla contempsit.*

Confesso que o fallar desta fórma he de hum homem desprezador da opinião commua, ou antes de hum presumido. Muito longe estou de crer quanto diz este Gentio, isto he, que só os loucos temem a morte

armada dos seus castigos ; porque não ha  
 homem racional , que deixe de condemnar  
 este Filosofo por louco , pela não ter temido ,  
 não sabendo o que lhe havia de succeder  
 depois da morte. « Só aos Christãos pertencem  
 » insultar a morte , por mais que lhes  
 » pareça formidavel , e dizer-lhe: Em vão  
 » pertendes , ó morte, metter-me medo com  
 » a multidão das molestias, e dores, que te  
 » acompanhão ; com o exercito de verdugos  
 » que te cercão ; com a pompa de tormentos  
 » que me mostras. Tu és a morte, que  
 » Jesus Christo venceo ; que muitos meninos  
 » desprezárão ; que mais de dez milhões  
 » de Marryres pizarão com os pés. Tu és a  
 » morte, de quem se ri o debil, e feminino  
 » sexo. Tu és a morte de quem os sete  
 » mancebos Macabeos triunfarão com tanta  
 » gloria, entregando na presenca de sua mái  
 » todos os seus membros huns depois dos outros,  
 » para que fossem cortados, picados,  
 » assados, e queimados, sem temerem as  
 » tuas ameaças. Es a morte: mas não, eu  
 » me engano, tu és a porta do ceo, e a entrada  
 » da vida ; tu és hum somno mysterioso,  
 » és hum porto tranquillo, no qual  
 » estarei daqui em diante livre das tempestades,  
 » e tormentas. O' morte, eu não te temo,  
 » antes pelo contrario eu te amo. Este  
 » te he o modo, com que hum Christão deve  
 » fallar da morte. »

Mui-

Muitos talvez me dirão , que não temem a morte , mas sim as suas consequencias ; que os juizos de Deos são horriveis ; que a eternidade he formidavel , e espantosa ; e que sería necessario ser ímpio , ou insensato , quero dizer , não ter Fé , nem Religião para deixar de temer hum mal desta natureza. Quanto tendes dito até agora pôde fortificar hum espirito fraco contra o temor das dores ; mas não tira a hum homem sabio o temor racional de comparecer na presença de Deos. Se ha quem me assegure a minha salvação , dirá algum , não temerei morrer. Mas quem pôde ter esta segurança ?

Aqui nos he preciso combater com todas as armas da Religião , e da fé contra os injustos fundamentos do temor que hum , e outra offerecem na apparencia. Por mais formidavel que pareça o juizo que segue a morte , ainda assim affirmo que não temos razão de temella com tanto excesso , e de procurar , como fazemos , todos os meios escogitaveis para retardalla.

## S E C Ç Ã O II.

*As consequencias da morte não devem fazer que a temamos com excesso.*

**S**anto Agostinho no livro 9. cap. 4. da *Cidade de Deos* refere huma galante historia , tirada de Aulo Gellio l. 9. *Noct. Attic.*

c. 1. o qual conta que indo embarcado com hum Filosofo Estoico de grande credito, de repente se levantou huma tão forte tempestade, que os poz a perigo de naufragarem? Como era maxima daquelles Filozofos, que o homem sabio não devia turbar-se com couza alguma, nem estimar como mal nem a morte, nem todas as dores do corpo, me deo curiosidade (diz o Author) ainda que estivesse imminente o nosso naufragio, de observar o rosto do nosso Filosofo, e de ver se era accommettido de algum temor. De balde se esforçou elle para esconder os seus movimentos interiores, porque em fim foi vencido do medo, e a sua Filosofia cedeo o triunfo ao temor: ora se fazia pálido, ora tremia, e os golpes das ondas que impellião o navio, agitavão a sua virtude, e fazião vacillar a sua constancia. Serenada a tempestade, e livre cada hum de nós do seu susto, hum homem dissoluto, e rico, que se achava no mesmo navio, começou a investir ao Estoico, dizendo-lhe, que com ser Filosofo tinha temido, ao mesmo tempo que elle sem o ser não tivera medo algum. O Estoico, que não era nescio, lhe deo logo a mesma resposta, que Aristipo deo a outro fallador semelhante. Não teria eu grande cuidado (lhe disse elle) pela perda da vida de hum malfeitor; mas devia temer pela de hum Aristipo: *Respondit illum pro anima nequissimi nebulonis merito non fuisse*



*se sollicitum: se autem pro Aristipi anima timere debuisse.* Esta resposta tapou a boca ao atrevido. Mas Aulio Gellio, que desejava penetrar o sentimento daquelle Filosofo, perguntando-lhe qual fora a causa do seu medo; conhecendo este que fallava com hum homem douto, e curioso de saber os principios do seu moral, mostrou-lhe o livro de Epicuro, e lhe fez ver, que, conforme a doutrina de Zenon, e Crisippo, elle não tinha o homem sabio por impassivel, antes conhecia haver nelle, como em todos, imagens horriveis, que se adiantão à razão, e dão lugar ao temor; mas que o sabio se fazia logo superior às suas paixões, e não dava o nome de mal ao que não dependia da sua liberdade.

Isto não he totalmente verdadeiro, nem totalmente falso. He verdade que o homem sabio está sujeito a paixões, e dellas sente os primeiros movimentos; mas he vaidade infoffrivel julgar elle que he mais do que os outros homens, e não querer dar nome de mal ao que destroe o maior de todos os bens. Seja como quizerem, podemos dizer em hum sentido muito christão, que hum homem sabio deve temer a morte, porque está em perigo de perder a sua alma, que he de hum preço infinito: *Se pro Aristipi anima timere debuisse.* Mas não acho que aquelle Filosofo tivesse razão para dizer, que

o malfeitor não tinha que temer, porque os ímpios são os que devem temer a morte, e não os virtuosos. Assim, quando digo que a morte não deve temer-se, não fallo da morte dos peccadores, mas da dos justos. Eis-aqui o que o Sabio nos diz a este respeito: *Iustorum animæ in manu Dei sunt, & non tanget illos tormentum mortis.* (Sap. c. 3. v. 1.) As almas dos justos estão na mão de Deos, e não serão atormentadas com o horror da morte. O ultimo momento não as perturba, nem inquieta, porque estão na mão de Deos; mas as almas dos ímpios, estando na mão, e poder do demónio, he impossivel que deixem de temer, quando a morte se vem chegando.

Vós me direis que isto mesmo he o que vos faz temer, pois sois grande peccador, e não tendes fundamento para serdes contado entre os justos. Eu vos respondo com Santo Ambrosio (Lib. *de bono mort.* c. 8.) que a morte não deve temer-se, mas sim o peccado, que he o estímulo da morte. Os insensatos (diz o Santo Doutor) temem a morte por duas razões: temem-na, porque imaginão que a morte he a anniquilação do seu ser; e tambem a temem por causa do castigo da outra vida com que os ameação os Poetas.

He erro crer que o homem he totalmente destruido pela morte: a sua alma he im-

immortal, e o seu corpo ha de resuscitar no ultimo dia. Não nego que hajão penas, que se devem padecer depois desta vida presente; mas para que he attribuir á morte o que succede depois della? *Quid ad mortem, quod post mortem est?* Se o que se segue á morte pertence á morte, o que se segue á vida deve pertencer á vida: logo a vida não deve ser menos formidavel do que a morte.

Dizeis tambem que a morte he muito má. Quanto á dos peccadores (responde o mesmo Santo) assim he; mas á dos justos chama David preciosa diante dos olhos de Deos. Logo he evidente (conclue elle) que a morte em si mesma não he para se temer; mas que só o peccado he que nos deve fazer temella: *Unde liquet, acerbiter, non mortis esse, sed culpæ.* Não teremos que temer na morte; se não fizermos na vida cousa alguma que se deva temer: he digna sentença do mesmo Santo Padre: *Non habemus, quod in morte metuamus; si nihil quod metuendum sit, in vita nostra commisimus.*

O sabio velho de Seneca, chamado Basilio, dizia o mesmo, ainda que com termos diferentes: Se na morte se vê alguma cousa formidavel, e que cause afflicção, não, não he culpa da morte, mas daquelle que morre. A morte de sua natureza he innocente; o vicio do homem he quem a faz

má, e terrível: *Si quid incommodi, aut metus in morte est, morientis vitium dicebat esse, non mortis.* (Sen. Epist. 30.)

Este mesmo discurso, me dirá algum, em lugar de diminuir o meu temor, o augmenta; porque sabendo eu que pequei, considero a morte como o funesto momento, no qual serei citado ao Tribunal de Deos para receber o justo castigo dos meus peccados. Considero que os demonios meus accusadores nesse instante apparecerão com figuras terríveis; e abrindo o livro da minha consciencia, dirão de mim a Deos, o que dizia de si mesmo Santo Agostinho: *Eis-aqui o homem, e tudo o que elle tem feito: Ecce homo, & opera ejus.* Póde-se por ventura crer hum tão exacto juizo semetemor? E póde deixar de temello quem se conhece réo de innumeraveis peccados?

Confesso que não ha cousa mais terrível que o juizo de Deos para aquelles, que não o temêrão, nem nelle cuidárão na vida. Mas senão se achar em vós cousa que seja má, que tereis que temer? Ora não está na vossa mão alliviardes-vos dos vossos peccados, e fazerdes que Deos não ache em vós cousa merecedora de castigo? A penitencia, diz Tertulliano, faz na terra as funções da justiça de Deos: se a penitencia nos castigar nesta vida, a justiça de Deos não terá na outra acção alguma contra nós, porque Deos  
nun-

nunca castiga duas vezes o mesmo peccado.

Vede o que elle diz pela boca do Profeta Ezequiel : « *Se o ímpio, (isto he, um hum homem muito máo) fizer penitencia de todos os seus peccados, e observar todos os meus preceitos, vivirá, e não morrerá,* » (isto he, eternamente) *eu não me lembrarei das suas maldades commettidas antedentemente.* (Ezech. c. 19. v. 21.)

Pela boca de outro Profeta promette tambem, que lançará na profundidade do mar os peccados do ímpio já penitente, e arrependido. Depois disto que fundamento temos para temer a morte, e o juizo de Deos, pois podemos apagar todos os nossos peccados com a penitencia, e obrar de tal modo, que Deos não tenha cousa alguma para nos lançar em rosto?

Sei que podeis responder, que tendes feito penitencia; mas não sabeis se Deos estará satisfeito com ella; que podeis ter enganado, e lisongeado a vós mesmo; que não ha quem saiba se he digno de amor, ou de odio; \* que esta incerteza fazia tre-

B ii. . . . . mer.

\* Estas palavras da Escritura, mais combatem a falsa, e presumida confiança da salvação eterna, do que a da justiça presente. Com effeito (diz Mr. Arnaud) ha grande differença entre estas duas seguranças; porque a primeira se dirige ao futuro, que sempre está para nós muito escondido; e a segunda, ao

mer S. Bernardo, este homem de prodigios; e milagres; que Santo Hilarião sendo tão santo temeo morrer. E que S. Gregorio diz, que tanto mais se avizinha o juizo de Deos, tanto major he o medo da morte; porque o homem dahi a pouco achará o que nunca mais poderá evitar: *Inveniet enim homo post pusillum, quod in aeternum non poterit evitare.*

A tudo isto respondo, que não he máo temer a morte, e as suas consequencias, com tanto que o temor seja moderado. Não he conveniente termos huma total segurança: tudo seria digno do nosso temor, se nada tivessemos que temer: entrariamos em alguma presumpção da nossa salvação eterna; e nossas desenfreadas paixões nos arrastarião a todos os vicios, senão tivessemos este freio para segurallas. O temor de Deos he principio da sabedoria, e o fundamento da salvação, diz o Espirito Santo. (Prov. 9. 10.) A casa, que não for fabricada sobre este

presente, que conhecemos muito melhor, como muitas vezes o adverte Santo Agostinho. A primeira se dirige, e tem por objecto o segredo da predestinação; que Deos (diz este mesmo Padre) não quiz descobrir aos homens nesta vida, para os conservar sempre em hum saudavel temor, que os não deixe ensoberbeçer. Mas a segunda tem por objecto sómente o estado da justiça presente, de que os justos podem ter muitos mais signaes, pois para isto basta só sondar o estado presente da sua vida. *Veja-se o capitulo IX. do Tratado Dogmatico, e Moral da Esperança fol. 77. tom. 2.*

re fundamento, se arruinará bem depressa: *Si non in timore Domini tenueris te instanter, citò subvertetur domus tua.* (Eccl. 16.)

Não he a minha intenção de vanecer todo o temor, mas sim moderar-lhe o excesso, que perturba a alma, e a enche de afflicções. Estes grandes desalçoegos são contrarios á Fé, e á Esperança. Tudo isto diz, e prova S. Cypriano no seu prodigioso livro da Mortalidade com palavras, que merecem ser referidas: *Quis inter hac trepidus, & mestus est, nisi cui spes, & fides deest? Ejus enim est mortem timere, qui ad Christum nollit ire: Ejus est ad Christum nolle ire, qui se non credit cum Christo incipere regnare: Quem he aquelle, que pôde temer, e deixar-se vencer da tristeza entre tantos perigos da morte, senão aquelle, que não tem té, nem esperança? Só aquelles, que não querem ir para Jesus Christo, temem morrer; e só os que não crem que hão de reinar com elle, não querem ir para elle. A caridade (diz S. João) lança fóra o temor; e o amor procura a união. Se amasseis a Jesus Christo, ah! a morte sem dúvida seria o vosso desejo, e a vida o vosso castigo. Dirieis continuamente com o Apostolo: *Cupio dissolvi, & esse cum Christo*: Não tenho maior desejo que ser desatado do meu corpo para estar unido com Jesus Christo.*

Seneea faz menção de huma má, que  
am

antes quiz acompanhar seu filho no desterro, do que ser privada da sua presença: *Pati maluit exilium, quam desiderium.* Mais soffrivel pena lhe pareceo o desterro, que a faudade daquelle, a quem gerára; mas se o seu filho tornasse a ser chamado a Roma, teria ella difficuldade de voltar com elle? Preferiria o desterro á sua amada patria?

O De boa vontade perguntarei áquellas fenhoras, que desmaião de medo á vista de hum defunto, e que não gozáo a doçura da vida, por causa do excessivo temor de perdella: lhes perguntarei, digo, se crem que ha hum Deos, se crem que ha Paraíso, e se tem algum sentimento de amor para com Jesus Christo? Santo Agostinho julga que aquelle, que teme a morte, não he Christão: *Non-dum credit, qui mortem timet.* Como he possível creia no Paraíso quem recusa entrar nelle? Como ama a Jesus Christo aquelle, que foje da sua companhia? Os Pagãos (continúa o Santo Doutor) não esperáo outra melhor vida, por isso vivem com gosto, e morrem com dor. Os Christãos pelo contrario, que esperáo hum Paraíso, vivem com dor, e morrem com gosto. Huns recebem a vida como favor, e a morte como castigo; os outros recebem a vida como hum castigo, e a morte como huma graça espiritual: *Christianus patienter vivit, & delectabiliter moritur.*

Per-



Perdoo a Aristoteles o ter dito, que quanto maior he a virtude, e prosperidade de hum homem, tanto mais deve temer a morte; porque he mais digno de viver; e morrendo perde os seus maiores bens. Como estes infieis não conhecião outra felicidade, senão a da vida presente, não he de admirar que considerassem a morte como o maior de todos os males. Mas que fundamento tem hum Christão para temella, devendo-a considerar como a entrada do Ceo, e o centro da sua paz?

Dizeis que os Santos a temêrão, e que o mesmo Jesus Christo com ser Deos, e bemaventurado, não foi isento deste temor. Respondo, que o Filho de Deos suou sangue, avishnando-se à morte, para mostrar que era homem como nós, e que sentia a nossa fraqueza. Se elle não tivesse sustentado aquelle combate, poderiamos crer que sendo Deos, era insensível a todos os tormentos; ou ao menos, que tivesse maior força para vencellos do que nós; o que teria diminuido a estimação que devemos ter dos seus tormentos, e o agradecimento do muito que somos devedores ao seu amor.

Os Santos Padres accrescentão, que elle quiz sentir os nossos males para nos livrar delles; que se vestio da nossa fraqueza, para vestir-nos da sua força: *Ego de tuo fui trepidus*, (Ihe fez dizer S. Leão) *tu de meo es.*

*esto securus.* Eu tremo, porque tomei a vossa fraqueza; vós sois intrepididos, porque vos dei a minha força; o meu ser tímido he vosso; o vosso ser constante he meu. Assim o exemplo do Filho de Deos nos deve consolar, e confundir: consolar, porque experimentou, e sentio os nossos males; confundir, porque os venceo. Tomou a nossa fraqueza, e concedeo-nos a sua força. Oh estupenda fineza! Jesus venceo os horrores da morte, tendo no coração a enfermidade de todos os homens; e nós cedemos ao temor da morte, tendo no coração toda a fortaleza de hum Deos.

Quanto aos Santos, achareis que foram mais sem comparação os que desejáram a morte, do que os que a temêram: Deos conhece as disposições do nosso coração; elle sabe que muitos Santos terião presumido dos seus merecimentos, se elle não os tivesse conservado na incerteza da sua salvação. Este he o estado da vida presente; tudo nella para nós está escondido, a fim de nos contermos na humildade; tudo nos está prometido, para fortificar a nossa esperança. Deos (diz Santo Agostinho) dividio a segurança, e o temor: *Erunt tunc securi, qui modo non sunt securi: tunc timebunt, qui modo timere nolunt.* (Serm. 39. de Civit. Dei.) Aquelles, que não estão seguros na vida, estarão seguros na morte; aquelles, que não

remem na vida , terão hum terrivel temor na morte.

He pois para intimidar os máos , que Deos permite que os bons temão a morte. Tambem o permite para augmentar o seu merecimento ; porque fazendo-se superiores ao seu temor com huma heroica esperança , e entregando-se á misericordia de Deos com hum extremo esforço de caridade , merecem mais naquelle instante , do que talvez merecêrão em todo o tempo da sua vida. Não pôde ter afflicção em morrer , quem no tempo da morte está vendo os ceos abertos , e hum throno de gloria preparado para premio da sua paciencia. Porém morrer sem saber o que lhe succederá ; sahir deste mundo , sem ter outro arrimo mais do que a confiança em Jesus Christo ; caminhar pelo meio das densas trévas de huma eternidade , sem mais luz que a da Fé ; em fim deixar-se sacrificar como o Menino Isac , com os olhos tapados , para obedecer a Deos seu Pai , e sem se affligir do futuro , isto he effeito de huma virtude heroica , e de huma caridade consummada. Por isto Deos permite algumas vezes que os Santos sejam accommettidos do temor , e que pareção ser tentados da desconfiança no artigo da morte. Além de que he cousa racional que bebão o calis de seu Divino Mestre , e que tremão , como elle , á vista dos tormentos.

Mas

Mas esta batalha não dura muito. Bem depressa se fazem superiores do seu temor; e tanto que se entregão a Deos, se achão em paz, como se já estivessem em lugar de segurança. Todo o combate succede na parte inferior; mas a superior, no meio daquelle tempestade, olha sempre para a sua estrellla, que he Jesus, e Maria sua Santissima Mãi, e guiados pela esperança chegão felizmente ao porto.

Não só vos permitto, mas tambem vos aconselho que temais a morte; mas não seja com excessão. A esperança em todo o tempo he boa; porém na morte he necessaria. Se lançardes esta ancora, como diz S. Paulo, no abyssmo da misericordia de Deos, e vos apegardes á sua palavra, não fareis naufragio. Se pois não quereis temer a morte, cuidai seriamente em viver bem. Este he o segredo, que nos ensinou Santo Agostinho: *Vis non timere mortem? Bene vive.*

Finalmente o que segue a morte, he o que a faz ser para nós formidavel; e de todos os nossos males o peccado he só o que dura depois da morte. S. Paulo chama á morte estimulo do peccado, porque por meio da morte, como com hum aguilhão, ou estimulo, o peccado nos pica, nos atormenta, e nos afflige: *Stimulus peccati mors.* Tirai o ferrão a huma abelha, e vereis que toda fica sendo mel, e doçura. Tirai tam-  
bem

bem á morte o peccado , e será formosa , doce , agradavel , e innocente. Aniquilai pois , e reduzi a nada o peccado com a penitencia , e ficareis em paz.

Convenho nisso , dizeis vós ; mas para fazer essa penitencia he preciso que Deos me dilate a vida. Porém agora que estou ás portas da morte sem a ter feito , como não hei de temer? Confessai a verdade : vós desejais viver mais tempo , não para fazerdes penitencia , mas só para demorar a conta , que Deos vos ha de pedir. Quantas vezes tendes pedido essa dilação ? E não he verdade que em lugar de diminuirdes as vossas dividas , mais as augmentastes ? Se vivesseis ainda mais dez annos , estarieis vós mais bem disposto para morrer ? Seria por ventura menos formidavel o vosso juizo ? Tereis menor conta que dar ? Esperais vós que a justiça de Deos vos prenda , e vós lance em huma profunda cova até pagardes tudo o que lhe deveis ? Porque não fazeis com boa vontade , o que fereis obrigado a fazer por força ? Segui o conselho de Santo Agostinho : começai neste dia a vossa penitencia , não esperéis pelo de á manhã , porque não sabeis se á manhã tereis vida. Aquelle Senhor , que promette ao peccador o perdão dos seus peccados , se fizer penitencia , não lhe promette o dia futuro. Confessai-vos bem , pedi a Deos perdão dos vossos peccados , mudai  
de

de vida, acceitai a morte em satisfação das vossas culpas, e ficareis em paz. O Espírito Santo he que vo-lo ordena; elle vós prohibe temer o juizo da morte, por ser coufa, que por todos ha de passar: *Noli metuere judicium mortis; memento quæ ante fuerunt, & quæ superventura sunt; hoc judicium à Domino omni carni.*

Tudo isso se diz com facilidade, respondeis vós; mas não he tão facil como se deseja, o viver livre desse temor. Eu não temo a morte; o que me atemoriza he o juizo de Deos. Temos sem dúvida muitas razões para temer; mas temos tambem todo o fundamento-para esperar, com tanto que tenhamos sincera dor de termos offendido a Deos.

Confesso que os juizos de Deos são terribes; mas são infinitas as suas misericordias. Se he bom temer, ainda he melhor esperar; porque o Espírito Santo nos segura, que aquelle, que espera em Deos, nunca a sua esperança ficará frustrada.

Para que he andarmos consumidos de tristeza? Póde Deos enganar-nos? Não prometteo elle perdoar ao peccador, no mesmo instante em que fizer penitencia dos seus peccados? Não sabeis que diz S. Cypriano, que a penitencia, se he verdadeira, sempre vem a tempo; e que se he perigoso differilla, sempre he util fazella? Os vossos peccados, por muitos, e muito grandes que se-

jão , nunca igualaráo a misericordia de Deos : *Non sicut dilectum* , diz S. Paulo , *sic & donum*. Destas palavras conclue Santo Thomás , que nunca devemos desesperar do perdão por causa dos nossos peccados , ainda que sejam os mais enormes ; e que a misericordia de Deos perdoa sem medida áquelles que o offendêrão , se elles fazem penitencia : *Misericordia Dei peccantibus per pœnitentiam veniam prabet absque ullo termino*. Mas como devo fallar desta materia em outro lugar , não explico aqui mais este motivo de confiança.

Basta por agora sabermos que a fé nos ensina , que Deos se obrigou a perdoar áquelle , que fizesse penitencia , e que não ordena ao homem que faça cousas impossiveis ; que nos manda fazer penitencia em todo o tempo , principalmente no tempo da morte , e por consequencia , que a podemos fazer até á morte. Que pôde temer hum homem , que tem a Jesus por fiador ? Olhai para hum crucifixo , e dizei : *Ab Senhor , se quizesseis condemnar-me , não estarieis nessa Cruz ; se não me tivesses amado , não me darieis a vossa vida*. Nessas mãos assim traspassadas , e nesse coração aberto por meu amor , entrego a minha alma , a minha salvação , e a minha eternidade.

Eis-aqui huma devoção , que nos ensina S. Cypriano com estas preciosas palavras :  
Sem-

*Semper Passio sit in memoria, nec terreant crucifixi heredes, mortis supplicia.* (Cypr. Serm. de Cœn. Dom.) Tenhamos sempre na memoria a Paixão de Jesus Christo, e o castigo da morte não espante aos herdeiros de hum Deos crucificado. Oh quanto são formosas estas palavras, quanto são suaves, quanto são consoladoras! Santo Agostinho acrescenta, que a morte já não he para se temer, depois que morreo Jesus Christo; elle a vence; elle a desfarmou, e, digamos assim, elle a matou. Estas são as palavras, com que se explica: « Aquelle homem Deos, que morreo, foi o matador da morte; e a morte antes foi destruida por elle, do que elle pela morte. » Aquelle, que huma vez venceo por nós a morte, sempre a vence em nós: *Mortuus ille, mortis interfector fuit; & mors potius in illo mortua est, quam ille in morte: mortem qui pro nobis semel vicit, semper vincit in nobis.* (Aug. lib. 1. Epist. 6.) S. Paulo diz, que he cousa terrivel cahir nas mãos de Deos vivo; mas que he cousa gostosa cahir nas mãos de Deos, morrendo por nosso amor. Que maior consolação, que espirar entre os seus braços, e reclinado no seu peito!

Finalmente, o Espirito Santo nos segura, que todo aquelle, que teme ao Senhor, terá huma boa morte, e será abençoado de Deos, e dos homens no dia da sua passagem

def.



desta para a outra vida: *Timenti Dominum benè erit in extremis , & in die defunçionis sua benedicetur.* Temamos pois a Deos na vida, e logo não temeremos a morte, nem as suas consequencias.

### S E C Ç Ã O III.

*Exemplos de algumas pessoas, que não temerão a morte.*

**N**ão ha cousa, que faça mais impressão nos corações desanimados, do que o exemplo: facilmente nos persuadimos que huma cousa he passivel, quando vemos que outros a conseguem; que he gloriosa, se algum faz honra de a procurar; que he doce, e amavel, se ha quem goste della; por isso julgo que não ha cousa tão poderosa para nos fortificar contra o temor da morte, como o exemplo daquelles que o desprezarão. Refiro aqui alguns, e deixo o resto para o capitulo seguinte.

Diz o Sabio que a mulher forte rirá quando morrer, e que o ultimo dia da sua vida será para ella hum dia de alegria, e de festa: *Ridebit in die novissimo.* He preciso dizer o mesmo de todos os homens, que no serviço de Deos mostrarão a sua força, e o seu animo.

S. Jeronymo refere que Nepociano, de quem elle fez o epitafio, tinha na hora da mor-

morte o semblante alegre, e sereno; e em quanto todos choravão, ria elle. Não parecia que espirava, mas que hia passear ao campo para recrear-se: *Letus erat vultus, & universis plorantibus solus ille ridebat, intelligeres eum non mori, sed emigrare.*

Santo Agostinho visitando hum Bispo gravemente enfermo, e dizendo-lhe que Deos lhe havia de restituir a faude, pois elle ainda era necessario á sua Igreja, elle lhe respondeo: « *Si nunquam, bene; si aliquando, quando non modo?* Se nós não houvessemos de morrer, está bem; mas se hum dia deventos morrer, porque não será agora? Porventura morrendo nós em outro tempo, teremos menor afflicção do que agora? Esse Bispo, dizeis vós, estava bem disposto. E de quem depende que vós não estejais? Não podia elle dizer, como vós, que vivendo mais tempo, estaria mais bem disposto do que estava? Oh que vida feliz, e segura (exclama S. Bernardo) he a daquelle homem, que tem a consciencia pura! *O' vita secura, ubi conscientia pura!* (Bern. ad Mil. Templi) *O' vida segura, digo eu, a daquelle, que espera a sua morte sem temor; que a deseja com alegria, e que a recebe com devoção: O' inquam vita secura, ubi absque formidine mors expectatur, imo & optatur cum dulcedine, & excipitur cum devotione!* (Epist. 50. 1.)

« O justo , diz o mesmo Santo Abba-  
» de , he verdade que morre , mas com se-  
» gurança ; porque assim como a morte he  
» o fim da vida presente , tambem he a en-  
» trada , e o principio de huma melhor vi-  
» da. A morte he boa para quem está mor-  
» to para o peccado , a fim de viver só pa-  
» ra a graça. Em quanto pois viveis no vos-  
» so corpo , morrei para o mundo , para que  
» depois da morte comeceis a viver para  
» Deos. »

Assim morreo Adolfo , aquelle bom Re-  
ligioso da Ordem de S. Francisco , que dei-  
xou o Principado de Alfacia para abraçar a  
Cruz , e a pobreza de Jesus Christo. Como  
tinha passado na Corte huma parte da sua vi-  
da , temeo quando vio que estava a morte  
perto ; mas a Santissima Virgem , acompa-  
nhada de grande multidão de Anjos , lhe  
appareceo , e disse : *Que temes , filho meu ?  
Para que te perturbas com te a-vizinhares á  
morte : Vem com segurança : meu Filho , a  
quem fielmente serviste , te prepara a coroa da  
Gloria.* Com esta vista , e palavras forão dis-  
sipados os seus temores , e ficou cheio de  
alegria , a qual mostrou no seu rosto até o  
ultimo suspiro. Deste modo visita , e conso-  
la a Virgem Maria aos seus servos naquel-  
la extrema passagem.

O que refere S. Bernardo de seu irmão  
Gerardo ainda he mais admiravel , e ain-  
da

da causa maior consolação. Diz este Santo, que perto da meia noite, quando estava próximo a entregar a alma ao seu Creador, se poz a cantar : *Laudate Dominum de Cælis ; laudate eum in excelsis* : Louvai ao Senhor, ó moradores dos Ceos ; louvai-o nas alturas. Fui chamado, diz o mesmo Santo, para ser testemunha deste prodigio, e para ver hum homem, que estando para espirar, cantava, e insultava a mesma morte. A' vista do que disse eu no meu coração : *Ubi est, mors, victoria tua ? Ubi est, mors, stimulus tuus ?* O' morte, onde está a tua victoria ? O' morte, onde está o teu estímulo ? *Fam non est stimulus, sed júbilus* : Já não he estímulo, mas alegria. *Fam cantando moritur homo, & moriendo cantat* : Já o homem morre cantando, e canta morrendo.

Não se deve pois crer que a morte seja tão terrível como se diz : a dos ímpios essa certamente he terrível ; mas a dos virtuosos he infinitamente doce, e agradável. As suas almas, diz o Sabio, estão na mão de Deos : *In manu Dei sunt* (Sap. 3. 1.), isto he, Deos os guarda, defende, e protege : *Non tanget illos tormentum mortis*. Não os tocará o tormento, nem a afflicção da morte. Póde parecer que morrem com turbacão, e entre agonias ; mas isso he só aos olhos dos insensatos : *Visi sunt oculis insipientium mori*. Quando são atormentados das do-

res

res mais atrozes, então mesmo se achão em huma summa paz : *Illi autem sunt in pace.*

Com effeito quem póde duvidar que Deos ame os seus servos? Pois quando deve hum amigo affiltir ao outro amigo, se não em huma necessidade extrema? Vós dizeis que estarieis em paz, se estivesseis seguro de estardes em graça; mas se tivesseses effa certeza, não terieis já esperança. De quem depende, torno a dizer, de quem depende que não estejais em graça? Se quereis o fim, porque não procurais os meios? Esperai em Deos, como diz David, e não fereis confundido: trabalhai para Deos, que Deos trabalhará para vós: dai-lhe o tempo, que elle vos dará a eternidade: lembrai-vos delle na vida, que elle se lembrará de vós na morte. Só elle he o que póde conceder a perseverança final. Todas nossas afflicções, e inquietações de nada servem aos nossos interesses; mas a esperança, a oração, a fidelidade, a paciência, e especialmente a deicção de nós mesmos á sua divina providencia, nos alcançarão della quanto podemos merecer.

Acabo este discurso com a elegante, e poderosa exhortação feita por S. Cypriano a hum enfermo, que não podia resolver-se a querer morrer. « *Quam preposterum* (lhe » diz elle) *quamque perversam, ut cum Dei » voluntatem fieri postulemus; quando evocat » nos & accersit de hoc mundo Deus, non*

» *statim voluntatis ejus imperio pareamus.* (Lib.  
» *de Mortal.*)

» Oh quanto são injustos, e irracionaes  
» os nossos desejos! Todos os dias pedimos  
» a Deos que seja feita a sua vontade; e  
» com tudo quando nos chama, e nos quer  
» levar deste mundo, temos grande difficul-  
» dade em lhe obedecer; resistimos, defen-  
» demo-nos, e como servos máos, e rebel-  
» des a seu Senhor, vamos com trabalho,  
» afflicção, e tristeza apparecer na sua pre-  
» sença. Sahimos deste mundo não com von-  
» tade livre, mas por dura necessidade; e  
» ainda assim queremos ser honrados, e pre-  
» miados no Ceo por aquelle Senhor, que  
» vamos visitar contra nossa vontade!

» *Quid ergo petimus ut adveniat regnum*  
» *cælorum, si captivitas terrena delectat?* Pa-  
» ra que pois pedimos, para que supplica-  
» mos que venha a nós o Reino do Ceo, se  
» o nosso gosto he viver na terra como es-  
» cravos? Para que pedimos continuamente  
» a Deos que apresse este dia, se antes que-  
» remos estar cá na terra sujeitos ao domi-  
» nio do diabo, do que reinar lá no Ceo  
» com Jesus Christo? »

S. Cypriano refere, depois disto, o que  
aconteceo a hum Bispo do seu tempo, que  
estando gravemente enfermo, e temendo  
morrer, pedio a Deos lhe concedesse a vida  
*por mais algum tempo.* Quando fazia esta  
sup.

súplica, e lhe parecia que estava no fim da vida, se apresentou diante dos seus olhos hum mancebo magestofo, grave, e todo resplandecente de huma luz, que não poderia ser supportada por hum homem vivo, mas que pode ser vista de hum moribundo. Este mancebo, ou antes este Anjo, olhando para o enfermo com certo genero de severidade, que deo a conhecer nos olhos; e nas palavras, lhe disse: *Pati timetis, exire non vultis; quid faciam vobis?* Não quereis padecer cousa alguma, fugis de morrer, que quereis que vos faça? Esta reprehensão poz em grande confusão o enfermo, que contou aos circumstantes o que vira, e logo depois morreo com summa consolação. Esta mesma reprehensão dá o Filho de Deos todos os dias ás almas frouxas, que quereis ir para o Ceo, e não podem resolver-se a deixar a terra. Que quereis que vos faça? diz elle. Vós não quereis padecer cousa alguma; vós temeis morrer; quereis reinar no Ceo, e não quereis largar a terra; o descanso vos agrada, e amais com todo o ardor este lugar de inquietação, e tempestades: pedis-me o meu Reino; e quando vo-lo offereço, o recusais.

Tenhamos pois sentimentos mais racionais; consideremo-nos neste mundo como em hum lugar de desterro; suspiremos pela nossa patria; peçamos a Deos que abbrevie

o tempo do nosso desterro, e nos chame para o Ceo, onde possamos amalho, louvallo, e servillo por toda a eternidade.

## C A P I T U L O II.

### *A morte deve ser desejada.*

**A**Ntes de tratar no presente discurso das tribulações da vida humana, e das razões que temos para desejar a morte, me occorreo o temor de que poderia succeder áquelles, que leffem este mesmo discurso, o que succedeo ao Pagão, de quem falla Santo Agostinho, o qual lendo o livro que Platão compoz da immortalidade da alma, concebeo hum tão violento desejo de gozar huma melhor vida, que se precipitou no mar. Mas este temor se desvaneeo, tanto que reflecti, que, além de eu não ter a eloquencia daquelle grande homem, e de ser certo que os Christãos dão mais credito á verdade do Evangelho, do que davão os Pagãos aos discursos daquelle Filosofo, a Religião Christã prohibe com pena de condemnação eterna tirar a vida a si mesmo. Por isso não tenho fundamento para temer que os meus discursos produzão tão perniciosos effeitos; e posso sem temor propôr a todos os Christãos os racionaveis fundamentos, que todos temos para desejar a morte. Imitarei nisto os

San-



Santos Padres , especialmente S. Cypriano , e Santo Ambrosio , dos quaes o primeiro compoz hum livro , no qual mostra que a morte não he para se temer ; e o segundo fez outro , que trata do bem da morte , e nelle mostra que ella se deve desejar. Proponho como elles muitas razões , que devem fazella o objecto do nosso amor.

A primeira he , que a morte procura muito a gloria de Deos. A segunda , que dá satisfação á sua justiça. A terceira , que reconhece o seu amor. A quarta , que dá fim á nossa miseria. A quinta , que nos livra do perigo de nos condemnarmos. A sexta , que ella nos faz passar a huma melhor vida. Depois de propôr todas estas razões , ajuntarei o exemplo de muitos Santos , que com affecto desejarão a morte ; e quando ella os visitou , mostrarão muita alegria.

## S E C Ç Ã O I.

### *A morte procura gloria a Deos.*

**M**uito tempo ha que se pergunta se a morte he boa , ou se he má. Os pareceres dos Sabios profanos forão differentes a este respeito. Seneca creio que ella era boa , porque nos livra de innumeraveis males. Empedocles julgou que era má , porque nos priva da vida , que he o maior de todos

os bens. E demais, dizia este Filosofo, se o morrer fosse bom, o ser immortal seria máo para os Deoses.

Hum Christão póde responder a estas razões, que a vida não he hum bem, mas hum aggregado de todo o genero de tribulações, e assim a privação della não póde ser má.

Santo Agostinho responde de outro modo mais racional. Diz elle, que a morte em si mesma nem he formosa, nem fea, nem boa, nem má: he boa, quando está unida á graça; he má, quando se acha unida ao peccado; só o que segue a morte a deve fazer remida, ou desejada: aquella, que conduz para o Ceo, he infinitamente amavel; mas a que conduz para o inferno, he infinitamente terrivel: por consequencia não se deve chamar má aquella morte, que he precedida de huma boa vida; nem boa a que segue huma má vida: *Mala mors putanda non est, quam bona vita precesserit, neque enim facit malam mortem: Non itaque multum curandum est eis, qui necessario morituri sunt, quid accidat ut moriantur, sed moriendo quò ire cogantur.* E assim responde aos insultos, que os infieis fazião aos Christãos, dizendo-lhes: Porque vos não livrou o vosso Deos da morte, e da horrivel calamidade occasionada pelos Vandalos em toda a Africa?

Não ha cousa mais bem dita do que esta;

fa ; porém podemos accrescentar para maior clareza , que de dous modos se póde considerar a morte , ou na sua natureza , ou nos seus effeitos. Se se considera na sua natureza , he má , porque he privação de hum bem ; considerada nos seus effeitos , humas vezes he muito grande bem , e outras hum mal gravissimo. He bem muito grande , quando procura a gloria de Deos , e a salvação eterna ao homem ; e he mal gravissimo , quando he o fello da reprovação do ímpio.

Destes dous effeitos conheceremos a estimação que se deve fazer dos nossos tormentos , e da nossa morte. He sentimento dos Santos Padres , que a enfermidade soffrida com paciencia , he hum sacrificio , que dá muita gloria a Deos ; e huma especie de martyrio , que não tem muito menos merecimento que o dos primeiros Christãos. Ora a morte compõe a essencia deste sacrificio , quando he recebida com paciencia , humildade , e amor : então o homem honra a immortalidade de Deos , e reconhece o seu supremo , e absoluto dominio pela destruição do seu ser.

Ha grande differença entre hum homem , que se confessa devedor , e outro , que paga as suas dividas. Ambos confessão haver recebido de Deos o ser que tem , e serem-lhe devedores delle ; mas só com a morte pagamos esta divida , porque então da-  
mos

mos a Deos a vida, que delle tinhamos recebido. Assim podemos dizer que ella he hum sacrificio de justiça, e de amor, e que os homens que morrem, são outras tantas victimas sacrificadas á sua gloria.

He verdade que a morte he castigo do nosso peccado; por consequencia huma mancha, que serve de ignominia á nossa natureza, e hum mal, que he involuntario: mas podemos fazello voluntario, sujeitando-nos por amor a esta sentença da justiça de Deos. Assim fizerão, e ainda agora fazem todos os Martyres. Daqui vem que a morte, que na lei da Natureza era castigo do peccado, veio a ser na lei da Graça, como diz Santo Agostinho (Lib. 4. de Trinit. c. 22.) hum sacrificio para expiação do mesmo peccado: *Mors quæ in lege naturæ erat pœna peccati, in lege gratiæ facta est hostia pro peccato.*

Ora se a gloria he o unico bem que podemos procurar a Deos, e se com nenhuma cousa podemos honrallo mais do que com sacrificar-lhe a vida que nos deo, não deviamos nós desejar morrer mil vezes cada dia, se nos fosse possivel, para lhe darmos esta gloria? E pois só huma vez podemos morrer, não devemos suspirar continuamente por aquelle feliz momento, que consagrará (deixai-me dizer assim) o nosso ser, fazendo-o victima religiosa com o sacrificio que delle fazemos ao nosso Deos?

Ve-

Vemos todos os dias muitas pessoas, não só ordinarias, mas até da primeira nobreza, exporem-se com gosto a morrer, e a sacrificar alegremente a sua vida em serviço dos seus Soberanos, ainda que não a receberão delles, nem elles lhes possão dar premio algum depois da sua morte. Ora dando-nos Deos o ser, e a vida só para a sacrificarmos á sua gloria: *In gloriam meam creavi eum* (Isai. 43.); e concedendo-nos por huma vida temporal que perdemos, huma eterna, que não poderemos perder, não deve tudo isto obrigar-nos a desejar a morte, como a occasião mais propria de mostrarmos a Deos o nosso reconhecimento, e de lhe darmos toda a gloria que nos he possível?

Além disto a morte não só he huma vassallagem, que rendemos á sua gloria, e á sua grandeza, mas tambem he huma satisfação perfeita que damos á sua justiça. Esta he a segunda razão.

## S E C Ç Ã O II.

### *A morte dá satisfação á justiça de Deos.*

**H**A homens de juizo tão grosseiro, e de genio tão indigesto, que para inspirar-lhes aversão contra huma couza, basta dizer-lhes que estão obrigados a fazella. Morrerião com vontade, se não fossem obrigados

dos a morrer; mas porque o morrer he castigo, e he de necessidade, tem horror da morte, e se fazem arrastar para ella como os réos para o supplicio.

Não são assim as pessoas dotadas da nobreza: como a sua vontade se regula pelo seu dever, a justiça tem para ellas tal attractivo, e agrado, que basta manifestar-se-lhes para ganhar-lhes o seu coração. Todas as cousas que são justas, são de seu agrado, por mais amargosas, e enfadonhas que sejam. E isto he o que ás pessoas de virtude, e piedade faz a morte suave, e agradável. Como sabem que ella he hum castigo imposto pela justiça de Deos, estão promptas para morrer, a fim de lhe darem esta satisfação.

Com effeito ella não a pôde receber nem maior, nem mais conforme á injuria que com o peccado se lhe faz. Todos os peccados trazem a sua origem de tres principios, da soberba, da avareza, e da sensualidade. A morte vinga a Deos de todos estes tres inimigos.

Ella he, em primeiro lugar, a exterior humilhação do homem, porque o despoja de todos os seus cargos, e de todas as suas dignidades; priva-o de toda a sciencia, formosura, e grandeza, e o mette debaixo da terra para ser calcado de todos os homens: *Calcet super eum quasi rex interitus* (Job 11. 14.)

Confesso que ella não offende a sua  
al-

alma ; mas isto mesmo ainda faz maior a sua humilhação , porque vê a sua ruina , e anniquilação , sem a poder impedir. O gosto de hum homem offendido não consiste só em matar o seu inimigo , mas tambem em humilhallo , e fazello padecer. A morte do inimigo procura toda a satisfação , e prazer ás almas timidias , e vis , porque se livrão daquelle , de quem temem algum mal ; mas quem nada teme , não acha gosto algum em matar hum inimigo , pois a morte com dar fim aos tormentos desse mesmo inimigo , tambem se oppõe á sua propria vingança. A maior satisfação de huma pessoa offendida he ver padecer aquelle por quem foi ultrajada ; nunca hum vencedor está mais contente , do que quando o seu inimigo se conhece vencido ; porque o conhecimento he o throno da gloria daquelle , e da confusão deste. Não se deve pois chamar humilhado aquelle , que não confessa a sua humilhação.

O mesmo digo de Deos. A sua gloria não consiste unicamente em destruir , e anniquilar os peccadores , mas em destruillos de modo que se conheção destruidos ; e em os ferir de tal forte , que se sintão feridos ; porque , como optimamente diz Santo Thomaz , a dor não he a ferida , mas o conhecimento da mesma ferida : *Dolor non est vulnus , sed sensus vulneris*. Por consequencia

46 *A Morte suave, e santa:*

o mal de hum inimigo não he a vingança, mas o sentimento que ella lhe causa.

Nero, que foi de todos os homens o que melhor entendeu a arte de atormentar, e o que soube perfeitamente gozar o prazer da vingança, não queria que se tirasse a vida aos seus inimigos com muita pressa, mas que se lhes fizesse soffrer a morte lentamente: *Sentiant se mori*, dizia elle: Sintão que morrem. Silla, que era outro monstro de crueldade, irou-se contra os seus sequezes, porque tratarão tão mal a Mario seu inimigo, que não podia ser conhecido depois da morte: queria conservar-lhe a figura para contentar a sua paixão, como se ella ainda pudesse representar vivo, e sensível ao mal aquelle, que estava sem sentimento, e privado da vida. Sei que Deos não he capaz desta cruel, e sanguinolenta paixão, nem, como o ensina o Profeta, quer a morte do peccador (Eccl. 8.), mas deve dar satisfação á sua justiça: e por consequencia deve tambem castigar o ímpio de tal modo, que elle sinta o seu castigo.

Deste modo castiga Deos os seus inimigos; não os mata, mas fere-os, a fim de que sintão a sua ferida: *Tu humiliasti sicut vulneratum superbum.* (Ps. 18. v. 11.) Meu Deos, diz David, vós humilhastes o soberbo, como hum homem que está ferido. *Observai que não diz como hum homem que*  
es-



está morto, mas que está ferido. A justiça de Deos não ficaria satisfeita, se a alma morresse juntamente com o corpo; porque he necessario que ella sinta a humilhação, e ruina do corpo. Deste modo he que Deos castiga os condemnados: *Dabit ignem & vermes in carnes eorum, ut urantur & sentiant usque in sempiternum*: Dará a sua carne, diz Judith (cap. 16. 21.) em preza ao fogo, e aos bichos, para que seja queimada, e eternamente sinta queimar-se. O homem pois he mais humilhado na morte por ter a alma immortal, do que se a tivesse mortal; ao menos he couza certa que he summa a sua humilhação. Este he o primeiro effeito da morte.

O segundo he triunfar da avareza, despojando o homem de todos os seus bens, e thesouros, sem deixar-lhe couza alguma de quanto possuia no mundo: *Homo cum mortuus fuerit, & nudatus, atque consumptus, ubi queso est?* (Job c. 8. v. 26.) Pergunta Job: Onde está o homem depois da morte, despojado, e comido dos bichos? Elle he como se nunca fosse. Por muito infeliz que seja hum homem, em quanto está vivo, ao menos tem o uso dos seus sentidos, e sem o suffocar não se lhe póde impedir que respire. Póde-se-lhe tirar toda a sua fazenda, o ouro, a prata, e até o mesmo vestido que o cobre; mas a sua alma

ma sempre fica vestida do seu corpo, só a morte o despoja delle, e o reduz á ultima pobreza: *Cùm fuerit nudatus, ubi quæso est?*

A morte tambem dá plena satisfação á justiça de Deos pelos gostos peccaminosos de que o homem gozou. Ella, sem dúvida, he o maior mal da natureza, porque priva da vida, que he fundamento de todos os bens, e aparta ao homem para sempre da companhia dos vivos. Isto he o que a fazia ser para aquelle Rei, de que falla a Escriitura, e que estava perto de perder a vida, tão sensível, e amargosa: *Sic separas, amara mors?* O' morte (dizia elle) assim me separas de tudo o que amo?

Na verdade he hum grande castigo o desterro, porque todo o vivente ama o lugar do seu nascimento, como origem do seu ser, e centro do seu descanso. Filon o julga mais infoffrivel do que a morte; porque a morte todos os males acaba, e o desterro lhes dá principio: huma fecha a porta aos nossos tormentos; e o outro abre-a ás novas afflicções: *Mors est finis veterum malorum, exilium verò initium novorum.* Ora não ha desterro mais longo, maior, nem mais terrivel do que o da morte: ella nos separa de todos os nossos conhecimentos, e nos desterra para hum paiz, onde tudo para nós he desconhecido.

Hum homem vivo, que está desterrado  
da

da sua patria , em toda a parte encontra  
ceo , e terra ; e muitos ha que tem por di-  
vertimento o viajar : e que differença ha  
entre o degradado , e o viajante , senão abor-  
recer hum o seu desterro , e amallo o ou-  
tro ? Hum , estar desterrado com vontade ;  
e o outro contra ella. Mas hum homem ,  
que morre , he desterrado por força do seu  
paiz , he privado a seu pezar de todas as  
suas cousas , e he constangido a deixar até  
o seu proprio corpo. Não he este hum gran-  
de castigo ? Deve-se pois confessar , que en-  
tre todas as satisfações que se podem dar á  
justiça de Deos , nenhuma ha que lhe seja  
mais honrosa do que a morte do peccador.

Muitos são os que se affligem na hora  
da morte com a lembrança dos seus pecca-  
dos ; e vendo que até alli não fizerão peni-  
tencia alguma , são tentados de huma im-  
provisa desesperação. Oh se eu tivesse jejua-  
do ! dizem elles. Oh se tivesse usado dos ci-  
licios ! Oh se eu tivesse dado muitas esmo-  
las aos pobres ! Ah ! já não estou no estado  
de fazer nada disto ; que será de mim ? Pa-  
ra onde irei ? Mas devem advertir que po-  
dem ainda fazer huma cousa melhor que  
todas essas , que he aceitar a morte com  
boa vontade , e unilla á de Jesus Christo.  
Não ha mortificação alguma que possa com-  
parar-se com esta. Ella he a mais profunda  
de todas as anniquilações ; he a pobreza

maior de todas ; he a mais horrivel de todas as penitencias : e eu estou certo que todo aquelle , que com verdadeiro pezar de ter offendido a Deos , acceita a morte voluntariamente em satisfacção dos seus peccados , no mesmo instante alcança o perdão delles. Que consolação pois não devemos ter de podermos fazer na morte huma penitencia maior do que aquella , que fizerão os Anacoretas no deserto , e em hum tempo , que parece improprio para fazer cousa alguma ! Que dor , ver innumeraveis Christãos privarem-se do fruto da morte , que entre todas as penas da vida he aquella , que a todas excede no merecimento ! *Ut quit perditio hac ?* Para que he perdermos huma occasião tão grande de honrar a Deos , de satisfazer á sua justiça , de pagarmos nossas dividas , e de merecermos o Ceo ?

### S E C Ç Ã O III.

*A morte he hum signal de amor , e de agradecimento.*

**H**E a morte não só a maior de todas as penitencias , mas tambem a maior prova de amor , que podemos dar a Jesus Christo. Não se pôde mostrar maior amor a hum amigo , do que morrer por elle : *Maiorem hac dilectionem nemo habet , ut animam suam*  
po-

*pōnat quis pro amicis suis.* (cap. 15. v. 13.) Jesus Christo com dar a sua vida adquirio hum legitimo direito sobre a nossa; e assim como o preço que elle deo excede infinitamente o valor do que comprou, tambem a nossa vida he sua por infinitos titulos, e nós somos obrigados a fazer-lhe em agradecimento hum sacrificio della.

Vede o discurso do Apostolo: *O amor de Jesus Christo nos obriga, e nos aperta a amallo. Elle morreo por todos, para que todos aquelles que vivem, não vivão mais para si mesmos, mas para aquelle, que morreo por elles.* (2. Cor. 5.) Na sua Epistola escrita aos Romanos diz o mesmo, mas com palavras mais fortes, e mais persuasivas: *Nemo nostrum sibi vivit, & nemo sibi moritur: si ve enim vivimus, Domino vivimus; si ve morimur, Domino morimur; si ve ergo vivimus, si ve morimur, Domini sumus.* (Rom. 14. v. 7.) Não ha pessoa alguma, que viva para si mesma, nem que para si mesma morra: se vivemos, para Deos vivemos; se morremos, para Deos morremos: logo ou vivamos, ou morramos, somos de Deos. Elle morreo, e resuscitou para ter dominio sobre os vivos, e mortos.

Este direito não se lhe póde negar; mas o seu amor nos pede com instancia, o que a justiça nos não permite negar-lhe: *Charitas Christi urget nos.* Jesus Christo mor-

seu, e morreu por nós. Pois morrendo elle, quem quererá isentar-se de morrer? E morrendo por nós, quem deixará de querer morrer por elle?

mo. S. João Damasceno fallando da Santissima Virgem Maria, lhe diz estas palavras: O' Virgem Santa, a morte não vos fez feliz, antes vós a fizestes suave, e gloriosa: vós lhe tirastes toda a amargura, e a fizestes objecto de satisfação, e de gosto: *Non te mors beatam reddit, sed ipsa mortem exornasti, ut potè que ejus mœstítiam sustuleris, & mortem gaudium esse plenum feceris.* (Serm. i. de dorm. Virg.)

A morte na verdade veio a ser amavel, depois que entrou no sagrado corpo de Maria Virgem; mas muito mais desde que tocou no adoravel coração do Filho de Deos, e repousou no seu seio. O seu calis he doce, depois que o bebeo Maria; mas ainda he sem comparação mais doce, depois que o tocarão os labios do Salvador. Ah! e quem terá tormento em bebello depois d'elle? Na verdade, se fôssemos immortaes, devíamos pedir a Deos que nos fizesse a graça de nos deixar morrer, para imitarmos ao seu unigenito Filho; e me parece que eu não seria feliz no Ceo, se fosse dispensado de morrer, depois que Jesus, e Maria quizerão sujeitar-se ao rigor desta lei.

*Elias*, me direis vós, não morreo. E

eu vos digo , que isso he o que falta á sua felicidade ; e por isso mesmo tornará no fim do mundo á terra , e a ella virá para morrer ; e ganhar a palma que falta ao seu triumpho. Eu julgo que elle vive agora em huma fantástica impaciencia de ver chegar aquelle dia , que o deve fazer semelhante ao Filho de Deos , e pôr a coroa á sua bemaventurança eterna.

Com effeito , o amor só com outro amor se paga. Elle he tão nobre por sua natureza , que só pôde igualar-se comigo mesmo , não havendo nem no Ceo , nem na terra cousa , com que possa emparelhar. Confesso que a nossa vida he hum nada em comparação da de Jesus Christo ; mas quando he offerecida com amor , tem hum valor , que excede toda a estimação. Que cousa he para Deos huma esmola de duas pequenas moedas do menor valor ? Com tudo , a que deo a pobre viuva , como diz a Escritura sagrada ; mereceo ser louvada pelo Filho de Deos , e preferida á dos Escribas , e dos Fariseos , que tinham dado esmolas muito mais consideraveis. E porque ? O mesmo Jesus Christo o diz. Deo quanto tinha ; e o deo com todo o coração , e vontade , não obstante ser grande a sua pobreza : *Hec de penuria sua omnia que habuit ; misit totum victum suum.* (Marc. 12. 4.)

O mesmo podemos dizer daquelle , que

dá a Deos a sua vida: Elle dá tudo quanto possue, e nada reserva para si. Isto he o que fazia correr os primeiros christãos com tão grande affecto para o martyrio: querião restituir ao Senhor a vida que delle tinham recebido, e compensar com a sua morte, a que elle tinha padecido pelo seu amor. Nós já naquella hora não podemos ser Martyres. Oh que afflicção! Porém ainda podemos morrer por amor de Jesus Christo. Ainda temos huma vida, que podemos dar pelo seu amor. Oh que consolação!

#### SECCÃO IV.

*A morte dá fim a nossos trabalhos.*

**E** Stas razões devem fazer impressão naquellas almas nobres, e naquelles verdadeiros christãos, que tem para com Jesus Christo alguns sentimentos de agradecimento, e amor. Mas ainda quando só cuidassemos em os nossos proprios interesses, deviamos desejar a morte como bem incomparavel, pois dá fim a nossos trabalhos, que são innumeraveis.

Salamão, o mais sabio, e o mais feliz de todos os Reis, chama á vida hum jugo infoffrivel, que Deos poz sobre os nossos hombros: *Fugam grave super filios Adam, & die exitus de ventre matris eorum usque in diem*



*-diem sepulturae.* Hum jugo leva-se com trabalho, e o seu pezo se larga com alegria. Assim deviamos viver; assim deveriamos morrer.

Perguntando o Rei do Egypto ao grande Patriarca Jacob quantos annos tinha, respondeo que tinha cento e trinta, e que os dias da sua peregrinação, isto he, da sua vida erão breves, e máos: *Parvi & mali.* (Gen. 47.9.) Breves a respeito dos seus antepassados, que vivêrão novecentos annos; máos a respeito dos seus, porque erão huma cadeia de continuos trabalhos, e afflicções. Com tudo, o tempo em que elle vivia pôde-se chamar a mais bella, a mais suave; a mais aprazivel estação da Natureza; era em certo modo então a sua Primavera: mas agora que por todá a parte reina hum frio Inverno, e a terra só produz espinhos, e cardos; os nossos dias só se contão pelas nossas afflicções, e só se distinguem pela sua malicia, como disse o Filho de Deos: *Sufficit dies malitia sua.* (Matth. 6. 34.)

Duvidão os Santos Padres se a morte he castigo; ou premio; e se he melhor viver que morrer. Quanto á primeira pergunta, são obrigados a sujeitar-se á Fé, e a dizerem, que a morte foi para Adão castigo; mas assentão que para os seus filhos he premio; e remedio, porque os livra de innumeráveis males, de que a vida está cheia.

San-

Santo Ambrosio proferio a seguinte proposição na oração funebre que fez nas Exequias do Imperador Valentiniano: *Tantis malis hac vita repleta est, ut comparatione ejus mors remedium putetur esse, non poena.* Esta vida está cheia de tantos males, que a morte comparada com ella he remedio, e não castigo.

Santo Agostinho nos representa hum homem vivo, como hum réo mettido nos tormentos pela justiça. Ouvio-se já dizer de algum réo, que amasse, e fizesse gosto de estar mettido nos ratos, e lamentar-se por não durarem mais tempo; ou pelo livrarem delles? *Quid est diu vivere, nisi diu torqueri?* (Serm. 7. de verbo Dom.) Que cousa he viver muito tempo, senão ser muito tempo atormentado? Pedro de Blois tira desta proposição de Santo Agostinho a seguinte conclusão: Se toda a vida he hum tormento, acabar a vida he hum beneficio: *Si tota vita tormentum est, beneficium est subito finire vitam.* (Petr. Bles. Serm. 5. de Adv.)

O que este Santo Doutor acrescenta depois, he excellente, e digno do seu grande engenho. Diz pois, que he hum effeito da misericordia de Deos ter-nos condemnado á morte; e que o homem tendo-se feito com o seu peccado miseravel, Deos o fez mortal para dar remedio á sua miseria; a vida seria para elle hum pezo insoffivel, se du-

durasse sempre ; a sua pouca duração he a maior consolação dos affligidos ; e a certeza que elles tem de morrer brevemente , he de todos os remedios o que procura o maior allivio á sua pena : *Qui peccando fecerat se miserum , mortalis factus est in miseria remedium : cum enim miseria sit miserum esse , gravissima esse sarcina sine fine miseriam adesse. Vita brevitatis miseris est in remedium , quia hoc ipso quod cito moriuntur , tolerabilius cruciantur.*

He cousa estupenda não condemnar Deos Cain á morte por ter morto seu mesmo irmão , mas sómente a andar sobre a terra vagabundo ; porque era decente á justiça Divina não deixar sem castigo o primeiro homicidio ; e o Direito quer que se tire a vida áquelle que a tirou , com especialidade a hum irmão o mais innocente de todos os homens , e em o nascimento do mundo , quando tudo era de consequencia para o futuro , porque devia servir de regra a toda a posteridade. Terrulliano responde a esta questão , (lib. 2. contr. Marc.) dizendo ; que Deos deixou a vida a Cain como o maior , e mais terrivel de todos os castigos ; o morrer teria sido para elle hum castigo muito leve : era preciso deixallo vivo sobre a terra pelo espaço de alguns seculos. O infeliz , diz elle , desejava a morte ; era insoffrivel a si mesmo ; por toda a parte buscava o fim  
do

do seu desterro: mas Deus prolongou a sua vida para fazer mais dilatarado o seu castigo: *Cupidum mortis vetuit mori, ut lueret delictum.* Não he logo premio a vida, mas castigo. Esta he a resposta dos Padres á primeira pergunta que propuz.

Quanto á segunda, dizem todos geralmente que he melhor morrer que viver. A sua opinião he fundada sobre o testemunho das sagradas letras, que declaráo, que se considerarmos a vida em si mesma, o melhor he não nascer; e supposto termos nascido, morrer com brevidade he o melhor. Tudo diz expressamente o Rei dos Sabios, depois de ter gozado de todos os gostos da vida: *Laudavi magis mortuos quam viventes, & feliciorum utroque iudicavi, qui necdum natus est, nec vidit mala, que sub Sole sunt.* (Eccl. c. 2.) Eu repucei por mais felices os mortos que os vivos; e julguei que a sorte de huns; e outros se devia preferir á daquelles, que ainda não nascêrão, nem verão os males; que se commettem no mundo.

Santo Ambrosio dá disto huma bellissima razão, dizendo, que aquelle que morreu, cessou de peccar; e o que não nasceu, não soube peccar: *Mortuus profertur viventi, quia peccare deservit, mortuo profertur, qui natus non est, quia peccare nescivit.* (In Pl. 100.)

Neste mesmo sentido se lamentava Jeremias de ter vindo ao mundo. (cap. 20) Job mal-

maldizia o dia do seu nascimento. (cap. 3.) Elias pedia a Deos a morte como hum favor. (2. Reg. 24.) Ah meu Deos, dizia Jonas, peço-vos que me leveis deste mundo, porque a morte, ainda que terrivel, será para mim mais suave, sem comparação, do que a vida: *Domine, tolle queso animam meam, quia melior mihi est mors, quam vita.* He preciso que a vida seja hum grande mal, pois os homens mais santos, e os maiores amigos de Deos a julgavão mais enfadonha que a morte, e até mais insoffrivel do que o inferno, quero dizer, do que o Limbo, para onde hião depois de morrerem.

Job he hum Juiz, que se póde aceitar nesta materia, porque teve experiencia do bem, e do mal. Esta he, em poucas palavras, a sua sentença: *Homo natus de muliere, brevi-vivens tempore, repletur multis miseriis*: O homem nascido da mulher vive muito pouco tempo, e está cheio de muitas misérias. Como se dissesse: O homem, que nasceo de Deos, agora nasce de huma mulher; aquelle, que era immortal, ao presente vive muito pouco tempo; e aquelle, que gozava de todas as delicias do Paraiso, agora no mundo está cheio de muitas misérias.

S. Bernardo (*Hom. de duod. grad.*) faz sobre estas mesmas palavras maravilhosas reflexões. O homem, diz elle, está cheio de muitas, ou antes, de todas as misérias, do

corpo, do animo, e do coração. Miseravel quando dorme, quando está acordado, é miseravel de qualquer parte que se volte, *Secundum Consideranti tibi quis sis, occurret tibi homo nudus, & pauper, & miser, & miserabilis.* Se considerares o que és, acharás seres hum homem nú, pobre, infeliz, e por todos os modos miseravel. *Homo dolens, quòd homo sit:* Hum homem, que se doe de ser homem. *Erubescens quòd nudus sit:* Que se envergonha de estar nú. *Plorans quòd natus sit:* Que chora, porque nasceo. *Murmurans quòd ad laborem natus sit:* Que murmura por ter nascido para o trabalho. Eis-aqui o que he o homem.

Santo Agostinho observou com razão que todos os homens, que vem ao mundo, primeiro chorão do que riem: chorão ao sair do ventre de sua mãe, e só riem dahi a muito tempo; e a occasião do seu mal he estar prevenido os muitos que tem de padecer. Chama-lhes por isso pequeninos profetas da sua propria miseria: *Quando plorabat nascens, propheta sua calamitatis erat.* (Serm. 24. de verb. Apost.) Couza estupenda! O menino que vem ao mundo ainda não pôde desfazer a lingua para fallar, e já profetiza a desgraça que lhe deve succeder: *Nandum loquitur, & jam prophetat.*

O mesmo Santo refere, e approva o costume daquelles povos, que choravão no dia

dia do nascimento dos seus filhos, e se alegravão no da sua morte; porque, diz elle, o hõtem nasce para o trabalho, e morre para seu descanso: *Homo nascitur ad laborem, moritur ad requiam*. Nós temos maior fundamento de entrarmos nestes sentimentos, porque somos illustrados com as luzes da Fé. Como nos alegraremos ja mais em o nascimento de hum homem, que he concebido em peccado, nascido com dor, opprimido da miseria, consumido da tristeza, mirrado de afflicção, perseguido da pobreza, atormentado pelas enfermidades, arrebatado pela morte, e talvez sepultado no inferno, depois de tudo isto?

Seneca disse com alguma razão, que se dependesse da eleição de huma alma o entrar, ou não entrar no seu corpo, antes queria entrar no seu nada, do que sahír á luz do dia, vendo a horrènda prizão em que está para se enfiar; o lodo infame, em que ha de submigrar-se; os infinitos peccados, que talvez commetterá; os males sem número, que se expõe a soffrer. A natureza, diz o mesmo Seneca, engana os meninos ao dar-lhes a vida: fecha-lhes os olhos; para que não vejam a multidão dos tormentos, que devem dar exercicio ao seu soffrimento: *Vita fallax, vita misera, nemo accipere eam, nisi daretur insciis*.

Entraria em hum campo a que não acharia

62      *A Morte suave, e santa.*

ria fim, se quizesse fazer a relação de todas as misérias que acompanhão a nossa vida. Muitos Authores a fizeram, e cada hum de nós, sem ter estudado, a faz com a experiencia. Não ha algum, que com o íntimo do seu coração não diga juntamente com o sabio filho de Sirach: *O' mors, bonum est iudicium tuum homini indigenti, & qui minoratur viribus, defecto atate...* (Eccl. 41.) Oh morte, quanto he suave, e agradavel o teu juizo para aquelle, que cahio na indigencia, e está carregado de annos! *Melior est mors, quàm vita amara; & requies aeterna, quàm languor perseverans.* (cap. 30.) A morte he digna de ser preferida a huma vida penosa, e cheia de amargura; e hum repouso eterno a huma frouxidão, e penalidade que persevera. Eis-aqui o que atormentava a S. Gregorio Nazianzeno, e o constancia a dizer continuamente a Deos: Senhor, despojai-me desta carne, de que estou vestido, como de hum habito assás pezado, e concedei-me hum mais leve.

S E C Ç Ã O V.

*A morte livra ao Christão do perigo de se condemnar.*

**S**ão os males, que até aqui tenho referido, communs a todos os homens, assim *fieis*, como *infieis*; mas devemos considerar  
que



que hum Christão tem mais fundamento, do que hum Pagão, para desejar a morte; não só porque lhe dá entrada para huma vida melhor, mas também porque acha muito menos satisfação na terra do que elle; pois se vive como Christão, he obrigado a fazer huma vida moribunda; a crucificar os seus sentidos; a combater as suas paixões; a renunciar os seus desejos; a mortificar as inclinações da natureza; a submeter-se ao pezo de huma cruz; a ter horror a todos os divertimentos do seculo; e a fazer da propria vida hum martyrio: *Christiani vita martyrii disciplina.* (Tertull.)

Tudo isto promettemos a Deos no baptismo; com esta condição fomos recebidos na Igreja; isto manda o Evangelho; tudo isto ordena S. Paulo; e esta he a doutrina dos Santos Padres, e entre outros de Santo Agostinho, que proferio esta famosa sentença: *Tota vita Christiani, si secundùm Evangelium vivat, crux est, & martyrium*: Toda a vida de hum christão, se he conforme ao Evangelho, he huma cruz, e hum martyrio. Adverti que elle não falla da vida de hum Religioso, mas de hum Christão: *Christiani*. Não diz que deve ser hum divertimento, mas huma cruz, e hum martyrio: *Crux, & martyrium*. Não huma parte da sua vida, mas a vida inteira: *Tota vita*. Logo he evidente que hum verdadeiro Christão não pó-

de achar gosto no mundo ; e aquelle , que nelle acha doçura , não he verdadeiro Christão. Se elle não vive como Christão , ainda he mais infeliz ; porque a Fé , da qual combate as maximas , igualmente combate os seus desejos. Ella levanta hum tribunal no meio do seu coração , para o qual o cita , no qual o accusa , o julga , o condemna , e depois o entrega nas mãos da sua consciencia , para que de dia , e de noite seja atormentado. Como (lhe diz ella) como , infeliz , crês huma cousa , e fazes outra ? Dizes que tens Fé , e fazes huma vida de Pagão ? Isto he o que perturba os prazeres dos mãos Christãos , e lhes não consente serem felices na terra.

Logo tenho razão em dizer que hum Christão não pôde amar a vida. Se vive conforme a Fé , he infeliz no corpo ; senão vive conforme a Fé , he infeliz na alma. Se obedece ao Evangelho , deve ter odio a si mesmo. Se he discipulo de Jesus Christo , o mundo lhe desagrada , e elle desagrada ao mundo ; senão he , Deos lhe desagrada , e elle desagrada a Deos. Que paz , diz hum Profeta , pôde ter hum homem , que faz guerra a Deos ? De toda a sorte pois he insoffriavel a hum Christão a vida presente ; e a maior felicidade que lhe pôde succeder , he sahir della o mais depressa que puder , como diz muito bem Tertulliano : *Nibil nostra*

*tra refert in hoc oratio, quam de eo celeriter excedere.*

Confesso que os justos gozão alli huma paz, da qual os ímpios não sabem gostar, nem comprehender: *Pax exuperans omnem sensum.* Deos se lhes communica de hum tão admiravel modo, que ás vezes não sabem dizer, como não sabia S. Paulo, se são em corpo, ou em espirito arrebatados ao Ceo. Mas ai de mim! que pouco dura este prazer; este tempo he bem doce: *Felix hora;* mas não dura muito: *Sed brevis mora.* Depois disto he preciso tornar a entrar nos perigos, e na batalha: he preciso gemer debaixo da tyrannia das injustas paixões: he preciso estar sobre as armas de dia, e de noite.

Na verdade a nossa vida, se bem se considera, não he mais do que huma guerra, e huma tentação continua. Assim lhe chama Job. Não ha instante no dia, em que o demonio nos não arme alguma traição, e as nossas paixões nos não mettão em algum perigo. Tanto que acabastes de domar a avariza, assalta-vos o gofsto. Desprezastes o gofsto? A ambição lhe succede, e com maior crueldade vos atormenta. Rebatestes a ambição? A ira vos transporta, a soberba vos incha, e desvanece, a inveja vos devora, a gula vos embrutece, a sensualidade vos contamina, o temor vos gela, a impaciencia

E

VOS

vos mata. Com estes inimigos nunca a guerra he acabada. Quando vos julgais vencedor, no mesmo instante vos vedes vencido. Este discurso he de S. Cypriano! Ah! grande Deos, (continúa elle) que gosto se pôde achar em viver entre leões, e tigres, entre fogos, e rodas, entre lanças, e espadas, entre o medo, e o espanto?

Não ha homem na terra, por mais virtuoso que seja, e por mais merecimentos que tenha, que possa assegurar-se de perseverar até á morte em graça de Deos. Que digo, até á morte? Não ha algum, que possa passar hum dia sem commetter muitos peccados veniaes. Ah! basta hum só para começar a nossa ruina! quero dizer, que basta huma infidelidade para desviar-nos do caminho da Providencia, e para fazer-nos depois cahir no peccado mortal. Quantos Anacoretas derão vergonhosas quedas, depois de haverem envelhecido no meio de hum deserto debaixo das armas da Penitencia? Quantos doutores vierão a ser hereges, depois de terem sustentado a Igreja com a sua doutrina, e exemplo? Quantos Prégadores se perdêrão, depois de terem salvado a muitos? Quantos Confessores se fizerão demónios, depois de terem feito huma vida de Anjos? Quantos Religiosos vierão a ser apóstatas, e quantas Virgens a ser deshonestas, depois de terem seguido o Cordeiro por mui-

to tempo , com huma santissima , e innocentiſſima vida? Que quêda mais terrivel do que a de Salamão , de Judas , de Origenes , de Terrulliano , do grande Ofio , de Jacob o Eremita , da tia de S. Gregorio , e de outras innumeraveis pessoas de grande merecimento , que renunciárão a Fé que tinhamo defendido , e a virtude por elles tão longo tempo praticada? Quem me diz , que me não succederá o meſmo , pois faço huma vida quaſi inutil ; tão tépida , tão má , tão culpavel , e só mal tenho feito deſde que vivo no mundo? Tudo iſto he muito para ſe temer , e ſou temerario , ſenão o temo.

Porém quando eſtivéſſe certo de perſeverar , e de não cahir em peccados graves , ao menos não poſſo viver ſem peccado ; e não paſſará dia algum da minha vida , em que eu não offenda a Deos , por mais eſtudo que faça para me conformar com a ſua vontade. Oh infeliz neceſſidade de offender a Deos! Oh vida miſeravel , e deſgraçada , em que o bem he raro , o vicio ordinario , as quêdas frequentes , e continuas as infidelidades ! Oh com quanta razão deſejava S. Paulo a morte , e dizia gemendo : *Mifelix ego homo , quis me liberabit de corpore mortis hujus?* (Rom. c. 7. v. 24.) Infeliz homem , quem me livrará deſte corpo da morte? Ah ! eu ſinto em mim paixões rebeldes , que não querem ſujeitar-ſe á lei do meu en-

rendimento, e que me fazem prizioneiro da lei do peccado, que reina nos meus membros.

Elias, vendo os peccados que Te commettião na terra, dizia a Deos: *Sufficit mihi, Domine: tolle animam meam, neque enim melior sum, quàm Patres mei.* (Reg. 19. 4.) Não vivi já bastante? Não estou no mundo ha muito tempo? Eu não sou melhor do que forão os meus antepassados: rogo-vos que ponhais fim á minha vida, e livrai-me da miseria em que estou. Sei que, se morro, irei para o Limbo; mas antes quero estar naquella horrenda prizão, do que viver mais tempo na terra. Eis-aqui qual he o desejo dos Santos. Na verdade, he necessario que tenha pouco amor a Deos aquelle homem, que pôde amar a vida, na qual nem hum fôdia pôde viver sem offendello.

Com razão disse Santo Ambrosio, que Deos quiz que a morte fosse a pena do peccado: se fôssemos immortaes, seria a culpa eterna: *Passus est Dominus sub intrare mortem, ut culpa cessaret.* (Lib. de bono mort. c. 4.) Não devemos já (continúa elle) considerar a morte como fim da vida, mas como fim do peccado; nem como termo da natureza, mas fim da malicia: *Si bene discutias, non finis natura mors ista est, sed malitia.* (lib. de Fide resurrectionis.) O mesmo diz na Oração que fez na morte de Valentiano: Suppli-

co-vos, Senhor, façais que a sua alma ache o repouso que elle desejava, e conheça que a morte não he tanto fim da vida, como do peccado: *Inveniat, obsecro, Domine, requiem anima ejus, & agnoscat mortem non tam finem esse vitæ quàm culpæ.*

Em fim, a morte porá termo a todas nossas misérias, espirituaes, e temporaes; livrar-nos-ha das tentações do mundo, das traições de Satanaz, da corrupção da carne, das occasiões do peccado, do infoffrivel pezo do nosso corpo, da guerra do homem antigo, do escandalo das pessoas contaminadas, da companhia dos ímpios, da perfidia dos falsos amigos, da tyrannia das nossas paixões, e em especial da infeliz, e lamentavel necessidade de offendermos a Deos. Daqui vem chamar Tertulliano á sepultura hum asylo de refugio, e huma morada de liberdade: *Asylum refugii, libertatis domicilium*; e eu lhe chamo o desterro do peccado, o palacio da innocencia, o reino da piedade, a entrada da gloria. E não são todas estas razões motivos muito poderosos para fazer que a morte nos seja agradavel?

Fazemos muito mal, diz S. Bernardo, em nos affligir com a morte dos nossos amigos; devemos antes encher-nos de alegria, porque ella os livra das misérias da vida, da tyrannia do peccado, e do continuo perigo de merecerem a condemnação eterna:

Tri-

70      *A Morte suave, e santa:*

*Triplex in morte congratulatio est hominem ab omni labore, peccato, & periculo liberari.*  
E como pois podemos temer a morte, que nos livra de tantos males, e nos procura tantos bens?

Sem dúvida me direis, que não a temeríeis, se estivesseis seguros da vossa salvação; e que só desejaís a vida para terdes tempo de fazer penitencia. Oh quanta illusão contém este pensamento! Para fazerdes penitencia, dizeis vós, dos vossos peccados: mas estais seguros de que não commettereis mais algum: Para fazerdes boas obras. E não sabeis que deshonorais mais a Deos com hum peccado, do que o podeis honrar com todas as boas obras que podereis fazer? Para que (pergunta S. Bernardo) desejamos a vida com tanto ardor, se quanto mais longa ella he, tanto mais numerosos são os nossos peccados? *Cur ergo tantoperè vitam istam desideramus, in qua quantò amplius vivimus, tantò plus peccamus: quantò est vita longior, tantò culpa numerosior?*

Confesso que não podemos desejar a morte com impaciencia; mas com conformidade podemos desejava-la para nos livrarmos das miserias deste mundo, para não vermos mais as afflicções, e perseguições da Igreja, e com especialidade para não offendermos mais a Deos, e estarmos em estado de o amar. Esta he a consideração que obrigou



gou Santo Agostinho a pedir a Deos o fim da sua vida. Vendo este grande Prelado a Africa destruida, e assolada pelos Vandalos, pedio a Deos que livrasse o seu povo de tantos males, ou lhe concedesse paciencia para soffrellos, ou o tirasse a elle do mundo: este ultimo favor lhe foi concedido.

S. Bernardo era hum dos maiores Santos da Igreja; huma alma innocentissima, e hum perfeito modelo de todas as virtudes: com tudo enfastiava-se de viver, vendo-se sujeito a tantos peccados. Estes erão os sentimentos da sua humildade, e do seu amor: *Vivere erubesco, quia parum proficio: mori timeo, quia non sum paratus. Malo tamen mori & misericordiae Dei me committere, quia benignus est & misericors, quam de mala mea conversatione alienis scandalum facere.* (Lib. de inter. Dom.) Envergonho-me de viver, porque não aproveito, nem me adianto na virtude; e temo morrer, porque não estou preparado. Porém antes desejo morrer, e entregar-me á misericordia do meu Deos, porque he bom, e misericordioso, do que viver mais dilatarado tempo, e escandalizar os meus irmãos com a minha má vida.

Nós podemos dizer de nós mesmos com verdade quanto S. Bernardo, por humildade, dizia de si: Por grande fundamento que tenhamos para temer a morte por nossas contas não estarem justas, ainda o temos maior

para desejala , com tanto que tenhamos confiança em Deos ; porque vivendo , em lugar de diminuir nossas dividas , nós as augmentaremos , e não poderemos fazer penitencia do passado , sem nos fazermos cada dia mais culpados para o futuro , crescendo em número , e malicia os nossos peccados á medida do que nos adiantamos na idade , e no conhecimento , depois de tantos beneficios da parte de Deos , e de tantas infidelidades , e ingratições da nossa parte.

## S E C Ç Ã O VI.

*A morte nos faz passar para huma melhor vida.*

**A** Consideração dos nossos peccados , e da nossa miseria he huma causa muito forte para nos desapegarmos da vida ; mas a esperança do Paraíso , no qual não poderemos entrar , se a morte nos não abrir a portta , tem incentivos , e agrados , que devem ganhar todos os affectos do nosso coração.

Todos os astros se encaminhão para o seu centro , e buscão o lugar do seu repouso. Todos os enfermos desejão a faude. Todos os escravos suspirão pela liberdade. Todos os viajantes tem hum summo desejo de tornar para o seu paiz. Todos os que navegão se alegrão á vista do porto. Quem  
pois

pois não desejará a morte, que he o ultimo termo das nossas penosas viagens, da nossa miseria, da nossa fadiga, do nosso desterro, e depois da qual, entramos no porto da felicidade, no reino da paz, e no centro de todos os gostos?

O homem não he mais do que miseria, e por isso todo he desejo: a insaciavel cubiça que o estimula, e devora he hum sinal da sua perfeição, e da sua indigencia: da sua perfeição, porque o desejo procede de hum coração nobre, e capaz de hum grande bem; da sua indigencia, porque como só desejamos o que não possuimos, este desejo suppõe necessidade.

Porém por mais innumeraveis que sejam os nossos desejos, todos vão terminar em hum fim, que he a felicidade eterna. A multiplicidade, diz Platão, se reduz á unidade: assim a multiplicidade da grandeza se reduz á unidade da Monarquia; a multiplicidade dos conhecimentos á unidade de hum principio; a multiplicidade dos bens á unidade do bem supremo; a multiplicidade dos desejos á unidade da felicidade. Se pois queremos ser felices, devemos amar a morte, que nos procura o gozo da felicidade.

Toda a passagem tem dous termos, hum que se deixa, outro a que se chega. Que he o que deixamos na morte? Cruzes, misérias, afflicções, inquietações, pobreza,  
enr.

enfermidades, dores, e perseguições. Que adquirimos na mesma morte? A alegria, a paz, o descanso, o gozto, a honra, a gloria, e a abundancia de todas as cousas: *Quanta erit illa felicitas*, diz Santo Agostinho, *ubi nullum erit malum, nullum latebit bonum, vocabitur Dei laudibus, qui erit omnia in omnibus.* (lib. 22. de Civit. Dei.) Oh quanto será grande a nossa felicidade no Ceo, porque alli não padeceremos mal algum, e possuiremos todo o bem! Alli cantaremos eternamente os louvores de Deos, o qual será para nós tudo em todas as cousas. Vós temeis morrer; e sabeis vós que, depois da morte, haveis de ser immortal, que haveis de achar em Deos quanto deseiais, e que nada haveis de achar do que temeis? O voffo entendimento no Ceo estará cheio de huma enchente de luz, a vossa vontade de huma enchente de bens, e os vossos sentidos de huma enchente de gostos: *Ipse rationi factus est plenitudo lucis; ipse voluntati plenitudo pacis; ipse memoria continuatio aternitatis.* (S. Bern.)

O' boa morte, que nos tiras a vida para nos dar por ella outra melhor, que no-la tiras por algum tempo, mas que no-la debes dar para sempre: *Libenter carebo, ut in aeternum possideam.* Voluntariamente a perderei para possuilla por toda a eternidade. (S. Bern. de transf. Malach.)

Deste pensamento se valeo Santa Synforosa para excitar hum dos seus filhos ao martyrio : *Nate* (lhe disse ella) *suspice caelum : non tibi vita eripitur , sed mutatur* : Filho meu , olha para o Ceo ; não se te tira a vida , mas se muda em outra melhor. S. Gregorio Nazianzeno compara a morte com huma Parteira , que tira hum menino do ventre de sua mái. Se este menino tivesse uso de razão , não teria elle horror de se ver dentro de huma escura prizão submergido em fangue , e immundiciã , e privado do uso de todos os seus sentidos ? Se lhe deessem noticia da formosura que ha no mundo , não teria elle hum summo desejo de sahir da sua prizão ? e não ficaria muito obrigado á Parteira que lhe fizesse ver a luz do dia ? Nós estamos neste mundo como hum menino no ventre de sua mái ; a morte nos livra desta prizão , e faz nascer para nós esse formoso diã da eternidade. Ella nos faz ver hum novo Ceo , e huma nova terra , da qual os habitantes são infinitamente bemaventurados : e nós não queremos sahir deste escuro carcere , e gostamos mais estar consumidos de miserias , do que ir para aquelle novo mundo , no qual acharemos a satisfação completa de todos os nossos desejos.

S. Cypriano no seu formoso Livro da Mortalidade , para consolar os Christãos , que  
fo-

forão affligidos com huma horrivel peste , que pelo espaço de quinze annos assolou toda a Africa , mostra com muitas razões , que o Christão em lugar de temer a morte , a deve desejar. Bom será referir aqui alguma cousa do que elle diz , pois o seu assumpto he o mesmo que o meu.

» He preciso , meus Irmãos (lhe diz elle) que considereis , e tendes sempre na » memoria que renunciámos o mundo , e » que vivemos nelle como os peregrinos , e » viajantes , que vão seguindo o seu caminho. Suspiremos pois por aquelle dia , que » mostrará a cada hum de nós o seu aparcamento ; e livrando-nos dos males deste » miseravel mundo , nos dará entrada no » Reino do Ceo , onde nos espera hum grande número de amigos de irmãos , e de » filhos ; e onde huma infinita multidão de » pessoas seguras da sua immortalidade , solícita a nossa salvação , e nos deseja ter » já na sua companhia. Oh que jubilo para » elles , e para nós , quando nos virmos , e » abraçarmos ! *Quanta illic caelestium regnorum voluptas , sine timore moriendi , & cum » aternitate vivendi !* Considerai , Irmãos » meus , o prazer que teremos no Ceo , » onde nunca havemos de morrer , e viveremos para sempre. Que contentamento , » e que felicidade , que nunca ha de ter » fim ! Alli veremos o glorioso coro dos  
Apos-

» Apostolos ; a formosa , e agradavel com-  
 » panhia dos Profetas ; o innumeravel ex-  
 » ercito dos Mártires com as testas todas  
 » ornadas de coroas por terem sahido vi-  
 » ctoriosos dos combates. Alli admiraremos  
 » o pomposo esquadrão das Virgens , que  
 » triunfarão da carne , e do inimigo. Alli  
 » veremos as pessoas caritativas , e miser-  
 » cordiosas , que por haverem distribuido  
 » os bens da terra pelos pobres , ganhárão  
 » a rica possessão do Ceo. Apreçemo-nos ,  
 » meus amados irmãos , para irmos gozar  
 » da sua companhia : desejemos com ar-  
 » dor ir depressa morar com elles para pos-  
 » suirmos com brevidade o nosso Salvador  
 » Jesus Christo. Tenhamos sempre na me-  
 » moria este pensamento , esta resolução ,  
 » este desejo ; porque a recompensa será  
 » tanto maior , quanto maior for este de-  
 » sejo : *Ad hoc fratres dilectissimi , avida cu-  
 » piditate properemus , & cum his citò esse ,  
 » ut citò ad Christum venire contingat , opte-  
 » mus.*

» Oh quanto he vergonhoso , e alheio  
 » da razão pedirmos todos os dias a Deos ,  
 » como fazemos na oração do Padre nos-  
 » so , que seja feita a sua vontade , e ter-  
 » mos repugnancia em obedecer-lhe , quan-  
 » do nos tira deste mundo , e nos chama pa-  
 » ra si ! Nós sahimos desta vida constrangi-  
 » dos da necessidade , devendo sair movidos  
 da

78 *A Morte suave, e santa.*

» da devoção, de huma vontade respeitosa,  
» e obediente. »

Este he o discurso de S. Cypriano, o qual conta a historia, que pouco antes referi, de hum Prelado que temia morrer, a quem appareceo hum Anjo, ou o mesmo Filho de Deos, e com algum enfado lhe disse: *Pati timetis, exire non vultis, quid faciam vobis?* Vós temeis padecer, vós não quereis morrer, que quereis pois que vos faça?

S. Bernardo deo huma similhante correcção a Sudgéro Abbade de S. Dionysio, que estando enfermo temia com extremo a morte. Homem de Deos (lhe disse) não temais despojar-vos deste homem terrestre, que se apêga á terra, e procura abater-vos até o inferno: elle vos atormenta, elle vos combate, elle vos opprime: que vos importa a terra, se ides para o Ceo? Estais para ser vestido de hum vestido de gloria; mas he preciso que primeiro dispais esse vestido de confusão: *Vestire novit illa, non super vestire*: Aquella he hum vestido, e não póde servir de sobre vestido.

Confesso que não podemos ter certeza infallivel de irmos para o Ceo; mas podemos ter conjecturas. Se a nossa consciencia não nos reprehende de nada, diz S. João; se temos confessado nossas culpas com dor; se estamos resolvidos a não tornar a commetrellas; se para isto usamos dos meios, como



o são, a frequencia dos Sacramentos, a  
ção dos bons livros, o cuidado de ouvir-  
los a palavra de Deos; se fugimos da occa-  
ião do peccado; se perdemos de todo o  
ração a quem nos offendeo; se damos es-  
cola; se somos devotos da Santissima Vir-  
em; se nos fundamos sobre os merecimen-  
os de seu Santissimo Filho; e se pomos to-  
a a nossa confiança na sua Sagrada Paixão,  
evemos esperar, e estar seguros de que  
leos ha de ter misericordia de nós, e con-  
der-nos o seu Paraíso, porque assim nos  
tem promettido; e seu unigenito Filho  
mereceo por nós.

Então diremos com o Santo Anacore-  
: Sahe, alma minha, de que temes? Fens  
um tão bom Senhor; ha tanto tempo que  
serves: elle te ama com tanto amor que  
torreo por ti. Sahe, alma minha, e não te-  
ias. Jesus pagou por ti as tuas dividas, sa-  
sfez pelas tuas culpas, respondeo por ti,  
niz ser teu fiador, tem-te promettido o  
u Paraíso, declarou-te por-sua herdeira,  
te fez huma cessão de todos os seus me-  
ecimentos, a qual foi confirmada por Deos  
u Eterno Pai. Deo-te em penhor o seu  
orpo, e o seu sangue, que são as arras  
a tua salvação. Como morreria por ti, se  
uizesse condemnar-te? Ter-te-hia conserva-  
o a vida tantos annos? Chamar-te-hia com  
tanto amor? Ter-te-hia esperado com tanta  
pa-

paciencia? Ter-te-hia concedido tempo para te arrependeres, e fazeres penitencia? Ter-te-hia favorecido com tantas graças, e livrado de tantos perigos? Se choras, serás salvo; se o teu coração se converte, ser-te-hão perdoadas as tuas maldades. Basta hum suspiro para ganhar o Ceo. Huma verdadeira penitencia sempre vem a tempo. Para nós convertermos nunca he tarde. Dilatar até á morte a conversão, he perigoso; mas sempre nos podemos converter em quanto temos vida.

Convertamo-nos pois neste dia, e não temamos morrer: deejemos a morte, em quanto estamós em graça, porque não sabemos o que nos póde succeder. O homem he fragil, a vontade inconstante, o demonio maligno, os objectos enganadores, as occasiões perigosas, tira-nos os costumes. Meu Deos, tirai-me deste mundo agora, que delle tenho apartado o coração. Já basta o muito que tenho vivido nelle: *Tolle animam meam.* Levai-me desta terra de miseria, e de maldição, de peccado, e inconstancia; e mettei-me em lugar, onde sempre vos louve, e nunca mais vos offenda.

*Oh Deos dos Exercitos, ó quanto são admiraveis os vossos Tabernaculos! A minha alma desfalece, e se consome no desejo de entrar na casa do Senhor: o meu coração, e a minha carne são arrebatados de alegria, quando*

do considero que hei de ver o Deos vivo : o parda! acha morada, e a rola ninho, em que ponhão os seus filhinhos. Os vossos Altares, ó Senhor dos exercitos, meu Deos, meu Rei, são também a minha morada. Felices mil vezes, ó Senhor, aquelles, que habitão na vossa casa; porque nos seculos dos seculos vos offerecerão os tributos dos seus louvores.

S E C Ç Ã O VII.

*Exemplos dos Santos, que desejão a morte.*

**N**ão se pôde comprehender o vivo desejo que os primeiros Christãos tinham de morrer, a fim de ir logo para o Ceo. Foi este desejo tão grande, e violento, que incitou muitos a se matarem com as suas proprias mãos; e a se lançarem nos precipicios, imaginando que este era o mais perfeito sacrificio que podião fazer a Deos, e de todos os caminhos o mais breve para chegarem ao Ceo. Os Padres tiveram grande trabalho em combater esta heresia, e em reprimir este furor de devoção. Mas ainda que os Catholicos não umentavão titar a si mesmo a vida, com tudo corrião ao martyrio como para hum delicioso convite, sempre estavão promptos para morrer; e quando se levantava huma perseguição, via-se que milhares delles se apresentavão aos tyrannos.

Este modo de obrar deixava pasmados os Infieis, os quaes attribuião a intrepidez dos Christãos a austeridade da sua vida, e a sua aversão contra todos os gostos dos sentidos. Isto he o que nos refere S. Cypriano: *Sunt qui existiment Christianos, expeditum magis genus, ad hanc obstinationem abdicacione voluptatum eruditi: quò facilius vitam contemnant, amputatis quasi retinaculis ejus, &c.* (lib. de Spect. cap. 1.) Muitos se persuadem que os Christãos (os quaes sempre estão dispostos para morrer) adquirem esta firmeza de animo pelo desprezo de todos os gostos que renuncião, a fim de que não lhes custe perder a vida, tendo-lhe cortado todas as prizoas, fazendo pouco caso de hum hom, de que elles mesmos se privão.

S. João Chrysostomo diz o mesmo dos Christãos do seu tempo. (Hom. 19. in 2. ad Tit.) Morrem, diz elle, morrem na verdade como os outros, porque o seu corpo não he immortal; mas não julgão que seja morte aquillo a que se chama morte: cantão cânticos de alegria, quando hum Christão sahe do mundo, e he sepultado debaixo da terra. Não chamão a esta cerimonia funereal, mas huma pompa, e principio de triunfo: não se atrevem nem a dizer que elle esteja morto, mas dizem que está consumido. O enterro ordinariamente he seguido de acção de graças, e de huma pública alegria;

Desejando cada hum deixar o mundo como elle o deixou , para ir ver Jesus Christo. Finalmente quando hum Christão está visinho á morte , não se vê sua mulher com os cabellos soltos , e descompostos ao pé do seu leito ; nem os filhos chorosos pela imminente perda de seu pai , nem os servos importunos , rogando-lhe com muitas lagrimas que os recomende a alguém ; mas o enfermo livre de todos estes embarços , só cuida em entregar a Deos o seu espirito com a maior devoção , e a melhor graça que lhe he possível. Isto he o que diz S. João Chrysostomo dos Christãos do seu tempo.

S. Paulo era combatido de dous desejos totalmente oppostos , hum de viver , e outro de morrer. Desejava viver para bem dos Fieis ; e desejava morrer para estar com Jesus Christo. Ah ! dizia elle , não sei o que hei de escolher : *Quid eligam ignoro.*

Não sabeis o que deveis eleger ? lhe diz S. João Chrysostomo. E sabeis que a vossa alma em sahindo do corpo ha de ir para o Ceo , e ha de gozar de Jesus Christo ? Fazeis huma vida mortificada , soffreis a fome , a sede , a nudez , a pobreza , as perseguições , e todo o genero de miserias , e não sabeis o que deveis eleger ? Qual he o homem de negocio , que tendo huma não carregada de preciosas mercadorias , e podendo desembarcar em hum porto seguro , quizesse antes

estar embarcado exposto ao naufragio? Qual he o luctador, que ainda queira combater, quando está para ser coroado? Qual será o soldado, que estando na sua mão retirar-se com o seu Principe carregado de despojos, e ir gozar a doçura do descanso, antes queira ficar no campo, e tornar ao combate? Como pois podeis desejar viver longo tempo, achando a vida miseravel, tão tormentosa, tão desagradavel? Ah! diz elle, a caridade de Jesus Christo he a que me sollicita, e faz preferir á minha propria satisfação a salvação do meu proximo. Desejo morrer, desejo viver: desejo morrer para ver Jesus Christo; desejo viver para servillo. Não sei o que hei de eleger: *Quid eligam ignoro.*

Santo André tinha a mesma afflicção que S. Paulo; mas quando se vio condemnado á morte, foi tão grande a sua alegria, que não quiz permitir que se fizesse diligencia alguma pelo seu livramento. Quando o levavão ao supplicio, não caminhava, voava; e tanto que vio de longe o gostoso theatro que lhe estava preparado, estendendo os braços, e dobrando em terra os joelhos, exclamou: *O' bona Crux, que decorem ex membris Domini mei suscepisti! &c.* O' boa Cruz, que recebestes do corpo do meu Senhor huma gloria, e formosura incomparavel! O' Cruz de mim ha tantos annos desleijada, com tanto affecto amada, e procurada  
sem

fem interrupção , e que finalmente me és concedida ! Ó Santa Cruz , tirai-me da companhia dos homens , e restitui-me o meu Divino Mestre : fazei que por vosso meio me receba aquelle , que por vosso meio me resgatou. Esteve pendente da Cruz por espaço de dous dias , e desta cadeira de dores prégando a Fé ; e vendo que alguns querião livrallo dos tormentos , supplicou com a maior instancia ao nosso Deos , que não permittisse que elle fosse tirado dos braços da sua Esposa : o que lhe foi concedido , porque cercado de huma celeste luz , entregou ao Senhor o seu espirito.

O Martyr Santo Ignacio , discipulo dos Apostolos , e cheio do seu espirito , tinha tão grande desejo de morrer , que não havia tormento que não appetecesse para ser unido a Jesus Christo. Este he o modo , com que elle manifesta os sentimentos do seu coração : (Epist. 13.) De noite , e de dia estou prezo entre muitos Leopardos , isto he , soldados , que me guardão , os quaes quanto mais bem lhes faço , tanto mais ferozes , e crueis são contra mim. O meu delicto para com elles he a minha doutrina ; mas nem por isso estou justificado. Praza a Deos que eu seja a preza das feras que me estão preparadas. Com todo o meu coração lhe supplico que não permita que ellas me respicem , como tem feito aos corpos dos ou-  
tros

tros Martyres; mas que me avancem promptamente, me despedacem, e me devorem: *Ignoscite filioli, quid mihi proffit, ego scio. Perdoai-me, ó amados filhinhos, eu sei o que me he util. Agora começo a ser discipulo de Jesus Christo, e desprezo todas as cousas visiveis, para que o possa achar, unir-me com elle, e gozar da sua presença. Quando foi conduzido ao anfiteatro, e ouvio hurrar os leões, exclamou transportado de alegria: *Fruentium Christi sum, dentibus bestiarum molar*: Sou trigo de Jesus Christo, ferei moído com os dentes das feras. Eis-aqui o desejo que este Santo Bispo tinha de morrer.*

O Author que compoz a vida de Santo Ambrosio, e a mandou a Santo Agostinho, chamado Paulino, não o Santo Bispo de Nola, mas hum Diacono, que estava com Santo Ambrosio, e que affittio á sua morte: este Author, digo, refere que cahindo aquelle grande Doutor da Igreja enfermo, julgando o Conde Stilicone que a sua morte seria a occasião da ruina de Italia, chamou os Principaes da Cidade de Milão, que sabia serem amados do Santo, e os obrigou tanto com ameaças, como com promessas, que o fossem visitar, e lhe supplicassem que pedisse a Deos a sua saude. Ouvindo-os o Santo, lhes respondeo: *Non ita inter vos vixi, ut pudeat me vivere:*

nec



*nec timeo mori , quia Dominum bonum habemus* : Não tenho vivido entre vós de forte que me envergonhe de viver; mas também não temo a morte , porque temos hum bom Senhor. Depois disto diz o mesmo Author , que nosso Senhor com semblante risonho lhe appareceu , e avisou o Bispo de Verselle , para que lhe levasse o Viatico. Tanto que o Santo Prelado o recebeu , orando devotamente com os braços estendidos em forma de Cruz , entregou a Deos o seu espirito.

Ajuntemos ao Mestre o seu discipulo o incomparavel Santo Agostinho. Elle mesmo nos manifestou o ardente desejo que tinha de morrer , nos doces colloquios que teve com nosso Senhor : *Fortasse mihi dices ; quod nemo te videt , & vivet. Eia , Domine , moriar ut te videam*. Talvez me direis , Senhor , que ninguem deve ver-vos , enquanto vive. Eia pois , Senhor , permiti que eu morra para vos ver , e que vos veja para morrer.

O mesmo Santo Prelado , como refere o Author da sua vida , louvava muito a respeito que Santo Ambrosio deo aos deputados de Stilicone , isto he , que elle não tinha vergonha de viver , nem medo de morrer. Não , diz elle , porque presomisse dos seus merecimentos , mas porque tinha hum bom Senhor. Muito mais estimava a resposta de outro Bispo seu amigo , de quem ja falei ,

lei ; ao qual elle visitou na sua enfermidade. Fazendo-lhe elle final de que estava perto de sair desta vida , e representando-lhe Santo Agostinho , que elle ainda era necessario á Igreja , lhe respondeo o enfermo : *Si nunquam, bene ; si aliquando, quare non modo ?* Se eu nunca houvesse de morrer , esta bem ; mas se hei de morrer algum dia , porque não será agora ? Admirou Santo Agostinho esta sentença , que elle repetia frequentemente.

S. Martinho Bispo de Turs obrou grandes milagres na vida ; mas de todos , o maior he o da sua morte : toda a Igreja ficou admirada della ; eu não posso propôr ás almas tímidas exemplo mais effcaz do que este para as animar. Sulpicio Severo (Epist. 2. ad Bassul.) que escreveo a sua vida , refere ; que sentindo em huma occasião que lhe faltavão as forças , chamou os seus discipulos , e lhes disse , que estava visinho á morte. Desfeitos todos em lagrimas com esta noticia , lhe disserão com voz interrompida pelos suspiros : « Ah Pai nosso , porque nos » quereis deixar ? Porque causa quereis des- » amparar os vossos pobres , e affligidos fi- » lhos ? Depois da vossa morte entraráo os » lobos no vosso rebanho ; e quem o defen- » dera , faltando-lhe o seu Pastor ? Bem sa- » bemos o grande desejo que tendes de ir- » des para Jesus Christo ; mas a vossa sal-

» vação está segura , e a vossa recompensa não será diminuta por ser hum pouco differida. Tende piedade de nós, não nos desampareis. »

Commoído o Santo Prelado das suas lagrimas , se poz tambem a chorar ; e voltando para nosso Senhor , lhe disse as seguintes palavras , que são hum claro testemunho da sua caridade : *Senhor, se ainda sou necessario ao vosso povo, não recuso o trabalho, seja feita a vossa vontade.* Em quanto durou a sua enfermidade não cessou de orar de dia , e de noite , deitado sobre o seu nobre , e pomposo leito , que era a cinza , e o cilicio : *Nobili illo stratu suo in cilicio, & cinere recubans.* E quando os seus discipulos lhe pedirão que fosse servida de lhes compor a cama com huns lançoos muito ordinarios : Não , respondeo elle , meus filhinhos , hum Christão só deve morrer sobre cinza : *Non decet, inquit, filii, Christianum nisi in cinere mori.* Tendo pois as mãos , e os olhos levantados para o Ceo , orava a Deos sem interrupção alguma. Rogando-lhe os Sacerdotes que estavão junto a elle , que se voltasse sobre hum lado , e descansasse hum pouco , lhes disse : *Deixai-me, filhos meus, ver antes o Ceo, do que a terra, para que o meu espirito observe a estrada por onde deve ir para o seu Senhor.* Depois vendo Satanaz perto de si , lhe disse : *Que fazes aqui,*

aqui, besta cruel? Não acharás em mim coisa alguma, de que te possas servir para me accusares.. Já está aberto o seio de Abrão para me receber. Dito isto, deo o seu espirito a Deos; e o seu corpo assim estendido sobre a cinza, e cuberto de cilícios, como estava, se vio tão resplandecente como a luz.

Podemos ajuntar á morte do glorioso S. Martinho a de S. Severino, escrita pelo Abade Eugippo, que a ella se achou presente. Refere elle, que depois do Santo ter feito hum discurso de summa edificação aos seus Religiosos, e depois de os ter exhortado á perfeição, os abraçou todos hum por hum: recebendo depois o sagrado Viatico, fez o final da Cruz sobre o seu mesmo corpo, e lhes ordenou que cantassem os louvores de Deos. Mas porque elles se demoravão em obedecer-lhe, por terem o coração opprimido da dor, e da tristeza, entou elle primeiro que todos, com voz moribunda, o formoso Cantico de David: *Laudate Dominum in sanctis ejus, laudate eum in firmamento virtutis ejus*: Louvai ao Senhor no Santuario da sua gloria, louvai-o no firmamento do seu poder. Os Discipulos então banhados todos em lagrimas, forão obrigados a responder-lhe, e elle espirou, quando se pronunciava o ultimo verso deste ultimo Psalmo de David: *Omnis spiritus laudet Dominum*. Tudo o que he vivente louve o Senhor.

nhor. Morreo no anno de 482 depois do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo.

Na verdade estas mortes são preciosas na presença de Deos, e dos homens. Mas eu não acho nenhuma que seja mais digna de admiração, nem de maior conforto para nós, do que a de S. Malaquias Bispo de Ibernia, e Legado da Santa Sé, que morreo no Mosteiro de Claraval nos braços de S. Bernardo. Eis-aqui o que delle nos diz o Santo Abbade, que compoz a sua vida. Havendo este grande Prelado, diz elle, assistido ao Officio Divino, e celebrado a Missa com extraordinaria devoção, o assaltou huma febre, que o obrigou a deitar-se. Ficarão os Religiosos extremamente affictos, e cada hum delles se disvelava para dar-lhe algum allivio. *Em vão* (lhes disse elle) *usais de tantos remedios; eu só para satisfazer á vossa caridade, faço o que me ordenais.* Elle sabia, diz S. Bernardo, que a sua hora era chegada. Dizendo-lhe os bons Religiosos que não perdesse a esperança de viver, porque não tinha final algum de morte: *He preciso* (respondeo) *que Malaquias morra neste anno: o dia sempre de mim tão desejado, como vós sabeis, se a-visinha. Sei quem he aquelle, a quem tenbo entregue o meu deposito, e estlou certo, que tendo-me concedido huma parte dos meus desejos, não me negará o resto. Quanto ao meu corpo, este he o lugar do seu repouso; quanto á minha at-*  
ma,

*ma, Deus a socorrerá: elle salta aquelles, que nelle põe a sua esperanza; e tambem não espero pouco allivio dos socorros que os fieis neste dia dão ás almas com as suas orações, e boas obras.* Aquelle dia era o segundo de Novembro, no qual a Igreja faz a Commemoração dos defuntos.

Quando fez este discurso não estava muito longe da morte, por isso pediu a Extrema-unção. E preparando-se os Religiosos para esta ultima acção com as ordinarias ceremonias, não quiz consentir que viessem ao aposento, onde elle estava; mas elle mesmo desceo á Igreja, e depois de receber a Extrema-unção \*, e o Sagrado Viatico, pediu aos Religiosos que o encommendassem a Deus; e encommendando-os elle ao mesmo Senhor, com muito focogo se tornou a deitar no seu leito. Desceo por seu pé da parte superior da casa, e para ahi tornou, dizendo sempre que se avisinhava a hora da sua morte. Quem julgaria que hum homem neste estado havia de morrer tão brevemente? Só Deus, e elle mesmo o podião saber. O seu rosto não estava mais pallido, nem mais magro do que dantes, nem a sua testa enrugada; os seus olhos não estavam encovados, não estava affilado o seu

na-

\* Em muitos Bispados da Italia, e França os enfermos primeiro recebem a Extrema-unção para receberem depois o Viatico com mais pureza.

nariz , nem os seus beijos cerrados , nem os seus dentes denigrados ; as suas espadoas não estavão encurvadas , nem consumido o resto dos seus membros. Até á morte conservou sempre a fórma do seu corpo , e a formosura do seu rosto , assim como a teve na vida. Depois de morto estava da mesma sorte , que se via quando tinha vida.

Chegada a solemnidade de todos os Santos , que era para nós hum dia de contentamento , e que no seu fim nos causou este anno muita tristeza , ajuntando-nos , fomos para o coro , e cantámos chorando ; e chorando cantámos. Só Malaquias não chorava , ainda que não canta : mas porque choraria elle , se estava vendo as alegrias do Paraíso ? Augmentou-se-lhe a febre , e hum ardente suor começou a correr de todo o seu corpo , a fim de que elle por algum modo passasse pelo fogo , e pela agoa ao lugar do refrigerio. A' vista do que começámos a desconfiar da sua vida : cada hum retrata o juizo que tinha formado : já todos assentão que agora se verifica a profecia , que elle muito tempo antes tinha feito , de que havia de morrer em Claraval no dia dos Fieis defuntos : fomos chamados todos á sua presença ; e depois de olhar para nós , disse : *Desiderio desideravi hoc Pascha manducare apud vos* : Sempre tive hum summo desejo de comer esta Pascoa na vossa com-

panhia. Muitas graças dou á infinita bondade de Deos, porque permite que o meu desejo seja faisfeito.

Naquelle ultimo instante, sem alguma temor, não estando ainda morto, já parecia estar seguro da sua vida. Chegando-se a morte, que elle esperava, e lhe havia de fazer amanhecer o formoso dia da eternidade, depois de nos ter suavemente consolado: *Lembrai-vos de mim* (nos disse); *e se Deos o permittir, eu não me esquecerei de vós. Não duvido que elle o permitta, porque sempre cri em Deos, e tudo he possível aquelle que crê.* Depois disto levantando os olhos para o Ceo, disse: *Meu Deos, conservai-os em vosso nome, e não só estes, mas tambem todos aquelles, que estão consagrados ao vosso serviço com o ministerio da minha palavra.*

Pondo então a sua mão em cada hum de nós, e abraçando-nos a todos, hum depois do outro, nos mandou que fôssemos descansar hum pouco, porque ainda não era chegada a sua hora. Fomos, e voltámos depois da meia noite, porque fomos avisados, que elle estava para entregar a sua alma a Deos. Todos os Religiosos se acháráo no seu aposento juntamente com muitos Abbades, que tinham vindo com a noticia da sua molestia. Cantámos Hymnos, Psalmos, e canticos espirituaes para acompanhar-nos o nosso amigo, que se ausentava para



a sua amada patria ; e elle espirou em o mesmo lugar , e tempo que tinha profetizado , no anno de sincoenta e quatro da sua idade. Não pudemos perceber a sua passagem , por mais que os nossos olhos estivessem immoveis postos sobre o seu corpo. Tendo o seu rosto ficado tão sereno , e formoso como sempre , parecia que estava dormindo , e não morto. Isto he o que São Bernardo nos conta da morte daquelle Santo Prelado , do qual escreveu a vida , e os milagres.

O mesmo Santo conta tambem , que seu irmão Gerardo , Religioso no seu Mosteiro , pela meia noite , quando estava para dar a Deos a sua alma , se poz a cantar : *Laudate Dominum de caelis , laudate eum in excelsis* : Louvai o Senhor , vós que estais no Ceo , louvai-o do mais elevado lugar do firmamento. Foi chamado , diz o Santo , para ver hum homem , que morria cantando. Vi-o , ouvi-o , e disse no meu coração : *Ubi est mors victoria tua ? Ubi est mors stimulus tuus ?* O morte , onde está a tua victoria ? O morte , onde está o teu estímulo ? *Jam non est stimulus , sed júbilus* : Já não és estímulo , mas hum canticó de alegria. Eis aqui hum homem , que morre cantando , e canta morrendo : *Usurparis ad latitiam , mater mæroris , usurparis ad gloriam , gloriæ inimica*. Tu que és mãe da dor , serás agora occasião de alegria ,

gras; serás materia de gloria; tu que da  
 nossa confusão eras o motivo: *Usurparis  
 ad introitum Regni, porta inferi, & fovea  
 perditionis*. Agora serás entrada do Ceo, se  
 eras a porta do Inferno: serás agora a es-  
 cada da salvação; tu que eras a entrada do  
 abyfso.

S. Gregorio Magno, era a respeito da  
 morte, como hum pobre veado, que arde  
 com sede, e suspira pela frescura da agoa.

Santa Catharina de Sena estava em tão  
 grande impaciencia, que em certo modo pa-  
 recia sair fóra de si mesma. Humas vezes li-  
 brigeava a morte, e lhe chamava sua for-  
 mosan, sua desejada, e chamava por ella  
 com as mais amorosas palavras que podia  
 inventar; outras vezes se deixava transpor-  
 tar de certa especie de colera, e lhe dizia:  
 Cruel, barbava, inhumana, porque não vens,  
 para que te demoras tanto.

Santa Tereza não vivia, desfalecia de  
 amor, e continuamente suspirava pelo for-  
 moso dia da eternidade.

Santo Ignacio vfo com a consideração  
 da morte derramava copiosissimas lagrimas.  
 Tinha tão grande desejo della, que os Me-  
 dicos na sua ultima enfermidade se virão  
 obrigados a prohibir-lhe até a sua lembrança,  
 porque esta lhe esquentava o sangue,  
 abrazava o coração, inflammava os espiri-  
 tos, e dava furiosos assaltos á sua vida.

Sena

Sem dúvida me direis, que isto he bom para os Santos; mas que vós não sendo santo, tendes fundamento para temer, e não para desejar a morte. Ao que vos respondo, que não estais menos obrigado do que os Santos a sacrificar-vós á gloria de Deos, a corresponder ao seu amor, a satisfazer á sua justiça, e a reconhecer o excesso da sua misericordia; e porque não ha meio mais vantajoso para tudo isto, do que sacrificar-lhe a propria vida, não deveis desejar a morte menos do que os Santos a desejááo.

Por outra parte, que fazeis vós no mundo, senáo offender a Deos? Que serviços lhe fazeis? Que gloria lhe procurais? Não estais vós de dia, e de noite em perigo de perder-vos? Tendes certeza de que não haveis de tornar a peccar, depois que fizerdes penitencia dos vossos peccados? A vossa satisfação por ventura chegará a igualar a pena que tendes merecido? Por mais que me digais, basta serdes Christáo para deverdes desejar a morte; porque como se póde crer que ha vida eterna, e não a desejar? E que se póde amar esse fim, sem amar a morte, que he o meio preciso para o conseguir?

Destá opinião foráo não só os Santos, mas também os salvagens mais barbaros, depois de receberem o Baptismo. O Padre Vimont, Superior em Kebec na nova França,

98 *A Morte suave, e santa.*

refere na relação que fez do anno de 1642, que Giffarde Medico tomando o pulso a huma mulher salvagem, que havia pouco tempo tinha sido baptizada, e dizendo-lhe que tivesse animo, porque daquella enfermidade não morreria, olhou ella para o Padre, que a tinha vindo visitar, e toda admirada lhe disse: *Sabe este homem que eu estou baptizada? Porque me falla assim? Póde ter alguma tristeza quem sabe que faz a vontade de Deos, e deixa a terra para ir para o Ceo? Succeda o que succeder, sou Christã; não me affligirei com cousa alguma.* Eis-aqui o que se chama ter fé.

Entremos nos sentimentos de David, e seja a nossa maior alegria ouvir a noticia da nossa morte. Digamos quando no-la derem: *Letatus sum in his, que dicta sunt mihi: In domum domini ibimus.* (Pf. 121.) Alegrei-me, quando me disserão: Iremos para a casa do Senhor; estamos para deixar a terra, e ir para o Ceo; para deixar o desterro, e ir para a nossa amada patria; estamos para passar do tempo á eternidade; da figura á verdade; da mudança á immutabilidade; da morte á immortalidade; da miseria á felicidade. Vamos para hum lugar, onde nunca mais seremos opprimidos das misérias, maltratados dos cuidados, affligidos com enfermidades, atormentados com demandas, contaminados da culpa, perseguidos das tentações,

ções, e expostos a infinitos perigos de nos condemnarmos. Vamos para o lugar do defcanço, para a terra dos viventes, para o centro da paz, para o reino da Gloria, para as bodas do Cordeiro, para o Palacio de Jesus Christo. Vamos ver o que os olhos nunca virão; ouvir o que nunca os ouvidos ouvirão; possuir o que o coração do homem nunca concebeo: *Beati qui habitant in domo tua, Domine: in secula seculorum laudabunt te*: Senhor, bemaventurados são aquelles, que habitão na vossa casa: ahi vos louvarão nos seculos dos seculos, e vos darão as graças por toda a eternidade. Amen.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

UNIVERSITY OF CHICAGO



## P A R T E II.

### Santidade da Morte.

**C**OMO o peccado foi o que inven-  
nou o calis da Morte, e com o seu  
veneno a fez tão amargosa, e ter-  
rivel, para fazermos com que a nossa  
seja doce, gostosa, e agradavel, não ha  
melhor meio do que fazella fanta. S. João  
Chrysoftomo diz com muita razão, que a  
morte per si não he mal algum; mas que  
a morte em peccado he o peor de todos os  
males: *Non mori; sed malè mori malum est.*  
Até aqui tenho proposto as considerações,  
que nos podem suavisar o rigor da morte,  
falta-me agora mostrar os meios de a santi-  
ficarmos. O mais proprio (segundo enten-  
do), e o mais necessario he preparar-se ca-  
da hum de nós para ella, em quanto tem  
faude, porque assim será mais facil preparar-  
mo-nos como devemos, tanto que chegar a  
enfermidade: nestes meios vou tratar nesta  
segunda Parte.

## CAPITULO I.

*He preciso preparar-se para a morte quem a deseja fazer santa.*

**P**Ara bem conhecermos a importancia, proveito, e necessidade desta preparação, sobre a qual tanto se tem escrito, examinarei aqui huma curiosa questão, que alguns sabios propõem, e que conduz ao meu intento. Perguntão elles, se seria melhor ao homem antes morrer duas vezes, do que huma só?

Parece que seria melhor morrer duas: porque por huma parte he summamente importante ao homem o morrer bem, pois desta ultima acção depende a sua felicidade, ou desgraça eterna; por outra, he quasi impossivel desempenhar com acerto hum emprego quem nunca o exercitou; e pela mesma razão, morrer bem quem nunca morreu. Se morressemos duas vezes, na primeira aprenderíamos o que era necessario fazer na segunda, e emendariamos os erros, que houvessemos commettido na primeira; mas não morrendo mais que huma vez, as faltas são sem emenda, e o mal sem remedio.

Dion Chrysostomo diz, que he huma grande vantagem trabalhar em materia capaz de reforma, isto he, que se póde emendar,



dar, e refazer : *Magnum presidium est operari in materia pœnitentiæ capaci.* Hum oleiro, que fabrica em barro, pôde muitas vezes mudar, e reformar a mesma figura, pôde reparar a falta logo que a houve; mas o que obra em marmore, deve ir com grande cautela, e reparo a cada golpe do cinzel, porque são irreparaveis os erros ahi commettidos. O mesmo digo de morrer; se isto se pudesse fazer duas vezes, os defeitos da primeira os podiamos emendar com proveito na segunda; mas morrendo huma só vez, não podemos emendar as faltas.

Além disto, he o medo da morte hum grande estorvo para morrer bem; porque o medo congela o sangue, aperta o coração, impede o curso dos espiritos, e retarda o uso das potencias: pelo contrario a segurança, e affouteza alargão o coração, e o põe habil para dar boa conta do que comprehende. He certo que não ha homem, que deixe de se assustar chegando a morte, e tendo á vista aquella tremenda eternidade em que vai entrar; e como pelo medo se impede á alma aquella liberdade, e fortaleza de espirito com que devia obrar, fica, por falta de experiencia, no mesmo perigo em que estaria hum homem, que tendo de atravessar hum precipicio grande, não tivesse para isso mais que huma taboa muito estreita, e pouco firme; porque o mesmo suf-

to, e receio de cahir, perturbando-lhe a cabeça, faria inevitavel a quêda.

Este he o estado em que se acha hum enfermo ao exhalar da alma. Elle se vê já chegando a hum Paiz de todo estranho, rodeado de riscos, e despenhadeiros, atropelado pelos demonios, necessitado á passagem estreita, e tremenda do tempo á eternidade, sem ter já tempo algum para se preparar. Que meio, que remedio poderá achar para se salvar de hum tão máo passo, senão for huma particular assistencia de Deos? Como poderá hum homem, que nunca embarcou, governar em huma tormenta hum navio, e fazello entrar no porto a salvo? Sem dúvida me parece, que de grande proveito nos seria o morrer duas vezes, pois só então temeríamos menos a segunda morte, sabendo já os defeitos, que deviamos emendar.

Com tudo ha muita gente boa de contrario parecer, e que julgão que o bem do homem está em não morrer mais que huma só vez; pela razão, que estando o homem certo de huma só vez morrer, esta certeza o fará mais cuidadoso, e vigilante; pois, como diz o Filosofo, o que tem hum só olho o trata com mais cuidado, mais limpeza, e maior amor. O mesmo se ha de dizer da morte, sabendo que huma só vez se morre, mais se cuida em morrer bem: *se duas vezes morressemos, sem dúvida não*

temeríamos a primeira morte , nem para a segunda nos saberíamos dispôr melhor. A experiencia mostra , que se agora , que huma só vez se morre , tão pouco se teme , e se cuida na morte , que sería morrendo duas vezes ? Quantos se tem visto já com a morte na garganta , e que escapando , nem por isso forão depois mais vigilantes , nem mais virtuosos ? Ora he certo , que por morrer duas vezes não morreríamos melhor.

Por outra parte , se o morrer duas vezes servisse de algum bem , sería preciso confessar que eramos duas vezes infelices. Os Gencios dizião , que Castor , e Pollus erão dous irmãos , dos quaes nascia hum , quando o outro morria ; e quando este tornava a nascer , morria o outro. Lactancio affirma , que se esta fabula fosse verdadeira , serião estes dous os mais desgraçados do mundo , pois nunca poderião morrer por huma vez : *Castor & Pollux omnium miserrimi , quibus semel mori non licet.* E porque se ha de ter por feliz hum homem , que renasce para novas penas , que vem outra vez a encontrar-se com huma nova corrente de trabalhos , e que sahe do porto para se expôr a novas tempestades ? Em fim , se o morrer he hum bem , para que he temello ? e se he hum mal , para que he multiplicallo ?

Se me dizeis , que depois da experiencia fica o homem mais sabio , e que a pri-  
mei-

meira morte fará temer a segunda, eu não sou desse parecer. Vemos nós por venrura, que os soldados já costumados ás feridas sejam por isso mais acautelados, e medrosos? Antes pelo contrario; isto he o que os faz mais temerarios. Despreza-se hum perigo, que já se passou. Depois de termos morrido huma vez, tenho por certo que haviamos de temer menos, com prejuizo nosso, o morrer; e temendo assim menos a morte, estaríamos menos dispostos para morrer bem.

Mas quando esta experiencia nos fosse vantajosa, digo, que nós a podemos ter sem isso. Porque esta nossa vida não he outra cousa, senão huma morte continuada, ou, para melhor o dizer, huma cadeia de mortes, que se vão succedendo humas ás outras. A nossa morte he tão longa como a nossa vida, pois cada momento nos rouba huma parte della. Nós dividimos, como diz Seneca, hum mesmo dia entre a vida, e a morte; e o que nós avançamos por huma parte, o perdemos por outra. De sorte, que bem podemos chamar á vida huma prolongada miseria, toda recida, e composta de ser, e não ser, de vidas, e de mortes: *Hanc diem quam agimus, cum morte dividimus.* S. Gregorio com mais clareza o diz, quando á nossa fragil vida chama huma morte prolongada: *Quotidiana vita defectus, quid aliud est, quam quaedam prolixitas mortis?*

E senão basta esta experiencia , ainda temos outra , que sem muito trabalho podemos adquirir. Para isto não he necessário mais que abrir os olhos , e ver como a morte exercita a sua jurisdicção sobre todos os homens. O seu imperio se exercita nas cidades , nos campos , nas ruas , nas casas , nos palacios , e nas cabanas. Não se pôde dar hum passo sem a encontrar.

Ah ! nós a trazemos em as nossas entranhas , ella dorme , e come conosco : e ainda dizemos que não sabemos que cousa he morrer ?

Finalmente , se nada disto he bastante para ficarmos sabios , destros , e experimentados , digo que todo o proveito que essa segunda morte nos traria , o podemos tirar , morrendo muitas vezes em espirito , e considerando-nos sempre no instante de dar a alma a Deos. Por este meio teremos toda a experiencia do que he a morte , e aprenderemos sem trabalho , e sem dor o modo de bem morrer. E assim podemos concordar estas duas opiniões , dizendo , que o mais proveitoso ao homem he não morrer mais que huma vez corporalmente , e muitas espiritualmente ; isto he , preparando-se para a morte em quanto tem saude , com socego , e attenção , o que talvez não poderá fazer na violencia da enfermidade , e pelo embaraço dos remedios. Da importancia , proveito , e

necessidade desta preparação tratarei na Secção seguinte.

## SECÇÃO I.

### *Importancia desta preparação.*

**P**ara melhor se conhecer a importancia deste exercicio, devem-se presuppôr cinco cousas, que são certas, e conhecidas pela fé, pela razão, e pela experiencia. A primeira, que havemos de morrer; a segunda, que não sabemos quando; a terceira, que morreremos mais cedo do que cuidamos; a quarta, que não morreremos mais, que huma só vez; e a quinta, que havemos de ser julgados no estado em que morreremos.

Isto supposto, digo, que he sumamente importante não só cuidar na morte, mas fazer hum estudo, e applicação particular sobre ella; porque não ha sciencia, que nos seja mais necessaria do que esta; pela razão de que se trata do maior negocio do mundo, qual he a nossa salvação. He huma maxima, em que todos os Santos, e sabios concordemente assentão, que he precisamente necessario cuidar por muito tempo naquelle negocio, que certamente se não faz mais que huma só vez, para que o desacerto não seja sem remedio: *Deliberandum est diu, quod statuendum est semel.*  
(Sen.)

(Sen. in Prov.) Para os negocios do mundo sempre temos tempo sufficiente; porque nelles se trata só de cousas temporaes, cujo detrimento he leve, e sempre se póde remediar. Mas nunca teremos muito tempo (pois todo he pouco) para cuidarmos no grande negocio da nossa salvação, porque alli se trata de huma eternidade de bens, ou de males; e errando-se nelle huma vez, fica sendo irremediavel o erro.

Negocios de grande importancia, diz hum Politico, necessitão de grande estudo, e applicação. Hum homem superficial, e de pouco talento se conhece pelo vermos todo occupado em cousas que pouco valem; assim como o prudente, e solido se mostra em se applicar só ás cousas de consequencia. Os cuidados devem ser proporcionados á qualidade dos negocios. E que maior negocio do que morrer bem? He muito, por ventura, toda a vida para nos dispormos a morrer? He muito todo o tempo para nos prepararmos para a eternidade?

Santo Agostinho não cessa de se admirar do discurso que fazem os ímpios no primeiro livro da Sapiencia, referido por Isaias: *Mandacemus & bibamus, cras enim moriemur*: Comamos, e bebamos, pois á manhã morreremos. Que dizeis? lhes pergunta este Padre. Repeti o que dissestes: Comamos, e bebamos: *Age, quid postea dixisti.* (Isai. 12,

23.) Dizei o que se segue: *Cras enim moriemur*: Porque á manhã morreremos. Oh miseraveis! *Terruisti nos, non seduxisti*. Não me haveis enganado, mas certamente me enchestes de espanto. He isto fallar como homens? Não deveis antes dizer: Jejuemos, e oremos, porque á manhã morreremos? *Jejunemus & oremus, cras enim moriemur*.

Na verdade, não temos menos razão de nos admirarmos do procedimento dos sábios do mundo que de nada se esquecem, excepto da sua salvação. Fazem ponto de honra de não dizerem huma palavra, de não fazerem huma acção, de que se possão arrepender. Se hão de entrar em hum empenho de consequencia, examinão por muito tempo se convem, ou não: tomão suas medidas, buscão todos os meios, acautelão as consequencias, armão-se para os obstaculos, empenhão os seus amigos, e nada deixão do que lhes póde servir ao seu intento; e depois disto, seja qual for o effeito, sempre ficão satisfeitos da sua conduta, porque podem dizer: Eu em tudo cuidei, tudo preveni; e não houve cousa, que humanamente pudesse fazer que não fizesse.

Estas são as maximas, que se observão em os negocios do mundo: e nós que pertencem á salvação? Isso he bagatella, isso he nada: basta hum instante para cuidar nelles. Sabemos que a morte vem chegando, que



está já perto, que quasi nos assalta; e que dizem os mundânos? Comamos, e bebamos, contentemos os nossos sentidos, e os nossos appetites, consigamos aquelles bens, aquellas heranças: procuremos este cargo, entremos neste partido, continuemos esta demanda, e levantemos esta casa, pois á manhã havemos de morrer. Ora he isto discorrer como homens? He fallar como Christãos? E não terei eu razão de dizer a hum destes, o que lá disse Deos ao rico avarento: *Stulte, hac nocte animam tuam repetunt à te, & hac que parasti, cujus erunt?* (Luc.c.12.v.20.) Homem sem entendimento, tu morrerás esta noite: e para quem serão essas chamadas riquezas que ajuntaste? Tens tu já pensado na morte? Sabes que cousa he esta casa da eternidade, de quem tanto se falla nas Divinas letras? Será então tempo de dizer: *Non putavi*: Eu não cuido nisto? Eu não cria que a morte fosse tão terrivel, o juizo tão rigoroso, as tentações tão violentas, nem que o entendimento estivesse tão incapaz, e fóra de se poder agora applicar, como he preciso, a hum negocio tão serio, e tão consideravel, como he pôr em ordem os interesses propios para evitar a condemnação eterna.

Salamão diz, que o Sabio tem os olhos na cabeça: *Sapientis oculi in capite illius.* (Eccles: 2.) Parece querer mostrar que o

lou-

louco os tem nos pés; sem dúvida, porque este não olha mais que para a terra, e para as cousas presentes; mas o sabio está como em hum lugar levantado, donde descobre ao longe este grande, e dilatado Paiz da eternidade. Elle considera na morte, prepara-se para ella com cuidado, e attenção; e nisto he que consiste o ser sabio.

Com effeito, a prudencia só consiste em considerar no fim, e escolher os meios mais proprios para o alcançar. Hum imprudente, e inconsiderado, diz Aristoteles, vai correndo sem saber para onde; trabalha sem se propôr o fim para que trabalha; e se algum se propõe, não tem escolha nos meios de o conseguir: *Imprudentis est finem intendere, & de mediis non cogitare.* (Arist. Ethic. c. 2.) Assim faz a maior parte dos homens. Andão, e correm pelo mundo, sem saber para onde vão, nem cuidar mais que na vida, esquecidos totalmente da morte; não considerão mais do que no tempo, e em nada cuidão menos que na eternidade; e por isso a mesma consideração que tem no tempo, he para elles sem fruto, porque não a dirigem á eternidade. Que maravilha he pois, que morra mal hum homem, que nunca aprendeo a morrer?

Os negocios, e dependencias humanas, em materia importante, não se empreendem sem primeiro se considerarem com attenção.

ção. O Advogado primeiro toma tempo para se senhorear da causa que ha de defender. O Gentil-homem prepara as armas antes de sair á campanha. Os Músicos se ensaião antes de cantarem em público. O representante, antes de sair ao tablado, estuda o papel, ajusta as acções, repara nas entradas, e saídas, aperfeiçoa as palavras, e corrige os géstos. Não he logo para admirar, se (com grande pezar, vergonha, e descredito da nossa Fé) se achão tão poucas pessoas, que fação esta ultima, e mais importante acção da vida com aquelle acerto, e prudencia que se requer, e he summamente necessaria.

Quantas Escolas, quantas Aulas não estão estabelecidas, onde se aprende a atacar, e defender huma Praça, a investir, a avançar, a matar, e a morrer como desesperados? Quantas porém haverá, em que se aprenda a morrer como predestinado? Será talvez porque esta sciencia he facil de aprender? He certo que não ha cousa mais facil do que o morrer; mas não ha nenhuma mais difficultosa do que o morrer bem. He pois necessario aprender esta sciencia; he preciso preparar-nos para a morte com huma seria applicação, com hum prudente, e meditada advertencia, porque em fim todos nos veremos obrigados a representar, algum dia, o papel de hum homem moribundo.

do. Quanto esta pratica he conveniente, quanto he bella, quanto he importante, e quanto he proveitosa!

S E C Ç Ã O II.

*Utilidade desta preparação.*

**A** Ristoteles julgou que de todas as profissões do mundo as mais proveitosas são as dos Indovinos, e as dos Empyricos: a primeira, porque todos os seus professores desejão saber; a segunda, porque todos desejão viver. Mas eu com mais verdade direi, que de todas as praticas de devoção não ha outra mais importante, nem de maior proveito, do que aquella, que nos ensina a bem morrer; porque por dous modos nos segura a vida eterna.

Primeiramente ella nos retira, e preserva do peccado, alcançando por ella hum juizo claro, com que conhecemos a vaidade de todos os bens terrenos. Não ha Pregador, que com mais eloquencia persuada, e convença, do que hum defunto estendido sobre a terra. E por isto o Ecclesiastico põe os mortos na classe dos Profetas, porque elles profetizão o futuro. Forão visitados (diz elle) os ossos de José, e profetizarão depois da morte: *Offa ipsius visitata sunt, & post mortem propheta verunt.* (Ecclesi. 49. 18.)

S. João Chrysoſtomo os põe na ordem dos Doutores, e dos Apoſtolos; e o prova com o caſo de S. Paulo, que vindo do lugar em que prégava cahir de alto hum mancebo; e ficar morto, deixou o Sermão, e foi com os ouvintes contemplar de perto aquelle morto. Creio o Apoſtolo (diz Chryſoſtomo) que eſta viſta faria maior impreſão no animo dos ſeus ouvintes, do que a ſua palavra: *Ipe caſus pro doctore fuit.* (Chryſ. hom. 42.) O Apoſtolo poz o morto no ſeu lugar, e o fez prégár por elle.

E que he o que hum morto nos enſina? Enſina-nos que certamente ſomos mortaes, e peccadores. Couſa eſtranha! diz S. Jeronymo: morre-ſe todos os dias, e não acabamos de ver que devemos morrer? Depois que a ſerpente nos fez eſperar que leríamos immortaes, nem a viſta dos mortos; que em noſſa caſa, e fóra della vemos, com os noſſos olhos, nem a das noſſas meſmas enfermidades, nos podem de todo perſuadir, que ſomos mortaes. Sim o cremos na eſpeculação, mas não o cremos na prática: *Quotidie morimur, quotidie commutatur, & tamen immortales nos eſſe credimus.*

Eſta advertencia fazia Seneoa aos Senadores Romanos, os quaes depois de eſtaſem riquiſſimos com os deſpojos quaſi de todo o mundo, ainda erão tão ambicioſos, como ſe nem hum palmo de terra poſſuiſſem

« Que qualidade de homens sois vós (lhes  
 » dizia elle), sois mortaes, ou immortaes?  
 » Se considero no temor que tendes de mor-  
 » rer, vejo que sois mortaes; mas quando  
 » faço reflexão na vossa infaciavel avareza,  
 » julgo que vos tendes por immortaes. Vós  
 » tudo temeis, como homens que hão de mor-  
 » rer; e tudo desejaes como quem nunca ha  
 » de acabar: *Omnia tanquam mortales time-  
 » tis; omnia tanquam immortales concupisci-  
 » tis.* »

Neste errado juizó, nesta louca dispo-  
 sição se achão todos os avarentos, os am-  
 biciosos, os deshonestos, e geralmente to-  
 dos os ímpios. Persuadem-se que não hão  
 de morrer; consultão as suas forças, o seu  
 vigor, a sua disposição, o seu temperamen-  
 to, &c. e sobre isto, como sobre hum mui-  
 to firme alicerce, quantas obras não levan-  
 rão, e delinião? Ao menos he certo que  
 não considerando na morte, só a vem como  
 em perspectiva, que a faz apparecer ao lon-  
 ge, ainda quando a tem quasi dentro em  
 casa.

Não succede assim aos homens justos,  
 e prudentes; como estes nas suas obras olhão  
 frequentemente para o fim, nelle consultão  
 a morte; e fazem tudo pelo contrario do  
 que fazião os Romanos. *Temem tudo como im-  
 mortaes, e não desejaõ cousa alguma do mundo,  
 por que não são mortaes.* Esta funesta imagem

a cada instante lhes adverte; que este mundo não he morada que dure; que he necessario deixallo bem depressa; que já se deve reputar por perdido, o que necessariamente se ha de perder; e não estimar como bens os que se não podem levar para a outra vida. Que a morte he certa, que a sua hora he incerta, que podemos morrer em todo, e em qualquer tempo; isto he o que pregavão os ossos de José; isto he o que nos estão dizendo todas as sepulturas, todos os mortos, e todos os cemiterios; todos clamão que somos mortaes, e que he certo que pelo peccado entrou a morte no mundo.

Os Santos Padres considerando os bons effectos, que produz a lembrança da morte, perguntão com razão, se a morte he pena do peccado, ou freio do peccador? Santo Agostinho (lib. de Civit. Dei cap. 4.) responde engenhosamente, que he huma, e outra cousa; pois o que no principio se impoz em pena da culpa, veio a ser defeza da virtude; e o que se executava para castigo do peccador, he ao presente o merecimento do justo: *Ipsa poena vitiorum transit in arma virtutum: fit justi meritum etiam supplicium peccatoris*; e deste modo explica o seu pensamento: *Morrêrão os nossos primeiros pais, porque peccarão; e os justos não peccão, porque hão de morrer: Mortui sunt illi qui peccaverunt: non peccant isti, quia morientur.*

*cur.* Se aquelles não peccassem, não seriam condemnados a morrer; e se estes não houvessem de morrer, não deixariam de commetter o peccado. A culpa de huns fez com que a morte fosse o seu castigo; e este mesmo castigo fez que os outros não incorressem na culpa: *Factum est per illorum culpam, ut veniretur in poenam; fit per istorum poenam, ne veniatur in culpam.* Isto he o mesmo que dizer, que a morte, que foi dada por hum mal, he agora mudada em huma bema. E' Deos tem communicado tal virtude á nossa fé, que por ella se alcança; que a morte, que nós tinhamos por contraria á vida, seja agora o meio para conseguir a melhor vida.

Já (conclue o Santo Doutor) pela graça de nosso Salvador, a infame pena do peccado se reduzio a instrumento da justiça: *Nunc maiore, & mirabiliore gratia Salvatoris nostri in usus justitie peccatoris poena conversa est.* Antigamente se disse ao homem: Se peccares, morrerás; agora se diz ao Martyr: Morre, para que não peques: *Tunc dictum est homini, morieris si peccaveris, nunc dicitur Martyri, morere ut non pecces.*

Podemos dizer da lembrança da morte, o que este Santo Doutor diz da mesma morte: ella mata a quem della se não lembra. A pena do nosso peccado chegou a ser a ruina do mesmo peccado: *Ipsa poena vitiorum*



*transio in arma virtutis.* Por esta razão o melhor conselho , que podemos tomar em nossas dependências , e negocios , he o da morte ; quero dizer , que em todas nossas deliberações se deve considerar o que na hora da morte desejaríamos ter feito ; e certamente não obraremos cousa , de que nos devamos arrepender : *Ipsi in nobis responsum mortis habuimus.*

E se a morte he huma directora ; que nos avisa , instrue , e allumia , tambem se póde ter por huma boa mái que nos dá a vida ; pois ella nos aparta do peccado , e nos move a fazer penitencia delle , pela qual se restitue á nossa alma a vida , quando pelo peccado estava morta : *Remiscentur , & convertentur ad Dominum universi finis terra.* (Ps. 21. 28.) Tornarão em si (diz Davyd) as estremidades da terra , e se converterão ao Senhor. S. Bernardo , por estas estremidades da terra , entende a extremidade da vida , Lembrar-se-hão (diz elle) que são pó , e cinza , e logo se converterão ao Senhor : *Recordabuntur quod pulvis , & cinis sunt , & convertentur ad Dominum.*

O invenção admiravel da Divina sabedoria , servir-se da morte para nos dar vida ! *Sapientia filiis suis vitam inspirat.* A sabedoria inspira a vida aos seus filhos. Os Setenta traduzem : *Sapientia jugulat filios suos.* A sabedoria degolla os seus filhos. Tertulliano  
mos-

mostra como se concordão estas duas proposições, contrarias não parecer, dizendo, que a sabedoria nos dá a vida, pondo-nos á vista a imagem da morte. O' boa Mãe, (exclama elle) que mata os seus filhos para lhes impedir o morrer! Dá-lhes a vida, tirando-os do centro da corrupção; e lhes conserva a mesma vida, pondo-lhes á vista o seu fim, e a sua propria corrupção.

Este he o primeiro fruto que se tira da preparação para a morte. Esta nos faz lembrar do nosso fim; e esta lembrança nos conserva na innocencia. Mas ainda ha outro fruto não menos consideravel, que he não ser o homem accommettido de repente pela morte. Cavemos hum pouco todos os dias nos cemiterios, e acharemos este thesouro.

Dizem commummente que de todos os males do homem, he a morte o mais terrivel mal; e eu digo, que de todas as mortes, a repentina, e não prevista, he a mais horrivel. Primeiramente pela razão do medo que surprende a hum homem, que repentinamente se vê atacado. A experiencia (como diz S. Thomaz) faz ao homem destre, e animoso; diminue-lhe o medo, e lhe augmenta a confiança. Assim o soldado, que muitas vezes tem visto a morte diante dos olhos, não se espanta vendo os inimigos, e ouvindo o zonido das balas: ao mesmo passo que o soldado moderno no primeiro  
com-

combate a cada tiro de mosquete abaixa a cabeça; e dá por acabada a sua vida.

Hum homem, que muitas vezes tem passado por hum horroroso bosque, por elle caminha de noite sem ter susto; mas o que nunca o vio, entrando nelle a cada passo treme, se perturba, e não sabe porque lado sahirá. Este he o tormento, em que se acha o homem, que de improvizo he acommettido da morte; como nunca se achou naquella batalha, nem tinha feito aquella viagem com a mediração, quando se vê no confito perde o valor, e o animo; quando se vê obrigado a entrar naquelle grande paiz, onde nunca entrou, e precipitado a passar pelo estreito atalho da morte, cercado de duas grandes eternidades, perturba-se, teme, perde o norte, erra o caminho, e ordinariamente cahe em desesperação.

Não succede assim ao homem prudente, e acautelado, que se tem preparado para morrer; porque como quasi todos os dias faz esta viagem da eternidade, sabe todos os seus caminhos, e os seus atalhos, e o semblante da morte não o inquieta, por ter vivido com ella familiarmente muito tempo.

Por outra parte todos os bens, e males desta vida patecem pequenos a quem os vê de perto, e grandes a quem os vê de lon-

ge; porque a imaginação os vê de longe, e a razão os vê de perto. Ora a imaginação se engana, e pinta os objectos, que se lhe representão com cores enganosas; mas a razão he justa, e em tudo conforme á verdade. Como pois todos os bens, e males desta vida na verdade são de pouca importancia, e superficiaes, aquelles que os vem de perto desprezão-nos, e aquelles que olhão para elles de longe, os estimão. Não he assim dos bens, e dos males da outra vida, estes parecem pequenos, e imperceptiveis vistos de longe; grandes, e terriveis observados de perto, porque são espirituaes, e infinitos: daqui vem não se poder declarar com palavras o espanto, e o affombro de huma alma, que se avizinha á eternidade, se para ella se não preparou em quanto podia. E assim como hum homem, quando se vê de repente na borda de hum precipicio, olhando para o fundo perde o tino, esmorece, e treme de horror; do mesmo modo a alma de hum peccador, achando-se no ultimo passo do eterno precipicio, onde está já para cahir, se encherá de hum temor, e de hum medo infinito.

E o que ainda lhe fará mais formidavel este passo será a novidade de objectos, que aos olhos se lhe representão, sendo certo, que hum contrario tanto se mostra mais espantoso, quanto elle está mais perto do  
que

que lhe he opposto. Daqui procede, que aquelle que de repente se vê cahido da grande abundancia, que possuia em huma pobreza grande, sente muito mais a sua desgraça, do que aquelle, que pouco a pouco chega á ultima necessidade, e miseria. Considere-se pois agora qual será o espanto, e consternação de hum homem, que de repente, e sem prevenção passa do descanso ao trabalho, da honra á confusão, do prazer ao tormento, da abundancia á summa pobreza, da vida á morte, e do tempo á eternidade.

Figura-se-me que hum enfermo neste ponto he bem semelhante ao baixel que naufraga, onde tudo he confusão; e aquelles que se achão nelle, sem saberem o partido que devem tomar, hum se abraça com o mastro, outro toma huma prancha, aquelle se lança á agoa, o outro se pendura nas enfarceas, todos levantão as mãos ao Ceo, e clamão com gritos lamentaveis. O mesmo faz huma alma, que sem prevenção se acha no ponto em que vê o seu corpo perto de fazer naufragio da sua vida: entra em huma estranha confusão, só cuida no modo de escapar da morte, apega-se a tudo o que encontra, atormenta-se, e se confunde de hum modo extraordinario; e vendo-se em hum tão estranho tormento já obrigada a separar-se do corpo, ultimamente clama: *Se*  
se.

122 *A Morte suave, e santa*

*separas, amara mors?* O' morte cruel, assim he que tu me arrancas de tudo o que eu amo? O' inferno, eu não pensava que tu eras tão medonho! O' eternidade, eu não cria que tu eras tão dilatada! O' morte, eu não me persuadia que tu estavas tão perto! Eis-aqui o que diz, e o que pensa aquelle, a quem a morte apanhou sem prevenção.

Esta desgraça nunca succede aos que se acantelão, e preparão para a morte; porque não he proprio da bondade de Deos, nem da sua justiça, desamparar na morte os que lhe forão fieis em vida; nem tirar deste mundo, quando está descuidado, aquelle, que quasi sempre está attento. Jesus Christo diz, que chegará de repente ao que não vigia; porém não se pôde crer que assim use com os que estão promptos para darem suas contas; antes pelo contrario ordena aos Profetas, que annunciem ao homem justo, que elle lhe assistirá naquelle extremo; e que não permitirá que seja atormentado pelos horrores da morte. *Timenti Dominum bene erit in extremis.* (Ecl. 3. 13.) O mesmo Senhor revelou a Santa Gertrudes, que a preparação que cada hum faz em quanto vive, supprirá o defeito da que não puder fazer naquelle tempo. É he certo, que já mais se vio nas obras da natureza, que huma disposição introduzisse huma forma contraria aquella que deve produzir. Logo como pôde

de ser que a disposição para huma boa morte produza outra contraria?

Por outra parte , he certo que executamos com facilidade qualquer acção , para a qual nos temos exercitado ; por esta razão , certamente morre bem todo o homem , que aprendeo bem a morrer : que lhe dará pena , tendo esta disposição ? Se a morte he repentina , elle se acha prevenido , porque além disto (como já disse) Deos lhe leva em conta todas as preparações precedentes , e não lhe he necessario mais que hum momento para renovar , e ratificar todas as resoluções que em vida tinha tomado ; e deste modo ainda que a sua morte seja apresada , nunca he improvisa ; e se tem tempo para reflectir em si mesmo antes de morrer , que paz , que consolação , que suavidade , e que segurança ! Olha para a morte com olhos serenos , e a recebe , e abraça da mesma sorte que hum amigo recebe a outro amigo , a quem muito ama. Então pratica sem perturbação tudo o que praticava antecedentemente ; passa do tempo á eternidade com tanto socego , como quem vai fazer huma gostosa viagem. He pois não só de summo proveito prepararmo-nos para a morte , mas tambem de summa necessidade. Tudo isto vou provar com os principios da razão , e da Fé.

do servo , que enterrou o talento de seu Senhor , o qual foi entregue aos algozes para o atormentarem : *Vigilate itaque.* (conclue nosso Senhor) *& orate , quia nescitis quando tempus fit :* Estai á lerta , vigiai , e orai , pois não sabeis quando chegará o tempo.

Todas estas verdades de fé que tenho proposto nos obrigão a crer , que quem se não prepara para a morte , morrerá no seu peccado. A prova he evidente , e se incluye neste breve argumento. Morre mal todo o homem , a quem a morte colhe sem preparação : este he o sentido , e objecto da referida parabolá , e de todas as ameaças de Jesus Christo. Todo aquelle pois , que se não prepara para a morte , ella o colhe desapercebido ; esta he , como já disse , a mais certa , e infallivel de todas as verdades da nossa Religião , se huma póde ser mais certa do que outra : logo he cousa indubitavel que morre mal todo o homem , a quem a morte assalta de repente , isto he , que para ella se não tem preparado.

Com effeito todos hão de confessar que he moralmente impossivel sahir bem de hum negocio , que de sua natureza he arduo , e difficuloso , que só huma vez se faz , que nunca se praticou , e que he embaraçado por inimigos poderosos. Desta qualidade he sem dúvida o negocio da morte , porque não se morre mais do que huma vez ; e he bem dif-



difficiltofo o morrer bem. O tempo, e o conhecimento claro muitas vezes faltão a hum enfermo; porém nunca lhe faltão as tentações. Deos da sua parte algumas vezes nega naquella hora as graças especiaes, que os peccadores agora com temeraria presumpção promettem a si mesmos. Tambem succede, como justo castigo, diz Santo Agostinho, que hum homem, que se esqueceo de Deos na vida, se esqueça de si na morte.

A isto accresce, o que he certo na Theologia, que se em algum tempo hum Christão he obrigado a fazer os Actos de Fé, Esperança, e Caridade, e de sobrenatural contrição dos seus peccados, he principalmente na hora da morte; ou isto seja pela obrigação, que todos os racionais tem de reconhecer, e honrar o seu Creador, e seu primeiro principio, e de lhe serem agradecidos; ou pelo perigo que tem de poder cahir nas tentações do demonio, que neste tempo são mais fortes. Ora que probabilidade tem hum homem de poder praticar na morte aquella virtude, da qual na sua vida nunca fez acto algum? Como fará então esforços sobrenaturaes, depois de ter por toda a vida seguido as inclinações da natureza? Que lugar lhe darão para os fazer, o espanto do seu entendimento, a confusão dos seus pensamentos, a desordem das suas paixões, e o

I

pro-

profundo abatimento de todas as suas potências. Mas deixando agora os grandes peccadores, applicuemos esta consideração a huma pessoa, que vive bem moralmente, mas que nada cuida na morte. Digo que esta tal pessoa experimentará huma extraordinaria difficuldade em satisfazer naquella hũa obrigação da sua consciencia; porque he, certo que os accidentes imprevistos, com o terremoto que excitáo, perturbáo o entendimento, acobardáo o coração, e por consequencia impedem que a alma se volte para si, ou que ponha em boa ordem os seus encargos. Diz S. João, que a caridade tira o temor do coração: *Charitas perfecta pellit foras timorem*. Não porque o temor seja máo, mas porque he imperfecto. E como amar á Deos como deve, que tem o sangue, e o coração gelado do temor? Se a Fé requer huma elevação sobrenatural da alma sobre todas as coisas sensíveis; se a esperança, a requer sobre todas as forças naturaes, como poderá crer, e esperar em Deos, como deve, hum homem, que tem hum pezo na cabeça que o opprime; humas dores agudas que o atormentáo; hum fluxão no peito que o suffoca; a mulher á vista que o lamenta; os filhos que gritáo; os creedores que apertáo; e os máos negocios que o occupáo, que o affligem, que o distrahem?

O Sr. Cassiodoro diz com muita razão, que  
 de pouco serve a hum Capitação toda a sciencia  
 da guerra, se antes della não a experimentou: *Ars bellandi si non praeludatur, cum  
 necessaria fuerit, non habetur.* Por ventura  
 he tempo propicio de fortificar huma Praça,  
 quando ja está cercada? De preparar as con-  
 rras, quando ja he tempo de as dar? De cre-  
 nar hum navio na força da tormenta? Hum  
 homem, que está proximo á morte, deve  
 ja estar preparado, e não entrar naquella  
 hora a preparar-se. Não deve naquelle tem-  
 po aprender a morrer, deve ja ter aprendi-  
 do: *Ideo & vos estote parati.* Estai pois  
 sempre aparelhados, diz o nosso Senhor,  
 porque o Filho do homem virá naquella ho-  
 ra, em que vós o não pensais. *Non enim scit  
 dies illi.* Isto he o que fizeram todos os Santos,  
 e os melhores amigos de Deus: Job, a quel-  
 te milagre de paciência, indefectivamente pen-  
 sava na morte, e na conta que havia de dar  
 a Deus: *Quid faciam (dizia elle) cum venerit  
 ad iudicandum Deus? & cum quesierit, quid  
 respondebo ei?* Que farei, quando o meu  
 Deus me vier julgar? E quando me pergun-  
 tar, que responderei eu ás suas perguntas?  
 David fazia da eternidade materia ordi-  
 naria das suas meditações: *Cogitavi dies an-  
 tiquos, & annos aeternos in mente habui.* (Pf.  
 76. 6.) Eu chantei á minha memoria os tem-  
 pos passados, e sempre tive presentes no

meu entendimento nos annos eternos. Elle cuidava no passado para o emendar, e no futuro para se preparar com tempo para a eternidade.

» Aprendamos pois a morrer todos os dias em espirito, e como a vontade, para que a nossa alma aprenda a separar-se do seu corpo pela separação que deve fazer dos seus appetites, e fazendo-se superior a todos os prazeres terrenos, receba a morte como huma representação dessas que ella tem praticado, e não como huma pena a que deya estar sujeita. » Este he o sabio conselho, que nos dá Santo Ambrosio. (S. Ambr. lib. de Fid. Resur.)

Aprendamos hum officio, de que huma vez indispensavelmente devemos usar, e de que não podemos usar mais que huma só vez. Persuadamo-nos que Deos nos diz o mesmo que por seu mandado disse o Profeta Isaias ao bom Rei Ezequias: *Dispone domui tue, quia morieris. tu, & non revives.* (Isai. 38. 1.) Ponde em ordem as vossas dependencias, porque certamente ides morrer: não tendes mais que hum anno, que hum mez, que huma semana, que hum dia, que huma hora, e poderá ser que só hum momento. Vós morrereis mal, se a morte vos apanhar desprevendo; e deste modo vos achará, se não cuidal nem vos preparas para ella.

CAPITULO II.

Como hum Christão se ha de preparar para a morte.

**H**A duas qualidades de preparações; huma geral, e outra particular: a geral consiste em huma boa vida; a particular naquellas boas obras; que precedem á morte. Não falto aqui da primeira, mas somente da segunda, e proponho algumas disposições necessarias para bem morrer.

A primeira he aquella vigilancia, que o Filho de Deos tanto nos tem recommendado, e a qual absolutamente nos he necessaria; porque Deos não dá a graça da perseverança senão a quem he servido; e diz pelos seus Evangelistas que a negará áquelle que não for vigilante. « Estai aparelhados, e vigiai; pois não sabeis o dia, nem a hora. Senão estais á letra, eu virei á maneira de hum ladrão; e vós ignorais á que hora eu virei. O que eu porém vos digo a vós, isso digo a todos: Vigiai. » (Math. 25. Márc. 13. Apoc. 3.)

Alguns ha, que estranhão ter nos Deos occultado o dia da nossa morte. Mas os Santos Padres dão excellentes razões deste segredo, que respeitão a gloria de Deos, e não menos a paz, e tranquillidade dos ho-

mens.

mens; o merecimento dos bons, e a emenda dos más (Da quem serve de freio esta incerteza. Diz Santo Agostinho, que Deos nos pouca o nosso ultimo dia; e a fim de que todos os dias vigiemos; e para que de tal sorte vivamos hoje, como se hoje mesmo houvessemos de ser julgados: *Latet ultimus dies, ut observentur omnes dies.* (Lib. de Doctr. Christ.)

Não basta somente vigiar, he tambem necessario pedir a Deos esta graça; e para a alcançar, he preciso usar de caridade grande com os pobres. O Filho de Deos affirmo manda naquella parabolâ do feitor prudente, ainda que infiel, onde depois de ter louvado a industria com que havia adquirido amigos, nos dá esta instrução admiravel: *Et ego dico vobis: Facite vobis amicos de mammona iniquitatis, ut cum defeceritis, recipiant vos in eterna tabernacula.* E eu vos digo, que façais amigos com as riquezas da iniquidade, para que quando falecerdes, elles vos recebam nas eternas moradas. Estes amigos são os pobres, cujas orações alcançam a salvação dos que os tem favorecido. De tudo fica privado o Christão que morre; excepto das boas obras, que sempre o acompanhão, e tambem os pobres a quem elle tinha soccorrido, que lhe assistem na sua extrema necessidade. S. Pedro Chrysologo diz assim: Ninguem poderá desculpáse aquel-

aquelle; a quem a fome do pobre accusa. Será funesto aquella dia ultimo para quem nelle não tiver em seu favor a protecção, e rogativa dos pobres.

S. Jeronymo afirma, que elle se não lembra de ter lido, que pessoa alguma caritativa tivesse acabado mal. A razão que dá he bella, e solida; porque, diz elle, he impossivel que as orações de muitos não sejam ouvidas de Deos; e o que assiste a muitos pobres tem muitos intercessores diante delles: *Hubet enim multos intercessores, & impossibile est multorum preces non exaudiri.* (Epist. ad Nepom.)

He de summa consolação a promessa, que Deos fez por David ao homem caritativo: *Beatus vir, qui intelligit super egenam & pauperem: in die mala liberabit eum Dominus.* (Ps. 40. 1.) Bemaventurado o homem, que attende aos rogos, e necessidades dos pobres; nos dias maos o Senhor o styrará, isto he, no dia da morte, e do juizo: o Senhor o confervará, e lhe dará a vida; elle o fará affortunado na terra, e não o deixará desamparado no poder dos seus inimigos: e acrescenta, que assim que elle cahir na cama com enfermidade mortal, o Senhor lhe assistirá, consolará, e elle mesmo lhe comporá a cama, como hum amoroso enfermeiro, para que tenha hum descanso brando, e suave: *Dominus operam ferat illi super*

*lectum doloris ejus universum stratum ejus  
 reversasti in infirmitate ejus. (Pl. 40. 3.)*

O admiravel clemencia ! exclama Santo Ambrosio. Tanto empenho , tanta ternura mostra Deos para com os pobres , que se o seu maior inimigo repartir com elles dos bens que o mesmo Deos lhe tem dado , lhe promette que porá em esquecimento todas as injurias que lhe tiver feito , e que o defenderá dos seus inimigos ; e quando estiver enfermo , fará o officio de seu guarda , e de seu enfermeiro : *Futiet eum quasi infirmarius.* Assim traduz esta passagem o sabio Interprete Pagnino.

Além destas devoções , cujo effeito se deve reputar por infallivel , ha outras não de menos efficacia para conseguir huma boa morte. Huma das principaes he mandar dizer todas as semanas algumas Missas para alcançar esta graça ; porque como o Sacrificio da Missa he huma representação da morte do Filho de Deos , tem huma particular virtude para por meio d'elle conseguirmos huma boa morte. E por outra parte Jesus Christo nos protesta , que seu Pai nos concederá tudo quanto lhe pedirmos em seu nome , com tanto que seja cousa , que nos conduza á nossa salvação. E que cousa melhor lhe podemos pedir do que huma boa morte ? E em que occasião lhe pedimos mais propriamente em seu nome , que quando lhe offe-



recemos os merecimentos da sua vida, e da sua morte? Ora assim como he impossivel que Jesus Christo não seja ouvido, assim não pôde succeder que morra mal hum homem, por quem elle tantas vezes tem sacrificado a sua vida.

E muito principalmente se este homem participa com frequencia, e abundancia destes Divinos Mysterios pela Communhão de seu sagrado Corpo. He certo que o Filho de Deos tem prometido a vida eterna a quem come o seu Corpo, e bebe o seu Sangue; e tambem he muito provavel que não se falyará (ordinariamente fallando) quem commungar huma só vez na sua vida. Logo esta promessa foi feita aos que commungão frequentemente. E pois a salvação depende de huma boa morte, se pela Communhão se dá a vida eterna, segue-se que ella nos segura huma boa morte. Assim o fonte a Santa Madre Igreja, mandando-a dar aos enfermos em forma de Viatico, como hum seguro penhor da sua salvação, e poderoso conforto em o ultimo combate. « Aquelle » (diz Alger) que muitas vezes se unio ao » Filho de Deos na vida, não será separado » delle depois da morte. » Os Santos Padres dizem maravilhas do direito que tem á vida eterna todos os que dignamente commungão; porém aqui não he o lugar de tratar esta materia.

Em

Em fim, o ultimo meio; e entre todos o mais excellente. He eleger algum, ou alguns dias de cada meiz, para nos prepararmos para a morte, e para aprendermos a morrer bem. Como esta he a maior, e a mais importante acção da nossa vida, tambem pede muitas disposições, que sera impossivel sermos naquelle tempo, se agora não as prevenirmos. A oração, as esmolas, as Missas, as Communhões, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, a Santissima Virgem, e a S. José são meios muito efficazes para alcançarmos de Deus a graça da penitencia, e perseverança final. Mas tudo isto de pouco, ou de nada servirá sem da nossa parte cooperarmos; e esta cooperação consiste principalmente em vivermos sempre atentos, e vigilantes, e em nos prevenirmos para esta grande viagem com huma sabia, e santa vida.

Por outra parte não sabemos se teremos tempo, vigor, espirito, e liberdade para executar o que devemos fazer na vida deste mundo. He pois razão, e prudencia necessaria fazermos no tempo da saude, o que talvez não poderemos fazer no rigor da doença; pois além do que os actos que agora fazemos são mais fortes, mais puros, livres, e meritorios, do que os que faremos na enfermidade. O Filho de Deus, como temos dito, accita, e recebe o sacri-  
fi-

ficio, que lhe fazemos da nossa vida, e todas as mais preparações, que antes da doença praticamos em satisfação daquellas, para as quaes nem teremos lugar, nem advocacia; ou porque rapidamente seremos afaltados de humma aguda enfermidade, ou perturbados por outros muitos accidentes.

*Moriatur anima mea morte justorum*, (Num. 23. 10.) dizia hum mundano. Meu Deos, concedei-me a graça de que eu morra com a morte dos justos. A este se assemelha a maior parte dos homens, que vivem por seu gosto como reprobos, e querem morrer como predestinados. Viver como o rico soberbo, e morrer como o pobre Lazaro, isto he impossivel. Para morrer com a morte dos justos, he necessario viver com vida ajustada. Para sahir bem deste negocio, he preciso cuidar bem nolle muito tempo antes. Para effectivamente morreremmos bein algum dia, he conveniente morreremmos todos os dias, em quanto temos faulde.

Sendo hum bom Religioso axifado pelo Medico a fim de se preparar para a morte, elle lhe respondeo: Eu não tenho feito outra cousa, depois que tomei este habito, mais que cuidar em me pôr prompto para morrer; e assim agora não me deffito de me preparar para a morte, pois o fizem toda a vida. O ditoso feruo que o Senhor achar

140 *A Morte Juaze, e Santa.*

achar nesta disposição, elle o metterá na posse de todos os seus bens, diz nosso Senhor; elle lhe assistirá nesse mau dia, e o defenderá do poder de seus inimigos.

### C A P I T U L O III.

*Praticas de devoção para o tempo da enfermidade.*

#### A R T I G O I.

*IV Do que he preciso fazer no principio da doença.*

**T**udo o que o enfermo deve fazer no principio da enfermidade se reduz a tres cousas; a saber: fazer huma boa confissão; ordenar o seu Testamento; e entregar-se á morte resignado, e obediente á vontade de Deos. Como muitas pessoas tem escrito sobre este assumpto, só me demorarei em algumas cousas, que me parecem mais importantes, sobre as quaes darei alguma instrução mais particular.

#### S E C Ç Ã O I.

*Da Confissão.*

**A**ssim que o bom Rei Ezequias ouviu do Profeta, que da parte de Deos lhe pronunciou a sentença da sua morte, e o per-

persuadioa pôr em bom ordem os seus negocios, voltou-se para a parede; e derramando muitas lagrimas, se lembrou de todos os peccados da sua vida passada com huma summa dor: *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine anime mee.* (Isai. 38.) Isto he tambem o que hum Chriſtão ha de fazer logo no principio da sua enfermidade. Deve logo virar as costas ao mundo, e converter-se para Deos, chorar os seus peccados, e ordenar, e dispôr as suas dependencias.

He summamente importante confessar-se logo no principio da doença por muitas razões: a primeira para ser meritorio, e proveitoso o que houver de padecer; a segunda para pôr em socego, e descanso o seu espirito; a terceira para tirar a causa da doença, que he o peccado; a quarta para alcançar a benção, e o favor de Deos; a quinta para estar preparado, se acaso (como muitas vezes succede) for atacado de algum accidente perigoso, e repentino. Por outra parte, quanto mais o enfermo differir a confessar-se, menos capacidade terá para a fazer; porque he preciso ter grande socego, e perfeito juizo para se recordar dos seus peccados; para saber o número delles; distinguir as suas especies; declarar as suas circumſtancias; conceber huma verdadeira dor de todos elles; e formar as precisas resoluções de melhorar de vida. Como he

possivel que elle tenha este fôlego, e quizeo perfeito no rigor da enfermidade? Se elle não souber confessar-se bem no principio della, como se confessará no fim? Não fallo dos casos da consciencia sobre que he necessario consultar; nem dos conselhos, e resoluções, que se têm de tomar sobre os meios de reparar os danos, e desordens da vida passada. Que imprudencias, que concurra, que perigo não he reservado maior de todos os negocios para hum tempo, em que não estamos capazes de consar-nhum? Seria válido o Testamento que se fizesse neste estado? E credes vós que os que entrão tratar com Deos seja com acerto? O grande Escoto, e Doutor subtil reputa por peccado mortal guardar a confissão para este ultimo artigo. Referê o Cardial Belarmino, que visitando hum homem rico, que se achava enfermo, e exhortando-o á fazer hum acto de contrição, lhe perguntou elle, que cousa era Acto de Contrição? e dizendo-lhe o Cardial, que era huma dor do ter offendido a Deos por elle ser quem he; e huma firme resolução de mudar de vida, se ele lançar a saudade, respondeo-lhe o enfermo: Não sei o que quereis dizer; não comprehendo coisa alguma dessas; nem estou em estado de as aprender. E dize isto exprou, deixando o Cardial anonito com tão funesto successo.

quanto he verdade o que diz Santo Agostinho, que por justo juizo de Deos acontece, que na morte se esqueça de si, quem na vida, se esqueceo de Deos.

He pois necessario que o enfermo chame o Medico espiritual, quasi ao mesmo tempo que chama o corporal, e que trate da salvacao logo ao mesmo tempo que trata da saude, e que tire o peccado da alma para cessar a enfermidade do corpo. Assim ordena a Santa Igreja na Bulla do Santissimo Papa Pio V. que prohibe aos Medicos visitar o enfermo depois de tres dias de febre, sem que elle se confesse: *Judica te coram Domino, & expecta eum.* (Job 35. 14.) Julgai-vos na presenca do Senhor! accusai-vos, e condemnai-vos, e entao poddis esperar com segurança. Apresentai-vos a elle por meio da confissao dos vossos peccados; e cantareis os seus louvores até o ultimo instante da vida.

Ora, para conceberdes huma grande dor dos vossos peccados; deveis considerar os bens que Deos vos tem feito em toda a vossa vida; os males de que vos tem livrado; os perigos de que vos ha defendido; as graças com que vos tem soccorrido; sobre tudo a bondade com que vos tem perado; e a infinita paciencia com que tem soffrido as injurias que lhe tendes feito.

O meu filho David (dizia Saul) vós sois me-

melhor, e mais justo do que eu. Qual he o homem, que tendo em seu poder o seu inimigo o deixe ir em paz? O meu Deus, aqui estou nas vossas mãos. Eu sou hum subdito rebelde, que vos tenho feito guerra em toda a minha vida; na vossa mão está o vingar-vos. Muito tempo ha que eu devia estar nas vossas prizoões, como outros muitos, que vos não offendêrão tanto como eu. Com tudo em lugar de me castigardes, me concedeis a vossa misericordia; vós me deixais ir em paz, tendo eu sempre sido vosso inimigo; e por vossa infinita bondade me quereis dar hum gloria, que só se deve aos vossos fieis servos.

O meu Deus, eu morro com hum dor excessiva de ter agradecido tão mal as graças que me haveis feito, e de vos ter infinitas vezes lançado fóra do meu coração, para nelle dar entrada aos vossos inimigos. Confesso diante dos Anjos, e dos homens, que mereço o inferno. Eu aceito a morte em satisfação dos meus peccados; eu a desejo, eu a recebo; e abraço com todo o respeito, e amor, e espero das vossas misericordias que me dareis a vossa graça, para que vos possa louvar, e amar depois da minha morte; já que fui tão temerario, e infeliz que me atrevi a offender-vos em toda a minha vida.



S E C Ç Ã O II.  
Do Testamento.

**H**E astucia muito ordinaria do demonio persuadir aos homens que não devem cuidar no testamento, senão quando já estiverem proximos á morte. Elle sabe muito bem quanto he importante a hum enfermo estar livre, e desembaraçado de todos os negocios temporaes, para pacificamente tratar com Deos o negocio da eternidade. Por esta razão o impede para nada concluir neste particular, em quanto tem vida, e saude; para depois no conflito da morte o combater com cuidados; ou para lhe fazer omittir alguma cousa essencial, que prejudique a sua consciencia; ou ao menos para fazer que elle perca o merecimento desta ultima acção. Por isto julgo ser cousa muito acertada, prudente, e util fazermos testamento em quanto estamos com saude, e não guardar huma acção de tanta importancia para quando não estamos capazes de cousa alguma. Para se fazer pois como deve ser, he preciso guardar as regras da justiça, e da caridade.

A justiça manda, que o enfermo primeiro que tudo satisfaça aos seus crédores, entregue o que tem alheio, restitua a fama, e honra que tem tirado, e repare o escan-

226 *A Morte suave, e santa.*

dalo, de que tem sido causa. Porque, como diz Santo Agostinho, nunca se perdoa o peccado, sem se restituir a honra, e fazenda que se furrou: *Non dimittitur peccatum, nisi restituatur ablatum.*

Ha homens, que por huma summa injustiça podendo satisfazer, e pagar as suas dividas, em quanto tem saúde, dilatão o pagamento dellas até á morte, e cuidão que ficão seguros na consciencia com determinarem no testamento que se paguem. O Cardinal Toledo diz, que estes morrem em peccado mortal, e que esta he a opinião commum dos Doutores. O mesmo diz dos que tendo em seu poder algumas bens duvidosos, não fazem diligencia por se tirar da dúvida, mas deixão-nos assim duvidosos no mesmo testamento, com o receio de se não venem obrigados a restituillos em sua vida. Todos estes fazem hum testamento de morte, que só lhes servirá para sua condemnação.

A mesma justiça obriga a todo o Christiano, ou são, ou doente, a deixar aos herdeiros legitimos tudo o que he da lei, e do costume, sem por alguma doação simulada, ou fidei-commisso, tirar o que a elles lhes pertence; pois he certo, que o engano, e a má fé não dão direito algum para reter o que injustamente se possui. Em quanto pozermos legados voluntarios, a justiça lhe permite que disponha dellas como quem

está para ir comparecer na presença de Deus, sem fazer disposições, que venhão a ser origem de odios, e inimizades perpétuas.

Ordena a mesma justiça, que o senhor, e cabeça da casa recompense de algum modo os seus domesticos, e servos, accrescentando aos seus salarios alguma gratificação, que fique declarada no testamento, sem os entregar á Misericordia, sem piedade dos herdeiros, que nunca se satisfazem com o que lhes fica, e que julgão fazer muito em não lhes negar os salarios.

Em fim, o testamento deve ser concebido, e escrito em termos tão claros, e sinceros, que não deixe lugar a interpretações, e subtilezas, pois tem havido testamentos, que forão pômos de discordia entre as familias; incêndios, que abrazárão aos parentes; e huma perenne fonte de demandas, que nunca tiverão fim. E certamente não he bom pai o que deixa contendas, por herança; aos seus filhos.

Depois de satisfeitas as obrigações de justiça, convem cumprir as de caridade, ordenando legados pios, quanto permittirem as possibilidades. Confesso que as esmolas que se dão em vida são mais meritorias, do que as que se deixão para depois da morte. Com tudo he muito louvavel, e edificante deixar com que se cumprão estas boas obras, ou seja por satisfazer a consciencia, ou por

das bom exemplo ao proximo, ou tambem para adquirir as bençãos dos pobres, as quaes, como diz a Escritura, apagam o fogo da ira de Deos.

Ha muitos homens dominados da louca paixão, e soberba de quererem que, sem ter feito cousa alguma louvavel na sua vida, delles se falle com louvor depois da sua morte. Vereis muita gente, diz Seneca, que só trabalha para terem hum magnífico epitafio sobre as suas sepulturas, e que fazem despezas prodigiosas para a pompa dos seus funeraes. Isto se podia disfarçar nos gentios, pois com este estratagemá pensavão triunfar da morte, e a seu pezar adquirir huma especie de immortalidade no conceito dos homens. Mas por ventura pôde-se tolerar em hum Christão, que professando humildade na vida, deixe depois da morte huns eternos padroes da sua louca soberba, e ambição? O' que louça vaidade, exclama S. Prospero, fazer dizer pelos marmores, o que só devião publicar as virtudes.

Guardai-vos, alma Christã, de cahir em similhante desordem; e se tendes sido tão infeliz que levantastes templos á vaidade na vossa vida, não façais o mesmo ainda depois da morte. Fazei morrer com vosco a vossa soberba; e se quereis que se falle de vós depois da vossa morte, buscai os pobres

para fazerem o vosso elogio, e para serem  
s panegyricas das vossas acções.

As exeremonias, de que a Igreja usa nas  
requias, são uteis, e fervem de grande soc-  
orro aos defuntos: mas de que servirá humi-  
o funebre apparato? Isto, diz Santo Agos-  
inho, he mais para gosto dos vivos, do que  
para allivio dos mortos. Não valerá mais  
istribuir esse dinheiro em esmolas, para que  
offereção orações a Deos por vós (que  
avez estejais no Purgatorio em extrema  
ecessidade), e em livrar os que estão pre-  
os nas cadeias, para que Deos vos livre  
ais sedo do carcere do Purgatorio? Em  
occorrer os pobres, e enfermos dos Hospi-  
aes, a fim de que Deos vos dê allivio nas  
ossas penas, do que fazer-vos conduzir pa-  
a debaixo da terra com tão apurado luxo,  
tanta magnificencia?

He justo que aos amigos, que corpo-  
al, e espiritualmente vos tem assistido, lhes  
eis finais de amizade, e agradecimento;  
mas entre todos lembrai-vos de Jesus Chri-  
to, que he o melhor, e mais fiel amigo;  
ue já mais tivestes; a quem por infinitos  
odos sois obrigado, que vos dá o seu mes-  
mo Corpo, e o seu proprio Sangue, os seus  
hesouros, os seus merecimentos, e todos  
s seus bens, e vos tem declarado por seu  
niversal herdeiro. Algumas pessoas ricas o  
em constituido herdeiro dos seus bens nas

pei-

peſſoas dos pobres, não deixando a ſeus filhos (com conſentimento delles) mais do que a herança da pobreza, e conſiança em Deos. Outras não tendo filhos, fizeram a Virgem Mãi de Deos univerſal legataria de todos os ſeus bens, e já nesta vida experimentarão os effeitos da ſua protecção.

Estas couſas não ſe devem fazer ſem huma particular inſpiração de Deos, e conſelho de peſſoas douras, e deſinteressadas. Mas vós ſereis hum ingrato ſe vos não lembardes do Filho, e da Mãi em o voffo teſtamento, e ſe lhes não derdes alguma parte dos voffos bens. S. João Chryſoſtomo dá eſte conſelho a hum Chriſtão: Não vos esqueçais de Jeſus Chriſto em o voffo teſtamento: ſe vós o fizerdes voffo herdeiro com os voffos filhos, elle os receberá todos na ſua protecção, e lhes ſervirá de Pai, e de Tutor, em quanto lhes durar a vida.

Dai pois principio ás voffas diſpoſições pelos legados pios: adquiri amigos, que vos yalhão na voffa extrema neceſſidade; que vos recebão no Ceo depois da voffa morte; que vos livrem daquelle fogo, onde talvez vos abraçareis até ao fim do mundo. Como ſerá bem para os outros, diz o Eſpirito Santo, aquelle, que ha máo, e cruſt para com ſigo meſmo? De que vos aproveitará ter deixado grandes riquezas a voffos filhos, ſe

vós

vós não tendes no inferno huma gota de  
 agua para refrigerio da vossa lingua? Visto pois, que o testamento he a volun-  
 ta de natureza humana, e da razão  
 razão, cuja acção he de grande mercimen-  
 to, quando se faz com promptitude,  
 luz, e conhecimento, será uell fazer luto  
 para se recitar, e repetir todos os dias  
 diante de huma Imagem de Jesus Christo  
 crucificado. E aqui ponho o modelo para  
 cada hum por elle se regular.

*Forma de hum Testamento Christão.*

**E**M nome da Santissima, e sempre adoravel Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo. Eu, N. sabendo que a morte he inevitavel, por ignorar a hora em que a minha sera, declaro que estou ao presente em meu perfeito juizo, e inteira liberdade que quero morrer como filho da Santa Igreja Catholica, Apostolica, e Romana, e que a reconhoço por minha Mãe, e Senhora, e de qua da qual não pode haver salvação: crendo tudo o que ella ensina, e detesto tudo o que ella condemna; e na face do Céo, e da terra protesto que morro como seu filho sendo aquella fé, que ella professa, e ensina. Declaro mais, que morro na communição da Santa Sé, e na obediencia  
 que

que todo o fiel Chriſtão deve ao Summo Pontifice Romano, como Vigário do Filho de Deus na terra; e Cabeça da Igreja univerſal; Succellor de S. Pedro; e ſoberano Paſtor do rebanho de Jeſus Chriſto. Creio; e eſtou prompto a dar a vida pelas verdades ſeguintes; a ſaber: que há hum Deus todo poderoso, e eterno; ſubſiſtente em tres Perſoas, Padre, Filho, e Eſpírito Santo; que elle creou o Céu, e a terra; que me deo o ſer para a ſervir, honrar, e amar; que Jeſus Chriſto, ſeu Filho, noſſo Senhor, he verdadeiro Deus, e verdadeiro homem; que em quanto Deus reina *ab eterno* com ſeu eterno Pai; e que em quanto homem nasceu da Virgem Maria ſua Mãe; que veio ao mundo para nos allumiar com a ſua doutrina; para nos inſtruir com os ſeus exemplos; para nos remir com a ſua morte; para nos enriquecer com os ſeus merecimentos; para nos ſantificar com a ſua graça; e para nos fazer eternamente felices com a ſua gloria: creio; que reſuscitou no terceiro dia depois da ſua morte; que ſubio ao Céu; e eſtá á mão direita do ſeu Eterno Pai; e que eu hei de comparecer no ſeu Tribunal para dar conta de todas as acções da minha vida.

Confello; e reconheço as ſiſtintas obrigações que devo a meu Deus por todos os beneficios que me tem feito; e por todos os males de que me tem librado. *Amo e adoro*



ro; e lhe dou graças de todo o meu coração. Quizera ter mil vidas para dellas lhe fazer hum sacrificio de agradecimento; mas não tendo mais que esta miseravel, e quasi toda empregada em offendello, declaro que de muito boa vontade a quero perder em reconhecimento do absoluto dominio que o mesmo Senhor tem sobre ella, para render a devida vassallagem á sua infinita grandeza, por satisfação á sua justiça que tenho aggravado, por obediencia ao seu beneplácito, para gozar da sua presença, para imitar a seu Divino Filho, e para lhe dar o testemunho possível da minha veneração, e do meu amor.

E no caso que succeda por algum accidente repentino ficar privado dos sentidos, declaro que a minha intenção, e desejo he receber os Sacramentos da Igreja, e principalmente o da Penitencia. E assim peço ao Padre que me assistir me dê a absolvição dos meus peccados (pela declaração que faço neste escrito, e por outro semelhante que deixo assinado de minha mão), que eu a desejo, e peço instantemente; e para isso detesto, abomino, e me pezo de todos os peccados da minha vida, accettando a morte na falta de outras penitencias que não poderei fazer. Amen.

O meu Deus, e meu Senhor, Magestade infinita, e adoravel, aqui estou profi-

254. *A Morte suaue, e Santa.*

trado diante de vós, e com toda a humildade que posso confesso, e publico o mal que fiz em vos offender, e a que me teço a morte, e a condemnação eterna; que de pouco hum inferno para meu castigo; e assim me offereço, e sujeito com profundo respeito a tudo o que quizerdes dispor de mim no tempo, e na eternidade. Confirto, e confirmo com toda a minha alma a sentença que por mim, ou contra mim derdes. Confesso, que se for tão desgraçado que me condemnar, não sois vós a causa desta desgraça, mas somente a minha maldade, a minha ingratião, a minha contumacia, e a resistencia que tenho feito ás vossas graças. Faço esta protestaão diante de todo o mundo; e serel o mais injusto, e o mais temerario se me atrever a murmurar das vossas disposições, ou a queixar-me de huma sentença, que reconheço por santissima, rectissima, e justissima.

Com tudo ainda que sou muito indigno das vossas misericordias, ó Deus de bondade, sempre espero, e confio que me haveis de salvar, em anegão ás lagrimas, e sangue precioso, que vosso Filho, e meu Salvador derramou por meu amor. Eu creio, meu Deus, com huma fé muito firme, que elle morreá pela salvação de todos os homems, e pela minha em particular; e estou prompto a firmar com o  
meu

meu sangue este fundamental artigo da Religião.

O Salvador da minha alma, que vieses do Ceo á terra buscar os peccadores, aqui está o maior de todos, que vai apparecer diante do vosso Tribunal. Quero, Senhor, e convenho em ser julgado por vós, com tanto que interponhais a vossa cruz entre mim, e a vossa justiça. Olhai para estas chagas, que por minha salvação recobestes: buscai o vosso coração, e nelle achareis com que pagar a pena merecida pelas minhas culpas. O dulcíssimo Jesus, lembrai-vos que só para me buscardeis fizestes tantas viagens; que para me dardeis a vida soffrestes a morte; e que para me fazerdes ditoso, e bemaventurado he que vos fizestes o mais desprezível, e infeliz de todos os homens. Ah! não se peneira huma calva, que tanto vos custou.

Eu tenho huma dor muito grande de vos haver offendido, e de poderestemunho de fazei pezar a ceito a morte com todos os incommodos da enfermidade. Quero que este miseravel corpo, que tão delinquente, tanto sido em deleites abominaveis, seja consumido de dores, e molestias antes de morrer, e depois comido dos bichos. Totalmente entrego a minha alma nas vossas mãos; e pela multidão de culpas que tem commettido, de boa vontade confesso que vá ao

Pur-

Purgatorio (se vós affirmar o contrário), e nelle esteja até que se satisfça á vossa vna justiça. Amen.

O meu Jesus, meu Senhor, e Deus, minha vida, minha salvação, e minha total esperança. Declaro, que ao fente por beneficio vosso estou em meu fento juizo, e inteira liberdade; e affirmo isto, e abomino tudo o que por debidade da natureza, violencia das dores, f de tenção, e do malicia do demonio poderei fazer, dizer, e pensar, e querer, não querer contra a obediencia que vos vos; e renuncio todas as suggestões de demonio, e protesto que quero morrer, huma inteira submissão á vossa Divindade. Amen.

O Santissima Virgem, e dignissima de Deus, eu vos peço por minha Mãe Senhora, e Advogada na presença do Deus, e nas vossas mãos remetto o negocio da minha salvação. Declaro morro como moço fero, e como Filho; e que depois de Jesus Christo, vós ponho toda a minha esperança. O de meu Salvador; mostrai que fôis minha Mãe, e intercedei por mim d'quelle, que se di nasceu de vós. Santa Maria, Mãe de I rogai por mim miseravel peccador agora, hora da minha morte. Amen.

Meu Santissimo José, Esposo muito

grito da Virgem Maria , Pai , e Protector de Jesus Christo Redemptor meu , alcançai-me huma morte semelhante á vossa , assisti-me em o meu transito , e conseguí-me a graça de morrer , como vós , entre Jesus , e Maria. Amen.

• Anjos de Deos , celestiaes Intelligencias , que tanto tendes cuidado em mim na minha vida , não me desampareis agora na minha morte. Rogo , e me apresento ao Glorioso S. Miguel , para que me defenda dos meus inimigos no ultimo combate ; ao meu Anjo da guarda , para que me governe , e conforte nesta minha enfermidade ; e aos meus Santos Patronos , para que me assistão com as suas orações , e me alcancem huma boa morte. Amen.

• Depois desta declaração da minha fé , e penitencia , disponho dos bens que Deos me tem dado pela ordem que deve seguir quem lhe vai dar conta no Tribunal da sua justiça , não respeitando outro fim mais do que a gloria do seu Santissimo Nome , a salvação da minha alma , o socego da minha consciencia , a paz , e concórdia da minha familia. Eis-aqui as minhas ultimas vontades.

• Entrego a minha alma a Deos , de quem a recebi , e totalmente a deixo resignada na sua Divina disposição , e misericordia , assim no tempo , como na eternidade.

En-

Entrego o meu corpo á Santa Madre Igreja, e com humildade lho peço o reciba no seu gremio, e o faça sepultar como os que morrem na sua communicação, ainda que pelos peccados commettidos merecia ser separado da sociedade dos Fieis.

De todo o meu coração perdoos aos que me tem offendido; e peço a quem eu tenho aggravado me queira perdoar, para que Deos use de misericordia comigo. Amen.

Deixo aos pobres do Hospital, &c. aos da minha Freguezia, &c. para os prezos, &c. e para outros necessitados, &c.

Deixo aos que me servirão, além dos seus salarios, &c.

E para que estas minhas ultimas disposições sejam fielmente executadas, nomeio para meus Testamenteiros a N. e a N. e effizamente lhes peço que inteiramente fação restituir tudo o que acharem me não pertence, de que eu não tenha noticia.

Estas finalmente são as minhas ultimas vontades, e disposições, que assigno por minha mão, estando em meu perfeito juizo, e com toda a liberdade. Aos       do mez  
de                               de 17

Depois de assim feito, e ordenado o testamento, he muito conveniente executarmos nós mesmos tudo o que pudermos, em quanto dura a vida, sem descansarmos nos filhos, e herdeiros, por mais que elles pro-

ref-

restem a pontualidade em o satisfazerem; Pagaremos pessoalmente nossas dividas, havendo-as, e tendo com que; e senão houver com que se paguem, he preciso deixal-las exactamente declaradas. E se houver escritos de obrigações, contratos, &c. que ao parecer de pessoas inteligentes, e virtuosas tenham dúvida, depois de tudo bem examinado, não sendo legitimos, e verdadeiros, ou se rasguem, ou se queimem. Se houver alguma fazenda, ou traste mal adquirido, he justo se restitua antes de morrer. Se na propria casa estiver alguma pessoa escandalosa, logo se mande pôr fóra, prohibindo-lhe a entrada, sem que lhe seja permittida por qualquer pretexto. He deixar para tarde differir para o tempo da morte o remover estes escandalos; mas por nossa miseria tem aqui lugar o mais vale tarde que nunca.

Trata-se logo de mandar fazer em pedações todas as estatuas impudicas, todos os livros, e pinturas lascivas, que houver em casa: advertindo que não pôde haver boa morte sem assistencia da Virgem Maria, a qual he certo não assistirá onde estiverem esses inimigos seus. Isto he o que ella respondeo ao Abbade Cyriaco, porque (ainda que sem elle o saber) havia na sua cella huns livros hereticos.

Em fim, não deixemos de mandar saudar

dar aos inimigos , certificando-os de que morremos inteiramente em paz com elles , pedindo-lhes perdão , e que se esqueção de todo o passado.

*Com que intenção se deve hum Christão dispor para a morte.*

**N**ão temos liberdade para deixarmos de morrer , mas sim a temos para morrer como homens , ou como brutos ; para morrer como Santos , ou como condemnados .

Não se pôde bastantemente encarecer a cegueira da maior parte dos homens , pois applicando todos os seus cuidados em augmentarem os bens terrenos , nada cuidão no merecimento da sua morte , cujo fructo he inestimavel . Se emprestão o seu dinheiro a algum mercador , querem que lhe dê hum grande lucro , quando ao mesmo tempo dão a vida por cousa nenhuma , podendo della tirar hum interesse infinito . Eu não fallo dos que morrem em peccado mortal sem a graça de Deos , fallo sim dos que morrem na sua graça , porque perdem o fructo das suas molestias por falta de submissão ás divinas disposições ; pois he certo , que não ha merecimento sem liberdade , e que a morte não he livre , se voluntariamente se não accita .

Todas as razões , que neste livro mostrei



rei para se desejar a morte, são outros tantos motivos para a acceitar. O ignorarmos se morreremos em o nosso perfeito juizo, e conhecimento, nos obriga a morrer todos os dias por ventade, para effectivamente se fazer livre a morte, que per si he necessaria. Aqui pois mostro os principaes fins, por que se devem regular nossas intenções.

I.

Morrer para reconhecer, e honrar a summa grandeza, e immortalidade de Deos pela destruição do nosso proprio ser, e da nossa mesma vida.

II.

Para satisfazer á sua justiça, com a perda de todos os nossos bens, e da cousa que mais estimamos no mundo, que he a nossa vida.

III.

Para reconhecer, e gratificar a sua bondade por todos os benefícios que nos tem feito, offerecendo-lhe a nossa vida em sinal de agradecimento, posto que ella mais lhe pertença do que a nós, e ainda que muitas vezes tenhamos merecido perdella.

IV.

Para merecer ver a Deos, e a gloria do Paraíso, que he toda a nossa bemaventurança.

V.

Para dar testemunho do amor que temos

mos ao nosso Deos, morrendo por elle, assim como elle morreu por nós.

Eis-aqui as cinco intenções, ou fins, que devemos ter para a morte, e que a farão preciosa. Morrer como victimas da grandeza de Deos; morrer como victimas da sua justiça; morrer como victimas da sua bondade; morrer como victimas do seu amor; morrer como pertendentes da sua gloria, e da nossa bemaventurança. Digamos mais alguma coisa a este respeito.

### I. FIM, E INTENÇÃO.

*Morrer para reconhecer, e honrar a summa grandeza, e immortalidade de Deos pela destruição do nosso proprio ser, e da nossa mesma vida.*

QUanto ao primeiro, que diz respeito á gloria de Deos, he certo que não ha cousa com que mais se honre a Deos, do que com a morte recebida com amor, e alegria, ou ao menos com resignação, e paciencia; porque deste modo mostro reconhecer a sua independencia, e absoluto dominio que tem sobre a nossa vida. Assim testifico que o amo sobre todas as cousas, pois deixo por seu amor o que no mundo he mais estimavel. Desta sorte lhe sacrifico huma ~~vizima~~ ~~summa~~ ~~preciosa~~, que he o meu

meu ser com todas as suas dependencias. Em fim por seu amor abraço huma estreita pobreza; sujeito-me á maior de todas as humilhações; confinto na maior anniquilação; sacrifico-me á mais horrivel pena; accetto o mais medonho desterro, e finalmente renuncio as mais fortes inclinações da natureza.

Diz Santo Agostinho, que a Igreja todos os dias sacrifica a sua Cabeça, que he Jesus Christo; e que Jesus Christo, como Cabeça, todos os dias sacrifica o seu corpo, que he a Santa Igreja. Logo sendo nós membros da mesma Igreja, todos os dias devemos sacrificar-nos a nosso Senhor; e porque a morte he da essencia do sacrificio, devemos todos os dias morrer, senão effectivamente, ao menos accetando com affecto a morte por seu amor, honra, e gloria: *Quotidie morior pro vestra gloria.* (1. Cor. 15. 31.)

Já não he permittido aos homens offerrecer a Deos animaes em sacrificio, porque isto seria duvidar da vinda do Filho de Deos, o qual, como diz S. Paulo, poz termo a todos os sacrificios da antiga Lei com o que elle fez da sua vida. Mas com tudo, sempre he permittido a qualquer homem sacrificar-se a si mesmo, não digo procurando a morte, mas unindo a sua á do Filho de Deos, que todos os dias mysticamente morre sobre os nossos Altars, e assim como

nós fazemos hum mesmo corpo com elle; assim tambem fazemos huma mesma victima, e sacrificio; e assim como não ha cousa, que mais honre a Deos, do que o sacrificio de seu Filho, assim nós não temos cousa, com que lhe demos maior gloria, do que unindo a nossa morte com a sua, e accetando-a como elle a accetou.

Em outro tempo mostrava Deos o prazer que sentia no cheiro dos sacrificios que lhe offercião: *Odoratus est Dominus odorem suavitatis.* (Gen. 8. 21.) Não porque o fumo de huma carne tostada lhe pudesse ser agradável; mas porque nestas victimas estava sentindo o cheiro da santidade de seu Filho, que se havia de sacrificar à sua gloria; não obstante que todás estas victimas de bois, e carneiros erão privadas de liberdade, e não se podião considerar como membros do Salvador, mas só como figuras, e sombras do sacrificio da Cruz. Não he porém assim hum Christão quando morre, porque tem liberdade, e amor, e he mais nobre, e consideravel do que todos os animaes da terra. He hum membro do Sagrado Corpo de Jesus Christo, unido a elle pela fé, esperança, e caridade, e pela communicção do mesmo espirito, que anima a sua santa humanidade. Por esta razão hum homem, quando morre, unindo o seu sacrificio ao de *Jesus Christo*, honra mais a Deos, do que o

povo Judaico com uma grande quantidade de  
animas, que degollavão no Templo.

III. FIRM; E BENSURENÇÃO.

*Morrer para satisfazer á Divina justiça.*

**D**Epois de nos considerarmos como vi-  
ctimas da gloria de Deos, segue-se fa-  
rificarmo-nos como victimas da sua justiça,  
aceitando a morte com satisfação das nossas  
culpas. Ainda que a morte he de necessida-  
de, com tudo, como fica dito; podemos  
fazella voluntaria com a livre accitação  
que della fizermos. E como neste mundo  
não ha maior penitencia, e satisfação do  
que morrer por Deos, quem se sujeira com  
tudo o rendimento, e resignação a esta dura  
necessidade, troca esta pena em graça, e  
muda o maior de todos os males em o maior  
de todos os bens. E aqui se verifica o que  
diz S. Bernardo, que a pena dos nossos pec-  
cados passa a ser defesa das nossas virtudes:  
*Pœna vitorum transit in arma virtutum.*

Logo he muito importante imitarmos  
ao bom Rei Ezequias, recordando todos os  
nossos peccados. Entrai pois no vosso cora-  
ção, como no Tribunal da justiça de Deos,  
citrai perante elle todos os vossos peccados  
para alhizerem accusados, e condemnados:  
fazei processo de todos sem exceptuar algum:

con-

considerai o número delles, a qualidade, a malicia, e a duração: vede que hum só peccado venial he digno de morte temporal, e hum só mortal mercede a eterna. Réparai pois quantos daquelles tendes commettido, e sabereis de quantas mortes sois digno; e então accetai promptamente a unica a que Deos vos condemna em satisfação da sua justiça, e dizei-lhe com hum espirito affectuoso, e contrito:

» Meu Deos, eu quero, e desejo morrer para satisfação da vossa justiça; e como não ha parte em meu corpo, que vos não tenha offendido; quero que todas vos paguem, e dem a possivel satisfação.

» Quero pois que estes olhos, que tantas vezes se empregarão em vistas deshonestas, sejam tirados do meu corpo, e consumidos; e que estas centinellas tão infieis sejam fechadas em huma escura prisão, onde não vejam mais luz até ao fim do mundo.

» Quero que esta lingua tão solta para juramentos, blasfemias, murmurações, mentiras, palavras deshonestas, ocoias, e cheias de vaidade, seja comida dos bichos, e desfeita em podridão.

» Quero que estas mãos executoras de tantas maldades na vingança dos meus inimigos, em defraudar os bens dos meus proximos, em falsos contratos, e em tan-

» tas impurezas abominaveis, sejam prezas  
» nas apertadas prizões da morte, e mace-  
» radas com hum frio mortaf até ao fim dos  
» séculos.

» Quero, meu Deus, que estes pés,  
» que deixarão de vós seguir, para busca-  
» rem as creaturas, desencaminhando-se, e  
» fazendo desencaminhar outros do caminhão  
» dos vossos preceitos para seguir os meus  
» escandalosos passos, sejam detidos, aperta-  
» dos, e carregados com os grilhões da se-  
» pultura.

» Quero que este coração traidor, que  
» tantas vezes se rebelou contra o vosso  
» amor, fazendo liga com os vossos inim-  
» gos, não cumprindo as mais sagradas obrí-  
» gações, e votos devidos á vossa sobera-  
» na Magestade, levantando em opposição  
» vossa tantos ídolos, quantas forão as crea-  
» turas, que com injuria vossa adorou, ebril-  
» gando-as á mesma rebeldia, seja despeda-  
» çado, comido, e devorado das mais as-  
» querosas sevandijas; e confinto que este  
» templo da iniquidade seja inteiramente des-  
» feito, e destruido, e que esta fornalha de  
» escandalos, e de impurezas seja extinta,  
» e consumida até ao dia do juizo.

» Quero, em fim, que esta carne, que  
» com tanta paixão tenho amado; que tão  
» brutalmente tenho nurrido, e regalado;  
» que tenho adorado, e feito adorar com

» a mais indigna impiedade, seja lançada  
 » como huma potheima a queiroza no mais  
 » fardido muladar, e que seja calcada, e  
 » pizada com os pés de todos os homens,  
 » e de todas as creaturas, e reduzida a mais  
 » abominavel podridão.

» O meu Deos, eu tenho summa dor,  
 » e grande pezar de vos haver offendido,  
 » pois sois a maior de todas as Magestades,  
 » o melhor de todos os Pais, o mais ama-  
 » vel de todos os Esposos, e o mais bene-  
 » fico de todos os Amigos. Aqui estou pes-  
 » ta cama como hum criminoso em hum ca-  
 » dafalso, nu, e condemnado, a morte pa-  
 » ra satisfazer a vossa infinita Magestade,  
 » Confesso que fiz mal em vos offender;  
 » aceito de boa vontade a morte, e todas  
 » as dores, e molestias da minha enfermi-  
 » dade em castigo dos meus peccados: de ro-  
 » do me sujeito a sentença que sobre mim  
 » proferirdes; e sempre confiando na vossa  
 » misericordia, digo com todos os sentimen-  
 » tos de dor, que huma alma penitente pó-  
 » de conceber: *Ita, Pater, quoniam sic pla-*  
 » *citum fuit ante te:* (Matth. 23. 36.) Seja  
 » assim, Pai meu, estou contente de perder  
 » a vida por ser assim a vossa vontade, e  
 » porque o tenho merecido.

III.



III. FIM, E INTENÇÃO.

*Morrer para gratificar a bondade de Deos.*

Santo Agostinho explicando este lugar de David: *Repleatur os meum laude, ut cantem gloriam tuam, totâ die magnitudinem tuam;* (Pl. 70. 8.) A minha boca se encha dos vossos louvores, para que cante a vossa gloria, e a vossa grandeza em todo o dia, diz, que devemos louvar a Deos em todo o tempo sem descanso, nem interrupção; e se explica com estas palavras: « Eu vos devo louvar na prosperidade, porque então me consolais; na adversidade, porque então me reprehendeis, e ensinais; pelo tempo em que ainda não era, porque me creastes; agora que tenho ser, porque me redestes; quando pequei, porque me perdoastes; quando me converti, porque me ajudastes; quando tenho perseverado, porque me premiastes.

Devendo pois louvar e ser agradecido a Deos em todo o tempo, digo, que por duas razões principalmente o devemos fazer na hora da morte. A primeira, porque he justo, e racional que antes de eu sair de huma casa, onde me hospedarão, e repararão bens, dê os agradecimentos ao senhor della. Deos nos poz neste mundo, que he

do considero as graças com que me haveis prevenido, os perigos de que me haveis livrado, os bens que me haveis feito, ainda quando tão cruelmente vos offendia; fico em huma espantosa suspensão por terdes soffrido, e conservado huma tão terrivel, e ingrata creatura, qual eu sou. Como, e com que vos agradecerei tantas misericordias?

Pois, Senhor, eu não tenho mais que huma vida miseravel, a qual muitas mil vezes mereci perder. A vós he que ella pertence, pois de vós he que a recebi; e ainda mais; vós a adquiristes com o vosso precioso Sangue. E que he pois a minha vida em comparação da vossa? Com tudo esta he a unica coisa que vos posso dar, e entre todos os bens o que mais estimo, com ella me quero mostrar agradecido. Eu vo-la offereço ao meu Deus, e meu Salvador, ou vo-la sacrifico com todo o amor, e reconhecimento de que he capaz hum coração humano. Eternamente cantarei com David as vossas infinitas misericordias; e espero que no Céo vos restituirei as devidas graças, e louvores, que vos não dei na terra.

O' Santissimo Pai, eu vos offereço os merecimentos, e adorações de Jesus Christos Filho vosso em supplemento dos meus. Eu unio a minha morte á sua, e as minhas penalidades com as que por mim soffreo, e com os seus mesmos sentimentos vos digo: *Tea*

*Pater, quoniam sic placitum est ante te:* Seja assim, meu amado Pai, estou prompto para morrer por vós, pois vós assim o ordenais. Eu assim o quero em reconhecimento dos infinitos beneficios que me haveis feito, e dos que espero receber na eternidade.

#### IV. I N T E N Ç Ã O.

*Morrer para ver a Deos.*

**O** Quarto motivo que nos deve fazer aceitar a morte, he o desejo de ver a Deos. He esta vida tão miseravel, que se Deos nos não decretasse a morte como pena, nós lha deviamos pedir como graça, para nos vermos livres de tantas infelicidades que nos cercão. Mas sendo a morte huma habilitação para entrarmos no Paraíso, e a passagem necessaria para huma vida muito melhor sem comparação, não a deveremos nós perder, e desejar com tanto empenho, como o com que procuramos ser ditosos? David em hum dos seus Psalmos faz huma pergunta, que parece estranha: *Quis est homo, qui vult vitam, diligit dies videre bonos?* (Ps. 33. 13.) Qual he o homem, que deseja a vida, e procura ver os dias felices? Pergunto eu agora: E ha homem no mundo, que não deseje huma, e outra cousa? Sem dúvida todos as querem; mas com tan-

to que nada lhes custem : pertendem o fim, mas não querem os meios : desejão ser ditos no Ceo, sem quererem viver mortificados na terra : querem viver eternamente, mas não querem morrer temporalmente : talvez suspirarão pela terra desejada, mas não querem fazer cousa alguma para a alcançarem : *Pro nihilo habuerunt terram desiderabilem.* (Ps. 105. 24.)

Com effeito, diz Guilherme Parisiensi, apenas se achará hum homem, que não pertenda possuir a Deos por menor preço do que aquelle, porque lho offerecem : *Vix invenitur, qui non le-viori pretio, quam offeratur, velit habere Deum.* Ora não he huma cousa intoleravel á razão, e á fé querer possuir sem custo o que custou tanto sangue, tantas lagrimas, tantos jejuns, tantas penitencias, tantas dores, e tormentos, e a propria vida ao mesmo Filho de Deos, e a todos os Santos ? Não seria muito conveniente, como diz Santo Agostinho, trabalhar eternamente por merecer hum descanso eterno, e soffrer infinitos males por segurar huma gloria infinita ? *Pro aeterna requie aeternus labor subeundus erat : aeternam felicitatem accepturus, aeternas passiones sustinere debere.*

Lembrai-vos de todas as misérias desta vida : fazei que em huma scena appareção todos os males, todas as afflicções, perse-  
gui-

guições, calúrnias, desprezos, e confusões; todas as perdas de bens, doenças, dores, e todos os temores, e tormentos interiores, e exteriores, que tendes soffrido, depois que estais no mundo: levantai depois os olhos ao ceo, olhai para essa terra dos viventes, para esse Palacio da gloria, aonde tereis tudo o que desejardeis, sem terdes nada que temer; e eu creio que não tereis dúvida alguma em vos resolverdes a morrer, e que direis com David:

*Quam dilecta tabernacula tua, Domine, virtutum: concupiscit, & deficit anima mea in atria Domini.* (Ps. 83. 2.) O' Deos, e Synchron das virtudes, quanto amaveis são as vossas moradas, quanto he perfeito o vosso Palacio! A minha alma desfalece com a ansia que tem de entrar na habitação do Senhor. Oh! quando chegará este momento feliz! Quando me tirareis deste desterro, em que ha tanto tempo me afflige estar longe da vossa presença! Quando abrireis este cárcere, em que ha tantos annos estou encerrado!

*Clamavi ad te, Domine, dixi: Tu es spes mea, portio mea in terra viventium.* (Ps. 141. 6.) Eu clamei a vós, ó meu Senhor; eu já vos tenho dito que sois a minha esperança, e a minha herança na terra dos vivos: attendei aos meus clamores, pois me acho muito abatido: livrai-me dos que  
me

me perseguem , que são mais fortes que eu.

*Educ de custodia animam meam ad confitendum nomini tuo : me expectant justi donec retribuas mihi :* (Ibid. 8.) Mandai já sahir a minha alma deste escuro carcere, para que bendiga, e engrandeça o vosso Nome ; os justos me esperão até que possua esta recompensa.

Vós nos tendes dito , que he necessario morrermos para vos ver. Bem está, Senhor, sou contente : *O' fons vitæ, moriar ut te videam, mortificem me ut te fruam :* (S. Aug.) O' fonte da vida, morra eu, para que vos possa ver : mortifique-se este corpo , para que esta alma vos goze. Ah Senhor ! que estou como hum pobre veado , agourado, e perseguido da furia dos cães , que só deseja o refrigerio das agoas. Não acho já satisfação neste mundo ; o que em outro tempo me agradava , só me serve de tormento.

*Unam petii à Domino , hanc requiram : ut inhabitem in domo Domini omnibus diebus vitæ meæ :* (Ps. 26. 4.) Huma cousa peffendo ; e nunca deixarei de a procurar , que he habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida ; e até que isto me seja concedido , não socegarão os meus desejos. Oh quando chegará este tempo ! O' Senhor , quanto me tarda este dia ! *Beati , qui habitant in domo tua , Domine : in secula seculorum*

lau-

*laudabunt te:* (Pf. 83. 5.) Felices, Senhor, são aquelles, que morão na vossa casa, porque elles vos louvarão por todos os seculos dos seculos.

### V. INTENÇÃO.

*Morrer para imitar a Jesus Christo.*

**A** Ultima, e principal intenção que devemos ter na morte, he de imitar a Jesus Christo nosso Senhor, que morrendo por nós, indispensavelmente nos obriga a morrer por elle, pois adquirio infinitos direitos sobre a nossa vida com a perda da sua. Do que conclue S. Bernardo, dizendo, que merece a morte quem não quer viver para elle: *Dignus planè est morte, qui tibi, Domine Jesu, recusat vivere.* E eu agora digo, que merece infinitas mortes quem por elle não quer morrer, porque por infinitos titulos lhe pertence a nossa vida. Se a cabeça morreo pelos membros, não será muito justo que os membros morrão pela cabeça? Pois que Jesus Christo morreo por nosso amor, nós tambem devemos morrer por elle, para assim lhe mostrarmos o nosso.

Refere Santo Agostinho nas suas Confissões, que quando no theatro se representava a fidelidade daquelles dous amigos, que contendião sobre qual delles havia de

M

MOR-

morrer pelo outro, todos os circumstantes se vião ou banharem-se com lagrimas, ou desaffogar com suspiros. E ficaremos nós indifferentes na morte do maior dos nossos amigos, que morreo por nós? E ainda duvidaremos morrer por elle? Dizei-lhe pois com o mais vivo sentimento de amor:

O meu amantissimo Jesus, e Redemptor do mundo, eu me considero ditoso em ter huma vida, de que vos faça sacrificio. Oh quanto morro satisfeito, e cheio de gozo, por testemunhar na perda do que mais amo, que eu vos amo sobre todas as cousas, e mais do que a mim mesmo! Oh se eu agota pudesse combater com os inimigos do vosso santo Nome, e rubricar com o mais puro sangue destas veias a verdade da minha fé!

Eu não mereço o triumpho de morrer pela Fé; mas infinitamente me considero ditoso, se morrer pela Caridade. E por este fim, com toda a efficacia renuncio por vosso amor pai, mãe, parentes, amigos, honras, riquezas, gostos, esperanças, e ao meu mesmo corpo, que deixo em despojo aos bichos, e á corrupção. Sinceramente perdoou a todos os que me offendêrão, e com todo o sentimento possivel de respeito, amor, e obediência vos digo: *Ita, Pater; quoniam sic placitum fuit ante te:* (Marth. 11. 16.) Assim, Pai meu, quero morrer para



vossa gloria por vosso amor, para satisfazer á vossa justiça em final de reconhecimento da vossa bondade, e para vos dar testemunho do meu amor.

Estas são as intenções que devemos ter na morte, e as razões que no-la devem fazer agradável. Como estes actos são de grande merecimento, e convencem efficaçmente o coração, e não sabemos se teremos tempo sufficiente para os praticar na morte, bom he fazellos, e praticallos muitas vezes na vida; porque se acaso formos de repente assaltados, possamos ratificar em hum instantê, o que já temos praticado com liberdade, e conhecimento pleno.

ARTIGO II.

*Do que se deve fazer no progresso da enfermidade.*

Assim como vemos nas obras da natureza que todos os corpos á proporção que se vão chegando ao seu centro, concebem hum movimento mais rápido, e ligeiro; assim também o enfermo, que se vai pondo perto do seu fim, deve empregar todas as forças de sua alma, e fazer os últimos esforços para chegar ao Ceo. No principio da doença elle só cuida em livrar-se do mal que o accommette, e no fim fica

vencido do mesmo mal. Logo pouco depois do principio da doença (receio dizer no meio, por temer seja já tarde) deve o enfermo pôr em ordem as suas dependências, e aproveitar-se do tempo que lhe resta para segurar a sua salvação.

Tres cousas se devem fazer neste tempo, todas da mais importante consequência, depois de feita, como já disse, a Confissão, e o Testamento: a primeira, he receber o santo Viatico; a segunda, receber a Extrema-Unção; a terceira, resistir ás tentações.

### I. *Communhão.*

**H**E summamente importante receber o Corpo de nosso Senhor na ultima enfermidade; primeiramente, porque assim o manda a Igreja, debaixo de peccado mortal, não havendo impedimento. Aquelle, que com qualquer pretexto impede ao doente o cumprir esta obrigação, pecca mortalmente. Muito mais o mesmo doente, que se priva deste incomparavel bem, ou por respeito humano, ou por negligencia, ou por falta de devoção. Ah! que succederá aquelle, que emprehende huma grande viagem sem provisão? Que será daquelle, que vai pelejar com seus inimigos, falto de armas, e sem defeza?

S. Cypriano tendo convocado hum Con-

cilio em Carthago, onde se acháráo quarenta e cinco Bispos, escreveu ao Papa Cornelio, da parte do Concilio, dizendo, que os Padres que nelle assistirão, sendo advertidos por algumas visões, e revelações, que a Igreja estava ameaçada de huma grande perseguição, tinhão resolvido abrir as portas da Igreja aos que por medo dos tormentos cahirão no crime de apostasia, e de os admittir á Communhão do Corpo de nosso Senhor Jesus Christo para os animar no combate: *Idoneus enim* (dizem os Padres) *esse non potest ad martyrium, qui ab Ecclesia non armatur ad praelium, & mens deficit, quam non recepta Eucharistia erigit & accendit.* Não he capaz de supportar o martyrio aquelle, a quem a Igreja não provê de armas para combater, e desfalece o espirito a quem não he fortalecido, e animado com a santa Eucharistia.

S. Cypriano sempre foi do parecer de admittir á Sagrada Communhão os maiores peccadores no tempo da perseguição, como elle declara nestas palavras: *Quos contra adversarium tutos volumus, munimento divinae saturitatis armamus.* Aos que nós queremos firmes, e intrepididos nos combates contra o inimigo, nós os armamos com a defeza da Sagrada Communhão. Não havendo pois inimigo mais formidavel do que o demonio, e empenhando elle os ultimos esforços na final  
do

doença, se hum Christão neste caso não érá fortificado com esta divina comida, e animado com a fortaleza de Jesus Christo, está em grande perigo de se perder, e ser vencido; por esta razão obriga a Santa Igreja aos fieis a receberem o santo Viatico.

Mas ainda que ella o não ordenasse, o cuidado que devemos ter da salvação da nossa alma não permitiria sermos nisto remissos. He doutrina da Igreja, que este Divino Sacramento tem huma particular virtude para fortalecer os enfermos, e para lhes adquirir a graça da perseverança; verdade he que os Sacramentos não a conferem infallivelmente em virtude da sua instituição, porém consta que a Santa Eucharistia tem hum poder especial para a communicação.

As palavras do Filho de Deos nos tirão toda a dúvida; pois com forma de juramento mais de huma vez nos assegura, que quem comer este Pão vivirá eternamente: *Amen, amen dico vobis, qui manducat hunc panem, vivet in aeternum.* He evidente que não falla da vida temporal do corpo; porque tanto morrem os que commungão, como os que deixão de commungar; logo estas palavras devem-se entender da vida sobrenatural da alma, que se conserva, e augmenta pela virtude deste Divino Sacramento; serão quizermos dizer, que tambem pe-

la

Na sua virtude communicará ao corpo a vida eterna por huma resurreição gloriosa, da qual he origem a mesma carne do Filho de Deos. Isto he o que sentem os Padres, e Doutores fundados nas claras, e formaes promessas, que o Senhor nos tem feito dito mesmo.

Mas fallando só da alma, não ha dúvida alguma, que este Divino Pão confere a vida eterna a quem digna, e frequentemente o come. Digo frequentemente, porque hum Christão não tem direito a esta herança por commungar huma só vez no anno; e digo dignamente, porque as Communhões sacrilegas constituem réo de morte eterna a quem as faz. Porém o que com frequencia, e em estado de graça recebe este Divino Pão; alcança a immortalidade gloriosa, ou pela abundancia de graças actuaes, que este Sacramento confere, ou por huma protecção especial, que nosso Senhor de algum modo deve aos que são membros do seu corpo; ou pela íntima união que elle contrahe com quem o recebe, que he huma especie de felicidade, e benaventurança já começada; ou seja em fim por Deos ter decretado premiar com o celestial Paraíso a quem frequentemente hospedar no seu coração a seu Filho, em quanto andar no mundo peregrino, e viajante.

Por esta razão a Igreja, e os Padres

chá-

chamão a este Sacramento penhor da vida eterna: *Pignus vite eterna*. Porque, como diz S. João Chrysofostomo, quem se nos dá nesta vida, fica como empenhado para se nos dar depois da morte: *Spem nobis bonans de futuris prabet: quippe qui nobis hic seipsum tradidit, multò magis id faciet in futurum*. Nunca acabaria, se quizesse referir aqui o que dizem outros Padres sobre esta matéria. Para segurar pois a nossa esperança, e fazella de todo firme, basta que o Filho de Deos chame a este Sacramento o seu Testamento, como declarão tres Evangelistas; porque quem possui o testamento, tem seguro direito á herança do Testador.

Mas o que além disto dá huma particular virtude á Santa Communhão para o indulto da graça final, he, que este Divino Mysterio he representação da Paixão, e Morte de Jesus Christo, e por consequente obra dous effeitos: o primeiro, he santificar os moribundos, como sujeitos que melhor representão a morte do Salvador, e que mais conformidade tem com o principio da graça. Além disto, instituindo o Filho de Deos este Sacramento na vespera da sua morte, se póde dizer, que elle contém em si a propriedade daquellas arvores, que produzem os seus frutos mais neste, do que naquelle tempo; e que da mesma sorte o tempo em que a Santa Communhão produz mais admi-

Yaveis frutos, he no tempo proximo á morte. Além do que, estão os moribundos mais bem dispostos para recebella, não tendo já cousa que os apegue á vida.

O outro effeito que tem este Mysterio, como representação da morte do Filho de Deos, he pôr em fugida os demonios, e fortalecer os enfermos contra os seus assaltos. Santo Thomaz ensina, que sendo o demonio vencido pelo sacrificio da Cruz, não pôde supportar o Mysterio, que delle he continuação, e que o representa. Diz S. João Chrysofostomo, que o demonio foge raivoso, clamando como os Filistheus, quando virão entrar a Arca da Alliança pelo campo dos Hebreos. Ai, que estamos perdidos! Ahi vem o Deos de Israel em soccorro do seu povo. Ahi está a Arca da Alliança, que os sacerdotes trazem á casa deste enfermo. Fugamos, retiremo-nos, não ha já esperança de algum interesse. Esta seguramente he aquella Meza, de que falla David, que Deos nos preparou contra os que nos affligem, e nos perseguem: *Parasti in conspectu meo mensam adversus eos, qui tribulant me.* (Ps. 22. 5.)

O mesmo S. João Chrysofostomo affirma ter ouvido a hum homem santo, que Deos lhe revelára, que assim que hum enfermo comungava, logo os Anjos lhe rodeão a cama, como guardas, até que espira, por  
amor

amor daquelle que recebeu dentro em si; e que depois estando a alma purificada, elles a recebem, e com festivas demonstrações a introduzem no Reino do Ceo. Que felicidade, que graça, que consolação! A' vista disto, que poderá hum enfermo recear? Não pôde elle antes com mais razão dizer com David: *Si ambula vero in medio umbrae mortis, non timebo mala, quoniam tu mecum es*: (Ibid. 4.) Se eu me achar no meio da sombra da morte, não temerei mal algum, porque vos tenho dentro em mim, e vós estais comigo. Aqui parece devia ser o lugar, em que se havia de advertir a preparação com que se deve receber este Augustissimo Sacramento; mas com o que fica dito, a todos se persuade isto muito bem, e em tal tempo o Confessor com o seu zelo, e caridade cumprirá com a sua obrigação. Fallemos agora alguma cousa do ultimo Sacramento.

## II. *Extrema-Unção.*

**C**omo as necessidades de hum enfermo, que está proximo a fazer viagem para a eternidade, são as maiores, e de mais consequencia, também os confortos com que a bondade, e o poder de Deus nesta occasião lhe assiste, são os mais proprios, e vigorosos. Vejamos huma, e outra cousa no Sacramento da Extrema-Unção. E fique já ad-  
ver-



vertido, que para se receber este Sacramento basta só o perigo de morte; e não he necessario o imminente, ou inevitavel artigo, como seguem os Theologos. E neste ponto são muito reprehensíveis, e culpados assim os enfermos, como os que lhes assistem, em não pedirem este Sacramento em tempo que elle possa communicar toda a sua virtude, guardando-o para quando o enfermo está quasi distituido do uso dos sentidos, e faltar daquella advertencia que faz fructuosa a sua efficacia, e o seu admiravel proveito.

Tres são os affaltos que dão ao enfermo, outres tantos poderosos contrarios, com todas as suas forças; e vem a ser: a enfermidade no seu maior auge; a consciencia com a maior inquietação; o demonio com o seu maior empenho. Mas contra todos he instituido por Jesus Christo este forte, e ultimo Sacramento.

He contra a força da enfermidade, pois conforta o enfermo, e o allivia das suas dores; que por isso Jesus Christo o instituiu em oleo, que se faz do fruto das oliveiras, o qual tem estas duas virtudes; a primeira se experimenta nos luctadores; a segunda no uso que d'elle faz a medicina nas feridas, tumores, &c. e se confirma com as palavras da Igreja na applicação do oleo santo: *Ad evacuandos omnes dolores, & omnes infirmitates.* Com elle,

segundo Santo Thomaz, e o Concilio Tridentino, vence o enfermo todas as molestias, e incommodos da enfermidade, e muitas vezes consegue a faude do corpo, quando esta he conveniente para a da alma: *Morbi incommoda levius fert, & sanitatem corporis interdum, ubi saluti animæ expenderit consequitur.*

Mas para se experimentarem estas virtudes, e as mais que direi, he necessario que o enfermo não ponha impedimento ou com a falta de advertencia, ou recebendo-o, quando está privado dos sentidos, ou com pouca fé, ou com alguma falta de confiança. Com esta unção sagrada he o corpo como consagrado, e purificado em todas aquellas partes, com que delinquo contra a Divina Lei, e assim livre destas manchas se acha habil para immediatamente participar da gloria, como diz Santo Thomaz: *In extrema unctione, preparatur homo, ut recipiat immediate gloriam.*

O segundo assalto he o da consciencia, que então o atormenta com a sua maior inquietação, porque vivamente lhe põe á vista todos os seus peccados com todas as suas circumstancias, enormidades, e escandalos; as occasiões que perdeu, e os auxilios que desprezou, e deste modo o accusa com o maior rigor, dizendo como S. Paulo aos Romanos: *Quem fructum habuistis in eis, in*  
qui-

*quibus nunc erubescitis.* (Rom. 6. 21.) Oh que funesta agitação , e espanto fente a alma ; vendo juntas as peccaminosas monstruosidades de toda a sua vida , de que já vai dar conta !

Mas , oh que bom , singular , e fiel amigo he Jesus Christo em as maiores neccessidades ! Elle poz neste Sacramento a soberana virtude para socegar toda esta tormenta , todas estas ondas das culpas , e toda esta alteração da consciencia. O oleo tem a natural ; e fysica virtude de applacar as tempestades do mar , como diz Pierio ; e este sagrado Oleo instituido por Jesus Christo para materia deste Sacramento , tem sobrenatural virtude para desfazer todas estas tormentas da alma , e alterações da consciencia ; e como ellas são excitadas pelos peccados , contra os quaes tem este Sacramento virtude maravilhosa , por ella se dissipão , e desapparecem todos esses horrores : *Et si in peccatis sit , remittentur ei* , diz o Apostolo Sant-Iago.

De tres modos , ensina Santo Thomaz , fica destruido o peccado por este Sacramento : primeiro , quanto á mancha da culpa ; segundo , diminuindo-se o reato , ou divida da pena ; terceiro , extirpando-se as reliquias d'elle. Pelo primeiro modo se remedeia o fusto , e receio que o enfermo terá de ter commettido algum peccado mortal , de que se não lembre , ou o não conheça para o

confessar, ou seja antigo, ou de pouco tempo; o que he muito facil succeder na occasião da enfermidade, quando as dores, as inquietações domesticas, o desgosto, e a sombra da próxima morte que vem chegando privão daquella advertencia que he precisa para confessar todos os peccados com as suas circumstancias; estes, e outras faltas ficão purificadas por este Sacramento, com tanto que o enfermo antes de ser unguido tenha huma sufficiente attrição, *existimata contritione*, de todas as culpas em geral, com que offendeo a Deos; o que se deve entender assim das mortaes, como das venias.

Pelo segundo modo se extingue por este Sacramento a pena temporal devida ao peccado em parte, ou em todo, com tanto que o enfermo o receba com toda a attenção, e com muita conformidade com a vontade Divina. E daqui se collige o quanto he interessante receber-se este Sacramento com aquelle fervor, e devoção, que huma viva advertencia excitará no enfermo, pois assim se livrará das terriveis penas do Purgatorio. Ultimamente pelo terceiro modo se extingue tambem as reliquias do peccado, quaesquer que ellas sejão, illustrando-se o entendimento, e dissipando-se a cegueira, que o mesmo peccado deixa nelle; e fortificando-se, e alentando-se a vontade, para que cheia  
de

de animo se renda toda affectuosa, e obedi-  
ente ao seu Creador.

O terceiro, e ultimo assalto, que o dem-  
onio maquina naquelle tempo com o maior  
empenho, por saber que he a ultima occa-  
são que tem para vencer aquella alma, e  
que escapando-lhe então, para sempre a per-  
de, consiste no veneno do peccado, que el-  
le quer introduzir na mesma alma, ou com  
a desconfiança do perdão dos peccados passa-  
dos, ou com algumas malignas suggestões  
de presente, e a tudo isto efficazmente se  
oppõe este sagrado Oleo com a sua sacra-  
mental virtude.

Com a virtude natural deste Oleo se  
matão, e affugentão muitos animaes mali-  
gnos, que perseguem o homem, e nelle se  
experimenta hum efficaz remedio contra as  
venenosas mordeduras de outros. Assim com  
a sobrenatural virtude que de Jesus Chri-  
sto recebe, como Sacramento de esperança,  
causa os mesmos effeitos na alma contra os  
malignos esforços daquellas infernaes, e des-  
esperadas feras, o que bem mostrão, e con-  
firmão os citados textos do Apostolo Sant-  
Iago, e do Concilio Tridentino; e tambem  
muito claramente o manifestão as palavras  
da Igreja proferidas pelo Sacerdote, depois  
de ter dado a absolvição ao enfermo, e an-  
tes de começar as unções santas, as quaes  
palavras são as seguintes: *In nomine Pa-*  
tris,

*ris, & Fi ✠ lii, & Spiritus ✠ Sancti extinguat in te omnis virtus diaboli per impositionem manuum nostrarum, &c.*

Resta sómente que o enfermo peça, e procure receber a Extrema-Unção em estado que tenha livre advertencia, para participar das maravilhosas graças, e virtudes, que por este Sacramento se lhe concedem. Tendo esta advertencia, irá gostando das misericordias do Senhor, e com humildade, e prazer agradecendo-lhas, ao mesmo tempo que o Sacerdote vai ungiendo, e purificando todas as officinas, em que se effectuárão os seus peccados; procurando tambem novamente arrepender-se de todas as suas culpas.

Na unção dos olhos se deve arrepender de todas as vistas impuras, e perniciosas; na dos ouvidos, da attenção que deo aos discursos do mundo, e do demonio, e de não attender á palavra de Deos proferida pelos seus superiores, Confessores, e Prégadores; na do nariz, do máo cheiro que com os seus escandalos deo á sua familia, e ao seu proximo; na da boca, de todos os peccados da lingua, como são murmurações, mentiras, juramentos, blasfemias, comer, e beber demaziado; nas das mãos, e pés, de pôr por obra, e executar tantas maldades, e tantos excessos de ira, vingança, e crueldade; e na dos lombos, de todos os peccados carnaes.

De

i De que tudo deve ir pedindo perdão a Deos , dando-lhe graças por lhe conceder tempo de receber tão proveitoso Sacramento ; e procurando , quanto lhe for possível , attender ás orações , e palavras da Igreja , que neste acto profere o Sacerdote : e deste modo se experimenta como este maravilhoso Sacramento , assim como hum luminoso , e benefico Sol , que nos vem trazer o claro dia da eternidade , faz applacar todas as tormentas , em que o coração , e alma quasi naufragavão ; e por isso d'elle diz o Concilio Tridentino : *Res etenim hæc gratia est Spiritus Sancti , cujus unctio delicta , si que sunt adhuc expianda , ac peccati reliquias abstergit ; & egroti animam alleviat , & confirmat , magnam in eo divinæ misericordiæ fiduciam excitando .*

III. Das tentações ordinarias , que padecem os moribundos.

**E**M todo o tempo nos tenta o demonio ; mas muito principalmente , e com maior empenho na ultima enfermidade , como quem sabe que deste ultimo momento depende ou perder-nos , ou salvar-nos , e que não terá mais outra occasião de nos perseguir. Assim o declara S. João no seu Apocalypse com estas terriveis palavras : *Væ terre , & mari ; quia descendit diabolus ad vos , habens iram magnam ,*

*gnam, sciens quod modicum tempus habet.* Ai da terra, e do mar; porque o demonio se vos avizinhou com grande furor, sabendo que lhe resta já pouco tempo.

Este combate he muito desproporcionado, porque he de hum Anjo com hum homem, de hum espirito immortal com hum moribundo, de hum forte armado com hum pobre enfermo, e que actualmente está afflicto com o seu mal; e só cuida em recuperar a saude. Como a fraqueza do nosso corpo o ajuda, e favorece contra o nosso espirito, e he inimigo summamente astuto, he muito preciso estar sempre á letta, e preparar-nos de hora em hora para esta ultima baralha.

Geralmente fallando, o demonio nos tenta na hora da morte com todos os vicios, a que tivemos inclinação em vida. E assim como o canudo do orgão soa, tanto que o Organista põe o dedo na tecla que lhe pertence; da mesma sorte, tanto que o demonio toca em algum daquelles viciosos costumes, que se formáráo em a nossa alma, logo se sente a paixão, e se faz conhecida com o movimento desordenado; e ainda que o enfermo não tenha força, nem meios para commetter o peccado, com tudo tem as que são precisas para nelle consentir que he bastante para se perder. Ora elle tenta a cada hum com a sua inclinação, ao avarento



tenta-o com o alheio ; ao sensual com a luxuria ; ao vingativo com a colera , e vingança ; a todos apresenta aquella especie de peccados , para que tiverão mais paixão , e em que muitas vezes cahirão na sua vida : e esta he a razão , por que o homem perto da morte , e depois de receber os Sacramentos , sem huma especial graça de Deos , se deixará vencer das tentações , sujeitando-se ás mesmas paixões , de que era escravo na vida.

Mas entre todas as tentações , deve-se o enfermo especialmente acautelar contra estas tres principaes : a primeira he a tentação contra a Fé ; porque como esta he o fundamento principal da salvação , vale-se o demonio de todos os esforços para o abalar. E assim como o Governador de huma Praça não reserva a prevenção para o tempo da guerra , porém a fortifica muito antes ; tambem nós não devemos esperar pelo tempo da morte para nos sabermos defender , pois he necessario aprendermos a usar das armas no tempo da vida.

Isto mesmo instantemente nos está encommendando o Apostolo das gentes. *Mens Irmãos* (nos diz elle) *fortificai-vos no Senhor , e no poder da sua fortaleza : Induite vos armaturam Dei , ut possitis stare adversus insidias diaboli* (Ephes. 6. 11.) *Revesti-vos das armas de Deos para vos poderdes defender dos ataques do inimigo. E descrevendo logo*

a sua força, e a sua malícia, conclue, dizendo: *Propterea accipite armaturam Dei, ut possitis resistere in die malo.* (Ibid. 13.)

Depois declara, que estas armas são o escudo da Fé, que devemos receber para rebatermos os golpes do inimigo: *In omnibus sumentes scutum fidei.*

O mesmo nos diz S. Pedro: « Irmãos meus, armai-vos de sobriedade, e vigilância; porque o demonio vosso inimigo vos cercá, e rodea rugindo como hum Leão, buscando a quem possa devorar, ao qual resisti fortes, e firmes na Fé. » E isto nos fará impenetráveis a todos os golpes, e tiros deste mortal inimigo. He muito necessario oppôr-lhe sempre a palavra de Deos, e fazer broquel das verdades da Fé, sem já mais disputar com elle; porque não ha cousa mais perigosa, do que usar neste caso da sciencia, e do engenho. E quem, para d'elle se defender, só manejar as armas da razão, está em muito perigo de perder a fé, do que temos hum funesto exemplo naquelle Doutor, que fiado na sua sabedoria, se poz em disputa com o demonio, o qual refere o Cardial Belarmino, pelo saber de Baronio Bispo de Pavia, Author muito verdadeiro, de que agora darei noticia.

Dous Doutores de huma Universidade contratarão, que o primeiro que morresse daria noticia ao que ficasse do estado em que

que se achava a sua alma. Bateo hum, cuja morte se teve por ditosa; e passados poucos dias, appareceu ao seu amigo cercado de chammas de fogo, dizendo-lhe que estava condemnado por ter disputado com o demonio, presumindo da sua sciencia, e engenho; e que tendo resistido por algum tempo aos seus primeiros combates, em fim depois se veio a render, negando a Divindade de Jesus Christo; e dizendo isto, desapareceu, dando hum horrendo grito.

Espantando-se o outro deste caso, e querendo-se aproveitar do exemplo alheio, procurou varios amigos; e declarando-lhes o successo, lhes pediu conselho para se portar como devia; e todos lhe disserão que não disputasse com o demonio, mas que resistindo fortemente, oppuzesse a crença da Igreja a todas as suas tentações, o que propoz observar: e não tardou muito tempo, quando tendo huma doença mortal, o maligno espirito com a experiencia da primeira victoria lhe perguntou pela sua fé, e lhe respondeo, como havia proposto, dizendo: *Eu creio o que crê a Santa Igreja*; e nunca o demonio lhe pode alcançar outra resposta, a qual ouvião os que estavam presentes, sem perceberem mais cousa alguma. Em fim morreo; e apparecendo pouco depois a hum dos amigos, a quem pediu o conselho, o certificou da furia com que o

de-

demonio o tentou; mas que elle o vencêra com o escudo da fé, e estava salvo.

Eu de proposito quiz referir este caso com particularidade, para que aprendamos deste exemplo a não disputarmos com o inimigo, e a dizer-lhe com a submissão, e obediencia devida; que cremos o que ensina a Santa Madre Igreja. He verdade que os ignorantes não satisfazem somente com dizer *Eu creio o que crê a Santa Madre Igreja*, porque devem saber com distincção os principaes Mysterios da nossa Santa Fé, como são o Mysterio da Santissima Trindade, e Incarnação do Filho de Deos; mas os que estão bem instruidos nas verdades da Religião, e muito mais se o forem nos termos Escolasticos, por isso mesmo somente se devem unir á authoridade da Igreja; fugindo de argumentar com tão doutissimo espirito.

*Tentações de presumpção, e desesperação.*

**H**A mais duas tentações, a que se podem chamar os dous precipicios da morte. Huma he a temeraria presumpção da salvação; a outra a desesperação della: *Ex utroque* (diz Santo Agostinho) *homines periclitantur, & sperando, & desperando.* Aquelle que diz consigo: Deos he bom, e misericordioso; e assim posso condescender com as minhas paixões, satisfazer os meus appe-

tes , e depois pedir-lhes perdão , perde-se  
com esta esperança , ou presumpção teme-  
ria ; e o que tendo commetido grandes  
eccados , crê no seu coração que Deos  
tem reprovado , dizendo consigo : Já não  
há remedio , perdi já a salvação , e estou  
condenado , perde-se por esta desespera-  
ção. Estes são os dous despeñhadeiros , de que  
um enfermo cuidadosamente se deve li-  
rar.

Não he tanto para temer a presumpção ,  
como a desesperação ; pois he cousa rara  
ver os homens na hora da morte presumão  
sobre seus merecimentos. Os que por largo  
tempo tem vivido mal , de tal modo estre-  
cecem na consideração das suas culpas , que  
subitamente desesperão ; e os que tem vivido  
bem , conhecendo melhor que os outros a  
malicia do peccado , e a rigorosa conta que  
se dá a Deos , estão notavelmente temen-  
do o Divino Juizo.

Por esta razão julgo ser grande impru-  
dencia , por não dizer crueldade , propor o  
confessor motivos de temor a hum enfer-  
mo , que está no fim da sua vida. Bom he  
temidallo algum tanto antes da confissão ;  
mas depois desta , e de haver recebido o  
santo Viatico , só deve cuidar em intertel-  
lar-se , e animallo com a bondade de Deos ,  
e com as suas infinitas misericordias , com os  
seus beneficios em geral , e em particular ,  
com

com a sua gloria; e com a felicidade da vida eterna.

A mais perigosa tentação he pois a que dispõe para desesperar; e por este caminho he, como já disse, que o demonio ataca bons, e máos: aos bons, encubriendo-lhes o bem que fizerão; e aos máos, mostrando-lhes as maldades que commettêrão. He cousa bem terrivel o que succedeo a Santo Elzeario na sua ultima enfermidade, e áquelle Religioso, de quem falla S. João Climaco, o que agora me não atrevo a referir com receio de que se inquiete, e perturbe a boa consciencia dos timoratos. E como esta tentação he muito ordinaria, bom será expôr aqui motivos, que nos fortifiquem contra os seus assaltos, e que nos firmem em huma solida, e perfeita confiança em Deos.

#### IV. *Motivos de esperança contra a desesperação.*

**Q**uem assistir a hum enfermo tentado de desesperação, deve propôr-lhe por primeiro fundamento da sua esperança o amor com que Deos trata aos peccadores, e os suavissimos convites, que na santa Escritura lhes faz para tornarem á sua graça. Tornai para mim (lhes diz por Ifaias), e eu me voltarei para vós: fazei penitencia, e vinde a mim: quero ser por vós accusa-

» fado , e condemnado , se eu faltar ao que  
» digo. Ainda que os vossos peccados sejam  
» tão vermelhos como hum escarlate , elles  
» virão a ser tão brancos como a neve. (Isai.  
» 1. 16. 17. 18. 45. 22.)

» Não quero a morte do peccador (diz  
» o mesmo Deos por Ezequiel) só quero  
» que se converta , e viva. E quem tem a  
» culpa de vós morrerdes , ó filhos de Israel ?  
» Sei muito bem , alma fiel , sei que sem  
» vergonha te has deshonestado , e que me re-  
» jeitastes por seguires os teus amigos. Com  
» tudo torna para mim , busca-me outra vez ,  
» que estou prompto para dar-te a vida. »  
(Ezech. 33. 11. 12. 13. 14.) Estas são as pa-  
lavras , que devem animar os mais abati-  
dos , e encher de confiança os mais defes-  
perados.

Deos não só convida os peccadores a  
fazer penitencia ; mas offerece-lhes o per-  
dão com termos tão claros , e expressos , que  
seria reputado por menos verdadeiro , se  
não lho concedesse. Isto diz S. Gregorio  
Nazianzeno com huma forte , e confiada  
resposta , satisfazendo á dúvida que faz o  
Profeta Joel : *Quis scit , si convertatur Domi-  
nus ; & benedictionem reliquat ?* (Joel c. 2. 14.)  
Quem sabe se o Senhor se voltará para nós , e  
se em lugar da sua benção , nos dará algu-  
ma maldição ? *Ego planè scio* (diz elle) , *&  
sum divinae misericordiae sponfor.* Eu o sei mu-  
10

to bem, e fico por fiador da Divina misericórdia. A razão he ; porque sendo a razão contraria á sua natureza, não pôde deixar de se penetrar com muita facilidade da sua natural compaixão.

E na verdade ; por maior que seja o número dos nossos peccados, nunca se podem comparar, diz S. João Chrystomo, com a misericórdia de Deos que he infinita, a qual he hum profundo, e immenso mar, onde Deos prometté affogar todos os nossos peccados: *Projiciet Deus in profundum maris omnia peccata vestra.* E assim em todos os Profetas Deos se intitula, suave, soffredor, manso, misericordioso, amante, e bom sobre todas as maldades dos homens; e com outros smilhantes titulos; que mostrão a grande inclinação que tem de favorecer aos peccadores.

Póde-se medir (diz S. Basilio) a grandeza dos nossos peccados, e apontar-lhes o número; mas as misericórdias de Deos são innumeraveis, e sem limite. Ho grande temeridade (diz S. Leão) pôr-lhe termo; porque nunca tarda em perdoar á quem verdadeiramente se converte, conforme o que diz hum Profeta: *Se tu games, serás salva.*

A solemne promessa que Deos nos faz de salvar todos os que nelle esperão, deve confiadamente fortalecer a alma contra todos os temores da morte. O Ecclesiastico des-

aha



afia todos os homens do mundo, para que mostrem alguma pessoa, que esperando em Deos, visse frustrada a sua esperança. « Olhai » (diz elle), e attendei, ó filhos dos homens, que não ha quem esperasse em Deos, » que fosse confundido. Onde achareis hu- » ma só pessoa, que o tenha invocado, e » não fosse attendida? Nunca se verá cousa » semelhante; porque elle he bom, e mise- » ricordioso, e perdoa os peccados no tem- » po da tribulação: » *Quoniam pius, & mi- sericors est, & remittet in die tribulationis pec- cata.*

O homem impio he nas Escrituras re- putado pelo pelor de todos os homens: e com tudo Deos assevera pelo seu Profeta Ezequiel, que se elle fizer penitencia dos seus peccados, não se lembrará mais delles: *Omnium iniquitatum ejus, quas operatus est, non recordabor.* E a razão que dá o mesmo Deos, he summamente attendivel. Credes vós que eu desejarei a morte do peccador impio, e que não se converta, e viva? *Nunquid voluntatis meæ est mors impii, & non magis ut convertatur, & vivat?*

O mais forte, e o ultimo fundamento da nossa confiança he o amor que Jesus Christo teve, e sempre tem aos peccadores, por amor dos quaes veio do Ceo á terra der- ramar o seu sangue, e dar a sua vida, por cuja razão são nossos todos os seus mereci-  
men-

mentos, pois delles nos fez entrega, e sem receio algum os podemos apresentar ao Eterno Pai em satisfação das nossas dividas, que são os nossos peccados, como hum grande cabedal que por direito nos pertence.

Os que duvidão desta verdade são os que desesperão na morte; porque, como douramente diz S. Bernardo, Deos faz justiça aos que combatem a sua misericordia, e não concede a graça da redempção aos que pertendem privar della aos outros: *Se magis pretio fraudant, qui alios evacuaré conantur.*

E verdadeiramente, como se póde alcançar o que se não crê? Diz Santo Agostinho: *Quid sperari potest, quod non creditur?* A fé he o fundamento da esperança: logo quem não crê que Jesus Christo morreu por elle, não póde esperar nelle; porque toda a nossa esperança, e a certeza della he fundada no precioso Sangue do mesmo Jesus Christo, que por nós foi exposto, e offerecido, a fim de nos salvarmos. Tudo isto he de Santo Agostinho: *Omnis spes, & totius fidei certitudo nobis est in pretioso sanguine ejus, qui effusus est propter nos, & propter nostram salutem.* Logo se eu não creio que este Sangue foi derramado por amor do mim, já nelle não posso ter esperança; ou esta já não póde ser certa, e por conseguinte não he *virtude theologica*, e sobrenatural, assim

como a fé duvidosa não pôde ser fé Divina.

Esta he a razão, por que os que duvidão desta verdade da nossa Religião se achão na morte em huma fatal necessidade de se precipitarem ou em presumpção, ou em desesperação. Na presumpção, se elles se considerão predestinados; na desesperação, se por taes se não representão. Hum semelhante enfermo não pôde receber consolação alguma da Paixão de Jesus Christo; porque se põe os olhos em alguma Imagem do mesmo Senhor crucificado, que he toda a esperança, e alegria de hum enfermo, não deixará logo o demonio de lhe suggerir que em vão espera em quem por elle não morreo. Que se fosse do número dos predestinados, teria conseguido taes graças, e tão efficazes, que se preservarião de peccar; mas que o ser réo de tantos crimes, he final de não ser do número dos escolhidos, e que por conclusão o Filho de Deos não morreo por elle.

Oh quanto he perigosa esta tentação! E quanto he funesta esta dúvida a huma alma! Se os maiores Santos, que crêão esta verdade com huma fé muito firme, e que na sua vida conhecêrão sensiveis provas do divino amor, e finaes visiveis da sua predestinação, com tudo forão fortemente combatidos pelo demonio na ultima enfermidade, que quasi parecia chegarem aos ter-

mos da desesperação; comb poderão resistir os que duvidão desta verdade, não achando na conducta da sua vida cousa que lhes possa segurar a confiança na misericórdia de Deos? Importa pois muito que nos firmemos nesta fé, tendo tambem por certo, que por mais peccados que tenhamos commettido, se nos condemnarmos, será só por nossa culpa.

A desesperação, conforme Santo Thomaz, he hum peccado mais grave do que a presumpção; porque se oppõe á infinita misericórdia de Deos, que he a fonte, e o manancial de todas as graças, que vem ás nossas almas pelo canal da esperança. E Santo Agostinho segue, que Judas foi condemnado mais por desesperar da misericórdia de seu Divino Mestre, do que pelo haver vendido, e entregado: *Judam traditorem non tam scelus quod commisit, quam indulgentie desperatio fecit penitus interire.* E he de summa importancia, e consolação a advertencia que este Santo Padre faz aos miseraveis peccadores. « Não desmaieis (thes: diz) com a vista das vossas culpas; nem entreis na desconfiança da bondade de Deos; só pôde desesperar o que peccou tanto, quanto Deos em si he bom: » *Ille desperat, qui tantum peccare potest, quantum Deus bonus est.* Oh que consolação para hum miseravel enfermo! Que motivo, que occasião pa-

ra se abraçar com os pés do Salvador, de o metter no seu seio, de se refugiar nas suas chagas, de se esconder no seu lado, e no seu coração aberto por seu amor! Então, pôde dizer com S. Paulo: « Quem será contra os escolhidos de Deus? Aqui está o Filho de Deus, que he Jesus Christo, que morreu, e resuscitou por mim, que está á direita de seu Eterno Pai intercedendo por mim, e que me justifica; quem se averá a condemnar-me? » (Rom. 8. 31. 32.) *Ecce Deus saluator meus, fiducialiter agam in eo, & non timebo*: (Isai. 12. 2.) Aqui está o meu Deus, o meu Salvador, eu cheio de confiança tratarei com elle, e não temerei ousa alguma. E hum homem, que pôde dizer: *Aqui está o meu Salvador, que morreu por mim*, não tem que temer na morte. Mas quanto não deve recer quem o não pôde dizer? E como o poderá dizer quem o não crê?

Santo Agostinho explicando as palavras de David: *Deduxisti me, quia factus es spes mea*: (Ps. 60. 4.) Vós me haveis conduzido, porque estais feito a minha esperança; pergunta; como veio o Filho de Deus a fazer-se a nossa esperança? E elle mesmo responde, porque foi tentado, porque padecio, e porque resuscitou: *Quia tentatus est, quia passus est, quia resurrexit*. E prosegue, declarando assim a ultima razão: Não nos cotre-

de-

demnará Deos, porque por nosso amor quiz elle que seu Filho fosse tentado, crucificado, morto, e que resuscitasse.

O que elle accrescenta ainda mais anima a nossa esperança: *Non vos verè despiciat Deus, propter quos proprio Filia non peperit, sed pro nobis omnibus tradidit illum.* Deos certamente não nos despreza, porque elle não perdoou a seu Filho, e por nosso amor o entregou á morte. Vós vedes pelle o vosso trabalho, e a vossa recompensa: o vosso trabalho na sua paixão, e a vossa recompensa na sua resurreição; e deste modo he que elle veio a ser a nossa esperança: *In illo vides laborem tuum, & mercedem tuam; laborem in passione, mercedem in resurrectione, sic ergo factus est spes nostra.* Chama o Santo Doutor á Paixão do Filho de Deos, o nosso trabalho, e á sua Resurreição a nossa recompensa, porque elle padeceo por nós, e resuscitou para nos dar vida.

Não vos desanimeis pois, afflicto enfermo, por mais peccados que tendes commetido, porque tendes hum Salvador; mas tende sempre no coração, e na boca estas suaves palavras de Santo Agostinho; *Quid est Jesus, nisi Salvador? Que quer dizer Jesus, senão Salvador? Ergo propter teipsum esto mihi Jesus.* Pois por vosso amor, e por vossa honra, sede para mim Jesus; *Noli, Domine, noli sic attendere ad malum meum, ut*  
obli-

*obliscaris bonam tuam.* Não attendais tanto, ó meu Senhor, para o mal que fiz, que vos esqueçais do bem que me haveis feito, e que ainda agora me podéis fazer como espero: *Si ego commisi unde damnare potes, tu non amifisti unde salvare soles.* Se eu vos tenho dado justo motivo para me condemnardes, vós não tendes perdido aquillo, com que costumais salvar a todos.

Estes são os pensamentos suaves do Santo Doutor, os quaes a todos nos devem encher de consolação, e são bastantes para desterrar de nós todos os nossos temores, e para avivar a nossa esperança. Bem conheço que os que se convertem na hora da morte tem razão para temer, mas nunca para desesperar; pois, como bem diz S. Cypriano, nunca a penitencia vem tarde, quando he verdadeira: *Nulla pœnitentia est sera, si est vera. Nec quantitas criminis, nec brevitatis temporis, nec horæ extremitas, si vera est contritio, excludit à venia. In omni tempore Dei gratia recipit pœnitentes.* He preciso temer muito em vida; mas havendo verdadeiro arrependimento, he necessario esperar tudo na morte.

Nestas palavras de S. Cypriano se include a doutrina da Igreja Catholica, que define esta verdade nos Concilios de Orange, Milevitano, e Tridentino, depois do grande Concilio Niceno no Canon oitavo.

E por esta razão o desesperar he sempre crime de heresia, o que nos deve causar grande horror.

Deste modo se deve animar o enfermo, que dá sinais de desconfiança. He preciso capacitallo que a bondade de Deos he infinita; que não ha peccado, por mais grave que seja, que não possa ser perdoado por meio da penitencia, pois Deos assim o tem promettido; que o desesperar da salvação he o maior peccado que pôde haver; que Deos ama infinitamente aos peccadores; que seu Filho derramou o Sangue, e deu a vida por elles; que huma só gotta deste Sangue precioso he sufficiente para apagar todos os peccados do mundo; e que o derramou inteiramente por elle; que se Deos o quizesse condemnar, não lhe teria esperado tanto tempo; que o mesmo Senhor, que não pôde mentir, jura, e protesta na Sagrada Escriitura, que não quer a morte do peccador, mas que se converta, e viva.

Que Deos não manda cousas impossiveis; e mandando-nos que nos convertamos a elle, e façamos penitencia; ainda na hora da morte nos dá a graça para a fazermos: que elle perdoou ao bom ladrão, á Magdalena, ao Publicano, á mulher adúltera, e a outros muitos de vida perdida, tanto que tiverão pezar, e arrependimento de o *haverem* offendido: que a conversão de hum

pec-



peccador dá grande honra, e gloria a Deos: que todos os Anjos esperão a sua com huma tanta impaciencia, e a festejarão no Ceo com alegria excessiva: que ella dará mais satisfação a Deos, do que a vida pouco fervorosa de muitas pessoas innocentes: que todos os Santos orão por elle: que he muito poderosa a intercessão da Virgem Maria: que ella revelou a Santa Brígida, que não ha peccador, por maior que seja, que não alcance misericordia de seu Filho, recorrendo a ella: que S. Bernardo assim lho segura, e se faz responsavel do bom successo. (S. Bern. in *Salv. Regn. & Homil. 2.*) E além disto ha innumeraveis exemplos da protecção desta Senhora, de que o mundo está cheio.

Pode-se tambem alentar o animo abatido do enfermo com estas divinas palavras de Santo Agostinho: « Não desespere o máo » por causa da malicia dos seus peccados; » sabemos que pelo nosso resgate se deo hum » grande preço, pois fomos resgatados com » o sangue de Jesus Christo: que vos negará » pois aquelle Senhor, que deo a si mesmo » por vós? Davidais que elle vos dê a sua » vida, depois de se dignar ter parte na vossa » morte? » *Non desperet malus de multa malitia sua, magnum pretium pro nobis datum esse cognoscimus, quia Christi sanguine redempti sumus. Quid tibi minus non exhibebit, que*

*semetipsum pro te tradidit? Et dubitas quod donet tibi vitam suam, qui tecum communicavit mortem suam?* (Aug. lib. de Symb. ad Catech. cap. 6.)

Refiro outras palavras do mesmo Santo ao mesmo intento, que aqui exponho em vulgar: « O' meu Deos, vós sois o Creador » de todas as cousas; e ainda que em todas » sois admiravel, eu não vejo em vós ou- » tra maior, nem mais estupenda, que a vos- » sa misericordia; vós não desprezáis, não » rejeitais, nem tendes horror a creatura al- » guma, por mais peccadora que tenha sido; » só se he tão ímpia, e tão temeraria, que » vos aborrece, e vos tem odio, e aversão. » Se eu me arrependo dos meus peccados, » já me perdoais; se me converto a vós, » logo me recebeis: » *Nullum enim spernis, neminem abnuis, neminem perhorrescis, nisi fortè qui amens te exhorruerit. Si pœnitet, parcis; si revertor, suscipis.*

Em fim, applique-se-lhe o remedio, que S. Bernardo usava contra as suas tentações, no qual sempre experimentou maravilhoso effeito, que he esconder-se nas Chagas do Redemptor, onde logo achava segurança. Note-se como elle fallava: « Senhor, » eu tenho commettido grandes peccados, a » minha consciencia me accusa; mas não se » perturba, nem desfalece, porque eu me » valho, e valerei sempre das Chagas de meu

» Senhor, que por causa das nossas malda-  
» des he que elle as recebeo. Que enfermi-  
» dade pôde haver em mim tão incuravel,  
» que se não possa curar com a morte de  
» Jesus Christo? » *Peccavi peccatum grande,*  
*turbatur conscientia, sed non perturbatur, quo-*  
*niam vulnerum Domini recordabor. Nempe vul-*  
*neratus est propter iniquitates nostras. Quid*  
*tam ad mortem, quod non Christi morte sane-*  
*tur?*

Estas são as principaes tentações, com  
que o demonio combate os enfermos, e con-  
tra as quaes he preciso a todo o Christão  
armar-se, e fortificar-se, em quanto tem vi-  
da, e faude. Quando elle vos tentar contra  
a Fé, dizei-lhe: Vai-te, Satanaz, tu es o  
pai da mentira: eu creio tudo o que Deos  
tem revelado, e o que ensina a Santa Ma-  
dre Igreja: *Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam:* (Marc. 9. 23.) Creio, Senhor,  
ajudai, e remediai a minha incredulidade.

Quando vos sentirdes tentado de pre-  
sumpção, lembrai-vos logo dos vossos pec-  
cados, e com hum profundo sentimento de  
confusão, e humildade dizei a Deos: *Non*  
*intres in iudicium cum seruo tuo, quia non*  
*justificabitur in conspectu tuo omnis vivens:*  
(Ps. 142. 2.) Ah Senhor, não entreis em jui-  
zo com o vosso seruo, porque na vossa pre-  
sença não ha vivente que se justifique. Se  
com rigor entraes a examinar os nossos pec-

cados, quem poderá responder? *Domine, quis sustinebit?* (Pf. 129. 3.)

Se vos virdes tentado de desconfiança, ou de desesperação, além dos remedios que assima forão apontados, dizei com David: *Domine Deus, in te speravi, saluum me fac:* (Pf. 7. 2.) Meu Deos, e meu Senhor, em vós tenho esperado, salvai-me: *In te speravi, non confundar in aeternum, in iustitia tua libera me, & eripe me:* (Pf. 30. 2.) Tenho posto em vós a minha confiança, e não serei confundido: livrai-me, amparai-me, e salvai-me, não pela minha justiça, mas só pela vossa: *In iustitia tua.*

Tambem vos podeis aproveitar das seguintes palavras da Igreja, que são muito ternas: *Recordare, Jesu pie, quod sum causa tua via, ne me perdas illa die:* Lembrai-vos, piedosissimo Jesus, que por mim viestes do Ceo á terra, e que para me fazerdes ditoso, vos fizestes o mais miseravel, e perseguido dos homens. Não se perca no dia do vosso juizo esta creatura, a quem tendes tanto amor, e que tanto vos custou.

Ultimamente, em todas as tentações de tristeza, e de impaciencia dizei com David:  
 » Alma minha, não estarás sujeita, e resignada na vontade de teu Senhor? Olha  
 » que d'elle he que te vem a tua paciencia.  
 » (Pf. 61. 6.) Humilha-te ao teu Deos, e invoca-o nas tuas necessidades. (Pf. 72. 26.)

» A minha carne, e o meu coração desfale-  
» ceo: meu Deus, vós foyes o Deus do meu co-  
» ração, a minha porção, e a minha herança  
» para sempre. (Pl. 25.) Que posso eu appe-  
» tecer na terra, que posso desejar no Ceo, se-  
» ã não a vós? Muito me alegro, quando me  
» dizem: Nós iremos á Casa do Senhor. » (Pl.  
121. 1.)

### A R T I G O III.

*Do que se deve praticar no fim da en-  
fermidade.*

**S**E em algum tempo tem hum enfermo  
necessidade de assistencia, he no ultimo  
combate, que a morte, e o demonio lhe  
hão de dar, ao mesmo tempo que então  
se achará menos capaz de se aproveitar del-  
la; porque de ordinario estará privado do  
perfeito uso dos sentidos, e destituido das  
forças. Esta privação lhe impedirá receber  
as instrucções, e a fraqueza o praticallas.  
Por esta razão he muito importante que, em  
quanto temos vida, e forças, pratiquemos  
o que na morte não poderemos fazer, para  
que isto suppra o defeito da preparação que  
naquella hora nos faltará; e para que nesse  
tempo, se tivermos alguma advertencia, pos-  
samos fazer summariamente, sem muito em-  
baraço, o que já muitas vezes temos praticado  
em vida. Aqui nesta ultima parte proponho  
duas

duas qualidades de instrucções : huma será para os enfermos , que ainda podem tratar com Deos ; e a outra será para os que lhes assistem , e que tem (digamos assim) em seu poder as chaves da vida , e da morte , isto he , a do ceo , e a do inferno.

#### A R T I G O IV.

*Das palavras , que Jesus Christo disse na Cruz.*

**S** João Damasceno acertadamente chama ao homem hum mysterio , que tem por principio sair de Deos , e por fim tornar para Deos : *Mysterium , cujus initium exire à Deo , finis ad Deum reverti.* Delle sahio pelo nascimento , e torna para elle pela morte. Nossos pais nos fazem , digamos assim , sair de Deos ; mas os Sacerdotes , que nos ajudão a bem morrer , nos fazem tornar para Deos. No tempo da agonia he que se consumma este grande mysterio da nossa salvação. Este he o tempo formidavel , em que se ha de tomar posse ou de huma eternidade feliz , ou infeliz ; por isso he summa-mente necessario aproveitallo bem.

Toda a difficuldade está em saber o que ha de fazer hum enfermo , a quem nem a fraqueza do corpo , nem a violencia do mal *permitem* a applicação do juizo , nem re-

ceber algum soccorro espirital dos que lhe assistem. Eu não acho devoção mais propria para este tempo, do que pôrmos os olhos do corpo, e da alma em huma Imagem de Christo crucificado, e lembrarmo-nos das sete palavras, que o mesmo Senhor proferio sobre a cruz estando para morrer. Esta he a mais excellente, a mais util, a mais facil, a mais suave, e consolante de todas as devoções.

Para a comprehendermos como deve ser, he necessario advertir, que o Filho de Deos veio ao mundo para nos ensinar a viver, e a morrer. A sua vida he o exemplar de todas as vidas perfeitas; e a sua morte he o modelo de todas as boas mortes. Convem exercitarmos, e estudarmos bem huma cousa, e outra, principalmente a sua morte, por ser aquella, que Deos nos poz á vista para a imitarmos, com aquellas palavras ditas a Moysés: *Inspice, & fac secundum exemplar, quod tibi in monte monstratum est:* (Exod. 25. 40.) Olha, e faze por imitar este grande modelo, que no monte te foi mostrado.

Não póde haver na morte vista mais agradavel, nem que mais anime do que esta; porque quem temerá morrer, vendo o mesmo Salvador neste estado? Quem não terá esperança, vendo-o morrer por nosso amor? Quem temerá o demonio, morren-  
do

do entre os braços do nosso Redemptor? Se o final da Cruz affugenta os nossos inimigos, como poderão elles chegar-se a hum enfermo, que tem o coração unido á santa Cruz? E se a vista da serpente de metal livrava da morte do corpo, quem duvidará que a vista do Filho de Deos (de quem aquella serpente era figura) preserve da morte da alma aos que com té o contemplarem?

Quando estiverdes enfermo, persuadi-vos que Deos vos diz como a Moysés: *Olha, e trabalha á vista do modelo, que te foi representado no monte.* Ou tambem, que nosso Senhor vos diz, assim como aos Discipulos no Cenaculo: *Exemplum dedi vobis, &c.* Eu vos dei o exemplo para fazerdes o que eu fiz.

Jesus Christo proferio na Cruz sete palavras, que são como os sete sellos do livro da vida; como os sete braços do candieiro mystico de Salamão; como as sete columnas do Templo da Sabedoria, que fortificação, e alumeão os enfermos com excellentes doutrinas, e suavissimas consolações. He preciso no tempo da saude penetrar-lhes o sentido, e aprender a sua prática, a fim de que na enfermidade se tire dellas o fruto que se pertende, sem difficuldade, nem muita applicação do juizo.



PRIMEIRA PALAVRA.

*Pater, dimittite illis, non enim sciunt quid faciunt.* Luc. 23 34.

Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.

**E** Sta primeira palavra, que o Filho de Deos disse na Cruz, he huma expressão de amor, de suavidade, e de paciência, que nos deve instruir, e consolar em a ultima enfermidade; e para se lhe penetrar o sentido, he necessario advertir duas cousas.

Primeira, que nosso Senhor a todos nos tinha então presentes, e que orava a seu Eterno Pai não só pelos Judeos, que o crucificavão corporalmente, mas tambem por todos os Christãos, que com os seus peccados o havião de crucificar espiritualmente; porque como o fruto da sua Paixão se havia de estender a todos os homens até ao fim do mundo, tambem a sua oração comprehendia geralmente todos os que erão causa da sua morte. Segunda, que o Senhor fez esta oração para nos alcançar a misericordia de seu Eterno Pai, e para nos ensinar como nos devemos portar na morte.

A' vista disto, quando estiverdes enfermo, olhai devota, e attentamente com os olhos do corpo, e da alma para a Imagem  
de

de Jesus Christo crucificado ; e lembrando-vos desta primeira palavra , crede firmemente que por vosso respeito a pronunciou o Filho de Deos , e que elle ainda agora lá no Ceo a pronuncia a seu Eterno Pai , dizendo-lhe : *Meu Pai , perdoai a este pobre enfermo os peccados que tem commettido , porque elle não sabia o que fazia.*

Fazei vós tambem esta mesma oração , pedindo-lhe eficazmente pelos merecimentos da Morte , e Paixão de seu Filho , e muito particularmente pelo poder , e efficacia da referida oração , que vos perdoe os peccados de toda a vossa vida.

Mas porque a misericórdia de Deos he á proporção da que nós usamos , já mais perdoaos que não querem perdoar. E tende por certeza , que para alcançar esta graça , he absolutamente necessario que vós a useis tambem com o vosso proximo. Assim se tendes algum inimigo , procurai logo reconciliar-vos com elle , protestando a Deos (por mais difficuldades que a propria soberba vos ponha) que de todo o coração perdoais a quem vos tem offendido. Offerecei-lhe a oração de seu Filho ; e imitando o seu exemplo , dizei-lhe : *Pater , dimitte illis , non enim sciunt quid faciunt* : Meu Deos , e meu Pai , perdoai aos meus inimigos , porque elles não sabem o que fazem. Perdoai aos que injustamente , e com violencia me levárão a fa-

zenda. Perdoai aos que me tirárão a honra com injúria , e calúmnia. Perdoai aos que me tem affligido , e perseguido , ou são causa da minha morte. Eu por elles vos offereço a minha vida , estou prompto para morrer , com tanto que useis com elles de misericordia.

SEGUNDA PALAVRA.

*Amen dico tibi , hodie mecum eris in Paradiso. Luc. 23. 43.*

Em verdade te digo , que hoje serás comigo no Paraíso.

**E**Sta he a resposta que o Filho de Deos deo ao bom ladrão , quando lhe pediu se lembrasse delle em chegando ao seu Reino.

Os dous ladrões , diz S. Gregorio Papa , representavão todos os homens : o primeiro todos os predestinados , e o segundo todos os reprobos. Importa muito , conforme este sentido , que nos consideremos em a nossa cama como o bom ladrão na sua cruz , procurando imitar as virtudes deste illustre penitente , de quem os Santos Padres fazem admiraveis elogios , principalmente da humildade , e paciencia que elle mostrou na petição que fez ao Filho de Deos , e na reprehensão que deo ao seu companheiro com estas palavras : « Nem tu temes a Deos , estando

» condemnado ao mesmo supplicio? Nós justamente padecemos, e fomos castigados; porque o temos merecido pelos nossos peccados; mas este nenhum mal fez. » E voltando-se depois para Jesus Christo, lhe disse: « Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino. »

Penetrado deste exemplo, confessai que bem tendes merecido o tormento que padecis, e a morte que esperais; e dizei com o mais profundo sentimento de humildade: » Meu Deos, nenhuma razão tenho para me queixar destas dores, que me affligem; tudo isto, e muito mais tenho merecido; e ainda me tratais com muita brandura, pois por maiores que sejam as minhas dores, não igualão o castigo que merece a menor das minhas culpas. Porém que crime commetteo o vosso unigenito Filho para ser em huma Cruz crucificado? Ah! que os meus peccados o obrigão a morrer. O' Pai amorosissimo, de quanta clemencia usais com este infame escravo! E de quanta severidade usastes com o vosso innocente Filho! Espero pois, Senhor, que estas afflicções, que padeco como culpado; juntas aquellas, que elle padecio innocente, me hão de conseguir o perdão dos meus peccados. »

A segunda cousa, que hum enfermo deve fazer, he entregar-se ao nosso Senhor

com

com toda a confiança, dizendo-lhe: « Con-  
fesso, ó meu Salvador, que vós sois o Filho  
de Deus vivo, e nesta fé quero morrer:  
tenho hum grande pezar de vos haver ob-  
fendido: lembrai-vos de mim no vosso Rei-  
no. » E então sentireis que o Filho de Deus  
vos responde: *Amen dico tibi, quia hodie me-  
cum eris in Paradiso*: Em verdade te digo,  
que hoje serás comigo no Paraíso.

Com este pensamento, e nesta conside-  
ração deve sabir a nossa alma do nosso cor-  
po. Oh se eu fosse tão ditoso, que ouvis-  
se estas palavras na hora da minha morte!  
O Filho de Deus vo-las fará ouvir no inte-  
rior da vossa alma, se vós credes, e esperais  
nelle.

TERCEIRA PALAVRA.

*Mulier, ecce Filius tuus*: Mulher, eis-  
ahi a teu Filho.

*Ecce Mater tua*: Eis-ahi a tua Mãe.

Joan. 19. 26. 27.

**T**Endo o Filho de Deus na Cruz lembrança  
de hum ladrão, e dos seus cruéis ini-  
migos, he certo que se não havia de esque-  
cer de sua Mãe, e do seu amado discipulo,  
que ambos lhe assistirão ao pé da mesma  
Cruz. Olha elle para sua Mãe, e lhe diz:  
*Mulier, eis-ahi o teu Filho*; e logo vol-  
ta-

tando-se para o amado discipulo, lhe diz: *Eis-ahi a tua Mãi.*

Assentão os Santos Padres que o Filho de Deos com estas palavras constituiu a Santissima Virgem por Mãi dos peccadores, e dos predestinados, que lhe forão entregues na pessoa de S. João. E por esta razão a devemos servir, honrar, amar, e invocar em todo o tempo; porém muito principalmente na hora da morte, em que temos maior necessidade da sua assistencia. Além disto, como ella se achou presente na morte do primeiro predestinado, ficou com o direito de assistir á morte de todos os que se hão de salvar.

Disse Santa Teresa pouco antes de morrer, que sentia no seu coração huma consolação, e contentamento inexplicavel de morrer filha da Santissima Virgem, e da Santa Igreja. Não he preciso separar estas duas cousas: para sermos filhos da Santissima Virgem, he necessario sermos filhos da Santa Igreja; e para sermos filhos da Santa Igreja, he preciso tambem sermos filhos da Santissima Virgem; porque esta Senhora, como diz Santo Agostinho, he a que concebendo-nos espiritualmente, nos fez nascer na Santa Igreja.

He preciso pois, pordes os olhos no voffo Salvador crucificado na Cruz, e persuadir-vos, que elle vos recommenda a sua

San-

Santissima Mãi, dizendo-lhe: *Mulier, ecce filius tuus*: Minha Mãi, eis-ahi a vosso filho, que está enfermo, tende cuidado del-  
le, que a vós o recommendo; e depois ouvi  
que elle vos diz: *Ecce Mater tua*: Meu fi-  
lho, eis-ahi a vossa Mãi; confiaí nella, e ro-  
gai-lhe que vos assista, porque ella para co-  
migo tudo pôde. Os que ella abençoar, serão  
abençoados de meu Eterno Pai; e eu salvarei  
a todos aquelles por quem ella interceder.

He impossivel explicar quanto he suave,  
e proveitosa esta lembrança na hora da mor-  
te; e quanto he formidavel aos demonios o  
Santissimo nome de Maria. Dizei-lhe pois  
com a Igreja: *Maria Mater gratia, Mater  
misericordiae, tu nos ab hoste proteges, & mor-  
tis hora suscipe*: Maria, Mãi de graça, Mãi  
de misericórdia, defendei-nos do inimigo,  
e assisti-nos na hora da morte. Santa Ma-  
ria Mãi de Deos, rogai por nós peccadores  
agora, e na hora da nossa morte.

QUARTA PALAVRA.

*Deus meus, Deus meus, ut qui dereliquisti  
me? Matth. 27. 46.*

Deos meu, Deos meu, porque me des-  
amparastes?

**D**Epois que o Senhor recommendou sua  
Santissima Mãi ao discipulo amado,  
quiz ser desamparado de seu Eterno Pai pa-

se morrer sem consolação. Estas são as fêz-  
zes do feu calis, que consistem em carecer  
na parte inferior da sua alma de todo o ge-  
nero de consolações sensíveis, que debaixo  
do peso infinito dos seus tormentos pode-  
rão sustentar, e fortificar a sua santa huma-  
nidade; porque elle ao mesmo tempo sem-  
pre ficou sendo Deos, sempre santo, sempre  
impassivel, e sempre glorioso na parte supe-  
rior da sua alma.

Duas foram as razões, por que quiz so-  
frer este tormento. A primeira, porque re-  
presentava a pessoa do peccador, que na  
morte merece ser desamparado de Deos; pois  
como tomou sobre si nossos peccados, tam-  
bem quiz receber dos castigos delles, dos  
quaes o maior, e mais tremendo he o ulti-  
mo desamparo no fim da vida. Por isso não  
permittio aos seus olhos o exercicio das la-  
grimas, nem os gemidos ao seu coração,  
nem as queixas á sua boca, como diz São  
Paulo.

A segunda, porque quiz nosso Senhor  
padecer o tormento de ser desamparado na  
sua morte para nos merecer a graça de fer-  
mos amparados em a nossa; pois todas as  
penas, e todos os tormentos, que padeceo  
o Filho de Deos, são para nós satisfações,  
e remedios; satisfações pelo passado, e re-  
medios para o futuro. E assim estas pala-  
vras, que são a mais significante expressão



de huma dor excessiva ; são para nós huma fonte perenne de summa consolação. Com ellas se fortifica o nosso espirito contra todos os temores da morte , contra todas as tentações do inimigo , contra todos os assaltos da enfermidade , e contra todos os abatimentos de huma natureza agonizante , porque ellas nos animão á esperar que Deos não ha de desamparar-nos neste perigoso transitio.

Para se usar bem deste remedio , he bom advertir, que he raro o enfermo que estando proximo á morte , não tenha algum temor , e receio extraordinario dos juizos de Deos ; e depois disso algum desmaio , e perturbação do animo ; ou isto proceda do demonio , que pretende inquietar a alma com a desconfiança ; ou seja effeito da natureza , que fica vencida pela violencia do mal ; ou porque o mesmo Deos permite esta afflicção , retirando as suas consolações , para que o enfermo beba o amargo calis de seu Filho , ou seja em fim , porque todos estes tres principios concorrem para exercitar aquella alma , e conspirão para se verificar o seu castigo ; ou para augmentar o seu merecimento. De qualquer destes principios que isto proceda , julgo que ha poucas almas , que não participem , mais , ou menos , do desamparo do Filho de Deos , e que não experimentem algum temor , estando proximas á morte , posto que este para os bons seja breve.

Isto supposto, assim que sentirdes que a vossa alma entra nas sombras da morte, que o Sol se lhe eclipsa, que humas medonhas trévas cobrem o vosso espirito, e que já não vedes o ceo, nem a terra, de quem esperéis consolação, então vos he summamente necessario pordes os olhos na Imagem de Jesus Christo crucificado, e abraçardes-vos com ella, lembrando-vos que este Senhor com o seu desamparo mereceo que nós fôssemos amparados, consolados com a sua tristeza, e com o seu temor favorecidos, e fortificados, e offercerdes depois a Deos os tormentos de seu unigenito Filho, dizendo-lhe com humildade, e confiança: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Meu Deos, meu Deos, porque me desamparastes? Confesso que sois justo, e que bem tenho merecido ser desamparado na morte, porque tantas vezes vos deixei na minha vida. Mas eu vos peço, e vos rogo, ó Pai de misericordia, que ponhais os olhos em so vosso Filho morto por mim, e privado de toda a consolação. E se he conforme aos vossos decretos que eu seja desamparado, não permittais, Senhor, que seja de todo, nem para sempre: *Non me derelinquas usquequaque.* (Ps. 118. 8.) Vede, Senhor, que todo o mundo me deixa; os meus amigos me faltão; não ha pessoa, que me console no estado em que me acho. Mas vós, Senhor,

nhor, que sois Deos de toda a consolação, não me deixeis, não me desampareis, quando eu estiver sem alento, sem amparo, e sem assistencia: vinde em meu soccorro, defendei-me com o poder do vosso braço, alentai-me contra o furor dos meus inimigos: *Cum defecerit virtus mea, ne derelinquas me.* (Pf. 7. 9.)

QUINTA PALAVRA.

*Sítio.* Joan. 19. 28.

Tenho sede.

**E**sta palavra do Filho de Deos moribundo suavizará as vossas dores, se lhe profundardes a substancia. Por isto deveis advertir, que Jesus Christo na Cruz foi abraçado com duas sedes, huma do corpo, outra do espirito. A corporal procedia da falta do sangue, que havia derramado no Horto, no Pretorio, e na mesma Cruz. Com esta palavra quiz o Senhor manifestalla para dar-nos a conhecer a sua dor, e augmentar o seu tormento; pois bem sabia que para refrigeralla lhe havião de dar a beber fel, e vinagre; elle o provou para sentir o seu amargor: porém não o quiz beber, porque adormecia os sentidos, e fazia as dores menos sensiveis. Esta sede que soffreo, e este fel que provou forão o castigo dos vossos

pec-

peccados de gula, o qual o Senhor quiz suportar para satisfazer á Divina justiça.

Além da sede corporal teve outra espiritual, que com excesso o abrazava, e consumia, que era o desejo de salvar todos os homens, e de padecer por elles: *Sitio*, tenho sede: *Domine, quid sitis?* (Drogo de Pass.) lhe pergunta hum Padre da Igreja. Senhor, que sede he esta que vos abraza? *Ergone plus cruciat sitis quam crux?* He possível que mais vos penaliza a sede do que a Cruz? Não vos queixais da Cruz, mas sómente da sede? Responde Santo Agostinho, que o Senhor estava com hum grande desejo da nossa salvação, e por isso mais o affligia a perda das nossas almas, do que os tormentos da Cruz: *Plus animarum vestrarum, quam corporis mei cruciatus me tenet.*

Oh quanta confiança devemos ter em hum Deos, que tendo derramado todo o seu fangue, morre com ansia da nossa salvação! Os que (como já disse) duvidão que Jesus Christo seja o nosso Redemptor, não serão participantes desta consolação, nem desta esperança. Mas vós, ó alma fiel, quando vos virdes afflicta com a enfermidade, lembrai-vos da sede que padeceo o Filho de Deos, e praticai estes quatro conselhos que se seguem.

1.<sup>o</sup> Primeiramente, soffrei com paciência o ardor da febre, e a sede que vos causa.

Se-

2.º Seguindo o exemplo de Jesus Christo, tomai todos os remedios que vos derem, por mais amargosos que sejam; e se lhes juntardes a lembrança do fel que lhes derão a beber, ella lhes tirará toda a amargura.

3.º Concebei huma grande confiança em nosso Senhor Jesus Christo, que tanto se abrazou com a fede da vossa salvação.

4.º Ultimamente excitai no vosso coração hum grande desejo de ver a Deos, e dizei como elle, nessa vossa Cruz: *Sitio: Senhor, renho sede. Sitiavit anima mea ad Deum fontem vivum, quando ventum, et apparet ante faciem Dei.* (Ps. 41. 3.)

A minha alma se abraza em huma ardente sede de ver, e gozar do meu Deos, que he fonte viva. Quando o verei, e me acharei na sua presença? Quando chegará este feliz instante? Quando irei beber, e extinguir esta sede nas fontes daquellas eternas correntes? Ah! eu estou como hum veado perseguido dos cães, que abrazado da sede suspira pelo refrigerio das agoas. Oh quanto me deve infastiar o viver! Oh quanto me devo desejar padecer por amor do meu Deos! Oh quanto devo desejar morrer! Meu Deos, tirai já, se sois servido, a minha alma de tão dura prizão: *Educ de custodia animam meam.*

## SEXTA PALAVRA.

*Consummatum est.* Joan. 19. 30.

Tudo está consummado.

**D**isse o Redemptor nestas palavras: Está queimado o holocausto, consumida a vítima; estão verificadas as profecias, completo o novo Testamento; estão perdoados os peccados, resgatados os cativos, instituidos os Sacramentos, reparado o mundo, vencido o demonio, cumprida a vontade de meu Eterno Pai, e satisfeita a sua justiça. Está cabalmente executado tudo o que os Profetas annunciarão, e o que na lei antiga se figurou: nada me falta que obrar, ou padecer: á morte me sujeito. Isto he o que significa aquelle *consummatum est* do Filho de Deos.

Os bons, e os máos todos na morte dirão: *Consummatum est.* Os máos dirão: *Consummatum est.* Estão passados os nossos prazeres, acabados os nossos divertimentos, eclipsados os nossos bons dias, desvanecidos os nossos projectos, perdidos os nossos interesses, e consummada a nossa malicia; he preciso morrer, e preparar-nos para os tormentos, que nunca terão fim.

*Consummatum est* dirão os bons, mas com bem differente sentido. Tudo está acaba-

bão ; acabáráo-se os dias de miseria ; acabáráo-se os trabalhos , as perseguições , e os combates. Já não ha mais penitencia que fazer , nem lagrimas que chorar. Já não ha mais cruz que levar , nem difficuldades que vencer. Em fim acabáráo-se as tentações. Vamos pois para huma nova região de gloria , para huma habitação de deleites , onde nunca terá fim a nossa alegria , nem o nosso contentamento.

Porém no caso que com toda a sua extensão não possais dizer este *consummatum est* dos justos , nem por isso desconheis da vossa salvação. Conservai-vos sempre em paz , com os olhos no Author da vossa fé , e no reparador da vossa salvação , que he Jesus Christo na sua Cruz ; porque na verdade não se deve imputar a elle a vossa desgraça , se vós vos não salvardes , pois da sua parte tem feito tudo o que para este fim era necessario : *Consummatum est*. Ora ouvi como se explica S. Paulo : *Didicit ex iis que passus est , obedientiam ; & consummatus , factus est omnibus obtemperantibus sibi causa salutis æternæ*. (Hebr. 5. 8. 9.) Aprendeo de todos os tormentos que padeceo a exercitar a obediencia ; e pela consummação da sua vida foi constituido author da salvação eterna para todos os que lhe obedecem. Aqui chama á sua morte a consummação da obra da nossa salvação.

He pois preciso que no tempo da enfermidade ponhais muitas vezes os olhos em Jesus Christo crucificado para ouvirdes a este Divino Salvador, que diz: *Tudo está consummado, tudo está completo, tudo está perfeito.* Meu Pai celestial, aqui está a minha vida consummada por amor deste pobre enfermo; tenho obrado, e padecido tudo o que era necessario para a sua salvação; tenho satisfeito por seus peccados, e tenho para elle merecido a gloria do Paraíso. Vós vedes que elle he fiel christão, que he filho da minha Igreja, e que he membro do meu Corpo. Elle crê em mim, espera em mim, e está prompto para morrer por mim. Agora, Pai meu, eu vo-lo recommendo, e vo-lo entrego, recebei nas vossas mãos a sua alma.

O enfermo porém, depois de ter agradecido a nosso Senhor o muito que trabalhou por hum ingrato, com o mais vivo sentimento de confiança, e amor que lhe for possível, lhe deve dizer: « O' meu Salvador, a minha vida está consumida, e acabada: já me ausento deste mundo, porque assim he a vossa vontade: recebei a minha alma nas vossas mãos, e concedei-lhe a entrada no vosso Reino. A minha salvação, Senhor, he obra das vossas mãos, e preço do vosso Sangue; se eu me não falto, faltará alguma cousa á vossa obra, a vossa Redempção ficará de algum modo



» imperfeita : *Operi manuum tuarum porrige*  
» *dexteram.* (Job 14. 15.) Aperfeçoai, ó sua-  
» vissimo Jesus, o que haveis começado:  
» desejo consumir-me, como vós, no fogo  
» da caridade; e se eu tenho passado esta vi-  
» da na vossa indignação, agora a acabarei  
» no vosso amor. Seja-vos agradável o sacri-  
» ficio, que vos offereço, e não permittais  
» que esta alma, que tanto amais, e que  
» tanto vos custou, eternamente se perca. »

SETIMA PALAVRA.

*Pater, in manus tuas commendo spiritum*  
*meum.* Luc. 23. 46.

Pai meu, nas vossas mãos encommendo o  
meu espirito.

**D** Iz Santo Athanasio, que o nosso Salva-  
dor, como cabeça de todos os homens,  
encommendou a Deos a alma de todos elles,  
quando lhe encommendou a sua; e que aqui  
falla em nome dos justos, assim como no  
seu desamparo fallou em nome dos pecca-  
dores. Por esta razão no tempo da vossa en-  
fermidade deveis crer que o Senhor quando  
expirou vós teve presente, e que encom-  
mendou a vossa alma a seu Eterno Pai; por-  
que (como diz S. Paulo) quem está unido a  
Deos pela graça, fórma hum mesmo spi-  
rito com elle: *Qui adheret Domino, unus spi-*  
ritu

*ritus est.* E assim encommendo o Filho de Deos a sua alma a seu Eterno Pai, tambem lhe encommendo a vossa juntamente com a de todos os justos. Este pensamento nos deve encher de consolação.

E eu digo com grande dor, que aquelles que negão que Jesus Christo seja o Redemptor de todos os homens, não terão parte nesta consolação, nem poderão sem horror, ou sem presumpção pronunciar as palavras de David, que a Igreja ajunta ás que disse o Filho de Deos: *Redemisti me, Domine, Deus veritatis*: Senhor, vós me redemistes, Deos de verdade; porque se elles não crem que são remidos, mentem, quando dizem estas palavras, e necessariamente hão de desesperar; e se o crem, então se julgão predestinados, pois tem por verdade que só por elle morreo, e isto he huma temeraria presumpção.

Guardai-vos muito, ó alma fiel, de duvidardes desta verdade, que he a mais forte defeza que tendes contra as tentações do inimigo. Mas cheia desta confiança, acabai em feliz hora a vossa vida, dizendo como vos for possivel, ou com a boca, ou com o coração, a imitação do nosso Salvador: *Pater, in manus tuas commendo spiritum meum: redemisti me, Domine, Deus veritatis*: Meu Pai, eu vos encommendo, e nas vossas mãos entrego o meu espirito, pois vós, Senhor, me remif-

tes,

tes, Deos de verdade. Bem sei que sois meu Juiz, mas tambem conheço que sois meu Pai, que me déstes o ser, que tantos annos me haveis conservado, e que por vossa morte me déstes huma nova vida.

Eu entrego nas vossas mãos a minha alma; nas vossas mãos, que me creáto; nas vossas mãos, que me resgatáto; nas vossas mãos, que estão abertas, e cravadas na Cruz por meu amor.

Não vos encommendo os meus bens, nem cousa alguma das que no mundo deixo, pois já me não pertence nenhuma delles. Não ha cousa que seja minha, senão a minha alma: *Spiritum meum*; e só a minha alma he que vos dou, que vos recommendo, que vos entrego, para a receberdes nas vossas mãos, e para a terdes na vossa protecção.

Depois disto abaixando a cabeça em sinal da vossa obediencia, entregareis com submissão a vossa alma áquelle Deos, Senhor, e Pai, que vo-la deo.

#### ARTIGO V.

*Advertencias para quem assiste aos enfermos.*

**D**E todas as obras de caridade, que se exercitão com o proximo, nenhuma ha de maior importancia, nem de maior merecimento do que aquella, que se exerci-

ta com os moribundos. E he tão importante, que deste ultimo combate depende a salvação, ou a condemnação de huma alma. As culpas, e faltas, que se commettem em vida, tem remedio; mas as da morte são irreparaveis. Por esta razão o Ministro de Deos, que assiste a hum enfermo, deve ter hum grande cuidado em cumprir, como he preciso, as obrigações do seu ministerio, e em guiar com acerto a alma, que se entregou á sua direcção, para que felizmente chegue ao porto da eternidade; porque a elle se dirigem aquellas ameaças, que Deos faz aos Directores das almas pela boca de hum Profeta: (Ezeq. 3. 18.) Se o ímpio por vossa culpa morrer no seu peccado, eu me tornarei a vós, e ficareis responsavel da sua perda, e condemnação.

Esta acção he tambem de grande merecimento; porque não se póde procurar maior bem a hum homem, do que a vida eterna; nem soccorrello em maior necessidade, do que he a da hora da morte; nem com mais fadiga, do que no trabalhoso tempo da sua ultima enfermidade: sendo indispensavel estar de dia, e de noite á sua cabeceira; respirar hum ar desagradavel, e inficionado; soffrer, e alliviar as suas impertinencias, e desconso- lações; suavizar as suas dores, e molestias, e presenciar muitas cousas repugnantes á natureza, e que causão horror, e odio. Pelo  
que

que ninguém se persuada que Deos deixe de remunerar com grandeza estas acções de tanta caridade ; e que o mesmo enfermo , indo para bom lugar , se esqueça de se mostrar agradecido a quem tanto bem lhe fez.

O Santo Job praticava muitas obras de caridade ; porém a que mais lhe agradava , e em que mais confiava era na assistência que fazia aos moribundos : *Benedictio perituri super me veniebat*. A benção do moribundo cahia cheia de graça sobre mim. Esta he a benção , que Santo Ambrosio desejava , e que preferio a todos os bens do mundo : *Benedictio morituri super nos veniat* : Venha sobre nós a benção dos que estão morrendo. Eu estimo muito a dos vivos , mas muito mais a dos mortos ; se eu a chego a alcançar , não temerei a maldição de Deos.

#### A R T I G O VI.

*Do modo , com que o Sacerdote se ha de haver com toda a qualidade de enfermos.*

**E**U approvo o pensamento daquelle que disse , que todos necessitamos de huma boa Parteira para entrarmos felizmente no mundo , e de hum homem sabio para sahirmos d'elle.

O Sacerdote que assiste a hum enfermo se ha de considerar como hum Capitão , que

entra a defender huma praça cercada de hum poderoso exercito de inimigos ; ou como hum Piloto , que toma o governo de hum navio para o fazer entrar no porto por entre rochedos , e innumeraveis precipicios em tempo de huma furiosa tormenta ; ou como hum Medico , que pertende , e deve preservar da morte eterna a huma alma summamente enferma , cuberta de chagas inveteradas , e abrazada com huma ardente febre.

Elle deve persuadir-se que esta empreza he maior que as suas forças , e que não será bem succedido sem hum particular socorro de Deos , o qual lhe deve pedir com muita humildade , e desconfiança de si mesmo. *Ah ! quem sois vós* (dizia Saul a David) *para peleijar com este bravo, e soberbo Filistheo ? Elle he hum gigante , e vós sois hum menino : elle he experimentado na guerra , e vós nunca a exercitastes : elle todo está armado , e vós só tendes esse bordão.* Mas he verdade que com o bordão da Santa Cruz he que se ha de combater o demonio furioso , e terrivel gigante. Só pela virtude de nosso Senhor he que triumpharemos delle.

Quem entra a instruir , e confortar hum enfermo , deve saber as regras do seu ministerio , porque esta sciencia he mais necessaria , e de maior consequencia do que a de hum Medico , de hum Capitão , ou de hum Piloto. Se o enfermo morre por culpa do

Me-

Medico ; se por causa do Capiráo se perde a praça ; se o navio naufraga por erro do Piloto , todos são dignos da morte : e quanto mais será hum Sacerdote , que não sabendo exercitar o seu ministerio , tomar sobre si o instruir , defender , e guiar huma alma ?

Affim como o Medico , que he chamado por hum enfermo , logo cuida em se informar , e conhecer o seu mal , fazendo diligencia para lhe descubrir a causa , conhecer-lhe o temperamento , e alcançar o seu modo de viver ; do mesmo modo o Sacerdote deve logo informar-se do estado , qualidade , espirito , costumes , e disposição do enfermo para lhe applicar os remedios proprios ao seu mal.

Deve acautelar-se de mostrar altivez , e soberania para com o enfermo ; fugir de desanimallo com alguma pergunta indiscreta ; e procurar logo com suavidade capacitallo da sua caridade , mostrando-se compadecido , persuadillo de que deseja dar alivio ás suas afflicções.

Depois das primeiras civilidades , entendendo-se algum tempo sobre o estado da sua molestia ; procure representar-lhe que Deos permite ordinariamente as nossas enfermidades para purgarmos os nossos peccadõs ; e que o meio mais prompto para as curar , he tirar-lhe a causa ; que a paz da consciencia he necessaria para se conseguir a saúde

do corpo ; e que he impossivel haver esta paz , em quanto se não alcança a amizade de Deos : que se não sabe qual será o effeito da sua doença ; pois ainda que presentemente não mostre symptoma perigoso , a febre he hum inimigo , do qual sempre se deve desconfiar ; que a vida da alma he mais preciosa que a do corpo ; e que nenhuma cautela , e diligencia he superflua a respeito da eternidade : *Nunquam satis magna securitas , ubi periclitatur aternitas.*

Depois desta primeira persuasão , he conveniente saber como o enfermo recebe a doença : se he como favor , ou como castigo de Deos : se totalmente se conforma com a sua Divina vontade : se quer morrer como filho da Igreja Catholica Romana : se tem dor , e pezar de haver offendido a Deos ; e se está resolvido a fazer penitencia dos seus peccados , se recuperar a saúde : se confia nos merecimentos de Jesus Christo ; se por seu amor perdoa a todos os seus inimigos : se está prompto a dar satisfação a quem houver offendido : se tem ordenado bem os seus negocios , e dependencias para ficar em paz a sua familia : se tem aggravado , ou injuriado a alguma pessoa : se tem em seu poder alguma cousa alheia : em fim se acha a consciencia gravada com alguma outra cousa : e se se acha em estado de apparecer diante de Deos.



Depois de o enfermo fazer a sua confissão, deve-o consolar muito, e dar-lhe esperança de que Deos usará com elle de misericordia, pois lhe esperou até esse tempo, concedendo-lhe receber o Sacramento da penitencia: que lhe deve agradecer muito esta graça, protestando-lhe que se recuperar a saude, fará huma vida inteiramente christã, e mais bem ordenada. Depois o disporá a receber os outros Sacramentos, persuadindo-o quanto são proveitosos ao corpo, e à alma.

Entremos pois agora no que he mais delicado, e digno de attenção. Depois que o enfermo houver satisfeito as obrigações espirituaes, e temporaes, e se vir chegado a hum perigo manifesto, não use com elle de longos discursos; porque então o espirito do enfermo se acha do mesmo modo que está o corpo, quero dizer, que então nem hum, nem outro estão capazes de muito allimento; e só de espaço em espaço lhe diga alguma palavra, que o possa consolar, dando-lhe lugar de a gostar, e digerir.

Mas nem tudo he bom para todos; e ainda o que para o mesmo he proveitoso em hum tempo, he nocivo em outro. Os que são de vida ajustada, devem ser tratados por differente modo que aquelles que a tiverão desordenada; os primeiros devem ser consolados, e os segundos reprehendidos com pruden-

ve tratar aos ímpios que aos fieis; aos perfectos, que aos imperfeitos; as almas teimosas, que as almas ternas, humildes, e escrupulosas.

No principio da enfermidade (como já disse) não he máo intimidar a hum grande peccador os tormentos da outra vida, o rigor dos juizos de Deos, a exactissima conta que lhe ha de dar, e outros motivos pavorosos, com tanto que não haja receio de que com isto venha a cahir em alguma desesperação, ou em desconfiança da sua salvação.

Depois de haver recebido os Sacramentos, deve-o exhortar a fazer actos de fé, esperança, amor de Deos, e do próximo, de contrição, e conformidade com a vontade de Deos, sem já mais lhe propôr considerações de terror, que sejam capazes de murchar a esperança; que ha pouco procurou excitar no seu coração.

Estando já perto do fim ultimo, só lhe deve fallar das cousas do Ceo, e da felicidade da Gloria, que está para ir gozar, excitando-o a desejalha com palavras affectuosas, fazendo-lhe repetir muitos actos de amor de Deos.

A R T I G O VII.

*Do modo de affislar aos impios.*

**Q**Uando o enfermo for impio , deve-se usar com elle de prudencia , e de força , propondo-lhe razões , em que se interesse o seu entendimento ; e que effizamente o persuadão da necessidade da fé , e da verdade dos nossos Mysterios ; mas de tal modo , que não lhe pareça que o affisente pertende argumentar com elle ; porque a authoridade com que esta qualidade de gente se atreve a julgar de tudo , lhes impede sujeitarem-se ao juizo de outrem ; e por pouco que as apertem , se obstinão , e rebellão contra a verdade.

Convem suavemente fazer-lhes entender que a fé he hum dom de Deos : que elles nunca chegarão a entender o que devem crer , se primeiro não crederem o que elles não entendem ; que não ha cousa mais clara do que a existencia da Divindade : que ella claramente se mostra na formosa máquina do Universo , na singular ordem , e disposição de todas as creaturas , na prodigiosa variedade dos semblantes , e em outras infinitas perfeições , e de outros modos , que he preciso saber para estabelecer com firmeza a unidade do hum unico principio.

*Em*

Em consequencia disto, se lhe póde persuadir que se ha hum Deos, tambem deve haver huma Religião: e assim como sómente ha hum Deos verdadeiro, tambem só ha huma verdadeira Religião: que a Christã por testemunho de todos os sabios he a mais santa, pura, e conforme á razão: que a sua fundação, estabelecimento, propagação, e duração, os seus combates, e victorias são provas innegaveis da sua verdade: que nas differentes leituras que ha, reina muito a ignorancia, o vicio, e a brutalidade: que a Religião Christã tem sido approvada, ensinada, e defendida pelos maiores engenhos, pelos mais Santos, e mais sabios homens, que tem havido no mundo: que está sellada com o sangue de mais de deze milhões de Martyres: que dezoito Concilios geraes, compostos dos mais Santos, e mais completos homens, lhe examinarão, e approvarão os dogmas.

Que só Deos póde fazer verdadeiros milagres; e que Deos não os póde fazer para authorizar o erro; que são infinitos milagres, que Deos tem obrado na Igreja Catholica, como mostram Santo Agostinho, S. Gregorio, e outros muitos Padres antigos, que delles forão testemunhas de vida, e que he impossivel, que de tão grande numero de milagres em tantos seculos, e de tantos millos de annos, ao menos não haja hum, que se

vida seja verdadeiro : e que sendo assim , tanto vale hum só milagre , como cem mil , porque Deos nunca pôde authorizar a mentira : que sendo a Religião Christã verdadeira , todas as outras são falsas , pois ella como taes as condemna , e declara que nella ninguém se pôde salvar.

Depois de todas estas persuasões , he conveniente aconselhar o enfermo , e persuadillo com efficacia , mostrando-lhe que na materia da salvação he consummada loucura , e tambem contra a consciencia , expôr-se hum homem a evidente perigo de se condemnar : que no estado em que elle se acha não tem que duvidar do partido que deve seguir : que totalmente se arrisca , indo pelo caminho que até agora seguiu , e nada arrisca , abraçando a doutrina da Igreja Catholica : que a luz da razão nos ensina a sujeitar o nosso juizo á Divina authoridade ; e que em hum negocio de tão grande importancia he conveniente seguir o partido mais seguro.

Se o enfermo se rende a estas razões , he justo fazello logo abjurar os seus erros , e proferir actos de fé sobre todos os Arrigos da nossa Religião ; e pelo decurso da enfermidade repetidos protestos de que cre tudo o que a Santa Igreja cre , e ensina , e que morre na communicação dos Fieis.

Porém se com tudo isto nada se puder

admiraveis successos com especie de  
gres, rezando-se as Ladainhas de N. S.  
ra; e de hum destes tive eu, pouco  
ha, noticia, a qual me deu huma pess  
gna de fé, de quem Deos se tem servio  
ra a conversão de hereges, e desespe

## A R T I G O VIII.

*Como se deve assistir aos Fieis, que  
peccadores.*

**Q**Uando o enfermo he Christão,  
tem o Confessor que trabalhar a r  
to da sua vontade, do que do se  
tendimento. Primeiramente deve o C  
for propôr-lhe alguns motivos de te  
e de penitencia, se tem vivido com  
dem; mas em recebendo os Sacrame  
cumprem foratez a the A assistência

merecimentos para se salvar, quem sempre tem o lado mal.

Esta tentação não he nem ordinaria; nem perigosa; mas a da desesperação he muito, por ser o baixo, ou precipicio, em que a maior parte dos peccadores fazem naufragio no seu transito. Elles sabem o muito que tem offendido a Deos, e o demonio lhes faz avultar a multidão, e gravidade dos seus peccados ainda mais do que ella he. Elle lhes representa a justiça de Deos severa, e inexoravel; e como elles nunca conhecerão bem a sua bondade, nem tem uso de fazer actos de esperança; se o Confessor nestes casos se põe da parte da justiça, e pende para este lado, sem dúvida o disporá para desesperar, principalmente se a pessoa for fraca, e tímida. Eu tenho visto muitos, que me confessarão, que ouvindo alguns discursos de pessoas zelosas (mas indiscretas) sobre os juizos de Deos, estiverão em pontos de desesperar.

A presumpção, ou desesperação são dous extremos para temer; mas (como já disse) he menor peccado o presumir muito da bondade de Deos, do que o desesperar della: e sendo moralmente impossivel que hum peccador na morte presume das suas boas obras; e sendo tambem certo, que Deos em toda a Escritura promette que infallivelmente ha de salvar ao que nelle ef-

pera, este he o pattido que sempre se deve seguir. Façamos firmeza na bondade de Deos, e nos merecimentos de seu Filha, e depois fiquemos em paz, doendo-nos, e pezando-nos de o ter offendido, como se o negocio da nossa salvação estivesse já concluido. Como já tratei isto no paragrafo das tentações pag. 193., não fallo agora mais nesta materia, e passo a tratar das almas timoratas, puras, e santas, que na sua vida se chegarão para Deos.

#### A R T I G O IX.

*Como se deve assistir ds pessoas virtuosas.*

**Q**Uanto mais se vai chegando á presença do objecto amado, tanto mais se augmenta o amor, que se lhe tem. Este he o tempo, em que as castas esposas se desfazem em amor, e se lhes causa huma grande pena, impedindo-se-lhes o seu socego com extensos discursos, e motivos de temor. A estas almas só he necessario de espaço em espaço dizer-lhes alguma palavra de ternura, com que mais se inflammem no amor de Deos.

Eu rogo, e peço aos Confessores pelas entranhas de Jesus Christo, que não perturbem o socego das suas esposas, mas que as deixem descansar em paz, quanto ellas quizerem, sem as despertar. Ellas parecem



que dormem , mas o seu coração está vigilante. Verdaderamente a sua morte he hum somno mysterioso , e a sua doença he hum desmaio de amor. He prudencia no Confessor conduzir cada hum pelo seu caminho ; e o destas almas he hum exercicio de amor , hum esquecimento santo de si mesmas , e a submissão , e conformidade com a vontade de Deos. Por esta razão tudo o que se lhes disser , só deve respirar amor , paz , confiança , resignação , conformidade , e união.

De espaço em espaço se lhe póde advertir algumas palavras , assim como estas : *Ecce sponsus venit* : O esposo vem chegando. *Dicite dilecto , quia amore langueo* : Dizei ao meu amado , que desfaleço de amor. *Quando venies ? O' , e quando chegareis ?* *Moriar , ut te videam* : Morra eu para vos gozar.

*Ita Pater*. Sim , meu amabilissimo Pai , sim , estou disposto , e desejo morrer para gloria vossa , e por vosso amor : *Cupio dissolvi , & esse cum Christo* : Oh que desejo , e que ansia tenho de morrer , e ir estar com Jesus Christo ! *Ecce appropinquat hora* : Agora sim , que he chegada a hora. *Eamus , & moriamur cum illo* : Vamos já , e morramos com elle , e por amor delle. *Letatus sum in his , que dicta sunt mihi* : Oh quanto me alegro em me dizerem que vamos á casa do Senhor !

A estas tantas almas só me resta dar-lhes

lhes hum conselho, e he, que morráo assim como tem vivido; isto he, em paz, e unidas com Jesus Christo sem que por modo algum interrompáo esta união. Devem resistir á tentação do medo, e desconfiança que o demonio costuma suggerir no principio da enfermidade, representando-lhe todos os seus peccados da vida passada, fazendo-lhes crer que no bem que obrárão só buscarão o seu gosto, e a estimação dos homens.

He facil persuadir ás almas humildes, e timoraras, que ellas não vigiarão quanto devião sobre os movimentos do seu coração; porque como he quasi impossivel obrarse algum bem, sem que nelle se misture a natureza, e sem que a alma em todas as operações não finra alguma impressão de gosto, ou desagrado, que não pôde evitar, he facil ao demonio persuadir-lhes que estes sentimentos forão, e são consentimentos; que os actos do entendimento passarão á verdade, e que deste modo todas as suas boas obras forão manchadas pela vaidade, e pelo amor proprio.

Por outra parte, como em nossas acções boas não podemos distinguir as que directamente, e sem mancha se encaminhão a Deos; e sendo o movimento da graça sobrenatural, inclina a alma á virtude sempre por modo espirital, o qual muitas vezes se não percebe, fica facil a persuasão de nunca  
se

se ter feito cousa puramente boa ; pois o que ha de sobrenatural na acção , sempre nos he occulto ; e o que he natural , se faz mais perceptivel nas almas devotas , do que nas que o não são.

Ordinariamente permite Deos esta tentação , para que a alma não confie em si mesma , mas para que ponha toda a sua confiança nos merecimentos de Jesus Christo , e a elle se entregue na morte , assim como na vida o tem feito. Por esta razão em se sentindo com algum susto , e cuidado do futuro , e que o demonio lhe persuade que não tem feito cousa boa , logo lhe responde , que disse já está persuadida ; mas que não são os seus merecimentos em que põe a sua esperança , mas sim unicamente na bondade de Deos , e nos merecimentos de Jesus Christo , e que totalmente a elle se entrega no tempo , e na eternidade , pondo a sua alma nas mãos de Deos , e o seu corpo nas dos homens. Diga-lhe com o Apóstolo : *Scio cui credidi, &c.* eu sei quem he aquelle Senhor , a quem confio a minha alma ; conheço a sua bondade , e o seu amor ; já de todo me dei a elle , e lhe entreguei o negocio da minha salvação : elle fará de mim o que for servido , pois descanço na sua providencia ; e isto lhe direi até morrer : *In manus tuas Domine, &c.* e depois disto incline a cabeça , ficando em paz esperando

como huma vítima, o golpe da morte, sem lhe dar pena cousa alguma, e sem receio da salvação.

Não he minha intenção dar instrucções, nem conselhos aos Confessores mais habeis; e experimentados que eu, mas somente aos que ainda não tem toda a experiencia, nem são versados nas cousas espirituaes. Agora no Artigo seguinte direi o que se ha de praticar, e dizer quando o enfermo está ou na agonia, ou perto della.

#### A R T I G O X.

*Preces, e Orações, de que o enfermo deve usar, estando proximo á morte, ou em seu nome os que lhe assistem.*

**D** Iz Santo Agostinho, que o saber bem orar he o mesmo que saber bem pedir; e eu acrescento, que he tambem saber bem morrer, porque a oração alcança de Deos tudo o que nos he necessario: e não ha tempo em que ella seja de mais necessidade, do que no ultimo ponto da vida, porque então se acha a alma no ultimo, e maior perigo da sua salvação; pelo que he necessario que o enfermo peça a Deos o perdão dos seus peccados, paciencia nos seus males, fortaleza contra as tentações, perseverança final, e a gloria do Paraiso; tudo isto

ro pelos merecimentos de Jesus Christo, pela intercessão de sua Santissima Mãe, e de todos os Santos, principalmente dos da sua particular devoção. E quando já não esteja capaz de orar, pertence ao Sacerdote, ou a quem lhe assiste, fazello por elle.

A mais efficaz, e excellente de todas as orações he a que compoz nosso Senhor; e elle mesmo nos ensinou: como ella em todo o tempo nos alcança de Deos os soccorros precisos, he muito proveitoso o recital-la sempre, porém muito especialmente na hora da morte. Neste lugar ponho huma parafrasi, e explicação desta Oração bastante-mente devota.

*Padre nosso.*

Creio, meu Deos, que sois meu Pai; que me destes a vida da natureza, e a da graça, e de quem espero a da gloria. Vós sois o Pai de todos os homens; mas principalmente deste enfermo, que estais vendo nesta cama. Oh quanto me alegro de ter hum Pai tão bom, tão santo, tão sabio, e tão poderoso! Espero que assim como me destes a vida temporal, tambem me dareis a eterna.

Pai meu, pequei contra o Ceo, e contra vós, não sou digno de me chamar filho vosso; mas, se he vossa vontade, recebei-me em o numero dos vossos escravos.

R

Meu

Meu Pai, se he possivel, passe este calis de morte, e de dores, eu o beba; mas não se faça a mirade, faça-se a vossa.

Pai meu, eu vos entrego a v me déstes, e summamente me pez feito della tão máo uso, e de a ter gado em vos offender.

O' meu amantissimo Pai, glorifica Filho, para que o vosso Filho vos g a vós; e já que vos não honrei, n permitti que eu eternamente vos he louve no Ceo.

*Que estais nos Ceos.*

Vós estais no Ceo, ó meu Deo na terra; vós estais no lugar da pa no de baralhas, e perigos; vós estais para me premiar, e eu na terra p amar: mas ai de mim, que ainda n eipiei a fazello! Porém ainda que ter máo, e ingrato, espero, meu Deo brevemente estarei comvosco no Ceo, minha esperança se funda no preci gue, que vosso Filho derramou por

Oh quando chegará este dia! me defagrada a terra, quando ólho Ceo! Oh celestial Paraiso! Que n eu fazer para te ganhar? Que não d frer para te possuir? Nada he tudo padeço, comparado com o que espe

*Santificado seja o vosso Nome.*

O Santo , e adoravel Nome do meu Deos , eu vim ao mundo só para vos santificar ; mas por minha desgraça o que tenho feito he só profanar-vos. Tenho feito todo o possivel para glorificar o meu , quando só devia procurar glorificar o vosso. Eu vos peço perdão desta desordem , ó Deos de gloria , e de magestade ; e eu vos supplico pelo vosso mesmo Santo Nome useis comigo de misericordia. Santissimo nome de Jesus , vós sois toda a minha esperança. Qualquer que vos invocar (diz o vosso Apostolo) será salvo. Eu vos invoco com toda a reverencia , e com toda a devoção que me he possivel : não permittais , ó meu Jesus , que eu seja condemnado.

*Venha a nós o vosso Reino.*

Meu Deos , quando chegará o vosso Reino ? Quando reinareis em paz no meu coração , e na minha alma ? Quando sereis absoluto Senhor do meu corpo , e da minha alma ?

Ah ! que eu não tenho feito com que vós reineis na terra ; e toda a minha vida mostrei não ter outro Rei mais do que a Cesar ; por isso confesso , Senhor , que mereço a morte. Eu a recebo de todo o meu coração , e eu a desejo , e vo-la peço , esperando que de

pois della me dareis entrada no vosso Reino. Oh quanto são felices os que nesta vida fielmente vos fervem, porque elles reinarão com vosco eternamente no Ceo!

Consola-te, ó alma minha, o Reino de Deos está chegando, só te restão alguns instantes de padecer, e com este breve tempo de tormento lucrarás a eterna riqueza da gloria. Combate até ao fim, e não percas a coroa, que Deos te prepara.

*Seja feita a vossa vontade, assim na terra,  
como no Ceo.*

O' meu Deos, já que não fiz a vossa vontade na terra, ao menos permitti que eu a vá cumprir agora no Ceo. Aqui está o meu corpo atormentado, consumido de afflicções, e cercado das dores da morte por todos os lados. Eu bem quereria agora dilatar mais a minha vida, para reparar as minhas culpas, e para recuperar o tempo perdido. Quereis vós com tudo que eu morra? Sou contente; faça-se a vossa vontade, e não a minha.

Quereis que eu deixe a terra? Que a minha alma se aparte deste corpo, e que vá fazer penitencia no Purgatorio? Quereis que este corpo ainda padeça graves molestias, e que seja affligido com dilatadas, e agudas enfermidades? Eu tambem assim o quero, meu Deos, eu me sujeito a tudo o  
que



que for vontade vossa; porque só quero que se faça a vossa vontade, e não a minha.

*O Pão nosso de cada dia nos dai boje.*

Bemaventurado o que ha de comer o Pão no Reino de Deos. Eu vos dou muitas graças, ó Pai amantissimo, de me haverdes dado o sustento do corpo, e da alma em tantos annos; e sobre tudo o Pão dos Anjos, que he o precioso Corpo de vosso Filho Jesus Christo.

O' Pão da vida, já não temo a morte, pois vos tenho comigo antes de morrer; nem temo os meus inimigos, porque vós estais comigo. Fortalecido com este Pão, farei viagem pelo deserto desta vida, até chegar ao santo monte Oreb, que he a vista de Deos.

Vós, ó eterna verdade, tendes prometido, e protestado, que quem comer o vosso corpo, e beber o vosso Sangue, vivirá eternamente. Esta promessa dissipa os meus temores, e sustenta as minhas esperanças, e já que tão estreitamente nos havemos unido nesta vida, não consentireis que estejamos separados na outra.

O' meu Jesus, dai-me o meu Pão deste dia: fortalecei-me com a vossa graça para fazer esta grande viagem da eternidade; sem este Pão desfalecerei, e já mais poderei chegar ao Ceo.

Per-

*Perdoai-nos nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.*

Senhor, os meus peccados são innumeraveis; se vós os examinais, fico perdido. Eu já não posso orar, nem jejuar, nem fazer outras penitencias: que farei pois para aplacar a vossa justiça, e segurar a minha salvação?

Vós tendes promettido o perdão a quem também perdoar aos seus inimigos, e de usar de misericordia com quem a usar com os outros. O' meu Deos, de todo o meu coração perdoai a todos os que me tem offendido, e vos peço lhes perdoeis o agravo que vos fizerão em me offender. Eu vos peço para elles esta graça, e vos offereço a minha morte unida á de vosso Filho em satisfação dos seus peccados, e dos meus.

*Não nos deixeis cabir em tentação.*

Agora, meu Deos, agora mais que nunca necessito da vossa protecção, e da vossa assistência: aqui estão os meus inimigos, que por toda a parte me cercão: aqui está o leão rugindo, que sahio do inferno para me tragar; mas como vós estais comigo, não temerei esta sanguinolenta fera. Quando eu entrar pela sombra da morte, nada temerei, estando com vosco.

Não vos demoreis pois, ó Senhor dos

*Exer-*

**Exercitos**, vinde depressa em meu soccorro : enviai a S. Miguel com os seus Anjos para combater os meus inimigos. Vós conheceis a minha fraqueza , que a não ha maior no mundo : mandai a Satanaz que não me offenda , nem me tente , ou ao menos não me deixeis cahir na tentação.

*Mas livrai-nos do mal. Amen.*

Do mal do corpo , que bem tenho merecido ; e do da alma , de que estou ameaçado , livrai-me , Senhor , do maior de todos , que he o peccado , e o inferno. Eu acceito todas as dores , e afflicções que sinto : estou prompto para ir para onde vós quizerdes. Mas , ó Deos de misericordia , eu vos peço pela morte , e paixão do vosso Filho , que me não mandeis para o inferno. Como poderei estar huma eternidade , ó meu summo Bem , sem vos louvar , e sem vos amar ? Chamai-me pois para o Ceo , aonde em companhia dos vossos Santos eu vos louve por todos os seculos dos seculos. Amen.

#### A R T I G O XI.

*Oração da Salve Rainha para se alcançar a assistencia da Santissima Virgem.*

**S**alve Rainha , Mãe de misericordia. Deos vos salve , ó Rainha do Ceo , e da terra , dos Anjos , e dos homens , dos vivos , e dos mortos.

Deos

Deos vos salve, Mãi de misericordia; e por isso Mãi dos miseraveis; como Mãi de graça, sois Mãi dos justos; como Mãi de misericordia, sois Mãi dos peccadores. Isto he o que me dá confiança para recorrer a vós, e o que me faz esperar que ouvireis as minhas súplicas. Se fosseis Mãi de justiça, eu vos temeria: mas que posso eu temer, ou antes que não devo eu esperar, de quem he Mãi de misericordia? A Igreja vos deo este excellente titulo, pela razão de que vós abris, e patenteais os thesouros da Divina misericordia a quem quereis, quanto quereis, e como quereis; de sorte que não ha peccador, por maior que seja, que se possa perder, se vós quereis orar por elle, como diz o vosso servo S. Bernardo.

Deos vos salve *nossa vida, nossa doçura, e nossa esperança*. Já que sois Mãi de Deos, deveis ser Mãi dos homens; porque dando a vida humana a hum Deos, a destes a todos os homens. Sede pois *nossa Mãi*: vós nos concebestes com o vosso Filho ao pé da Cruz; e nós somos vossos Filhos, pois como taes vos fomos dados na Pessoa de S. João.

Vós sois Mãi suave, e não severa: Nós tínhamos em Deos hum Pai de misericordia; *mas ainda nos falta-va huma Mãi misericordiosa. E esta gloriosa excellencia vos era devida; porque depois que por nove mezes trou-*

res

nestes em o vosso purissima ventre a mesma misericordia, quem póde duvidar que as vossas entranhas sejam todas misericordiosas, como diz S. Bernardo.

Eis-aqui o que nos anima, o que nos enche de confiança, e o que nos faz chamar-vos com toda a Igreja a nossa total esperança na presença de voiso Filho, assim como elle he toda a nossa esperança diante de seu Eterno Pai.

*A vós brádamos os degradados filhos de Eva.* A vós clamamos os que somos filhos de Adão, e Eva, desterrados do Paraíso. Ella foi a occasião da nossa ruina em sermos expulsos do Paraíso terrestre; e com estranha maravilha primeiro nos deo a morte, do que a vida. Porém Deos vos elegeo para reparardes os damnos, que nos caulou a primeira mulher. Vós fareis aquelles que ella ferio, e salvais os que por ella forão condemnados.

Por isso he que a vós dirigimos as nossas vozes, que a vós suspiramos, gemendo, e chorando neste valle de lagrimas, onde estamos carregados das culpas, opprimidos da miseria, e apartados de Deos, cercados de demonios, desterrados da nossa amada patria, e sempre em perigo de nos condemnarmos.

*Eia pois, Advogada nossa, &c.* Eia pois, ó nossa Advogada, ponde em nós os olhos  
da

da vossa piedade, e misericordia. Nós temos hum advogado junto ao Eterno Pai ; que he Jesus Christo seu unigenito Filho ; mas necessitamos de huma Advogada ao pé deste Advogado , porque elle he juntamente nosso Juiz. Deos vos elegeo para este emprego , e vos transportou da terra ao Ceo ; para que junto ao seu lado rogasseis por nós , como nos ensina a Santa Igreja.

Voltai para mim os olhos da vossa misericordia , pois não pôde haver creatura mais pobre , nem mais necessitada della do que eu. Se olhades para mim , tereis compaixão da minha miseria ; porém se de mim apartardes os vossos olhos , perderei a esperança da minha salvação. (S. Bern. in Orat. de Assumpt. B. V.) Mas qual será o peccador , que possa dizer , que foi de vós desprezado , quando vos invocou? Assilti-me pois , ó Santissima Virgem , nesta minha ultima enfermidade.

*E depois deste desterro nos mostrai a Jesus bemdito fruto , &c.* E depois deste desterro alcançai-me ver o vosso bemdito Filho , vós que entre todas as mulheres sois abençoada. Vós o fizestes ver ao mundo vestido da nossa carne ; e eu pela vossa intercessão o espero ver vestido da sua gloria.

*O' clemente ! O' Mãi de bondadé ! O' piedosa ! O' Mãi de piedade ! O' dulcissima Virgem Maria ! O' Mãi de doçura Santissima Virgem Maria !*

Re

Refere certo Author que esta Senhora revelou a huma Santa , que ella olha com olhos favoraveis , e concede a sua benção aos que a invocão , dizendo estas palavras da Salve Rainha: *Eia pois , Advogada nossa ; esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei.*

## A R T I G O XII.

*Do que se deve dizer ao enfermo , quando se lhe mostra a Imagem de Jesus Christo crucificado.*

**D**E todos os objectos do mundo o mais amavel , e de maior consolação para hum enfermo he a vista de Jesus Christo crucificado ; porque se a admiração he motivo de alegria , que cousa mais admiravel , do que ver a hum Deos na Cruz ! Se gostamos de ser amados , que amor se pôde comparar com o do Filho de Deos , que por nosso amor soffreu huma tão cruel , e affrontosa morte ? Se a esperança alarga o coração , que consolação não terá hum enfermo , vendo o instrumento da sua salvação , a causa da sua felicidade , o principio do seu contentamento , o objecto da sua bemaventurança , o fundamento da sua paz , e da sua esperança !

Tudo o que se diz a hum enfermo dura pouco tempo no seu entendimento ; a sua me-

mo-

memoria, que depende dos órgãos, por se achar enfraquecida juntamente com o corpo, já não tem força para conservar cousa alguma; tudo o que se lhe entrega, della foge, e depressa voa. Além do que, occupando as dores inteiramente o seu espirito, só lhe permitem considerar no seu mal. Por isso para supprir esta falta, he preciso de espaço em espaço despertar-lhe a memoria com algum bom pensamento, que sendo breve, e suave, não necessite de applicação, nem lhe cance o juizo.

Ora não ha cousa que mais impressão faça na alma de hum enfermo, nem que mais agradavelmente entre no seu coração, do que o pensamento de Jesus Christo crucificado. Ainda que já não possa ver este espectáculo de amor, que se lhe mostra, por lhe faltar já a vista, com tudo a lembrança d'elle desperta a sua fé, fortalece a sua esperança, anima de novo a sua caridade, renova o seu fervor, e fortifica as resoluções que tem tomado de não offender mais ao seu Deos. Além de que, a Imagem do Salvador, o sinal da Cruz, e a lembrança da sua Paixão são as cousas que os espiritos malignos mais temem. He preciso pois de espaço em espaço mostrar-lhe a santa Imagem de Jesus Christo, e dizer-lhe com a Igreja Santa:



I.

*Ecce lignum Crucis, in quo salus mundi pependit: venite adoremus:* Eis-aqui o lenho da Cruz, na qual está pendente a salvação do mundo: vinde adorallo, dai-lhe graças, e abraçai-o.

*Ecce Crucem Domini: fugite, partes adversa:* Eis-aqui a Cruz do Senhor: fugi, esquadrão inimigo.

*Ecce Rex vester:* Este he o vosso Rei, que vos vem defender.

*Ecce sponsus venit:* Aqui está, alma fiel; o vosso Esposo, que vem consolar-vos.

*Ecce Sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, & in tempore iracundiae factus est reconciliatio:* Eis-aqui o summo Sacerdote da nova lei, que em toda a sua vida agradou a Deos infinitamente, e nos reconciliou com elle no tempo da sua maior ira.

Adorai este Divino Salvador: chegai-vos com toda a confiança ao Throno da sua graça: lavai-vos no Sangue, que por vós derramou: entrai neste coração aberto pelo vosso amor: beijai estas mãos, que vos formaráo: beijai estes pés, que vos procuraráo: dizei-lhe com a humildade do Publicano: *Senhor, sede propicio a este peccador.* Dizei-lhe como o miseravel cego do Evangelho: *Jesus, Filho de David, compadecei-vos de mim.*

Dizei-lhe com a Santa Igreja: *Adora-*

270     *A Morte suave, e santa.*

*mus te, Christe, & benedicimus tibi, quia per Crucem tuam redemisti mundum:* Eu vos adoro, ó Jesus Christo meu Senhor: eu vos dou muitas graças, porque com a vossa Cruz redemistes o mundo. O' Jesus, que tanto por mim padeceste, compadecei-vos de mim.

II.

Tambem se pôde recorrer ao Eterno Pai, e mostrar-lhe o seu unigenito Filho crucificado, offerecer-lhe esta oração da santa Igreja, que ella só basta para aplacar a sua ira: *Respice, quesumus, Domine, super hanc familiam tuam, pro qua Dominus noster Jesus Christus non dubitavit manibus tradi nocentium, & crucis subire tormentum:* Vede, Senhor, este enfermo, pelo qual nosso Senhor Jesus Christo não duvidou entregar-se nas mãos dos ímpios, e soffrer o tormento da Cruz. Ou tambem as seguintes palavras de S. Bernardo. (Serm. de Pass. Dom.)

*Respice, Domine Sancte Pater, de sanctuario tuo, & intuere hanc sanctam hostiam, quam tibi offert magnus Pontifex noster, sanctus puer tuus Dominus Jesus, pro peccatis fratrum suorum.*

Santissimo, e adorabilissimo Pai, olhai lá do vosso Santuario, e do Templo da vossa gloria para a santa victima, que vos offerece o nosso Summo Sacerdote, e vosso amabilissimo Filho nosso Senhor Jesus Christo pela salvação dos seus Irmãos.

Es-

*Ecce sanguis fratris nostri Jesus clamat ad te de terra:* Eis-aqui o Sangue de Jesus Christo , que se dignou ser nosso Irmão , que da Cruz a vós está clamando : Eis-aqui o sangue do santo , e innocente Abel , que vos pede misericordia.

*Cognosce , Pater , tunicam filii tui Joseph:* Heu ! fera pessima devoravit eum : Conhecei , ó caritativo Pai , a tunica do vosso Filho José. Ah ! huma fera cruel , e deshumana o devorou. Eis-aqui o seu vestido todo ensanguentado , e em finco partes roto , e despedaçado.

*Respice , Domine , in faciem Christi tui , qui tibi usque ad mortem factus est obediens : nec recedant ab oculis tuis cicatrices ejus in perpetuum :* Voltai os vossos olhos , Senhor , para o rosto do vosso Filho Jesus Christo , que vos foi obediente até á morte ; nunca aparteis a vossa vista das chagas , que soffreo por nosso amor.

Pezai , Senhor , pezai na balança da Cruz os peccados que tenho commettido , e as dores que vosso unigenito Filho padeceo , e achareis que as suas angustias pezão infinitamente mais que as minhas maldades ; e são mais dignas de vos mover a usardes comigo de misericordia , do que as minhas culpas merecem , que exerciteis contra mim a vossa justiça.

## III.

Santo Agostinho tambem nos soccorre com palavras bastantemente ternas para moverem o coração mais duro.

Irmão (diz elle) abrí os olhos, e vede o vosso Salvador pendente da Cruz: *Vide pendentem, audi precantem: Pater, ignosce illis.* Vede como está crucificado; ouvi como roga: Pai meu, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem. Elle ora por vós; perdoai vós a todos os vossos inimigos, assim como elle perdoou aos seus.

Vede quanto padece, e ouvi o que vos diz: Filho meu, aqui está vossa Mãe. Minha Mãe, eis-ahi o vosso Filho. Entregai-vos á Santissima Virgem, e dizei-lhe com muita confiança: *Ecce quem amas infirmatur.* O' minha amada Mãe, aqui está o vosso filho, que ternamente amais, gravemente enfermo; já nada pôde: *Mãe de misericordia, Mãe de graça, defendei-me do meu inimigo, e na hora da minha morte recebei-me debaixo da vossa protecção.* Nas mãos de vosso Filho entrego o meu espirito, e a vós o encomendo, tende cuidado d'elle, não o deixeis perecer.

## IV.

Aqui tendes outra devoção do mesmo Santo Agostinho, que tambem he muito terna, e pôde inspirar confiança aos mais desesperados.

*Olhai,*

e Olhai, Irmão, para o vosso Salvador Jesus Christo crucificado na sua Cruz; e estai certo, que por mais que sejam os vossos peccados, elle está prompto para vos perdoar todos, com tanto que vós o peçais. Não receeis chegar-vos a elle, porque he hum manso Cordeiro, e foi sacrificado por vós: *Aspice quantum valeas, & quantum debeas.* Considerai quanto valeis, e quanto importa a vossa divida. Vós valeis a vida de hum Deos, e ao vosso Deos deveis a vossa vida. Alegrai-vos de morrer por elle, assim como elle morreo por vós: *Inspice vulnera pendentis:* Vede as chagas deste corpo crucificado. *Inspice sanguinem morientis:* Olhai para o sangue, que na sua morte derramou este Cordeiro. *Inspice pretium redimentis:* Vede o preço deste Redemptor crucificado.

Estais já persuadido de que elle vos ama? Vedes vós como abaixa a cabeça? Pois he para dar-vos hum osculo: *Caput habet inclinatum ad osculandum.* Vedes como tem o coração aberto? Pois está aberto para amar-vos: *Cor apertum ad diligendum.* Vedes como tem todo o corpo exposto aos ultrajes dos seus inimigos? Pois sabei que está assim para redimir-vos: *Totum corpus extensum ad redimendum.* Não temais pois chegar-vos a elle, e procurai corresponder ao seu amor. Chegai a vossa boca para beijardes os seus Divinos pés: estendei os braços para abraçá-

sallo : abri o vosso coração : para nelle lhe dardes entrada : esperai em quem morre para salvar-vos ; e dizei-lhe com toda a confiança estas palavras do Profeta : *Tu es Deus Salvator meus.* (Pl. 29.) Vós sois o meu Deus , e o meu Salvador. Dizei-lhe mais com outro Profeta : *Ecce Deus Salvator meus : fiducialiter agam , & non timebo.* Eis-aqui o meu Deus , e o meu Salvador ; confiadamente tratarei com elle ; não temerei , porque o Senhor he a minha força , e o meu amparo , e se fez minha salvação. Com alegria tiramos as agoas das fontes do Salvador. Oh quanto he terrivel cahir nas mãos de hum Deus vivo ! Mas oh quanto he suave cahir nas mãos de hum Deus moribundo , e crucificado por nosso amor !

V.

Além das referidas devoções , podem-se ensinar ao enfermo as seguintes , que infallivelmente nelle farão impressão. Aqui tendes a Imagem de Jesus Christo crucificado , beijai estes sagrados pés , que com tantas viagens se fatigarão , buscando-vos pelo espaço de trinta e tres annos. Dizei com o coração , senão podeis dizer tambem com a boca : *Quereis me sedisti lassus , redemisti crucem passus , tantus labor non sit cassus.* Cançastes-vos em me procurardes ; subistes à Cruz para redimir-me ; não sejam , Senhor , sem fruto , e inuteis tantas fadigas soffridas por meu amor.

Beij

Beijai estas mãos traspassadas de duros cravos por amor de vós ; estas mãos , que vos formáráo , e reparáráo. Ponde a vossa alma nestas caritativas mãos , e dizei : *Manus tuas fecerunt me.* Meu Salvador , as vossas mãos me fizeram , ellas me conservem , e defendão de todos os meus inimigos. O Senhor , nas vossas mãos entregó o meu espirito.

Beijai este lado , e entrai neste coração ; no qual fez o amor tão grande ferida : *Potent arcana cordis per foramina corporis.* (São Bern.) Não podeis duvidar do amor com que Jesus Christo vos ama , pois vedes seu coração pela abertura do seu corpo : entrai nesta amorosa fornalha , e dizei com David : *Hec requies mea in seculum seculi :* (Ps. 131: 14.) Este he o lugar do meu descanso no seculo dos seculos. *Hic habitabo , quoniam elegi eam :* Aqui habitarei ; porque esta he a morada que escolhi.

Olhai para esta coroa de espinhos , que está sobre a cabeça do vosso Rei : elle tomou para si os espinhos , e deixou-vos as rosas ; foi coroado com esta coroa de ignominia , a fim de merecer para vós huma coroa de gloria. Considerai que o mal da cabeça que vos opprime he hum dos espinhos da sua coroa ; a dor do lado he huma lancada , que vos deo o seu amor ; as dores , que padeceis em todas as partes do vossa

corpo, são as suas sagradas chagas, que nelle imprimio.

## VI.

Tambem quando se apresenta ao enfermo a Imagem de Christo crucificado, se póde discorrer na sua Paixão, e faudallo nos sete Passos dos seus tormentos, do modo seguinte.

I. O' Jesus, meu Salvador, que no horroto fuastes sangue, e agua, reflectindo nos vossos tormentos, e nos meus peccados, e alli vos despistes da vossa força, para vos revestirdes da minha enfermidade! Eu vos adoro todo banhado no vosso Sangue. Dou muitas graças ao vosso coração por se ter affligido por amor de mim. Detesto todos os meus peccados, pois elles forão a causa da vossa afflicção. Supplico-vos que me forzifiqueis contra os horrores da morte, e tentações de Satanaz. Vós o sabeis, e o dissestes: *O espirito está prompto, mas a carne he fraca.* Concedei-me a força do vosso espirito, pois tomastes a enfermidade da minha carne. Pai meu, apartai da minha boca o calis da morte; porém seja feita a vossa vontade, e não a minha.

II. O' Jesus, meu Senhor, que fostes escarnecido, e maltratado em casa de Annaz, e de Caifaz! Eu vos dou graças por haverdes recebido esta ignominia, injúria, e confusão por meu amor. Ah! quantas vezes vos



tenho injuriado na pessoa do meu próximo; pois vós reputais todo o mal que a elle se faz, como feito a vós mesmo! Disto vos peço perdão, como tambem a todos a quem offendi; e acceito a morte em satisfação dos meus erros.

III. O' Jesus, meu soberano Rei, que fostes desprezado de Herodes, e dos Judeos, quando preferirão a vossa Divina Magestade hum ladrão, hum malfeitor, hum homicida. Eu tenho hum summo pezar de tantas vezes vos ter preferido o demônio, e as creaturas. Confesso que fiz mal em vos desprezar tão indignamente; em satisfação de tantas injúrias quero ser desamparado de todas as creaturas; perder a vida; ser comido pelos bichos; pisado de todos; e atormentado no Purgatorio, se assim o permitir a vossa justiça.

IV. O' Jesus, o mais puro, e casto de todos os homens, cuja innocente carne foi despedaçada com o rigor dos açoutes para expiar os deleites culpaveis de que usou a minha. Eu me compadeço, e affiço de ver tantas chagas, que por meu amor recebestes, e que eu tão frequentemente renovei. Acceito em penitencia todos os males que agora soffro, e a morte que espero. Peço-vos que santifiqueis o meu corpo, e a minha alma com as vossas dores; que os laveis com o vosso preciosissimo Sangue, e purifi-  
queis

80 *A Morte suave, e santa.*

multa frequência ; á qual darei mais alguma extensão.

1. *Alma de Jesus, santificai-me.*

2. *Sangue de Jesus, purificai-me.*

3. *Paixão de Jesus, fortificai-me.*

4. *Chagas de Jesus, defendei-me.*

5. *Coração de Jesus, inflammai-me.*

6. *Cravos de Jesus, penetrai-me.*

7. *Espinhos de Jesus, coroaime.*

8. *Cruz de Jesus, consagrai-me.*

9. *Bondade de Jesus, perdoai-me.*

10. *Grça de Jesus, enchei-me.*

11. *Espirito de Jesus, animai-me.*

12. *Escuridão de Jesus, esclarei-me.*

13. *Misericórdia de Jesus, salvai-me.*

14. *Pés de Jesus, chegai-vos para mim.*

15. *Mãos de Jesus, abraçai-me.*

16. *Óbbo de Jesus, ouvi-me.*

17. *Nunca vos aparteis de mim.*

18. *Quando eu for sepado, defendei-me.*

19. *Chamai-me na hora da minha morte.*

20. *Para que eu juntamente com os vossos*

*Santos possa louvare-vos nos seculos dos se-*

*culos. Amen.*

As pessoas que vivem santamente podem praticar todas estas devoções ; mas os

enfermos, que não estão em estado de fallar

não, as repetirão pouco a pouco. Aquelle,

que tiver o entendimento livre de dho. pode-

há fazer praticar, se elle o deseja, ora huma, ora outra, fugindo sempre de lhe causar incommodo.

A R T I G O XIII.

*O que se deve fazer, quando o enfermo entra na agonia da morte.*

1.º **O** Enfermo, que está em agonia, mais necessita de orações; que de documentos. He preciso de espaço em espaço dizer-lhe algumas palavras santas; depois rezar a Ladainha de nossa Senhora; e dos Santos; e outras orações, que manda o Ritual Romano.

2.º Não se deve deixar de dar de novo a absolvição ao enfermo, principalmente quando mostrar que a deseja; e que a pederia, se pudesse.

3.º Deve dar-se-lhe a agonia; e fazer aspersão com ella algumas vezes; porque tem virtude de affugentar os demonios; como experimentou Santa Teresã.

4.º Se continuar a agonia, he preciso rezar a Paixão de nosso Senhor escrita por S. João.

5.º Além da absolvição sacramental, he bom que o Sacerdote lhe lance muitas vezes a benção na forma seguinte, ou como melhor lhe parecer.

Be-

282 *A Morte suave, e santa.*

*Benedicat te Deus Pater, qui te creavit:* ✠ Deus Padre, que vos creou, vos abençoe. ✠

*Benedicat te Deus Filius, qui te redemit:* ✠ Deus Filho, que vos redimiu, vos abençoe. ✠

*Benedicat te Deus Spiritus Sanctus, qui te sanctificavit:* ✠ Deus Espirito Santo, que vos santificou, vos abençoe. ✠

6.º He necessario com breves palavras excitar o enfermo á contrição dos seus peccados, e tambem a confiar em Deus, proferindo muitas vezes os dulcissimos Nomes de Jesus, e Maria.

O Dulcissimo Jesus, otende piedade de mim.

Jesus, meu amantissimo Pai, abençoaime.

Jesus, meu piedoso Redemptor, perdoai-me.

Jesus, por quem viveis, ben vos dou a minha vida.

O meu amorosissimo Jesus, meu morro por vós, creio em vós, espero em vós, e me dou a vós.

*Domine Jesu, suscipe spiritum meum:* Meu Senhor Jesus Christo, recebei o meu espirito.

*In manus tuas, Domine, et c.* Senhor das vossas santissimas mãos entrego o meu espirito.

Ma-

*Mater Dei*, memento mei : O' Mãi de Deos, lembrai-vos de mim.

Glorioso S. Miguel, defendei-me.

Vós, ó Anjos de Deos, assisti-me.

E vós, ó Santos meus Protectores, defendei-me.

7.º Depois de feita a recommendação da alma, se o enfermo ainda não tiver espirado, póde-se rezar a seguinte Ladainha da Paixão do Filho de Deos, proferindo de espaço em espaço os versos della.

*Ladainha da Paixão de Jesus Christo.*

**J**esus, que fuastes sangue, e agua, vinda do os vossos tormentos, compadecei-vos de mim.

Jesus, que por meu amor fostes condemnado á morte, compadecei-vos de mim.

Jesus, que para salvar-me obtivestes tres horas viva na Cruz, compadecei-vos de mim.

Jesus, que rogastes pelos vossos inimigos, compadecei-vos de mim.

Pela vossa Santa Cruz, e dolorosa Paixão, compadecei-vos de mim.

Pelas afflicções da vossa Santissima Mãe, compadecei-vos de mim.

Pela vossa agonia, e morte, compadecei-vos de mim.

## ARTIGO XIV.

*Do que se deve dizer ás pessoas de virtude, quando se achão no artigo da morte.*

**C**omo até na hora da morte nos acompanha a lembrança dos gostos, e sentimentos que tivemos em vida, he preciso procurarmos conhecer o espirito do enfermo, e dizer-lhe algumas breves palavras a este respeito, conforme a sua disposição.

As santas almas, e castas esposas do Salvador só se movem com os sentimentos de amor; e por isso he necessario fugir muito de praticar o que fazem certas pessoas pouco discretas, que sem algum discernimento, só lhes fallão da justiça de Deus, da conta que estão para lhe dar, da profundidade impenetravel dos seus juizos, dos peccados da vida passada, dos rigores, e severidade da penitencia. Confesso que não he máo inspirar-lhes algumas vezes sentimentos de humildade para confortallas em huma santa desconfiança de si mesmas; mas como ellas se não deixão mover de motivos de temor, nem de esperança, e todo o seu incentivo he o amor, e obliuimento de si, he preciso despertar o seu espirito, quando se vir que está algum tanto adormecido, com o impulso destes suaves pensamentos.

As

As pessoas, que são de hum mesmo Paiz, conhecem-se pela voz, e pelo assento: huma palavra dita ao enfermo por huma pessoa, que tem conhecimento do seu espirito, e se acha animada pelos mesmos intentivos de caridade, fará mais impressão no seu coração, do que muitas, ainda que sejam muito boas, ditas por outras pessoas, que não tem o mesmo modo de vida, nem são, digamos assim, do seu Paiz. *A minha alma se derreteo (disse a Esposa) tanto que ouvi a voz do meu Deus.* Huma alma, que está em união com Deus, liquida-se com o prazer, assim como a cêra junta ao fogo, quando ouve huma palavra de amor.

As pessoas desta qualidade, como já disse, não devem ser tratadas como se tratão as outras. He preciso fallar-lhes pouco, e com voz branda, e de cousas ternas, com especialidade de amor, de confiança, do esquecimento de si mesmas, de victima, de sacrificio, e do Paraíso. He difficiloso determinar-se o que se lhes deve dizer; mas o Espirito Santo o inspira a quem lhes falla, e faz que se lhes diga cousas em tudo conformes á disposição em que ellas se achão. Geralmente fallando, he melhor não lhes dizer cousa alguma, do que fallar-lhes muito, e perturbar-lhes o seu fozego com discursos enfadonhos, e dilatados.

*Rogo-vos, ó Filhas de Jerusalem, (diz*

o Esposo nos Canticos) *que não desperteis a minha amada, deixai-a dormir, em quanto ella quizer.* Quando parece que os enfermos desta qualidade estão dormindo, então estão elles nas bodas, e gostão de suavidades, que se podem chamar ensaios do Paraiso. Deos he fiel (diz S. Paulo), e não se deve crer que elle desfampare na hora da morte as almas, que na sua vida o amarão com todo o seu coração. Elle faz que repousem no seu seio; concede-lhes huma paz isenta de toda a perturbação, e desfaz o ceigo; cobre-as com a sua mão direita, como diz a *Escritura*, e as esconde como pintainhos debaixo das suas azas. Não lhes digais cousa alguma, senão sabeis o que lhes deveis dizer; ou se lhes quizerdes fallar, dizei-lhes algumas cousas semelhantes ás palavras seguintes, as quaes devem ser ditas em latim ás pessoas que o entendem, porque o latim tem maior força, e energia do que o Portuguez.

*Domine, quid me vis facere? (Act. 9.)*  
 Meu Deos, que quereis que faça?

*Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum: (Ps. 56.)* Está prompto o meu coração, ó meu Deos, está prompto o meu coração.

*Eamus & nos, & moriamur cum ipso: (Joan. 11.)* Vamos nós tambem, e morramos com elle.



*Tu scis quia amo te , & animam meam pono pro te :* (Joan. 13.) Vós, Senhor, sabeis que vos amo, e que estou prompto para morrer por vós.

*Exiui à Patre , & veni in mundum : iterum relinquo mundum , & vado ad Patrem :* Saí de meu Pai, e vim ao mundo, agora deixo o mundo, e vou para meu Pai.

*Ita , Pater , quoniam sic placitum fuit ante te :* (Marth. 13.) Sim, meu Pai, porque assim o quereis.

*Pater , in manus tuas commendo spiritum meum :* (Luc. 23.) Pai meu, eu vos entrego a minha alma, e a ponho nas vossas mãos.

*Non intres in iudicium cum seruo tuo , quia non iustificabitur in conspectu tuo omnis vivens :* (Ps. 142.) Não entreis em juizo com o vosso servo, porque não ha quem possa apparecer na vossa presença como justo.

*Qui factus est nobis sapientia à Deo , & iustitia , & sanctificatio , & redemptio :* (1. Cor. 1.) Jesus Christo nos foi dado por Deos, para ser a nossa sabedoria, a nossa justificação, a nossa santificação, e a nossa redempção.

*Pone me sicut signaculum super cor tuum :* (Cant. 7.) Ponde-me como hum sello sobre o vosso coração, como hum sello sobre o vosso braço, porque o amor he forte como a morte.

Quan-

*Quando veniam, & apparebo ante faciem Dei?* (Ps. 41.) Quando virei, e apparecerei diante da face de Deos?

*Tacet animam meam vitæ meæ:* (Job 10.) O meu Deos, quanto me aborrece o viver.

*Ecce sponsus venit:* (Matth. 25.) Eis-ahi vem o esposo.

*Veni de Libano, sponsa mea: veni, coronaberis:* (Cant. 4.) Vinde do Libano, ó esposa minha; vinde, e fereis coroada.

*Deus meus, & omnia:* Meu Deos, e todas as minhas cousas.

*Quid mihi est in cælo, &c.* (Ps. 72.) Que desejo eu no ceo, senão a vós; e que posso eu desejar na terra depois de vós? O Deos do meu coração he a parte da minha alma para sempre.

*Dominus pars hereditatis meæ, & calicis mei: tu es qui restitues hereditatem meam mihi:* (Ps. 15.) O Senhor he a parte da minha herança: vós, meu Senhor, fereis todo o meu estabelecimento.

*Domine, ante te omne desiderium meum, & gemitus meus a te non est absconditus:* (Ps. 37.) Senhor, diante de vós está todo o meu desejo, e o meu gemido não he para vós occulto.

*Dominus virtutum nobiscum, susceptor noster Deus Jacob:* (Ps. 45.) O Senhor dos exercitos está conosco: o Deos de Jacob he o nosso Protector.

*In pace in idipsum dormiam , & requiescam, &c.* (Ps. 4.) Dormirei, e descançarei na paz, e em vós mesmo; porque só vós, Senhor, me estabelecestes na minha esperança.

*Hæc requies mea in seculum seculi, &c.* (Ps. 131.) Este he o meu descanço no seculo dos seculos; aqui morarei, porque esto he o lugar que escolhi.

*Tuus sum ego, saluum me fac:* (Ps. 118.) Senhor, eu sou vosso, salvai-me.

*Conuertere anima mea in requiem tuam, quia Dominus benefecit tibi:* (Ps. 114.) Entra, alma minha, no teu descanço, porque o Senhor te favoreceo.

*Si ambulauero in medio umbræ mortis, &c.* (Ps. 112.) Quando andar pelo meio da sombra da morte, não temerei mal algum, porque vós estais comigo.

*Deus cordis mei, & pars mea Deus in æternum:* (Ps. 172.) Deos do meu coração, e minha herança para sempre.

*Dicite dilecto, quia amore langueo:* (Cant. 2.) Dizei ao meu amado, que desfaleço de amor.

*Dominus meus, & Deus meus:* (Job 21.) Meu Deos, e meu Senhor.

*Pax vobis, nolite timere:* (Luc. 24.) A paz seja comvosco, não temais.

*Quæ paratæ erant, intrauerunt cum eo ad nuptias:* (Matth. 25.) Aquellas, que estavam  
T  
pre-

preparadas, entrarão com elle na sala das bodas.

*Mortui enim estis, & vita vestra, &c.* (Col. 3. 1.) Estais mortos para as cousas terrenas; e aquella vida celestial, com que agora viveis, que he desconhecida do mundo, vos está escondida em Deus com Jesus Christo.

*Beati mortui, qui in Domino moriuntur...* (Apoc. 14.) Bemaventurados os que morrem em o Senhor; desde logo diz o Espírito Santo, que descansam dos seus trabalhos.

*Quàm bonus Israel est Deus!* (Ps. 72.) Oh quanto he bom o Senhor de Israel!

*Domine, quis similis tibi?* (Ps. 72.) Senhor, quem he semelhante a vós?

*Quemadmodum desiderat cervus...* (Ps. 41.) Assim como o cervo deseja a agoa, assim tambem, ó meu Deus, vos deseja a minha alma.

*Quàm dilecta tabernacula tua...* (Ps. 83.) Oh quanto são amaveis os vossos tabernáculos, ó Senhor dos Exercitos! A minha alma deseja, e desfalece com o desejo de entrar na casa de seu Senhor.

*Sitivit anima mea...* (Ps. 41.) A minha alma se abraza com a sede de vos ver.

*Letatus sum in his, quæ dicta sunt mihi...* (Ps. 121.) Alegrei-me, quando se me disse: Iremos para a casa do Senhor.

*Cupio dissolvi, & esse cum Christo:* (Philip.

ltp. 123.) Desejo se desatem as prizões do meu corpo para estar com Jesus Christo.

A isto se podem ajuntar os actos de amor, e conformidade, e das mais virtudes que se seguem.

### A R T I G O XV.

*Actos das virtudes, que o enfermo deve fazer em todo o tempo da sua enfermidade.*

**P**Onho no fim desta obra os Actos de todas as virtudes, que o enfermo deve fazer no tempo da sua enfermidade. A variedade que em todo o tempo he agradável, tambem na hora da morte agrada; porque sempre ouvir huma mesma cousa causa fastio, e por isso refiro muitos passos, e práticas, que o Sacerdote, ou os domesticos poderão ler de espaço em espaço ao enfermo para affervorar a sua devoção.

#### *Actos de Fé.*

**E**Stes Actos de Fé tambem se podem fazer a respeito de todas as verdades da nossa Santa Religião, e de todas as perfeições Divinas.

Creio; meu Deos, verdade increada, e infallivel, serdes vós o primeiro principio, e o ultimo fim de todas as cousas. Creio que sois o meu Senhor, e eu o vosso servo:

que de vós recebi a minha origem, e que para vós devo tornar.

Meu Deos, creio que sois infinitamente grande, sabio, poderoso, e bom. Creio que amais infinitamente aos homens; e que tendes hum infinito desejo de vos dardes a vós mesmo a todos elles.

Creio, Santissimo Pai, que creastes o Universo, e que tudo quanto succede no mundo he por disposição da vossa Providencia. Creio que vós me déstes esta enfermidade, e que he mais util para a vossa gloria, e para o meu bem estar eu como eitou, do que estar em outro estado.

Creio, meu Salvador, ferdes vós o Filho de Deos vivo, que viesstes ao mundo, e que vos vestistes da nossa carne para salvardes todos os homens. Creio que sois o meu Redemptor, porque morrestes por mim, e subistes ao Ceo para me fazerdes participante da vossa Gloria.

Creio em vós, ó Espirito Santo, dulcissimo consolador das nossas almas. Creio que por virtude vossa o Corpo de Jesus Christo, meu Senhor, e Salvador, foi formado no castissimo ventre da purissima, e sempre Virgem Maria, e a minha alma regenerada na agoa do Baptismo.

O' Santissima, e adorabilissima Trindade, meu Senhor, e meu Deos, adoro-vos, e vos dou graças. Creio ferdes vós huma

Am.

simplicissima Divindade, subsistente em tres Pelloas.

Protesto na presença dos Anjos, e dos homens que sou Filho da Santa Igreja Catholica, Apostolica, Romana, e que morro na sua communicação. Detesto todos os erros, e todas as heresias contrarias ás verdades que ella ensina; e se tenho dito alguma cousa que não seja conforme a ellas, eu a condemno, retracto, e desaprovo.

*Pode-se ordenar ao enfermo que faça os Actos de Fé sobre todos os Artigos do Credo; e senão puder por causa de fraqueza, ou de outro impedimento, os fará por modo de oração, na fórma seguinte.*

Abençoi-me, ó Santissima, e sempre adoravel Trindade, Pai, Filho, e Espirito Santo. Abençoi-me, Pai Omnipotente, que creastes o Ceo, e a terra. Abençoi-me, Jesus Christo meu Salvador, verdadeiro Deos, e verdadeiro homem, que nascestes de Maria Virgem, e morrestes na Cruz para nossa salvação. Abençoi-me, Santissimo Espirito, amor substancial do Pai, e do Filho; e fazei que eu seja eternamente huma mesma cousa comvosco, &c.

*Actos, e motivos de Esperança.*

**A** Esperança he a herança dos pobres, e a consolação dos infelices; e tambem a virtude mais propria dos enfermos: ella mi-  
ti-

tiga os seus males, anima, e desembaraça o seu coração, socega o seu espirito, alenta a sua alma, e se pôde chamar huma posse anticipada do Paraíso; porque as sagradas letras nos assegurão, que todo aquelle, que espera em Deos, infallivelmente conseguirá a sua salvação. Eis-aqui algumas breves expressões, que de tempo em tempo se poderão repetir ao enfermo para despertar a sua alma, e fortificar o seu animo; porque, como diz Santo Agostinho, a esperança ferve á nossa alma do mesmo que as azas servem ás aves; o Christão he huma ave do Paraíso, e para voar para elle, a esperança lhe fórma as azas.

O Pfalm. 30. *In-te, Domine, speravi...* he o mais suave, terno, e o mais proprio para consolar hum enfermo. Aqui aponto alguns versos d'elle, que inspirão sentimentos devotos, e de consolação, sobre os quaes poderá o Confessor formar alguma parafrasi.

*In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum; in justitia tua libera me:* Meu Deos, e meu Senhor, eu sempre em vós esperei, porque sois meu Pai, meu Creador, e meu Redemptor. Vós sempre para comigo tivestes entranhas de bondade, e de misericordia; e isto me faz esperar que me haveis de conceder o vosso Paraíso, ainda que eu seja indigno d'elle. Q' meu Deos, não

per-



permittais que eu fique confundido ; nem frustrada a minha esperança. Salvai-me , que vo-lo peço pela vossa bondade ; e não pela minha , pois não tenho feito cousa alguma , que possa merecer a vossa gloria ; porém os merecimentos do vosso Filho supprirão a falta dos meus : isto he o que me consola , e o que anima a minha esperança.

*Inclina ad me aurem tuam : accelera ut eruas me :* Vede o extremo de miseria a que estou reduzido : o meu corpo está opprimido das dores ; e a minha alma cercada dos horrores da morte , e em perigo de cahir no inferno. Ora eu vos rogo , Senhor , que ouçais a minha oração , que vos compadeçais da minha angustia , e me livreis do perigo em que me acho.

*Esto mihi in Deum protectorem , & in datum refugium : ut salvum me facias :* Vós sois hum Deos sabio , hum Deos rico , hum Deos forte ; sede tambem para mim hum lugar de refugio , no qual me posso salvar do furor dos demonios meus cruéis inimigos.

*Quoniam fortitudo mea , & refugium meum es tu : & propter nomen tuum deduces me , & enutries me :* Porque vós , meu Deos , sois toda a minha força , e todo o meu refugio ; eu de mim mesmo não sou mais do que fraqueza , miseria , e enfermidade ; por isso não espero salvar-me pela minha virtude , mas sim pela vossa , e pela graça do vosso unigeni-

nito Filho. Vós me haveis de ajudar, e me haveis de assistir pela gloria do vosso Santo Nome. Vós me haveis de livrar das occultas traições, que os meus inimigos me tem preparado.

*In manus tuas commendo spiritum meum; redemisti me, Domine, Deus veritatis:* A vós encomendo o meu espirito; nas vossas mãos entrego como cousa vossa; porque vós me redemistes, que sois Deos de verdade, e nunca fazeis ás vossas promessas.

O *Psalmo 70* he excellente para dar satisfissimos motivos a hum Confessor, a fim de fortalecer, e consolar hum enfermo. Tambem se lhe poderão propôr alguns dos seguintes.

*Sperantem in Domino misericordia circumdabit:* Aquelle, que esperar no Senhor, será cercado da sua misericordia. Por mais que os seus inimigos trabalhem, não lhe poderão fazer damno algum, nem ainda chegar-se a elle.

*Quare tristises, anima mea, & quare conturbas me? Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi, salutare vultus mei, & Deus meus:* (Ps. 41.) Alma minha, porque estás triste, e qual he a razão, porque te perturbas? Que temes, tendo a Deos por Pai, e a seu Filho por teu Salvador? Espera em teu Senhor, pois elle he a tua salvação, e o teu Deos, e eternamente cantarás os seus louvores na Gloria.

*Tu es spes mea, Domine, portio mea in terra viventium:* (Ps. 141.) Vós, Senhor, sois a minha esperança: vós sois o meu sustento, e a minha herança na terra dos viventes.

*Salvum fac servum tuum, Deus meus, sperantem in te:* Meu Deus, salvai o vosso servo, pois em vós espera. Protegei-me, Senhor, porque só em vós unicamente ponho a minha esperança.

*Conserva me, Domine, quoniam speravi in te:* (Ps. 13.) Conservai-me, ó meu Deus, porque em vós tenho esperado.

*Suscipe me secundum eloquium tuum, & vivam: & non confundas me ab expectatione mea:* (Ps. 118.) Recebei-me, Senhor, debaixo da vossa protecção, como prometestes, e não me confundais na minha esperança.

*Miserere mei, Deus, miserere mei: quoniam in te confidit anima mea: & in umbra alarum tuarum sperabo, donec transeat iniquitas:* (Ps. 56. 2.) Tende piedade de mim, ó meu Deus, tende piedade de mim, pois a minha alma põe em vós a sua confiança. Esperarei debaixo das vossas azas, até que passe a maldade. Ahi se chegão todos os meus inimigos para procurarem a minha ruína, e devorarem a minha alma; mas o Senhor he a minha luz, e a minha salvação, que tenho eu que temer? (Ps. 26.) O Senhor he Protector da minha vida, quem  
me

me poderá metter medo? *Dominus protector vite mee, à quo trepidabo?*...

Ainda que me visse cercado de hum exercito de inimigos acampado, o meu coração não temeria; e ainda que todos os meus inimigos se movão para me fazerem guerra, sempre esperarei no Senhor.

*Ecce Deus Salvator: fiducialiter agam in eo, & non timebo:* (Isai. 12.) Aqui está o meu Deos, e o meu Salvador: não temerei, mas communicarei com elle seguramente.

*In pace in idipsum dormiam & requiescam: quoniam tu, Domine, singulariter in spe constituisti me:* (Ps. 4.) Dormirei em paz, e descansaréi sobre o peito do meu Deos, porque nelle tenho estabelecido toda a minha confiança.

*Caro mea requiescet in spe:* (Ps. 15.) A minha carne descansará na sepultura com a esperança de resuscitar para huma melhor vida.

*Gloriamur in spe gloria filiorum Dei: non solum autem, sed & gloriamur in tribulationibus, scientes quod tribulatio patientiam operatur; patientia autem probationem; probatio vero spem; spes autem non confundit:* (Rom. 5. 2. 3. 4.) Gloriamo-nos (diz S. Paulo) na esperança da glória dos filhos de Deos: e não só nesta esperança, mas tambem nos gloriamos em a nossa tribulação, sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência

a prova, a prova a esperança. Ora a esperança não engana, nem confunde. Por isso, ó meu Deos, espero na vossa bondade, na vossa palavra, e nos merecimentos de vosso unigenito Filho: espero, digo, alcançar de vós o perdão dos meus peccados, a graça da perseverança, e ser recebido em o número dos Bemaventurados para louvar-vos eternamente.

*Tu es, Domine, spes mea: quidquid agendum, quidquid declinandum, quidquid tolerandum, quidquid optandum; tu es, Domine, spes mea:* (Bern.) Vós, Senhor, sois toda a minha esperança; tudo o que devo evitar, tudo o que devo soffrer, tudo o que devo fazer, e tudo o que devo desejar, vós sois, ó meu Deos, toda a minha esperança. Estas palavras são de S. Bernardo.

*Se quando eramos inimigos de Deos (diz S. Paulo) fomos reconciliados com elle pela morte de seu Filho, quanto mais devemos esperar que estando agora em graça, seremos salvos pela gloriosa vida de seu Filho.* (Rom. 5. 10.)

*Eu sou a resurreição, e a vida: aquelle, que em mim crê, e espera, ainda que esteja morto, vivirá; e todo aquelle, que crê em mim, não morrerá de humaa morte eterna.* (Joan. cap. 11.) Estas palavras são de nosso Senhor, proferidas por S. João.

300 *A Morte suave, e santa.*

*Jesus Christo nos foi concedido por Deos ; para ser nossa justiça , nossa santificação , e nossa redempção. (1. Cor. B. 30.)*

*Alegrei-me , quando se me disse : Iremos para a casa do Senhor. (Pl. 121.)*

*Ouvi huma grande voz (diz S. João), que dizia: Eis-aqui o Tabernaculo de Deos com os homens ; elle mora com elles ; e elles serão o seu povo ; e Deos morando com elles, será o seu Deos. Elle enxugará todas as lagrimas dos seus olhos , e não haverá mais morte ; cessarão os clamores , a tristeza , o trabalho , porque as primeiras cousas passarão. (Apoc. 21. 7.)*

*Não temos aqui morada permanente , mas procuramos aquella , na qual havemos de morar algum dia. (Hebr. 13. 24.)*

*Apressemo-nos pois para entrarmos naquelle lugar de descanso. (Hebr. 4. 11.)*

*Actos, e motivos de caridade.*

**E**M nenhum tempo tem o homem maior obrigação de fazer hum acto de amor de Deos, do que na hora da morte; e ainda que disto não tivesse obrigação alguma, o interesse da sua salvação, que então está em grande perigo, o deve obrigar a pôr todos os meios de a fazer certa. Ora he opinião de todos os Theologos, que hum só acto de amor de Deos basta para extinguir

todos os peccados de hum peccador, e merecer-lhe o Ceo. Porém confesso que não he rão facil como alguns imaginão, o fazer verdadeiros actos de amor de Deos; quero dizer, puros, alheios de todo o interesse, e que procedão de hum coração desapegado de toda a creatura. Por isso he preciso fazer muitos; e que o Confessor que assiste ao moribundo os faça, e repita, porque talvez se abra o coração a algum raio da graça, e que de tantos golpes algum o ferirá. Huma casa, em que se ateou o fogo, logo communica o calor á que está visinha; e hum coração, que arde no amor de Deos, inflamma o coração do enfermo, e o faz participante do seu ardor, fazendo de espaço em espaço alguns destes actos de caridade. Aqui aponto algumas palavras da Sagrada Escrijura, e dos Santos Padres, com as quaes poderá o Confessor mover o coração do enfermo, depois de lhe haver fallado brevemente da bondade de Deos, do amor que lhe deve, e dos favores que delte tem recebido.

*Benedic anima mea Domino, & omnia que intra me sunt nomini sancto ejus: (Ps. 102.)*  
O' alma minha, dá muitas graças ao Senhor, e todas as minhas entranhas louvem o seu santo Nome. O' alma minha, louva sempre o teu Senhor, e nunca te esqueças das innumeraveis graças, que te ha feito.

Qui

*Qui propitiatur omnibus iniquitatibus tuis:* Elle te perdoa todas as tuas maldades. *Qui sanat omnes infirmitates tuas:* Cura todas as tuas dores, e molestias. *Qui redimit de interitu vitam tuam:* Resgatou-te, e te tirou das portas da morte. *Qui coronat te in misericordia, & miserationibus:* Coroa-te de graça, e de misericordia. *Qui replet in bonis desiderium tuum:* Enche os teus desejos com a abundancia dos seus bens. *Renovabitur ut aquila juvenus tua:* Para renovar a tua mocidade, assim como a da aguia, e vestir-te de gloria, e de immortalidade.

*Quam bonus Israel Deus!* (Pf. 72.) Oh quanto he bom o Deos de Israel! Quanto he suave! Quanto he amavel! Quanto he bemfeitor! Quanto he soffredor! Quanto he misericordioso! Quanto he fiel! Oh quanto me peza de o haver offendido! Oh como fui cego em deixallo para me apegar ás miseraveis creaturas! *Domine, quis similis tibi?* Ah Senhor, que ha no Ceo, ou na terra semelhante a vós? Como pude deixar a fonte de todos os bens, para ir beber na cisterna imunda, toda cheia de lodo, que em ludo me extinguir a sede, antes a accen-

sgraçadas trévas, e cega ignorancia  
vivi; infeliz tempo em que não  
o meu Deos! *Serò te ama-vi, pulchri-  
am antiqua, & nova:* (S. Aug. in Conf.)  
Ah,



Ah, eu vos'offendi muito fedo, belleza sempre antiga, e sempre nova! Ah, muito tarde vos amei, bondade sempre amavel, e sempre benefica! Mas he melhor tarde que nunca.

*Diligam te, Domine, fortitudo mea: Dominus firmamentum meum, & refugium meum, & liberator meus: (Pl. 17.)* Eu vos amarei, Senhor, porque sois a minha fortaleza, a minha firmeza, o meu refugio, e o meu libertador. Sim, eu vos amarei, porque me tendes amado desde toda a eternidade, e agora me procurais huma eterna bemaventurança para nella vos amar. Eu vos amarei, porque tirastes a minha alma do inferno, e sacrificastes a vossa vida por meu amor. Eu vos amarei sobre todas as cousas do mundo, porque nenhuma se póde comparar comvosco, nem he capaz de satisfazer o meu coração.

O' Deos, que me creastes, quando eu não tinha ser; que me resgatastes, quando eu era escravo; que me salvastes, quando eu era peccador; que me buscastes, quando andava perdido; que me perdoastes, quando era vosso inimigo: a todas estas graças, Senhor, ajuntai a graça, que agora vos peço, de vos poder amar para sempre.

Vinde, espirito de meu Deos, enchei de vosso amor o meu coração. Pois que? Dir-se-ha que eu sahi do mundo sem vos ter  
ama-

amado? Não me façais bem algum, se não quereis que vos ame.

Oh quanto me alegro, meu Deos, de que sejais meu Rei, e de eu ser vosso humilde servo; de que sejais tão grande, e eu tão pequeno; de que sejais rudo, e de eu ser hum nada!

Oh se eu pudesse amar-vos, quanto vós sois amavel, e quanto de todos os Anjos, e homens sois amado! Que posso eu fazer, Senhor, para mostrar-vos o meu amor? Não posso dar-vos final mais certo do que morrer por vós: *Eamus & nos, ut moriamur cum ipso*: Vamos pois, alma minha, morramos com Jesus Christo, e por seu amor.

*Quid mihi est in caelo? & a te quid volui super terram? Defecit caro mea, & cor meum: Deus cordis mei, & pars mea Deus in aeternum*: (Pf. 7.) Que tenho eu no Ceo, senão a vós? E que posso desejar na terra depois de vós? Vede, Deos do meu coração, e herança da minha alma para sempre, que desfaleço de amor.

He certo que padeço grandes dores, e que o horror da morte, e do inferno me cerca por todá a parte; mas o amor triunfa de todo o temor: *Quis me separabit a charitate Christi*.... Quem me apartará da caridade de Jesus Christo? Será por acaso a enfermidade, a morte, o mundo, a carne, o demonio, ou o inferno? Espero que nem a



*fericordiam tuam; desecundum multitudinem  
misericordiarum tuarum dele iniquitatem meam  
(Plaga) et sic qm aliqdo meo meo, ou  
mos Meu Deus, e compadeccei-vos, de aima;  
segundo a vossa grande misericordia, porque  
sou o maior de todos os peccadores. Extin-  
guia minha maldade; segundo a maldade  
das vossas inmensas piedades, lava minha  
alma mais desta minha maldade; e purifica-me  
intencamente do meu peccado; porque eu  
conheço a minha maldade, e o meu pecca-  
do sempre está contra mim: a tua vista me  
atormenta, e não me afflige, e em nenhuma  
parte posso achar soco.*

Muitos motivos tenho para a minha  
dor; de qualquer parte que veja o meu pec-  
cado, e me parece horrivel: e não sei que me  
causa mais horrore, e mais afflicção, he ver  
peccado diante de vós, ó meu Deus, e meu  
Senhor; he ver com a nudez do mal na vossa  
presença, e he ver contaminada a vossa vista  
com a enormidade dos meus peccados. e he  
ver como tão insolente, que vos fiz testemu-  
nha da minha maldade: *Tibi soli peccavi,  
et malum coram te feci* e. *obtinuo*  
-noi Oh miseravel peccador, que tantas ve-  
zes offendeste a huma Magestade tão terrivel;  
tantas vezes estimaste mais a creatura, do que  
huma tão amavel bondade; e tantas vezes of-  
zeste servir ás tuas paixões humo Senhor tão  
Santo, tão benigno, e tão poderoso. *Ru*

Uma intensa dor me traspassa o coração, quando considero ter offendido a hum Deos; a quem devo tão grandes obrigações; haver tratado tão mal a seu unigenito Filho, que me amou com tanta ternura; e ter-lhe eu feito muitas mais injúrias, e ultrages, do que lhe fez o povo Judaico, porque mil vezes o crucifiquei no meu coração.

Oh Bondade infinita, quanto he terrivel, e abominavel o peccado a huma alma, que sabe quanto sois digno de serdes amado!

*Hei mihi quia peccavi nimis in vita mea quid faciam miser? Ubi fugiam nisi ad te, Deus meus?* Ai de mim; Senhor, porque vos tenho offendido, infinitas vezes na minha vida! Porque toda ella tem sido huma continua offensa vossa! Porque pequee muito! Para onde fugirei, senão para vós, ó meu Deos, e meu Senhor?

*Commisso mea paveo;* E ante te confesso. Tremo á vista dos meus peccados; tenho huma somma confusão de apparecer, na vossa presença, depois de haver commercio tantas ingratições, e infidelidades; sem dúvida desesperaria, senão conhecesse a grandeza da vossa misericordia; mas sei que dissestes, que não querieis a morte do peccador: isto me anima, isto me alerta.

*Pater, peccavi in cœlum, et coram te*

*jam non dignus vocari filius tuus: (Lué. 15.)*  
 Meu Pai, pequei contra o Ceo, e na vossa  
 presença; já não sou digno de ser cha-  
 mado filho vosso; mereço ser tratado como  
 escravo rebelde, e infeliz, e padecer todas  
 as penas do inferno.

Mas se eu deixei de ser vosso filho,  
 vós nunca deixastes de ser meu Pai. Por  
 ventura não tendes já aquellas entranhas de  
 misericórdia, que vos movêbão a entregar  
 á morte o vosso unico Filho, para remedio  
 dos vossos maiores inimigos? Se eu mereci  
 ser condemnado, perdestes vós por ventura  
 a virtude de me poderdes salvar? Certamen-  
 te que não: vós sempre sois o mesmo, sem-  
 pre estais disposto para receber o peccador,  
 e lhe conceder a vossa graça, em qualquer  
 tempo que elle se converter, que vos pró-  
 ture, e que fizer penitencia.

O meu Deos, e meu Senhor, conheço  
 o meu peccado, detesto a minha abomina-  
 vel vida, confesso que fiz mal em offender  
 hum Pai tão bom, hum Senhor tão bené-  
 gno, hum Rei tão liberal, hum amigo tão  
 fiel, hum esposo tão formoso, tão perfei-  
 to, tão compadecido, hum irmão, e hum  
 Pastor tão caritativo.

Oh quanto estou triste, e me peza,  
 meu Salvador, de vos ter tantas vezes entre-  
 gado, tantas vezes negado, tantas vezes af-  
 rajado, tantas vezes escarnecido, e prefe-  
 ri-

rido a hum infante Barabaz ! Oh quanto pezar me causa o ter-vos feito chorar tantas lagrimas, e derramar tanto sangue por este ingrato!

Agora, Senhor, sobre este leito da morte quero dar huma pública, e completa satisfação, conforme as minhas forças, à vossa infinita Magestade por mim offendida, e ao vosso Sagrado Coração, a quem tanto tenho affligido. Aceito a morte, e todas as dores, molestias, e afflicções que padeço em satisfação dos meus peccados; e se me tornardes a dar saude, proponho com a vossa Divina graça (vós bem sabeis que o meu coração he o que vos falla) fazer huma vida mais regulada, reparar os escandalos que dei, e fazer penitencia até à morte dos peccados, que contra vós tenho commettido.

*Non intres in iudicium cum seruo tuo, quia non iustificabitur in conspectu tuo omnis vivens: (Ps. 142.)* Não entreis em juizo com o vosso miseravel servo, porque não ha homem vivente, por mais santo que seja, que na vossa presença se possa justificar.

*Si iniquitates observaveris Domine; Domine, quis sustinebit? (Ps. 129.)* Se com rigor examinardes os meus peccados, ah Senhor, como poderei estar na vossa presença?

*Recordare, Jesu pie, quod sum causa tua via: ne me perdas illa die: Lembrai-vos, ó meu doce Jesus, que por meu amor vistes*

do ceo á terra; que fizestes tantas viagens para me buscar; que morrestes para me dardes a vida; que vos affligistes entre as misérias para me fazerdes feliz; não permittais que a minha alma se perca, que he de vós tão amada, e que tanto estimais.

*Quaerens me sedisti, lassus redemisti crucem passus, tantus labor non sit cassus.* Cançastes-vos em procurar-me; morrestes na Cruz para redimir-me; descestes aos infernos para livrar-me; assim não sejam inuteis, e infructuosas tantas fadigas.

Vós perdoastes á Magdalena; ouvistes á Cananéa; não quizestes condemnar a mulher adúltera; salvastes hum ladrão, que era executado pelos seus peccados: á vista disto não posso deixar de esperar que haveis de ter misericordia de mim.

*Arverte faciem tuam à peccatis meis, & omnes iniquitates meas dele.* (Ps. 50.) Apartai, Senhor, a vossa face dos meus peccados, e extingui as offensas que vos tenho feito, porque nunca desprezastes o coração contrito; e conheceis a dor que me penetra.

Perdoai-me, Senhor, perdoai-me; assim vo-lo peço pelo amor com que sempre me amastes; pelos tormentos que por mim padecestes; pelo sangue que para minha salvação derramastes; pela cruz em que fostes crucificado; pelas chagas do vosso Santissimo Corpo; pelo muito que vos servio vossa

São



**S**antissima Mãe, pelas dores, e afflições que ella soffreo por vosso amor, e por amor de mim ao pé da Cruz.

*Pie Jeshu Domine, dona eis requiem.*  
 Em summa, ó Jesus, meu dulcíssimo, e meu caritativo Senhor, conceder á minha alma o descanso eterno.

Ha muitas muitas passagens da Sagrada Escritura, com as quaes se póde entreter, e fortificar o fervor dos enfermos. Estas palavras do Publicano são muito boas: *Deus, propitius esto mihi peccatori.* Senhor, tende compaixão de mim; que sou homem grande peccador, e estas de David: *Dilecta judicaveris meo propter ignorantias meas ne memineris.* Senhor, não vos lembreis dos peccados da minha mocidade, nem das minhas ignorancias.

*Domine, ne in furore tuo arguas me.* Estas palavras, e das mais deste Psalmo se podem tirar sensibillimos motivos de contrição.

*Alto, e motivos de desejos.*

**O**s desejos fervem na alma do mesmo que ao fogo serve a chamma; as azas ás aves; e o movimento a todos os corpos. Elles devem augmentar-se á medida que chegam ao seu fim. Dos dous seguintes Psalms de David se deo um de espaço em espaço, recitar alguns versos aos enfermos, ou aos

de todos aquelles, que n'os podião ser  
 n'os sem incommodo.

*Quam dilecta tabernacula tua, Domine  
 rivatum! Concupiscit, et deficit anima mea  
 in atria Domini.* (Ps. 84) Quanto são lamá-  
 reis os vossos tabernáculos, ó Senhor das  
 virtudes! A minha alma suspira e desfale-  
 ce com o desejo de entrar na casa do Se-  
 nhor. O meu coração, e a minha carne são  
 arrebatados de alegria e desejo de ad-  
 orarem o Deus vivo. *Oh Senhor dos Exercitos!* O  
 pardal acha morada, e a rola ninho onde guar-  
 de os seus filhos, e fazei também que eu etor-  
 namente more no vosso Templo, e ao pé  
 dos vossos Altares.

*Beati qui habitant in domo tua, Domine,  
 in secula seculorum laudabunt te.* São bem-  
 aventurados, Senhor, os que habitão na vos-  
 sa casa, porque nos seculos dos seculos vos  
 louvarão.

Feliz o homem, que põe em vós toda  
 a sua confiança: elle tem formado neste  
 mundo de lagrimas, perros, dogão, e con-  
 ração para subir a vós. *O Legislador* he  
 de virtude, em virtude, e em que roja em  
 Sião, o Deus dos Deuses. *O Senhor dos Exercitos,*  
 oul-a vossa  
 oração, e foz para a vossa do v'lo. *Chri-*

Não porque hum só dia na vossa casa vale  
 mais do que mil em hum Paiz de pranto.  
 Elegi abjectus esse in domo Dei mei, ma-  
 gis quam habitare in tabernaculis peccatorum.  
 Escolhi ser arcesso o ultimo na casa do Sey-  
 nhor, e da que habitaz nos tabernaculos dos  
 peccadores. O meu Deus, a tua misericordia, e a verdade,  
 este nos dará a tua gloria. O outro Psalmo de David, proprio pa-  
 ra confortar hum enfermo, e he o quadragesi-  
 mo primeiro, do qual aponto algumas ver-  
 sos: Quemadmodum desiderat cervus ad fontes  
 aquarum; ita desiderat anima tua ad te Deus.  
 Assim como o veado seguido dos  
 cães suspira com ardor pela frescura da agoa;  
 assim a minha alma por vós suspira, ó  
 meu Senhor, e meu Deus. Está abrazada  
 de huma ardentissima sede de ver-vos, ó  
 Deus, fonte viva. Quando ventam, & ap-  
 parebo ante faciem Dei? Quando me tirareis  
 deste mundo, e quando apparecerei na vos-  
 sa presença? As minhas lagrimas forão o  
 meu pão de dia, e de noite, em quanto se  
 me diz a toda a hora: David, onde está  
 o teu Deus? Eu me lembrei destas cousas,  
 e deram-me a minha alma em mim mesmo;  
 porque eu entrarei no lugar do Tabernacu-  
 lo admiravel na casa de Deus.

In voce exultationis, & confessionis, fo-  
 ras

*nis epulantiis* Eu cantarei com vozes de alegria, e de acção de graças; como humna pessoa, que se acha em hum delicioso banquete. O alaiá minha, porque estás triste; porque me perturbas? Espera em Deus; porque ainda lhe darei graças: e não só elle considero como a minha salvação, e o meu bem.

A estes dous Psalmos tambem se pôde ajuntar o Psalmo 127, no qual mostrou David o desejo, que tinha de entrar na casa de Deus, que era não só a Jerusalem terreste; mas tambem a celeste.

*Letatus sum in his, quæ dicta sunt mihi: cum domum Domini ibimus.* Alegrei-me, quando se me disse, que iriamos para a casa do Senhor.

Nos vossos atrios, ó formósa Jerusalem, tinhamos estabelecido a nossa morada. Jerusalem, que se edifica como humna cidade, cujos habitadores estão unidos entre si com hum vinculo de paz. Para ella vierão os Tribus do Senhor, a fim de louvarem o seu Nome, e darem-lhe graças; como lhes havia sido ordenado. Alli se estabelecerão os Tribunaes da justiça; Tribunaes erigidos sobre a casa de David. Pedi a Deus tudo o que he conducente para a paz de Jerusalem, e que conceda a abundancia aos queo temem.

Não ha cura, que mais console hum enfermo, do que a lembrança do Paraiso; e o cantico, que David cantou no deserto de Iduméa.

Deus,

*Deus, Deus meus, ad te de luce vigila;*  
*sit in te anima mea, quam multipliciter tibi*  
*caro mea: (Pf. 72.)* O' Deos, e Deos meu, eu  
 estou vigilante, e em vós considero desde o  
 principio do dia; e a minha alma está abra-  
 zada em huma ardente sede de vos ver, e  
 não menos a minha carne de se ver livre  
 das suas misérias.

Ah! eu estou em huma terra deserta,  
 e desamparada, na qual nem se acha cami-  
 nho para sahir della, nem agoa para satis-  
 fazer a sede; por isso, meu Deos, me apres-  
 sento no vosso Santuario para ver a vossa  
 magnificencia, e a vossa gloria.

*Quoniam melior est misericordia tua su-*  
*per vitas, labia mea laudabunt te: O' meu*  
 Deos, a vossa misericordia he melhor que  
 todas as vidas; os meus labios cantarão eter-  
 namente os vossos louvores. Ah, quando vi-  
 rá esse dia! Quando, ó meu Deos, nos tor-  
 nareis a chamar deste desterro, a fim de  
 tornarmos para a nossa amada patria!

Estamos quasi sobre as bordas dos rios  
 de Babylonia, onde misturamos nossas la-  
 grimas com as suas agoas. Dizem-nos: Can-  
 tai-nos os canticos de Sião. Ah! como po-  
 deremos cantar os canticos do Senhor em  
 huma terra alheia? O' Jerusalem, ó Santa  
 Sião! (Pf. 135.)

*Si oblitus fuero tui, oblivioni detur dex-*  
*tera mea: Se eu me esquecer de ti, a minha*  
 mão

não direita fique esquecida ; a minha lingua se apegue ao paladar , se de ti me esquecer ; se eu não me propuzer Jerusalem como principio da minha alegria.

Meu Deos , peço-vos o mesmo favor que antigamente vos pediu o vosso servo Moyses: *Si inveniri gratiam in conspectu tuo ; ostende mihi faciem tuam: (Exod. 33. 1. 18.)* Serachei graça na vossa presença , mostrai-me a vossa face , para que eu vos conheça : descubri-me a vossa gloria , fazei-me ver o bem universal , e perfeito , porque suspiro.

*Unam petii a Domino , hanc requiram ; ut inhabitem in domo Domini omnibus diebus vite mee :* Pedi huma cousa ao meu Deos , e não cessarei de lha pedir , em quanto não me conceder , que he , habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida ; ver , e contemplar a formosura do seu Palacio , que nos ha de encher de eternas delicias.

*Expectans expectavi Dominum . . . . (Ps. 39. 1.)* Ha muito tempo que com grande paciencia espero o Senhor : elle me ouvirá bem depressa ; me tirará do fundo da miseria , e deste immundo lago , em que estou submergido.

*Deus in adiutorium meum intende :* Senhor , vinde sem demora em meu soccorro , e livrai-me das dores , e miserias de que estou opprimido.

Levantei a minha voz ao Senhor , e ha  
dis-

dille : *Tu es spes mea, portio mea in terra viventium* : Vós sois a minha esperança, e a minha herança na terra dos vivos. Por quem sois, atendei á minha súplica, pois estou summamente humilhado : livrai-me daquelles, que me perseguem, pois se tem feito mais fortes do que eu.

*Educ de custodia animam meam ad confitendum nomini tuo : me expectant justi donec retribuas mihi* : (Vers. 10.) Tirai a minha alma da sua prizão, para que ella louve o vosso santo Nome : os justos me esperão : concedei-me a minha recompensa.

Oh quanto me enfada o viver ! Quando sahirei eu deste mundo ? Quando serei despida deste corpo mortal ? Quando entrarei na casa do Senhor ?

*O' superna civitatis, mansio beatissima ! O' dies eternitatis clarissima !* (Lib. 3. *Imit. Christi* cap. 48.) Oh que bemaventurada habitação he a de Jerusaleem celeste ! Oh clarissimo dia da eternidade ! que nunca será eclipsado das trévas, nem turbado de algum temor, nem sujeito a alguma mudança. Oh se Deos quizesse, que chegasse já esse dia, e que esta vida temporal tivesse o seu fim ! Ah ! que vida he a nossa, na qual somos manchados com tantas culpas, combatidos de tantas paixões, opprimidos com tantos temores, perseguidos de tantas inquietações, divertidos com tantas inutilidades,

occupados com tantas vaidades, embaraçados com tantos erros, consumidos com tantos trabalhos, cansados de tantas tentações, enfraquecidos com tantos falsos prazeres, e atormentados com tantas misérias verdadeiras! *O! quando finis horum malorum!* O quando chegará o fim de tantos males! O quando serei resgatado da miserável escravidão das minhas paixões? Quando, Senhor; estarei occupado só com vosco? Quando estarei sem algum embaraço, e em perfeita liberdade, sem ser atormentado nem no corpo, nem na alma? Quando gozarei de huma paz solida, tranquilla, e inalteravel dentro, e fóra de mim mesmo? e de huma paz segura por todas as partes?

*O bone Jesu, quando stabo ad vivendum te.* O bom Jesus, quando terei o contentamento de vos ver? Quando contemplanrei a gloria do vosso Reino? Quando sereis para mim tudo em todas as cousas?

*Quando ero tepum in regno tuo, &c.* Quando estarei com vosco no vosso Reino, que tendes preparado desde toda a eternidade para os vossos escolhidos? Ah! eu estou aqui desamparado em huma terra inimiga, em hum horrendo deserto, onde padeco huma extrema pobreza, e sempre no meio de gravissimas tentações, e formidaveis batalhas.

*Consolare exilium meum: Consolai o meum*

des.



desterra, e supprimi a minha dor, porque  
o meu coração foi por vós suspirar.

Este Capitulo do livro da *Imitação de Jesus Christo* he terno, devoto, e muito proprio para consolar hum enfermo; e por deo finaliza-se com aquella amorosa supplica com que S. João finaliza o seu Apocalypse: *Veni Domine Jesus* (Apocalyp. 22) *Vinde, meu Jesus; vinde com cuidado, não me façais esperar mais; vinde em meu socorro; xñde; e levai-me com vós para o Ceo.* Ou rimbem com a do Apostolo: *Coarctor autem et duobus desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo; multo magis melius; peruenire alicui in carcere necessarium propter vos:* (Philipp. 1. 24.) *Vós me vejo apertado de duas partes; e por que eu desejo ser livre das prizoões deste corpo, e estar com Jesus Christo: o que he sem comparação o melhor; mas para vós he mais util que eu fique ainda nesta vida.* Dai-me, meu Jesus, o espirito do vosso Apostolo, e façades em mim a vossa Divina verdade: e os deo todos os motivos, e razões que propuz para desear a morte na primeira Parte do este livro cap. 38. e seg. se podem ter com franqueza aos enfermos para os mover a elevar-se a curação ao Ceo; e a desapegal-se da terra.

ilque eboq, ommeio os rillis mado

Actos,



nar estas palavras a tudo o que o affligir, e fazer-lhe formar actos de conformidade, e resignação em todos os seus males.

*Oh Senhor! eu totalmente me conformo com a vossa Divina vontade; a vós deixo o cuidado do meu corpo, e da minha alma; se quereis com esta enfermidade tirar-me do mundo, seja feita a vossa vontade; se quereis que ainda viva mais tempo para fazer penitencia, e boas obras, não recuso o trabalho; faça-se a vossa santissima vontade.*

Este he o acto de resignação, que São Martinho fez na hora da sua morte, e que de todos deve ser imitado, dizendo em todos os nossos males, e tormentos: *Sim, Pai meu, assim seja; porque assim foi do vosso agrado.* (Matth. 11. 26.) Se quereis que eu morra, estou prompto, faça-se a vossa vontade. Se quereis que eu viva, nisso consinto, seja feita a vossa vontade. Ser eu o que vós quereis que eu seja; fazer o que vós quereis que eu faça; padecer aquillo que quereis que eu padeça; he o que deiejo, e quero.

*Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum:* Esta prompto o meu coração, meu Deus, para tudo está prompto o meu coração. Prompto para viver, prompto para morrer; prompto para ir para o Ceo; prompto para se demorar na terra; prompto para trabalhar; e tambem prompto para padecer.

*Sive morimur, sive vivimus, Domini*

*sumus*: (Rom. 14. 7.) Não ha entre nós quem viva para si mesmo; não ha entre nós quem para si mesmo morra; porque ou vivamos, ou morramos, para Deos vivemos, para Deos morremos: logo ou vivamos, ou morramos, somos do Senhor.

*Placeo mihi in infirmitatibus meis*: (2. Cor. 12. 10.) Contento-me com as minhas enfermidades; o padecer me satisfaz, porque he vossa vontade que eu padeça.

*Quid mihi est in caelo? & vobis te quid volui super terram?*

E que desejo eu no Ceo, ou na terra, senão agradar-vos, obedecer-vos, e fazer a vossa vontade? Oh quanto me alegro de morrer, a fim de poder amar-vos!

*In pace in idipsum dormiam & requiescam*: Descanço em vós, ó meu Deos: deixo-vos o cuidado do meu corpo, da minha alma, da minha vida, e da minha morte. Sei que tudo o que succede no mundo he porque vós o permittis; se nem hum só cabello pôde cair da minha cabeça sem a vossa permissão, como poderá sair a minha alma do meu corpo, sem vós o ordenardes?

Rai meu, ó meu unico Pai, eu sei que me amais, e que não quereis a morte eterna do peccador. Sei que para meu bem me destes esta enfermidade. Eu a aceito com todo o coração, e tambem a morte, se he

vontade vossa. Não tenho que vos pedir, senão que façais de mim tudo quanto vós agrada, e que aparteis de mim tudo o que se pôde oppôr á vossa sanctissima vontade.

ARTIGO XVI.

*Exercício de devoção sobre a Paixão de Jesus Christo, útil tanto para os sãos, como para os enfermos.*

**H**A dois generos de enfermidades, humas breves, e violentas, e outras muito dilatadas. Os doentes, que padecem grandes dores, só cuidão no seu mal, e nos meios de se livrarem delle. Assim, estando o enfermo tão occupado em combater o seu inimigo, só necessita que de tempo em tempo se lhe digão algumas palavras, que sirvão para fortificar a sua paciencia. Bastantes razões tenho apontado accommodadas a este fim.

Porém os que padecem huma dilatada enfermidade, e por isso são obrigados a estarem muito tempo na cama, tem outro inimigo para combater, que não he menos perigoso do que as dores, o qual vem a ser a afflicção, e o enfado. Passão-se os dias sem lhes ser possível fazer cousa alguma; contão as horas da noite sem dormirem; chega-se a manhã, suspirão pela noite; e apenas esta chega, já desceão a manhã. O ena-

lhes consome o corpo, e os pensamentos  
lhes atormentão, oração: *Cogitationes meae*  
... *torquentes cor meum.* (Job 17.)

Que pôde fazer hum enfermo para mi-  
tigar as suas dores? Em que pôde empregar  
os dias, e as noites? Não achô cousa mais  
suave, nem de maior consolação, do que  
mêditar na Paixão de Jesus Christo nosso  
Senhor. Neste exercicio se achão grandes sa-  
tisfações; porque he verdade infallivel estar  
Jesus Christo com os que padecem, e inflam-  
mar no seu amor aos que se enfermem, e  
meditão na sua Paixão, como fez aos dous dis-  
cipulos, que hião para o castello de Emmaús.  
Esta meditação, e lembrança para os que  
padecem as mesmas afflicções que elle pade-  
ceo, he huma fonte inexaurivel de todos os  
gostos, e prazeres.

Finalmente não he preciso ser homem  
de grande oração, nem saber o modo de me-  
ditar para a prática deste exercicio, e basta  
só saber a historia da Paixão de Christo, e  
acompanhallo no decurso dos seus tormen-  
tos, porque o Espirito Santo ensina o en-  
fermo. Servindo-lhe a sua unção de condu-  
ctor, o introduz em hum vistoso prado, no  
qual acha delicioso, e abundante pasto para  
matar a sua fome, e correntes de agoa vi-  
va para satisfazer a sua sede.

Ora para facilitar este exercicio, he pre-  
ciso determinar para cada hora do dia, e da

noite hum passo da Paixão para nelle meditar, e considerallo como succedido nessa hora, ainda que succedesse em outra. Exponho aqui huma ordem, e distribuição, que será facil aprendella, e conservalla na memoria.

*A's cinco horas da tarde.* Entrai com o pensamento no Cenaculo, onde Jesus Christo ceou com os seus Apostolos: considerai como elle se levanta da meza; como põe de parte as suas vestiduras; e cingindo-se com huma toalha, lança agoa em huma bacia; e lava os pés a seus Discipulos. Vede-o prostrado aos pés de Judas, admirai a sua humildade, dai-lhe muitas graças pela caridade com que innumeraveis vezes vós tem feito o mesmo favor. Pedi-lhe que vos lave sempre mais das vossas maldades, para que com elle possais cear no Paraíso.

O Jesus Rei dos Anjos, e dos homens! que soberba poderá desculpar-se á vista de tanta humildade! Eu estava aos pés de Judas, como em o lugar que me era devido; mas agora vendo-vos nesse lugar, já não sei aonde me hei de pôr. Oh que grandes exemplos me dais de humildade!! Concedei-me, se fordes servido, a graça de vos imitar, e de me metter por amor de vós debaixo dos pés de todos os homens; pois não ha algum que deixe de ser mais justo que eu.

*A's seis horas da noite.* Considerai a nos-

lo Senhor Jesus Christo, Summo Sacerdote da nova Lei, dando aos seus Discipulos o seu Corpo em comida, e o seu Sangue em bebida. Dai-lhe muitas graças por vos ter feito tantas vezes o mesmo favor: pedi-lhe juntamente perdão de todas as Communhões, que fizestes sem a devida disposição: e estai certo que vos ha de dar o Pão da vida, pois tantas vezes o hospedastes no vosso coração, quando ainda era peregrino na terra.

O meu dulcissimo Jesus, dou-vos muitas graças, porque me viestes visitar na minha enfermidade: satisfazei, se for servido, a vossa Divina promessa; e já que comi este Pão de vida, fazei que viva com vosco eternamente.

*A's sete horas da noite.* Acompanhai o vosso Salvador, que vai para o Horto de Gethsemani, ouvi o que elle diz: *A minha alma está triste até á morte.* Sofrei com paciencia a tristeza, e as afflicções, que vos causa a vossa enfermidade: bebei do calis do Salvador: suai, como elle, sangue, e agua, e dizei-lhe:

O amantissimo Jesus, o mais afflicto de todos os homens, que farei para consolar-vos? Não posso fazer coisa alguma, que vos seja mais agradável, do que soffrer com paciencia o meu mal. Alma minha, qual he a causa da tua tristeza? E para que te perturbas, porque d'eres perto da morte? Espe-



gêro Senhor: elle se vestio da tua enfermidade: para dar-te a sua força. Por ventura não queres tu morrer com elle? Anima-te que logo será; tu ainda não fuaste sangue; e agora como elle.

*A's oito horas da noite.* Considerai a nós fô Senhor Jesus Christo todo banhado no seu proprio sangue; prostrado diante de sed Eterno. *Deus* dizendo-lhe: *Pai meu, se he possível, e passe longe de mim este calis; sem que eu seja obrigado a bebelo.* Porém faça-se a vossa, e não a minha vontade.

Imitai esta acção de generosidade, e resignação: e opoñe diante dos olhos da vossa consideração todas as vossas dores, e afflicções: aceitai-as todas como vindas da mão de Deos, e dizei de cada huma em particular: *Pai meu, rogo-vos que aparteis de mim este calis de tormentos, este calis da minha enfermidade, este calis da minha morte; porém faça-se a vossa, e não a minha vontade.*

*A's nove horas da noite.* Representai a vós mesmo Jesus Christo prezo no Horto de Gethsemani, conduzido, atado, e espancado a casa de Annaz. Para pôr-vos em liberdade, vai elle prezo; sojeita-se ao poder dos homens: para vos tirar do poder dos demônios: deixai-vos pois estar por seu amor prezo na vossa cama.

O meu doce Jesus, pelos ultrajes que vos fizeram; e pelas cordas com que fostes

atado, vos peço que despedaceis os cadeiros dos meus peccados. E porque me servi dos meus membros para offender-vos, he minha vontade que elles estejam atados, e presos nesta cama, e quero viver, e morrer como vós so escravo.

*A's dez horas da noite.* Considerai nosso Senhor desamparado dos seus Discipulos, e entregue ao poder dos seus inimigos.

O meu sapientissimo Mestre! eu vos segui para onde quer que fordes: estou prompto para morrer por vós. Quando os meus amigos me desampararem, e eu já não tiver forças, nem consolação, rogo-vos, meu Salvador, que não me desampareis. Alma minha, consola-te de estares com o teu Jesus, sem consolação; e pois as creaturas te deixão, já te não será difficiloso achallo.

*A's onze.* O Filho de Deos leva huma bofetada em casa de Annaz. Representai a vós mesmo aquella assembléa de Juizes ferquiosos do sangue daquelle innocentissimo, e manso Cordeiro. Vede o insolente soldado, que levanta a mão, e lhe dá huma bofetada, com a qual o lança em terra. Admirai a mansidão, e paciencia de Jesus, o pedi-lhe perdão de lhe haverdes feito tantas vezes o mesmo ultraje.

O meu bom Jesus! quantas vezes vos tenho ferido a vossa Divina, e respeitavel face! Quantas vezes tenho offendido aos meus

irmãos ! Perdoai-me os meus peccados , e com especialidade os impetos da minha collera : concedei-me paciencia nos meus males , e livrai-me do Anjo de Satanaz , que cruelmente me esbofetea , e me afflige.

*A meia noite.* Jesus Christo he levado a casa de Caifaz , onde he accusado , condemnado , e tratado como blasfemador : cospem-lhe no rosto , esbofeteão-no , e lhe fazem todos os ultrajes possiveis. Soffrei todos os máos tratamentos que vos tem feito , e fizerem os homens , e os demonios , e não vos queixeis da vossa enfermidade.

O' innocentissimo Cordeiro , eu vos confidero como preza de huys raivosos , e famintos tigres. Oh quantas vezes tenho cuspidido em o vosso rosto ! Quantas vos tenho ultrajado , e deshonorado ! Bem merecido tenho ser maltratado dos homens , pois tantas vezes vos offendi. Concedei-me paciencia , e fazei-me a graça de poder imitar a vossa mansidão , e humildade.

*A huma hora da noite.* S. Pedro negá tres vezes a seu Divino Mestre em casa de Caifaz. Que dor a do Filho de Deos ! Que infidelidade a daquelle Discipulo ! Eis-aqui o que succede a quem he soberbo , a quem presume das suas proprias forças , e a quem acompanha com os máos.

O' alma minha , quantas vezes tens negado a teu Divino Mestre ! Quantas vezes dei-

deixaste de o servir com temor de peccar  
 sey Discipulo ! Meninas dos meus olhos,  
 derramai torrentes de lagrimas, e não dei-  
 xeis de chorar nem de dia, nem de noite a  
 minha maldade.

*A's duas horas da manhã.* Olha Jesus  
 para S. Pedro, e logo este Discipulo arre-  
 pende-se do seu erro, sahe da casa, e o  
 chora amargamente. Elle não peccou mais  
 do que huma vez, e chorou toda a sua vi-  
 da; eu todos os dias pecco, e nunca choro  
 o. Quem me dará huma fonte de lagrimas  
 para chorar os meus peccados, e a minha  
 infidelidade ! O meu Jesus, muitas graças  
 vos dou por, olhardes para mim com olhos  
 de compaixão, depois de vos ter tanto of-  
 fendido; sem esta favoravel vista nunca faz-  
 ria penitencia, e morreria no meu peccado.  
 Rogo-vos que não aparteis de mim os vos-  
 sos Divinos olhos, e que façais sahir agoa  
 de penitencia deste coração de pedra.

*A's tres horas da manhã.* Representai a  
 vós mesmo Jesus Christo levado á presen-  
 ça de Pilatos, e accusado pelos Judeos; de  
 Pilatos conduzido a Herodes, e despreza-  
 do deste Rei, e de todo o seu exercito. To-  
 dos aquelles, que querem pertencer a Je-  
 sus, devem soffrer injurias, calumnias, e  
 perseguições: a primeira virtude de hum Chri-  
 stão he desprezar o mundo, e ser delle des-  
 prezado.

Ah! eu não sou de Jesus, se ainda quero agradar aos homens.

*A's quatro horas da manhã.* Passai esta hora no Pretorio, ainda que ella não he a em que o Filho de Deos alli foi açoutado. Vede o Rei dos Ceos atado a humja columna, e cruelmente açoutado por huma legião de homens, ou antes de demonios. Lembrai-vos que para expiação dos peccados de impureza foi tão maltratada a sua innocente carne.

Pedi-lhe o perdão dos vossos peccados, e recebei com boa vontade os açoutes da molestia, que Deos permitir que padeçais. Ah! este innocente Cordeiro foi ferido pela nossa maldade. Ah! eu não quero viver sem feridas, pois o vejo todo de feridas cuberto. Já não quero gozar de prazeres sensuaes; eu os detesto, e abomino, pois para expiallos foi preciso o sangue de hum Deos.

*A's cinco horas da manhã.* Jesus he coroado de espinhos, e mostrado aos Judeos, que pedem que se lhe tire a vida. Se elle tivesse na cabeça huma coroa de ouro, então o conhecérião por seu Rei; mas o Reino do Filho de Deos não he deste mundo. O Jesus, b meu soberano Rei! Não sou subdito vosso, pois amo o mundo. Oh mundo infeliz! eu te aborreo, eu te detesto, eu renuncio a tua amizade, e voluntariamente te deixo para ser de Jesus Christo.

sto. O meu Salvador! eu tenho na cabeça huma coroa de espinhos, porque nella padeço grandes dores: espero que será para depois da minha morte me concederdes a coroa de gloria.

*A's seis horas da manhã.* Jesus he condemnado á morte, e entregue ao poder dos Judeos para ser crucificado. Vamos, e morramos com elle.

O Santissimo, e innocentissimo Cordeiro! quizestes sujeitar-vos á sentença, que foi dada contra todos os homens. Eu que pequei, devia ser o crucificado. Dou-vos infinitas graças por vos sujeitardes a fazer as minhas vezes. Por vosso amor acceito a morte, e vos peço que não deixeis a minha alma em poder dos seus inimigos.

*A's sete horas da manhã.* Jesus Christo leva a sua Cruz, e cahe debaixo do seu pezo. Hum homem do campo he assalariado para a levar por elle. As filhas de Jerusaleem compadecidas chorão. Quem poderá expressar a dor de sua Santissima Mãe! Quem não terá compaixão desta Filha de Sião! A sua dor he igual á grandeza do seu amor, e tão dilatada, e profunda como o mar.

O Santo, e obediente Isaac, que levais sobre os proprios hombros a lenha do vosso sacrificio! O victima innocente, levada fóra do campo, carregada dos peccados de todo o povo! Oh quanto tormento, e traba-

lho

ro vos deo o levardes o pezo da minha maldade! della vos peço, Senhor, perdão. Rogo-vos que me ajudeis a levar a minha cruz. Vede que ella me opprime, eu caio e abaixo do seu pezo; e pois o Cirineo vos ajudou a levar a vossa, ajudai-me vós a levar a minha.

*A's oito horas da manhã.* Chega Jesus ao Calvario, onde he despido, e crucificado. Aquelles, que são de Jesus, tem com elle crucificado os seus vicios, e más inclinações. Ah! que eu não sou christão, pois não sou crucificado: mas se a minha alma não está crucificada, está o meu corpo: aqui me crucifico sobre esta cama na cruz da minha enfermidade, que tenho bem merecido.

O' meu Redemptor! A vossa Cruz faz minha suave, e santa; e pois sou participante das vossas dores, permiti que tambem tenha parte nas vossas consolações. Agora começo a ser discipulo do Filho de Deos, pois não quero amar mais as cousas caducas. Já não me causarão cuidados: o mundo está para mim crucificado, e eu estou crucificado para o mundo.

*A's nove horas da manhã.* Jesus ora na Cruz a favor dos seus inimigos. Roga por nim, que o fiz morrer, e lhe tenho feito maiores injúrias, do que lhe fizerão aos Judeos.

O' Santissimo Pai, ouvi a oração do vos-

Mo Filho. Perdoai-me os meus peccados, assim como eu perdoou a todos aquelles que me tem offendido. Eu pequei por malicia, e elles peccarão por ignorancia. Eu mereço o mal que me fazem: mas que causa me des-tes vós para vos offender?

*A's dez horas da manhã.* Jesus diz ao bom ladrão: Hoje estarás comigo no Paraíso.

Admirai a bondade do Filho de Deos para com o bom ladrão, e a sua justiça para com o máo. Ao lado do Filho de Deos hum se salva, e outro se condemna. Ah! eu não quero blasfemar, nem murmurar contra Deos na minha cruz. Senhor, lembrai-vos de mim, agora que estais no vosso Reino; e quando eu estiver proximo a entregar-vos a minha alma, permiti que vos ouça dizer aquellas doces palavras: Hoje estarás comigo no Paraíso.

*A's onze.* Jesus diz a sua Santissima Mãi: Mulher, eis-alli o vosso Filho: todos os predestinados lhe forão entregues na pessoa de S. João; e aquelles, que não forem filhos da Mãi de Deos, não serão do número dos predestinados.

Rogai a Maria Santissima que vos receba por seu Filho; e pedi a Jesus que vos entregue á sua amada Mãi. O' bom Jesus, dizei a vossa Santissima Mãi: Mulher, eis-alli o teu Filho, que está enfermo. O' sempre amavel Senhora, dizei ao vosso Fi-  
lho:



Iho : Meu Filho , eis-alli o filho que me des-tes , que está proximo à morte , eu vos encommendo a sua alma , concedei-lhe o vosso Paraíso.

*Ao meio dia.* Jesus Christo he desamparado de seu Eterno Pai , porque fazia a figura de peccador ; como este merece ser na morte desamparado , elle se quiz sujeitar ao castigo que lhe era devido.

Oh que horrenda , e formidavel desgraça he ser desamparado de Deos , pois só a sua sombra bastou para fazer gemer , e chorar ao Filho de Deos ! O' Senhor , não me desampareis na hora da minha morte ; assim vo-lo peço pela caridade com que na vossa quizestes ser desamparado por meu amor.

Dai-lhe graças pela mercê que vos fez em vos visitar na vossa enfermidade : se alguma vez succeder retirar-se , não percais o animo : perdei-vos nelle quando se esconder , e entregai-vos a elle ; quando vos deixar.

*A huma hora da tarde.* Jesus encommenda o espirito a seu Eterno Pai. Encommenda-lhe o espirito , e não o corpo , porque este o tinha concedido á sua Igreja ; e sabia que sua Santissima Mãe , que a representava , havia de ter cuidado delle.

Tende vós tambem cuidado da vossa alma : ella he a unica coisa , que vos perren-

ce; e para a pordes em boas mãos, entregai-a nas de Jesus. O' meu amado Jesus, eu vos encommendo a minha alma, eu vo-la entrego, de vós veio, para vós deve voltar. Ah! não deixeis perder huma alma, pela qual sacrificastes a vossa preciosa vida.

*A's duas horas.* Jesus diz que tem sede; e provando o vinagre, diz que tudo está acabado.

Soffrei, alma Christá, os ardores da vossa febre: ardei no desejo de ver o vosso Deus. Ai de mim! Como poderei dizer que tudo está feito, se eu ainda não comecei a viver bem? O' meu Jesus, suppri por vossa bondade o que falta á minha justiça. Vós perdoastes ao bom ladrão, que não se converteo senão á hora da morte; ainda que eu faça penitencia tão tarde como elle, espero que me concedais a vossa misericordia, como concedestes a elle.

*A's tres horas da tarde.* Jesus inclinando a cabeça em final da obediencia que até á morte teve a seu Eterno Pai, e do amor que tinha aos homens, entrega o seu espirito.

A caridade de Jesus Christo nos obriga, e insta; depois que elle morreo quem temerá morrer? E morrendo elle por nós, quem deixará de querer morrer por elle? **Elle morre entre dores! Ah! quem desejará**

morrer entre prazeres? Já que nos resgatou com o valor do seu precioso sangue, não sejamos mais nossos, sejamos seus.

O Jesus, ó meu Salvador, quanto me enfastia o viver, e quanto desejo acabar esta triste vida! Alma minha, sahe depressa do teu corpo. Podés tu temer a morte, depois que ella entrou no coração de Jesus? Oh morte mais amavel mil vezes, do que a vida! Aqui te abro o meu coração: entra nelle, para que eu mais depressa possa entrar no coração de Jesus.

*A's quatro horas da tarde.* Jesus he tirado da Cruz, unguido com perfumes aromaticos, e mettido na sepultura. Não descais vós da vossa Cruz, senão depois da morte. Pedi à Santissima Virgem Maria Senhora nossa, a S. João Evangelista, e à Santa Magdalena, que vos alcancem de Deos graça para dignamente receberdes a Extrema-Unção.

O miseravel corpo, tu padeces muito; mas tem paciencia por mais algum tempo: tu estás para íres descansar no seio do teu Deos. Oh! bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor! O espirito de Deos nos dá esta certeza de que elles descansarão dos seus trabalhos, e as suas boas obras os seguirão na outra vida.

Estes actos podem ser praticados assim pelos sãos, como pelos doentes; acompanhando

do em espirito a nosso Senhor Jesus Christo em todas as horas do dia, e nos Passos da sua Paixão, conforme a historia Evangelica, do modo que nos for possível. Esta distribuição de tempo que fiz, he só para interter o animo do enfermo com a lembrança do que padeceo o Filho de Deos; pois, como já disse, não padeceo naquellas mesmas horas os Passos que aponto para a meditação, mas em outras diferentes.

As pessoas devotas, que quizerem occupar-se neste santo exercicio, que produz hum fructo, e huma consolação inexplicavel, distribuirão o seu tempo do modo seguinte, que he mais conforme ao Evangelho, deixando o tempo da noite.

*A's seis horas da noite* o Filho de Deos está no Cenaculo com os seus Discipulos, come o Cordeiro Pascal, e lhes lava os pés.

*A's sete da noite* lhes dá o seu corpo em comida, e em bebida o seu sangue.

*A's oito horas da noite* vai para o Horto, entrega-se á tristeza, ora a seu Eterno Pai, sua sangue, e agoa, e he confortado por hum Anjo.

*A's nove horas da noite* he prezo, atado, espancado, e conduzido a casa de Annaz.

*A's dez horas da noite* he perguntado na mesma casa de Annaz, e recebe huma bofetada.

*A's onze horas da noite* he levado á presen-

fença de Caifaz, julgado, e maltratado das guardas,

*A's quatro horas da manhã* he segunda vez apresentado aos Juizes, e condemnado á morte.

*A's cinco* he levado a Pilatos, e perguntado por elle.

*A's seis* Pilatos o manda a Herodes, o qual o despreza, e lho torna a mandar, reputando-o por louco.

*A's sete* he outra vez levado a Pilatos, e preferido Barabaz.

*A's oito* he despido, e atado a huma columna, e cruelmente açoitado.

*A's nove* se lhe põe nos hombros huma capa de purpura, e coroa de espinhos na cabeça.

*A's dez* Pilatos o mostra ao povo, e este pede que lhe tirem a vida.

*A's onze* sahe da Cidade, levando a sua Cruz as costas; e não podendo com o seu pezo, Simão Cirineo he obrigado a levalla, e vai carregado com a Cruz do Filho de Deos.

*Ao meio dia* he crucificado; e levantado sobre a Cruz no monte Calvário entre dous ladrões.

*A huma hora da tarde* roga, e intercede pelos seus inimigos, promette ao bom ladrão, e entrega a S. João sua amada Mãe.

*A's duas horas da tarde se queixa de ser desamparado, manifesta a sede que padece, e encommenda o seu espirito a seu Eterno Pai.*

*A's tres exclama: Tudo está acabado. Depois inclinando a cabeça, expirou.*

*A's quatro descem-no da Cruz, e sua Santissima Mãe o recebe nos seus braços.*

*A's cinco he embalsamado, e posto em hum sepulchro novo.*

Na hora seguinte podemos voltar com a magoadissima Virgem para Jerusaleem, acompanhalla na sua soledade, e conversarmos com ella; ou tornar a meditar no que se passou na cea. He util saber a historia da Paixão, para com mais facilidade se pratique este exercicio.

## A R T I G O . X V I I

*Orações da Santa Igreja para os agonizantes, as quaes poderão dizer com muita utilidade os que sem perfeita saude.*

**A**lma christã, sahe deste mundo em nome de Deos Padre todo Poderoso, que te creou; em nome de Jesus Christo Filho de Deos vivo, que por ti padece; em nome do Espirito Santo, que sobre ti desce; em nome dos Anjos, e dos Arcanjos; em nome dos Thronos, e das Dominações; em

nome dos Principados, e das Potestades; em nome dos Querubins, e dos Serafins; em nome dos Patriarcas, e dos Profetas; em nome dos Santos Apostolos, e dos Evangelistas; em nome dos Santos Martyres, e dos Confessores; em nome dos Santos Religiosos, e dos Eremitas; em nome das Santas Virgens, e de todos os Santos, e Santas de Deos: em a paz seja o teu lugar neste dia, e a tua morada na Santa Sião pelo mesmo Jesus Christo nosso Senhor. Amen.

Deos misericordioso, Deos infinitamente benigno, Deos que com a grandeza da vossa misericordia extinguis os peccados dos penitentes, e os purificais das manchas das suas culpas passadas com o perdão que lhes concedeis; olhai com olhos de compaixão para o vosso servo, que aqui está enfermo, e ouvi que vos pede com toda a dor, e sinceridade do seu coração a remissão de todos os seus peccados. Renovai nelle, piedosissimo Pai, tudo o que pela fragilidade humana foi corrompido, ou com os diabolicos artificios violado; e tornai a unir ao corpo da Igreja este membro redemido com o sangue de vosso Filho. Tende, Senhor, piedade dos seus gemidos: tende compaixão das suas lagrimas, e recebei no Sacramento da vossa reconciliação aquelle, que só confia na vossa misericordia. Por Jesus Christo nosso Senhor. Amen.

342 *A Morte suave, e santa.*

meo Irmão meu muito amado, eu vos en-  
commendo a Deos todo Poderoso, e vos  
deixo nas mãos daquelle Senhor, que vos  
creou, para que depois de pagardes com a  
vossa morte o tributo da natureza humana,  
torneis para o vosso Author, que vos for-  
mou da terra. Hum esquadrão de Anjos re-  
splandentes de gloria se ponha diante da  
vossa alma ao sahir desse corpo. O Senado  
dos Apostolos, que hão de julgar o Univer-  
so, vos encontre; o triunfante exercito dos  
Martyres vos acolha; a ordem dos Confes-  
sores ornada de lirios, e coroadada de gloria  
vos cerque; o coro das Virgens vos receba  
com canticos de alegria; e os Patriarcas aper-  
tadamente vos abracem no seio do descanso;  
Jesus Christo vos appareça com rosto agra-  
davel, e festivo, e vos ponha em o número  
daquelles, que sempre lhe assistem. O horror  
das trevas, o ardor das chammas, e o rigor  
dos tormentos sejam de vós desconhecidos.  
Satanaz nosso mais cruel inimigo com todos os  
seus ministros a vós estejão sujeitos; tremão,  
vendo-vos chegar em companhia dos Anjos,  
e fujão para o horrivel caos da noite eter-  
na. Levante-se Deos, e sejam destruidos os seus  
inimigos; e fujão da sua presença aquelles, que  
o aborrecem. Desappareção, assim como desappa-  
rece o fumo; pereção os peccadores diante de  
Deos; assim como diante do fogo se derrete a  
cera; e os justos se alegrem, assim como os con-



*vidados em hum banquete , e sejam cheios de prazer na presença de Deos. Sejam pois cubertas de vergonha , e confusão todas as legiões infernaes ; e os ministros de Satanaz não se atrevão a impedir a vossa passagem. Jesus Christo , que por amor de vós foi crucificado , vos livre dos tormentos do inferno. Jesus Christo , que por vós se dignou morrer , vos livre da morte eterna. Jesus Christo Filho de Deos vivo vos conceda entrada no delicioso jardim do seu Paraíso ; e este verdadeiro Pastor vos reconheça por huma das suas ovelhas , e vos dê a absolvição de todos os vossos peccados , e vos ponha á sua mão direita em companhia dos seus escolhidos. Seja-vos concedido verdes o vosso Redemptor face a face , e gozádes eternamente da sua presença : sejam tão bem afortunados os vossos olhos , que cheguem a ver claramente a primeira verdade : sede admitido na companhia dos Bemaventurados , para gozardes a suavidade da Divina contemplação nos seculos dos seculos. Amen.*

Estas orações , e as mais que ensina o Ritual da Santa Igreja , lidas , e rezadas com attenção , farão nascer em os nossos corações huma grande confiança em Jesus Christo nosso Salvador , e Redemptor ; nos despegarão do affecto das creaturas , nos disporão para bem morrer , e nos farão soffrer toda a enfermidade do corpo , toda a afflicção do es-

344 *A Morte suave, e santa.*  
rito, e até a mesma morte com toda a  
ciencia, que he o fim desta obra.

*Ut tibi mors felix contingat, vivere discas:  
Ut felix possis vivere, discas mori.  
Christe, mori nolo, sed vivere: vivere queris,  
Christe, tuo quisquis querit amore mori.*

F I M.







)

25

